Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Consumir e ser consumido, eis a questão! configurações entre usuários de drogas numa cultura de consumo

Tom Valença

UFBA
2005

Consumir e ser consumido, eis a questão!
configurações entre usuários de drogas
numa cultura de consumo

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Ciências
Sociais da FFCH / UFBa
Orientador: Edward MacRae

Salvador
2005

RESUMO

Este projeto propõe uma leitura configuracional dos estilos de vida de específicos professores universitários: *Homo academicus* usuários de drogas, recortados numa cultura de consumo onde se busca um maior equilíbrio entre indivíduo e sociedade nas suas operacionalizações da liberdade e da segurança. A análise de suas práticas e representações em meio às comunidades várias do cotidiano - da família à academia, passando pelas redes básicas de sociabilidade – visa capturar como eles lidam com os controles sociais, como ressignificam o estigma de usuários tendo como contraponto o status de professor, e como a partir do papel de professor eles refletem a problemática das drogas para a sociedade.

Palavras-chave: *Homo academicus*, processo civilizador, drogas, reflexividade e cultura de consumo.

ABSTRACT

This project proposes a configurational reading of the life styles of certain university teachers: *Homo academicus* drug users, inserted in a consumer culture where there is a search for a better balance between individual and society in their operationalizations of freedom and security. The analysis of their practice and representations in the midst of the various communities they take part in daily – from family to university, passing through their basic sociability networks - aims to understand how they deal with social controls, how they resignify the stigma of being users in the light of their status as teachers and how, in their role as teachers they personify the intricacies of the drug question in our society.

Key words: *Homo academicus*, civilizing process, drugs, reflexivity, consumer culture.

Sumário

Introdução.....6

O objeto e suas justificativas

Capítulo I - O agente que estrutura 9

A construção do objeto - do educador grego à sociedade de consumo:

Mas por que priorizar o professor universitário usuário de drogas

como objeto de estudo?.....10

Reflexividades: O estilo de vida moderno.....13

O processo civilizador 19

Sobre a representação do intelectual na mídia 26

O *Homo academicus* 28

Viver para consumir, consumir para viver 32

Da contracultura à cultura de massa.....37

A felicidade está ao alcance do bolso 39

Capítulo II - O agente que desestrutura!?! 41

Representações de *outsiders* e de usuários de drogas

Alterações na balança de poder.....49

Em busca de raízes.....52

Em busca de antenas 55

Transcendendo as portas do shopping center... em busca do êxtase!

– compre um, leve dois, pague três! 57

Consumir e ser consumido, eis a questão! 60

Em busca da excitação 62

Perspectivas teóricas e metodológicas.....66

Objetivos e planejamento 67

O campo e suas vicissitudes 69

Capítulo III – O professor usuário 74
Estabelecidos enquanto *outsiders*,
consagrados enquanto heréticos.....84
O professor por ele mesmo e suas representações
da academia 86
A carnavalização do tempo 105
Psicoativando o princípio de realidade:
a procrastinação da chegada da quarta-feira de cinzas..109
Consumir e produzir, eis a questão!.....110

Capítulo IV - O usuário professor.....140
Woodstock, conventos e prisões.....142
Ressignificações em torno da família e da religião...182
O tempo introspectivo.....190

Epílogo - O reencantamento:
em busca do tempo esquecido.....202
O passado e o futuro, mais rápidos e mais lentos
no lugar do presente 208
Post-scriptum I 214
Post-scriptum II 216

Perfil dos interlocutores 217

Bibliografia.....218
Discografia......230
Videografia......230

Introdução

Nos debates acadêmicos e nas difusões midiáticas sobre a problemática das drogas, tende-se a centralizar a abordagem na relação entre tráfico, violência e exclusão, muitas vezes naturalizando o consumo de drogas como um fator de desequilíbrio na configuração sociocultural contemporânea. Tal perspectiva releva menos o discurso emitido do *lugar* do usuário, que seu *papel* como elo mais vulnerável da rede de consumo – principalmente quando o comércio de drogas ilícitas movimentou no mercado planetário só no ano de 2004, US$321,6 bilhões de dólares[1] (UNODC: 2005). Se, ao reificar a relação entre drogas e ilicitude, estigmatiza-se a identidade e as marcas distintivas do usuário, o presente projeto objetiva investigar, se, estando o usuário afastado da violência e da exclusão enquanto consumidor, qual discurso identitário perpassa suas representações. No caso em questão, o que garante a distinção ao consumidor é sua titulação como professor universitário, distinção esta que é posta à prova no limite de suas práticas e representações cotidianas. Através da leitura de aspectos centrais do estilo de vida do *Homo academicus* consumidor de psicoativos, este projeto intenta trazer à tona como tais práticas e representações são absorvidas nos segmentos culturais contíguos ao acadêmico, e como neste refletem.

Se o relatório mundial sobre drogas 2005 emitido pela ONU, estima que haja 200 milhões de usuários no planeta[2], é entre aqueles que não são usuários, onde a problemática das drogas adquire representações mais rígidas que a dinâmica dos fatos, pois:

> "do ponto de vista das representações sociais dominantes, droga remete a um tipo de estigma [...] Sabemos que desde Durkheim, quando se estigmatiza, formal ou informalmente determinado tipo de atividade como infame – o que muitas vezes, mas nem sempre, se reforça com a sanção penal -, não é tanto para incidir sobre a troca de comportamento entre os diretamente envolvidos, mas para controlá-los melhor, isolando-os (no sentido simbólico) do resto da população, a que se quer preservar da contaminação do grupo. A construção do problema da droga não escapa a esta lógica" (Romaní, 1999:153).

[1] - o que equivale ao PIB de 88% dos países do planeta.

[2] - há de se ressaltar que o instrumento de mensuração desse universo de usuários (equivalente a 5% da população planetária) é impreciso, primeiramente porque nem todo usuário se assume como tal em função do estigma, e segundo, porque tal pesquisa trabalha com a categoria uso na vida, o que não dá uma noção precisa da relação usuário/práticas cotidianas, a não ser que se considere que usar uma vez na vida, signifique desenvolver uma dependência inalienável.

Em conseqüência da criminalização, o consumo de drogas ganha uma dimensão conflituosa no espaço social, sendo principalmente danoso para uma parte significativa dos que o praticam, sobretudo para os que recebem o estigma de dependentes.

A produção de informações geradas por estudos sobre uso de Substâncias Psicoativas (SPA)[3] legais e ilegais no país, pouco focalizou a problemática considerando o consumo de drogas entre docentes universitários, principalmente levando em conta o papel estruturante da Universidade na formação de profissionais e na produção de conhecimento sobre problemas sociais de inegável reflexividade, embora tal perspectiva exista[4]. Nesse recorte, justifica-se um estudo voltado para parte significativa de um contingente específico de recursos humanos, os *Homo academicus*, veículos por excelência do processo civilizador, cujos valores, emblematizados em seus estilos de vida, tornam este projeto de extrema relevância para a ressignificação de representações sociais típicas da cultura contemporânea.

Para tal investigação, ao restringir o escopo amostral a professores de instituições de ensino superior que sejam usuários de psicoativos, é desenhado um modelo teórico-metodológico qualitativo, objetivando estabelecer uma perspectiva dialógica, reflexiva, que facilite a construção da confiança entre pesquisador e pesquisado. Porém, é necessário salientar que esta abordagem não é redutivamente estática, pois há espaço para precedentes estatísticos que fundamentem a perspectiva em questão: em pesquisa realizada em 2001 no Brasil pela Unesco, (A Tarde on line, 11/07/01) foi verificado que a capital baiana atingiu o primeiro lugar no ranking do consumo de álcool por estudantes, 62% na faixa entre 10/24anos[5]. Já numa pesquisa efetuada especificamente em Salvador, foi constatado o crescimento do consumo de drogas entre grupos com níveis de escolaridade altos e atividades econômicas forte, **(**Carvalho, J.; Almeida , N.; Rego, R.; Santana,V. , 1987**),** em outras palavras, entre os socialmente incluídos, como os usuários aqui tidos como objetos em foco. Desse modo, já parto da referência que a investigação dá-se não em torno da

[3] -. Droga é um termo com status tão negativo – o estigma é um status negativo - que seus efeitos mais notórios são propiciados menos por propriedades químicas, que por cargas culturais de valores, de modo que o recorte aqui feito não se fecha ao redor de um psicoativo específico, e sim ao redor de drogas no geral. Assim, para acessar a perspectiva proposta, ao invés de *substância psicoativa*, será usado o termo *droga.*

[4] - a FAPESB tem um anteprojeto engavetado para estudar consumo de drogas entre professores e funcionários da UFBA. O CNPq via UFF tem uma pesquisa nesses moldes que será comentada à pagina 214**.**

[5] - esse é um dado relevante, pois a relação dos filhos com as drogas é um dos tópicos que os professores usuários que são pais, trazem para a reflexão.

regra, - o usuário de drogas estigmatizado - mas da exceção, devendo ser pontuado que essa exceção tem uma representatividade dentro do corpo social, inegavelmente significativa.

O estudo presente segue um modelo de apresentação que não se prende aos modelos habituais de apresentação que engessam muitos estudos nas Ciências Sociais e Humanas, sendo no geral prosaico ao invés de didático, num certo sentido sendo a aplicação prática do que sugere um modelo nietzschiniano que postula uma ciência alegre (Nietzsche: 2002).

O capítulo I explicita a construção do objeto: dos banquetes gregos à sociedade de consumo, algumas possibilidades de representação do professor são trazidas à discussão. Nesse recorte são configurados os autores das propostas de síntese em Ciências Sociais, que quanto às relações sociais de poder às quais professores e usuários não fogem, dialogam explicitamente com Weber e implicitamente com Freud: Giddens, Elias e Bourdieu. Meu objetivo é trazer à tona alguns aspectos desse diálogo implícito com Freud, a respeito das construções identitárias que passando pelas relações de poder (Weber), dão origem às representações do professor e do usuário. Quanto às possibilidades destes em relação à liberdade, felicidade e segurança numa cultura do consumo, é exercitado um diálogo entre Freud, Marcuse, Featherstone e Bauman. O capítulo II investiga como algumas representações de *outsiders* e do consumo de drogas estão ligadas ao desvio e ao estigma - o que implica em chamar Becker e Goffman ao diálogo – e como essas categorias são ressignificadas numa cultura de consumo. Na interface entre os capítulos II e III é traçada a perspectiva metodológica que sustenta o projeto, o que só é realizado neste ponto do texto porque a análise dos dados só acontece no capítulo seguinte. O capítulo III à luz das categorias anteriormente trabalhadas acrescidas das contribuições dos pesquisadores do uso de drogas, Zinberg e Grund, lança um olhar investigativo sobre o professor usuário, através de sua visão reflexiva sobre ele mesmo e das suas representações da academia. O capítulo IV incide o foco sobre o usuário professor fora do *setting* acadêmico, em meio às práticas corporais e sociais que caracterizam seu estilo de vida, e sobre como tais questões são reflexivamente projetadas em suas carreiras profissionais. O epílogo busca fechar – ou abrir – um ciclo de "eterno retorno" à perspectiva macrosocioantropológica que impulsiona o sentido inicial do texto, lançando o objeto de estudo numa perspectiva filosófica e multidisciplinar, que extrapola a microsocioantropologia do campo de investigação.

Capítulo I – O agente que estrutura

Se as difusões midiáticas são veículos constantes para o exercício da reflexividade[6], é através das mídias populares - televisão e jornal - que as representações sociais de forma geral, tendem a associar o consumo de drogas geralmente aos dois lados de uma única moeda: 1°- o lado da marginalização individual: "o drogado é visto como indivíduo que foge às suas obrigações ou as cumpre mal, sendo, portanto, um elemento improdutivo e parasitário" (Velho: 1981,63). 2° - o lado da marginalização coletiva, quando se veicula indiscriminadamente, como em recentes campanhas públicas de prevenção, que as drogas acrescentam violência à exclusão, interfaceando e mesmo confundindo mimeticamente as representações do usuário com as do traficante. Estas representações[7] são conseqüências do desdobramento de questões que não estão necessariamente associadas com o psicoativo – como as propriedades farmacológicas das drogas - e sim com as configurações sociais da cultura onde se consome droga - enquanto bem de consumo, muitas vezes ilícito - e das relações de poder que tal cultura mobiliza. Nesse sentido, o que vem sendo publicamente considerado *os efeitos das drogas...*

> "em uma análise superficial, se poderia atribuir a supostos efeitos automáticos de suas propriedades químicas, mas agora sabemos que os processos fisiológicos que elas podem desencadear estão condicionados e é possível explicá-los, senti-los e portanto manipulá-los, de maneira muito diferente segundo o lugar que ocupamos no mundo, quer dizer, de nossas condições materiais de existência e os conceitos culturais que dispomos para percebê-lo, entendê-lo e atuar nele." (Romaní, 1999, 144/5).

Dando densidade a esta perspectiva, o presente projeto busca averiguar relações entre usuários de drogas não estigmatizados. Entre distintos usuários, elejo um que na medida do seu papel social, não tem de forma geral, representações associadas ao consumo de drogas, muito pelo contrário, se o caminho que leva às drogas é emblematizado por uma orientação falha ou ausente, numa cultura reflexiva, este usuário tem o papel social de orientar o *Outro* com autoridade mais que moral, científica: este usuário é o professor universitário.

---

[6] - sobre reflexividade, ver página 14.

[7] - as representações na perspectiva foucaultiana, são práticas sociais e políticas que dimensionam a ordem, a verdade e o sujeito (Foucault: 2000).

Mas por que priorizar o professor universitário usuário de drogas como objeto de estudo?

Bem, para responder a esta questão, terei que fazer algumas mediações, destrinchar alguns pressupostos teóricos ao pô-los em contato com certas práticas, mas antes, quebrando o protocolo, vou explicitar a *motivação* para a construção de tal objeto. Já havia um semestre desde que o mestrado estava em curso e, se, no anteprojeto foi indicada a intenção de estudar usuários de drogas que não carregassem o estigma sobre os ombros, ainda não estava claro que abordagem ou mesmo recorte fazer. Então, certo dia, na cantina da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, escutei um professor que conversava com um grupo de alunos, fazer em tom sarcástico o comentário de que: "sou professor porque não gosto de trabalhar". Embora o grupo de alunos tenha considerado o discurso professado uma simples piada, tal intervenção me chamou à atenção.

Dias depois, numa consulta casual ao livro *Deporte Y ocio en el proceso de la civilazacion* (Elias & Dunning: 1992, 100), assimilei a informação de que o termo grego para ócio, *schole*, é um antecessor direto do termo inglês *school,* que significa escola. Se hoje tais vocábulos evocam conotações que em certa medida podem ser consideradas opostas, é mais do que significativo que tanto ócio quanto escola, tenham uma raiz lingüística comum. A concepção grega de homem ocioso, concepção dominante no período clássico, é a do homem que, desobrigado do trabalho físico – pois na Atenas democrática de Péricles, trabalho físico era coisa de escravo - tem tempo livre para refletir e contemplar - o que inclui o uso de drogas (Escohotado:1994,17) ou seja, o homem ocioso é aquele que pode se entregar a paixão pela Verdade e pela Beleza – a ética e a estética - para posteriormente difundir o conhecimento adquirido entre mancebos e discípulos, geralmente em reuniões públicas. Este protótipo do que hoje chamaríamos aula, pode ser constatado nas narrativas dos *Diálogos* de Platão.

Tanto essa concepção do ócio quanto a do homem de conhecimento, a partir da Idade Média, ou mais precisamente do neo-platonismo que vigorou do século II ao VII, sofreram ressignificações caras ao atual ocidente: do latim, que nesse período ocupou o lugar dominante antes ocupado pela língua grega, o conceito de trabalho - *tripaliare* que tem origem no martirizar com o instrumento de tortura chamado *tripalium*, para a indução de serviços forçados - ganha visibilidade em detrimento do conceito de ócio. Nesse momento

histórico, trabalhar já não é uma característica do escravo e sim do homem livre - livre em relação aos escravos, mas submetido aos valores morais do clero e dos senhores feudais.

Paralelamente, o homem de conhecimento que um dia foi ocioso, já não é forjado através dos prazeres dos sentidos e da contemplação, mas exatamente através da negação dos prazeres sensoriais, e da abstinência de qualquer atividade ociosa[8]. Assim, se o ócio enquanto caminho de conhecimento, um dia levou à virtude, no outro pode levar ao vício. Para reduzir os danos dessa via ambivalente inclusive facilitando a naturalização da virtude, passou-se a condenar o ócio como o caminho maligno que leva ao vício. (De Masi:2000, 221). Tornou-se postulado que só aquele que não se permitisse conduzir ao vício – às satisfações imediatas – seria virtuoso o suficiente para ser um homem capacitado a acessar o conhecimento enquanto prática de ascensão espiritual - a iluminação já não se processava através do mundo das idéias, mas via contato direto com Deus. Esse homem de conhecimento assim formado, teria aptidões para fomentar debates e conferências públicas por paixão, desse modo alimentando o *corpus* social.

Assim, o homem de conhecimento, passou a ser representado como alguém que transcendeu a necessidade de satisfação sensorial, e como desdobramento dessa transcendência, tende a assumir o trabalho de educar o homem comum para que este trabalhe fisicamente, não mais se sentindo um escravo, mas um servo de Deus. Nasce assim um modelo de homem de conhecimento, de educador[9], um novo tipo de trabalhador que manipula idéias, conceitos e representações, e cuja formação e métodos diferem diametralmente dos primeiros homens de conhecimento e educadores gregos. Esse modelo não busca mais a Verdade ou a Beleza, busca encontrar Deus, e quem o encontra tem por missão ensinar ao próximo o caminho de ascensão à esfera espiritual. A partir de então muitos dos que ainda insistiram em buscar a Verdade ou a Beleza foram estigmatizados como hereges.

Após analisar tais dados, passei então a refletir se seria viável ir mais além e fazer uma ponte com o comentário do professor: se há alguém que não goste de trabalhar e mesmo assim venha a ser respeitável num trabalho que exige competência, pode-se supor que tal

[8] - na alta Idade Média a *Poética* de Aristóteles era uma referência capital entre os eclesiásticos, porém numa versão que foi mutilada em trechos que diziam respeito ao brincar e ao riso. Na verdade, o *Livro do Riso* chegou a ser excluído do conjunto da obra, (Eco:2000), (Elias & Dunning:1992).

[9] - e é nesse processo histórico que vem a nascer o conceito de universidade (Le Goff: 2003).

trabalho possa ser executado sem extinguir ou minimamente reduzir outras dimensões do seu estilo de vida – estilo que na perspectiva em questão, pode aproximá-lo da ociosidade no estilo grego. Assim, seria hipoteticamente viável pensar, entre outras possibilidades, que nessa versão contemporânea do ócio, também haveria espaço para o consumo de drogas, o que implicaria que usuários de drogas poderiam ser respeitáveis em profissões que demandassem inegável competência, – nesse caso, o respeitável traduzindo-se como ser professor.[10] Num silogismo entre o "sou professor porque não gosto de trabalhar" e a declaração de Aristóteles: "Trabalhamos para ter ócio" (Elias & Dunning:1992,100), é possível deduzir precipitadamente que quem não gosta de trabalhar não tem direito ao ócio, mas a questão é um tanto mais complexa: 'trabalhamos com o fim de ter tempo para coisas melhores e mais plenas de sentido" (Elias & Dunning: 1992, 100).

A partir desse insight, o objeto *professor usuário* começou a ser construído, não apenas como uma possibilidade para investigar o quanto o processo civilizador contribuiu para normatizar o controle de emoções que levaram à construção do modelo de *Homo academicus* em sua versão moderna, mas exatamente para investigar a interface entre representações públicas dominantes, à primeira vista excludentes: professor e usuário de drogas. Estas categorias em termos filosóficos nietzchinianos, seriam representações do apolíneo e do dionisíaco; em termos psicanalíticos freudianos, do princípio de realidade e do princípio de prazer; em termos sociológicos, remetendo especificamente a Becker e Goffman, seriam representações do normal e do desviante estigmatizado. Já de acordo com a sociologia configuracional de Elias seriam representações do estabelecido e do *outsider,* enquanto na perspectiva líquida de Bauman – representariam a ética do trabalho e a estética do consumo. Sim, me expresso assim, polifonicamente, deixando claro que o escopo desta pesquisa não deve partir de uma redução processual que restrinja a construção do objeto de estudo dentro das fronteiras tradicionais das Ciências Sociais. Contudo, vou processar o início da análise observando o objeto como se suas faces fossem separadas.

Nas representações do professor, há imputações de valores não necessariamente mapeadas e analisadas, principalmente num país onde a educação ainda é um privilégio.

[10] - e talvez corroborando esta hipótese inicial, ao entrevistar tal professor – que posteriormente confirmou ser usuário de drogas – descobri que ele detesta reuniões de departamento e atividades burocráticas, não suporta discurso acadêmico fora da sala de aula, e se estiver ao alcance, adora passar o fim do dia tomando uma cerveja no pôr-do-sol da praia do Porto da Barra. Em tempos de desencaixe, talvez a distância entre gregos e baianos não seja tão grande quanto parece...

É possível que a razão inversa entre oferta e demanda no ensino, favoreça processos identitários peculiares para os professores. Então, talvez devamos refletir um pouco mais sobre o professor antes de concentrarmos atenção no professor usuário, e mais, se pudermos levar em conta que uma das características da sociedade de consumo contemporânea é uma maior ênfase no equilíbrio entre as dimensões da satisfação e da segurança, (Bauman:1989/2001), ser professor por não gostar de trabalhar pode significar uma desconstrução da representação da dominação irrestrita do princípio de realidade, sobre o princípio de prazer. Esta dominação, de acordo com a leitura sociológica que Elias realiza dos princípios do funcionamento mental propostos por Freud[11], foi a tônica do processo civilizador. Nesse sentido, o uso de drogas talvez não seja necessariamente incongruente com o princípio de realidade, e é este ponto que aqui está sendo investigado.

Reflexividades: O Estilo de Vida Moderno

Pode parecer obvio, mas não é por acaso que Gilberto Velho insiste para que se perceba que a educação serve de referencial para projetos de vida e *diferenciais de estilo de vida* (1998,189). A educação constitui-se num referencial da cultura moderna, sendo um valor socialmente aceito como básico ao tempo em que, localmente, profissionais qualificados no mercado são poucos, em proporção à quantidade de educandos em demanda crescente. Essa desproporção não deixa de favorecer que professores - universitários principalmente - sejam remetidos ao que Weber chamou de grupo de *status.* Giddens reflexivamente atualiza o autor alemão: "A situação de *status* de um indivíduo refere-se às avaliações feitas por outros a respeito dele ou de sua posição social, assim atribuindo-lhe alguma forma de (positivo ou negativo) prestígio ou estima social." (1974:166/7), onde o autor inglês põe ênfase na pouca diferenciação feita no senso comum entre o indivíduo e sua posição social. Em outras palavras, podemos pensar os grupos de *status* como conjunto de indivíduos configurados em uma específica e característica posição na hierarquia de honra e prestígio.

Aqui devemos aprofundar a problemática, começando então pelo próprio Giddens e suas categorias: *desencaixe, reflexividade e confiança*, e ver onde o *status* do professor se encaixa, onde seu posicionamento na cultura contemporânea pode ser definido pelo seu estilo de vida, muito mais do que por adequação ou contestação ao discurso dominante.

[11] - nota de rodapé n° 18, pg. 18.

Giddens considera que vivemos em um mundo aberto sem certezas definitivas, e que por isso demanda o exercício da capacidade cognitiva dos atores sociais. Diferentemente de uma cultura baseada no conhecimento herdado, a cultura contemporânea demanda conhecimento produzido em função das reflexões que os atuais atores possam realizar, ou seja, o conhecimento não é fruto da tradição perpetuada, mas da reflexão sobre a ação.

> "A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter... Em todas as culturas, as práticas sociais são rotineiramente alteradas à luz de descobertas sucessivas que passam a informá-las" (Giddens:1990, 45).

Assim, ao invés de perguntar a Deus, se procura o caminho da resposta, ao invés de estar subsumido à estrutura, se interage com ela. Esta reflexividade é característica de uma sociedade pós-tradicional, traduzindo-se como um movimento incessante na incorporação de novos conhecimentos. Esse movimento contínuo de modernização reflexiva, teoricamente propicia aos sujeitos a capacidade de monitorar e refletir sobre as condições sociais de sua existência e, assim, tornarem-se aptos a modificá-las. Reflexividade é a cognoscividade prática dos atores sociais, caracterizando uma superação da representação de que o comportamento psicossociocultural é proveniente de forças que os agentes estão longe de controlar – o que também não quer dizer que os agentes controlem todo o conhecimento prático.

Ao invés de estabelecer como referência a estipulação de leis ou regras sociais estáticas e perenes, o que anteporia as estruturas à ação numa relação de causalidade inalienável, ou seja, com *a prioris* aprisionantes, que permitem pouca margem operacional aos agentes, Giddens põe foco sobre a cota de liberdade possível aos sujeitos. As propriedades estruturais deixam de predeterminar as condições e os limites de redes relacionais onde o agente circula, impulsionado por forças que não conhece – até pode não conhecer, mas não necessariamente por motivos que estejam fora de sua alçada de ação reflexiva. Por outro lado, é possível conceber que o processamento das estruturas esteja diretamente relacionado à cognoscibilidade dos agentes, nas relações tanto temporais quanto espaciais, onde suas idiossincrasias são em parte liberdade, mas também, num processo que pressupõe senso crítico contínuo, são a responsabilidade do agente diante da fluidez das configurações institucionalizadas.

O que interessa aqui é que diferentemente das sociedades tradicionais com suas verdades herdadas ou hierarquicamente oraculares[12], a sociedade contemporânea move-se para o futuro sem as certezas do passado como raiz perene de sustentação, seguindo roteiros que variam de geração à geração, por desconstrução crítica de certezas antes tidas como permanentes, sendo esta uma característica seminal do estágio da atual modernidade reflexiva[13]. O uso de informações constantemente cambiáveis e não naturalizadas para lidar com a prática cotidiana, implica numa tendência a releituras constantes dessas práticas, em certa medida até favorecendo um reordenamento institucional.

Para avançar na construção de nosso objeto, é tempo de trazer à discussão outra categoria central para Giddens: o *desencaixe* das referências locais ou tempo-espaciais. O desencaixe, "deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço" (Giddens:1991,29), é decisivo na efetivação de relações sociais impessoais, onde o vínculo face a face, a presença física, não mais se faz condição básica para seu estabelecimento. Dito de outra forma, as relações impessoais tornam-se parte das práticas rotineiras da sociedade moderna, o que permite uma maior independência do espaço, favorecendo "múltiplas possibilidades de mudança, liberando das restrições dos hábitos e das práticas locais" (*idem,* 28).

Entre os tipos de mecanismos de desencaixe, um deles nos interessa especificamente, os sistemas peritos. Poder confiar no conhecimento emitido por especialistas e nos sistemas peritos que estes representam, é um dos pontos cruciais à continuidade do fluxo reflexivo em um mundo de virtualidade crescente, principalmente quando não se tem mais a presença física para respaldar o conhecimento em circulação. Nas relações em sociedades avançadas, a confiança aumenta quando estão envolvidos sistemas peritos que pela sua autoridade secularmente construída, possam compensar o desencaixe, compensar a ausência [14] de laços sociais predominantemente marcados pela proximidade física.

Quanto maior a confiança no conhecimento de especialistas e nos sistemas peritos, maior a possibilidade de fluência das relações em um cotidiano pontuado pelos riscos inevitáveis de um futuro em aberto – diferentemente das sociedades tradicionais onde o passado

[12] - não que nas sociedades tradicionais não houvesse reflexividade, mas na modernidade a reflexividade está no centro da ação social.
[13] - Giddens prefere pensar numa modernidade radicalizada do que numa pós-modernidade.
[14] - em seu livro *A transformação da intimidade*, Giddens traz os desdobramentos dessa *ausência mais que presente* nas relações sociais contemporâneas.

encerra o futuro num ciclo de repetição mais ou menos estável para os papéis sociais. A reflexividade ganha maior penetração na medida em que é mediada por peritos, ou seja, agentes cujo papel social é de serem reflexivos. Os sistemas peritos restituem aos grandes contingentes humanos referências necessárias, de modo similar ao que as estruturas de parentesco e religiosas propiciavam nas sociedades tradicionais. Sistemas peritos são como diria Giddens: "sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje" (*idem*: 35).

Dos peritos do cotidiano, professores são dos que mais geram confiança,[15] – e, para Giddens, *confiança é sinônimo de segurança ontológica* - pois são peritos em relações face a face com outros agentes no cotidiano. Incrementada pela velocidade que a globalização imprime à circulação de valores, a demanda por confiança já não se realiza necessariamente na dimensão do parentesco tão pouco nas dimensões da espacialidade, sendo muito mais propícia a se estabelecer entre indivíduos e sistemas abstratos – principalmente sistemas peritos, não sendo por acaso que cada vez mais se deposita confiança na educação para reestruturar a qualidade de vida[16]. Assim, destituem-se atores de papéis sociais até então encaixados no elenco pela pujança da autoridade religiosa, familiar ou sexual, ao tempo em que cresce a demanda por atores que possam encenar tais papéis em função de seus méritos publicamente reconhecidos.

Segundo Giddens, este cenário encaixa-se no projeto de construção de uma cidadania reflexiva em um planeta globalizado, projeto que demanda uma política de vida que não mais seja centrada exclusivamente nas *oportunidades de vida*, - no conflito de classes - mas que, principalmente através de "transformações da intimidade", abra o leque para múltiplos *estilos de vida* - levando em conta os múltiplos status que tais estilos propiciam. Nesse ponto, o estilo de vida do professor universitário e seus status são especificamente importantes, pois as ações práticas desses peritos podem contar até mais que suas amarras teóricas.

A partir destas práticas, ocorre uma reorganização das relações e sentidos sociais. Esta reorganização é fundamental, pois na sociedade contemporânea vivemos em tamanha

[15] - como veremos mais adiante, outra fonte de informação que gera confiança quando se fala em sistemas peritos é a proveniente das mídias, principalmente televisiva, impressa, e digital.

[16] - No rastro desta representação, e fundamentalmente sob a perspectiva econômica, em média, 4 cursos de nível superior são criados no País, a cada dia. Independentemente da qualidade oferecida, nos últimos cinco anos foram criados cerca de 1.490 cursos por ano. (INEP, 2004).

cultura de especialização desde os níveis básicos do ensino, que inevitavelmente, nos outros infinitos campos nos quais não somos "especializados" – já que desde cedo deve-se escolher um ou dois campos como prioritários - carecemos de reciclagem, num processo regular de atualização das habilidades e do conhecimento destas. Esse processo demanda a possibilidade de correção constante das asserções, inclusive as proferidas pelos especialistas. A especialização enquanto procedimento pedagógico naturalizado é uma prática de desencaixe, ou seja, é redutora da incorporação dos indivíduos em referências seguras, de longa duração - nesse quadro, o professor ainda mantém possibilidades de uma relação incorporadora, face a face, independentemente da virtualização do ensino com seus cursos à distância.

Esta necessidade de reorganização indica a desconstrução das autoridades últimas, em tese, levando à democratização do potencial de produção de saber social, no reflexo da indagação sobre as verdades, sempre provisórias. Giddens até reconhece que potencialmente, livros de auto-ajuda possam ser inevitáveis nesse processo. Sendo assim, professores, longe de serem autoridades últimas, devem ser agentes em aprendizado constantemente reciclado, pois sem tal reflexividade, seu papel perde o sentido sociológico.

Nessa perspectiva, é fundamentalmente esclarecedora a fala de um interlocutor[17], ao ser questionado sobre se sentia prazer na docência: "A docência é muito prazerosa. O contato com as pessoas, o contato com jovens, a discussão, estar permanentemente sendo questionado, e tendo que dar respostas, *tendo que estar atualizado, lendo tudo e discutindo com as pessoas* e ajudando as pessoas, isto é altamente compensador." Possivelmente indicando que o sentido de ser "questionado" encontra-se mais em relação ao lugar de poder tradicionalmente inquestionável do professor, do que sobre conteúdos relativos ao programa letivo, esta resposta quebra a representação de que o professor, investido da autoridade que sua titulação propicia, seja irrefutável, indo assim ao encontro da perspectiva dialógica suscitada por Giddens.

Essa leitura de possíveis relações flexibilizadas entre agente e estrutura - pois se o presente recorte de pesquisa abraça a cultura de consumo, que fique claro que seria ingênuo

[17] - assim como Geertz - que propõe uma *descrição* social do Outro com ressignificações sobre discurso, autor e texto - e Clifford, - que investe na *representação* antropológica do Outro - acredito que a informação coletada em campo, é um texto onde nativo e pesquisador dialogam. Então, para marcar essa perspectiva dialógica, daqui por diante chamo os informantes de interlocutores.

não configurar agente e estrutura como interfaces de um único processo e não categorias isoladas - reflete a importância que o professor enquanto perito assume no espaço social. Agora, ao centralizar a discussão em torno de professores usuários de drogas, há em processo uma problemática que pede outras reflexividades complementares. Levando em conta que uma regularidade apreendida logo nas primeiras entrevistas realizadas em campo, é que parte dos professores pesquisados é consumidora de certo capital cultural emblematizado nos anos 60 – por exemplo, a mais jovem interlocutora com 31 anos de idade se diz influenciada por Jimi Hendrix e Janis Joplin - através da análise de seus estilos de vida, venho a questionar a relação que esses peritos, geralmente tidos como representantes do princípio de realidade, mantêm com o princípio de prazer[18]. Esta díade de princípios ganhou ressignificação ao final da década citada acima, quando o discurso contracultural difundiu-se num processo em grande parte acelerado pelo pós-estruturalismo e pela teoria crítica, não sendo acidental que os autores relacionados a estas linhas teóricas também façam parte do capital cultural dos presentes interlocutores, como ficará evidenciado adiante.

Nos dias de hoje, na medida em que o consumo de drogas vem a fazer parte das práticas das vidas privadas dos peritos, podendo gerar certa ambivalência nas representações do princípio de prazer e do princípio de realidade, faz-se necessário buscar a dinâmica relacional que releve tal ambivalência. Assim, para dar curso a construção desta investigação, adotarei uma abordagem distinta da procedida em relação à Giddens, ancorada numa perspectiva dialógica com algumas categorias propostas por Norbert Elias: configuração, interdependência, interpenetração, estabelecidos e *outsiders* - as relações de poder -, *habitus* social, esferas miméticas, tempo e processo civilizador.

[18] - em relação aos princípios de prazer e realidade, vale a pena revisitar Freud nas *Formulações Sobre os dois princípios do funcionamento mental*: "Tal como o ego-prazer nada pode fazer a não ser *querer*, trabalhar para produzir prazer e evitar o desprazer, assim o ego-realidade nada necessita fazer a não ser lutar pelo que é *útil* e resguardar-se contra danos. Na realidade, a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade não implica a deposição daquele, mas apenas a sua proteção. Um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, é abandonado, mas apenas a fim de ganhar mais tarde, ao longo do caminho, um prazer seguro [...] A *educação* pode ser descrita, sem mais, como um incentivo à conquista do princípio de prazer e à sua substituição pelo princípio de realidade; isto é, ela procura auxiliar o processo de desenvolvimento que afeta o ego", grifos do autor, (1974:283, b). Vale observar que ao contrário da representação dominante no senso comum, Freud não contrapõe os dois princípios e sim os dispõe como momentos distintos do mesmo processo. Também é significativa a descrição da educação como uma relação direta entre os dois princípios.

O processo Civilizador

A modernidade implica numa maior complexidade no que diz respeito à organização do tecido social, principalmente por haver uma centralização do monopólio da força física, o que conduz a espaços sociais menos violentos, mais pacificados. O processo civilizador se traduz na dinâmica social que na Europa, em meados do século XVIII, possibilitou que a dominação monárquica fosse gradualmente reconfigurada como estado-nação que a partir de então vem detendo o monopólio da força. Esse processo sociocultural - a sociogênese - só ganha corpo na medida em que na dimensão psicossocial há de forma complementar, um aumento do controle emocional - a psicogênese. Com uma possibilidade maior de controle emocional, os indivíduos nas relações com seus pares procuram reduzir a busca de satisfação pessoal imediata, em prol de uma satisfação coletiva mediata.

> "A estabilidade peculiar do aparato de autocontrole mental que emerge como traço decisivo, embutido nos hábitos de todo ser humano 'civilizado', mantém a relação mais estreita possível com a monopolização da força física e a crescente estabilidade dos órgãos centrais da sociedade. Só com a formação desse tipo relativamente estável de monopólios é que as sociedades adquirem realmente essas características, em decorrência das quais os indivíduos que as compõem sintonizam-se desde a infância, com um padrão altamente regulado e diferenciado de autocontrole; só em combinação com tais monopólios é que esse tipo de autolimitação requer um grau mais elevado de automatismo, e se torna, por assim dizer, uma 'segunda natureza'" (Elias:1990,197).

Assim, em tese, com as emoções submetidas a controle regular[19] e a perspectiva de uma sociedade civilizada em construção, a vigência da procrastinação – o saber plantar agora, para colher depois - passa a ser um referencial não somente para o desenvolvimento social, mas para a obtenção de posições sociais, *status* e seus desdobramentos representacionais. Com a crescente urbanização que se desenhou na esteira da pacificação, o modelo educacional tornado dominante, é consequência não mais da ética filosófica ou da moral religiosa, mas sim de práticas médicas - da polícia médica, que segundo Foucault, teve boa cota de responsabilidade pelas estruturações urbanas, começando por Paris, a cidade marco da modernidade, modelo mais que ímpar do processo de urbanização: "Procura-se deixar às universidades e sobretudo, à própria corporação dos médicos o

[19] - mas o que se constata na prática é que as emoções violentas que deixam de ser dirigidos ao outro, passam a ser dirigidas ao próprio Eu, estabelecendo um conflito entre o superego controlador e o inconsciente (Elias: 1990, 203).

encargo de decidir em que consistirá a formação médica e como serão atribuídos os diplomas[...] A medicina e o médico são, portanto, o primeiro objeto de normalização." (Foucault:1984,83). E se é possível perceber reflexivamente que essa polícia médica foi o primeiro modelo educacional moderno[20], o objetivo da citada normalização é exatamente o controle de emoções:

> "O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi na biologia, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bío-política. A medicina é uma realidade bio-política" (Foucault:1984, 80).

Este modelo educacional em grande parte direcionado para o controle de emoções, - o corpo é o objeto central do bio-poder - contribuiu para a construção da representação de que os prazeres sensoriais, em particular a sexualidade, eram perigos para o futuro da civilização. Esse discurso médico enfoca as drogas de forma próxima à como percebe a sexualidade, pois sendo o consumo de drogas e a sexualidade práticas corporais, podem ser repelidas e aproximadas de acordo com a moral médica. Com esse dispositivo da sexualidade – e que é aplicável às drogas -, a medicina tanto tem poder para prescrever, quanto para proibir tais e tais usos. Em que pese o fato da medicina ser o discurso dominante, a representação civilizatória do controle sobre as práticas corporais só veio a ser polemizada com o nascimento da psicanálise[21], que também é fruto da medicina.

Voltando a Elias, na medida em que o processo civilizador desenha-se como uma construção moderna[22], é perceptível que o autor não deixa de fazer uma crítica epistemológica às relações de poder baseadas no estático modelo clássico: *dominador* X *dominado* - representado historicamente em meados do século XX pelo antagonismo *burguesia* X *proletariado* – propondo um modelo de configuração social mais flexível, em que o poder não fosse lido como uma substância, mas como uma relação. Elias entende por configuração, um padrão flexível, mutável, delimitado pelo conjunto de indivíduos em suas relações uns com os outros.

---

[20] - não deve ser gratuito o poder que o discurso médico ostenta ainda hoje sobre o consumo de drogas, principalmente na configuração brasileira, que importou seu modelo pedagógico da França.

[21] - e se parece estranho falar sobre o processo civilizador via Foucault, sendo que sua teorização é tão distinta da efetuada por Elias, vale ressaltar que ambos estabeleceram um intenso diálogo com a obra de Freud e este ponto de confluência é fundamental para a construção do presente texto.

[22] - refletir sobre o processo civilizador facilita inclusive o entendimento do desencaixe e da reflexividade.

> "o conceito vigente de estrutura social tem uma forte tendência a fazer as pessoas perceberem as estruturas como 'planos fixos', como 'estruturas situacionais permanentes', ao passo que o movimento das estruturas no tempo, tenham elas a forma do desenvolvimento, ou de outros tipos de mudanças sociais, são tratados como 'históricos', o que comumente significa, no linguajar dos sociólogos, algo separado da estrutura e não algo indelével das próprias estruturas sociais." (Elias & Scotson: 2000, 59).

Desta referência em diante, analisar as configurações é antes de qualquer coisa apreender as naturezas dinâmicas da interdependência e da interpenetração – ou reticularidade – mesmo, e até principalmente, quando há uma pacífica disputa pelo poder. Numa relação entre indivíduos ou grupos com valores distintos, mas com interesses próximos – o que tanto pode ser uma disputa política, um jogo de futebol ou uma pregação moral sobre o que é certo e o que é errado – há uma interpenetração de objetivos a serem atingidos. O movimento configuracional de um dos lados só tem sentido considerando os movimentos do outro lado. "A sequência de movimentos em ambos os lados só pode ser compreendida e explicada em termos da dinâmica imanente na sua interdependência. Se a sequência das ações em ambos os lados fosse estudada isoladamente, perderia todo o sentido." (Elias:1999,87). E para garantir este sentido inclusive no nível da linguagem, o uso da conjunção ***e*** no lugar da conjunção ***ou***[23], captura uma dinâmica muito mais pertinente à abordagem (con)figuracional, que inapelavelmente imprescinde dos processos relacionais:

> "É muito fácil, por exemplo, não perceber que o conceito de figuração foi criado expressamente para superar a confusa polarização das teorias sociológicas em teorias que colocavam o 'indivíduo' acima da sociedade e outras que colocavam a 'sociedade' acima do indivíduo. Essa polarização das teorias sociológicas correspondia ao eixo principal das lutas e convicções e de interesse na sociedade. Um sociólogo, porém, não deve se submeter a essa coersão, considerando que, na realidade, faz muito tempo que esse eixo de lutas foi ofuscado por outros" (Elias: 2001, 148). "As diferenças dessa dependência e dessa independência humanas são o núcleo daquilo a que se refere quando se fala das relações de poder entre os indivíduos de uma dada sociedade. O estudo dessas relações

[23] - daí o título desse projeto ser *Consumir **e** ser consumido, eis a questão!*, ao invés de *Consumir **ou** ser consumido, eis a questão!,* pois, ao contrário do que uma lógica de produção indicaria, a questão implicada não se caracteriza por uma escolha entre o que está posto antes do **Ou,** - na segurança da tradição passada - ou depois dele - na incerteza das oportunidades futuras - mas sim pela interface entre o que está antes e depois do **E**, no presente contínuo, no processo de longa duração onde liberdade e segurança configuram um terceiro elemento. Ainda dentro desta perspectiva, o **eis a questão**! não precisa ser necessariamente traduzido como um questionamento em forma de pergunta, mas um questionamento exclamado nos meandros de sua própria afirmação.

> encontra-se, a meu ver, no centro da pesquisa sociológica, ou mais exatamente, ali deveria encontrar-se" (*idem*,154). "os problemas de poder [...] são problemas de relações e de interdependência" (*idem*, 157).

Imaginemos que a relação de poder por trás do estigma dos *outsiders*[24] se configure ao redor do consumo de drogas. Ora, se um indivíduo é um professor, podemos deduzir que nessa configuração, ele ocupe uma posição de poder estabelecida. Um professor usuário de drogas então seria um indivíduo que ao mesmo tempo é estabelecido como professor, enquanto por outro lado, no exercício do papel social de usuário, é *outsider*. Esse duplo papel tem características muito próprias, pois ao flexibilizar a posição na relação de poder, abre-se espaço para flexibilizar o grau de dominação a que esse indivíduo está exposto. Assim, eliasianamente, é possível pensar que o preconceito contra o usuário muitas vezes pode não ser contra o indivíduo, mas contra a unidade estrutural que ele representa, tipo: "*o 'Cara' é professor, mas anda com maconheiro"***.** Alguns inclusive desenvolvem mecanismos de defesa específicos, como no caso de dois interlocutores que apesar de serem bastante discretos quanto ao seu consumo de drogas, gostam da visibilidade propiciada pela companhia pública de alguns amigos usuários estigmatizados, exatamente por serem notórios consumidores. Nas palavras de um deles: "adoro andar com excluídos, sempre andei". Quando essa manobra ocorre em um grupo com valores *outsiders,* pode haver a ressignificação do estigma como *status* positivo – de fato, o estigma é um *status* negativo - o que caracterizaria uma relação de poder invertida quanto à disposição de valores.

Refletindo figuracional e interdependentemente, há indivíduos que ocupam posições de *outsiders* em relação a determinados grupos estabelecidos, porém, necessariamente não percebem essa "inferioridade" enquanto representação coletiva, como algo especificamente pessoal. Se na hierarquia de dominação vigente o *outsider* encontra-se em posição inferior ao estabelecido, muitas vezes, o desejo deste *outsider* é de ser socialmente reconhecido e representado como igual por aqueles que o tratam como inferior.

> "A curiosa fixação dos desejos dos *outsiders* pelo reconhecimento e aceitação do *establishment* faz com que tal objetivo se transforme no foco de todos os seus atos e desejos, sua fonte de significado. Para eles

[24] - chamo a atenção para o recorrente emprego do termo inglês *outsider*(s) nesse texto, pois traduzi-lo como desviante, marginal ou excluído poderia induzir uma conotação que aproxime seu sentido da exclusão/marginalidade econômica, o que não combina com o recorte da pesquisa. Assim, mantive o *outsider* como forma de pontuar muito mais a diversidade de valores culturais em jogo, do que uma exclusão/marginalização de ordem econômica.

> nenhuma outra estima, nenhum outro sucesso, têm tanto peso quanto a estima do círculo em que são vistos como *outsiders* inferiores, quanto ao sucesso em seu *establishment* local". (Elias:1995, 39),

ou seja, estabelecidos e *outsiders* não são opostos irreconciliáveis, mas sim polaridades complementares, interdependentes e interpenetradas quanto a seus objetivos. Esta dinâmica caracteriza muitas das relações de poder configuradas contemporaneamente.

E já que tratamos de polaridades, de ambivalência, nessa altura do texto faz-se necessário introduzir as esferas miméticas, a capacidade de se permitir excitar com emoções fortes, porém controladas, pois a dinâmica relacional não se efetiva sem que haja um mecanismo social de compensação para a contenção do fluxo emocional. Assim sendo, de acordo com Elias & Dunning:

> "a estrutura das organizações e instituições miméticas representa a antítese e o complemento das instituições formalmente impessoais encaminhadas a um fim, que deixam pouco espaço para emoções apaixonadas ou flutuações no estado de animo [...] a esfera mimética constitui uma parte específica e integral da realidade social".(1992: 95/6),

quer dizer, as esferas miméticas são um contraponto ao excesso de racionalidade muitas vezes atrelado ao controle de emoções. Aproximando Elias & Dunning de Freud[25], pode-se perceber reflexivamente o quanto o princípio de realidade tende a ser projetado sobre o princípio de prazer: "(o mimético) se refere ao fato de que os acontecimentos e atividades agrupados sob esse nome, compartilham as seguintes características estruturais: Medo e alegria, angústia e amor, empatia e inimizade, amizade e ódio." (*idem*, 154/5), ou seja, medo, angústia, inimizade e ódio que deveriam ser banidos do repertório civilizado, encontram um espaço social onde podem ser trazidos à tona sem maiores prejuízos.

A base do efeito curativo dos processos miméticos está em que as emoções que estes processos viabilizam são filtradas, e distintamente das emoções vivenciadas em situações de risco, podem tornar-se prazerosas. Isto acontece nos jogos e nas atividades lúdicas, onde os valores antípodas citados anteriormente são processados como partes de um todo. A catarse que assim é promovida ajuda a restaurar o equilíbrio, numa "cura temporária", contudo, a *mimesis* não deve ser reduzida à catarse que visa aplacar a tensão, pois

[25] - a relação direta entre processo civilizador e a economia de emoções, indica que a sociologia configuracional pode ser lida enquanto psicanálise social.

concomitantemente, a *mimesis* é uma busca de tensão[26]. Dessa forma as esferas miméticas podem facilitar a ressiginificação das emoções violentas, permitindo até que o estigma carregado pelo *outsider,* muitas vezes apontado como gerador de violência, medo, angústia e inimizade, ganhe fluidez sendo valorizado como *status* positivo.

Mas excluindo a busca de excitação via atividades lúdicas, a ressignificação do estigma não é regra, é exceção[27]. A regra é que a eficácia do estigma dá-se quando o grupo estigmatizador não permite ao estigmatizado acessar o lugar de poder (Goffman:1988), e mais precisamente quando nem sequer permite ao *outsider* acreditar que pode atingir tal lugar, como bem explicitam Elias & Scotson em "Os estabelecidos e os *outsiders*". O estigma só pode vir a ser ressignificado na medida em que o indivíduo, sendo um *outsider*, concomitantemente ocupe um lugar de poder privilegiado. Professores enquanto usuários interpenetram práticas que indicam na direção de valores flexibilizados. Isso não quer dizer que o modelo anterior - professor em um extremo, usuários de drogas no outro - tenha sido posto de lado, mas que se encontra sendo reflexivamente questionado no embate entre os valores socioculturais do discurso de produção e os valores do discurso de consumo. Neste caso específico, quando os *outsiders* enquanto professores são necessários ao *establishment*, as desigualdades no equilíbrio de poder no embate entre representações até diminuem – inclusive abrindo espaço para que o discurso, representado como *outsider*, seja reflexivamente ressignificado, como é possível perceber nas palavras de um interlocutor: "gosto de trabalhar com meus alunos os temas proibidos; drogas e homossexualismo".

Contudo, em outras configurações onde o equilíbrio das relações de poder é mais rígido, como no caso de usuários que não tenham um emprego distintivo, como o de professor[28], o uso de drogas tende a ser o estigma que os denuncia como "inferiores", estigma este que tende a ser continuamente reificado[29]. Por este ângulo, uma das consequências da ausência da construção sociológica das configurações, é que os problemas das configurações de *outsiders* são vistos como problemas de indivíduos e não como problemas sociais.

---

[26] - tensão aqui não tem a conotação de um processo psicológico negativo, mas sim de "estado em que se é levado além de um limite normal de emoção", (Dicionário Aurélio)

[27] - se todo jogador compulsivo é estigmatizado como viciado, nem todo jogo é reconhecido como lícito.

[28] - ou mesmo que não tenham a distinção de ter um emprego.

[29] - mesmo entre os estabelecidos, o estigma pode se configurar. Por exemplo, o já citado anteprojeto de pesquisa da FAPESB que tem como objetos professores e funcionários da UFBA usuários de drogas, já parte da referência de que sejam usuários problemáticos.

A relação social estabelecidos e *outsiders* tem dimensões que não devem ser reduzidas às representações isoladas das práticas nem dos estabelecidos, nem dos *outsiders,* sob o risco de reduzi-los a tipos ideais sociológicos - Weber – ou mesmo psicológicos – Jung[30]. Dessa forma:

> "O ideal de racionalidade na condução das questões humanas continua a barrar o acesso à estrutura e à dinâmica das figurações estabelecidos e *outsiders*, bem como às fantasias grupais de grandeza que elas suscitam, e que são dados sociais *sui generis,* nem racionais, nem irracionais... No estágio atual do conhecimento, chegamos ao ponto de reconhecer que as experiências afetivas e as fantasias dos indivíduos não são arbitrárias – que têm uma estrutura e dinâmica própria." (Elias & Scotson: 2000, 36/7).

Esta "estrutura e dinâmica própria" pode ser mais facilmente assimilada se o conceito de *habitus* social for percebido enquanto estrutura social da personalidade:

> "cada pessoa singular, por mais diferente que seja de todas as demais, tem uma composição específica que compartilha com outros membros de sua sociedade. Esse *habitus,* a composição social dos indivíduos, como que constitui o solo de que brotam as características pessoais mediante as quais um indivíduo difere dos outros membros de sua sociedade". (Elias:1994b,150).

Assim, tanto o *habitus* do *outsider* como também o *habitus* do estabelecido não devem ser percebidos como *habitus* do indivíduo ou *habitus* da sociedade, mas como *habitus* configurados pela interface entre indivíduo e sociedade. Então, desdobrando as categorias eliasianas anteriormente trabalhadas, o professor usuário pode fazer parte do perfil que aqui chamo de "*outsiders* estabelecidos*"*, perfil de indivíduos que em posição social estabelecida, conseguem administrar facetas *outsiders,* sem que por serem *outsiders* tenham seu status reduzido à condição de estigma. Tal perfil deve ser analisado à luz da cultura de consumo, principalmente levando em conta alguns aspectos centrais das propostas teóricas de Featherstone - a categoria descontrole controlado, que o autor pega emprestada de Elias - e de Bauman - "mais felicidade, menos segurança" - ou seja, se o

[30] - No correr deste texto algumas vezes poderá ser percebida uma flutuação entre os termos usuário e consumidor. No geral, tendo em mente que o recorte externo desta pesquisa é a cultura de consumo, onde o valor de uso perde lugar para o valor de troca, prefiro dispor da categoria consumidor. Contudo, respeitando a perspectiva de alguns autores com os quais dialogo, também disponho da categoria usuário. Neste sentido, não estou dispondo das categorias usuário, consumidor e *outsider* como tipos, mas sim como perfis – perfil na perspectiva de perfilar, enquanto ato de alinhar, o que só procede quando *em* relação dinâmica com o posicionamento do observador.

espaço social dos professores enquanto estabelecidos, tem tradicionalmente a representação do usuário de drogas como desvio e divergência ao *habitus* social e as representações esperadas para o docente, na prática cotidiana de certos professores, os *habitus* sociais podem configurar um *outsider* num papel de estabelecido, sem maiores contradições.

Aliás, contradições não parecem anular a dinâmica da contemporânea cultura de consumo, pois se no auge da Modernidade, - isto é, na vigência dominante da cultura de produção - Gramsci concebeu que de forma geral, os intelectuais são contrapontos à dominação política (Gramsci:1975,16), na crise da mesma Modernidade, Foucault proferiu: "O papel do intelectual não é mais o de se colocar 'um pouco na frente ou um pouco de lado' para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da 'verdade', da' 'consciência', do discurso", (Foucault:1984,71). E na devida proporção em que os interlocutores aqui investigados são docentes que se concentram na área de Humanidades[31], não soa tão estranho quando são representados como "intelectuais" responsáveis por pensar a sociedade. Assim, uma questão central aqui posta é acessar entre a representação do professor enquanto intelectual, *contraponto à dominação política* por um lado, e pelo outro, a representação do professor como aquele que *luta contra as formas do poder na ordem do saber, da verdade, da consciência, do discurso, onde ele é ao mesmo tempo, objeto e instrumento*, uma representação contemporânea ao objeto de estudo. Para começar, o que é um intelectual? quem é intelectual? abrindo os jornais ou assistindo a TV é possível encontrar algumas pistas.

Sobre a representação do intelectual na mídia

Se for preciso trazer reflexividade sobre a categoria intelectual, nada como um diálogo com as representações midiáticas para espelhar a questão. Numa análise do Big Brother Brasil 5 e principalmente do fenômeno Jean Wyllys, Renato Janine Ribeiro comenta o embaraço de alguns intelectuais diante do fato do participante mais celebrado do programa ser representado – e autorepresentado – não apenas como professor, mas como intelectual:

> "...Antes de meus amigos intelectuais negarem que Jean seja intelectual (já meus amigos homossexuais jamais negariam que Jean fosse um deles; talvez os gays sejam menos preconceituosos), digo com

[31] - ver nota de rodapé n° 35, pg.30.

> todas as letras: *discuto aqui a imagem do professor, não sua verdade íntima. E essa imagem é fascinante. Ela de fato revela bastante coisa. Mas não coisas dele. Revela potencialidades do público que a mídia, inesperadamente, suscita* [...] Mas o que me importa é a imagem de Jean Wyllys de Matos Santos – e essa é a de alguém que fez pós-graduação e leciona em faculdade. *Não é fácil ser popular com esse perfil num país em que há tão pouca cultura*[32]*, em que a mídia favorece o imediatismo, em que a educação é pouco valorizada.* Como ele conseguiu então tanta popularidade?
>
> Tenho minhas simpatias, mas também minhas dúvidas. Por todas as razões do mundo, gostaria que fosse verdade que o intelectual se torne popular. *Mas penso que o papel principal de Jean foi e é o de homem sensível. A intelectualização entra aí. Indica que a ciência e a cultura podem gerar pessoas mais abertas.* É verdade. Mas também é curioso que, como comentei acima, quem pretende ter o papel social de intelectual fuja como o diabo da cruz de confessar que viu o programa...
>
> Basta ler os jornais mais respeitados do país para perceber isso: em todos eles, quando se fala do BBB, e com a exceção de cronistas obviamente livres como José Simão, trata-se do assunto com mil luvas, como se fosse matéria fecal. Não é engraçado? Que, ao mesmo tempo que pela primeira vez um personagem com características intelectualizadas se torna popular e mostra à população que o conhecimento pode gerar pessoas melhores, as pessoas que vivem de se mostrar intelectuais neguem de pés juntos qualquer ligação com isso, insistindo que o papel de intelectual não pode se comprometer com a mídia popular? Só posso achar engraçado". (AOLNotícias, 28/03/05).

Uma das conclusões a que se pode chegar e registrar após ler esta matéria é que segundo Janine, a imagem do professor referenciada em Jean revela menos sua verdade íntima que potencialidades do público. Se o óbvio é perceber o público buscando identificações reflexivas no discurso de Jean, também deve-se perceber que como Jean cresceu assumidamente sendo parte do público telespectador – ele é um confesso espectador de novelas e programas televisivos – ele traz em si reflexos configurados enquanto parte do público telespectador. Também é sinalizado que não é fácil ser popular com um perfil de professor num país em que a educação é pouco valorizada e, finalmente, que a intelectualidade de Jean manifesta-se não no acúmulo de informações ou na mera sustentação do status correspondente, mas na abertura para a sensibilidade, que o torna demasiadamente humano entre os humanos, tanto os humanos que atuam no programa, quanto os que assistem. Talvez não seja fácil ser popular com a imagem de professor, muito

[32] - discordo que haja pouca cultura no país, o que pode ser constatável é que há pouca cultura acadêmica, como também não concordo que a educação seja pouco valorizada, sendo de fato, operacionalmente mau processada.

menos por resistência dos demasiadamente humanos das camadas mais populares, do que por resistência dos membros do campo intelectual acadêmico que não querem sua imagem liquefeita, principalmente por um membro que desconstrói o *status quo* – menos por sua opção sexual do que por sua aproximação com a cultura de massa. A não aceitação de Jean como um intelectual entre os intelectuais explicita uma tensão no campo, explicita a luta pelo poder de dominação da representação da categoria. Se assim for, como devemos refletir a relação entre intelectuais, professores e poder? No rastro das pistas sobre quem possa ou não, ser um intelectual, ainda resta averiguar: o que é um intelectual?

O *Homo Academicus*

Talvez Pierre Bourdieu que considerando o mundo social como um campo de batalha em torno do poder simbólico (2000), possa dar algumas indicações. Sua análise geral parte das relações suscitadas pela divisão desigual do trabalho e de sua história que ao ser reificada – ou seja, quando a estrutura é estruturada - tende a funcionar como princípio gerador de práticas e de representações, como história objetivada, como estrutura estruturante. Em um estudo específico sobre as relações de poder na academia francesa intitulado *Homo academicus*, o autor francês constata que a relação hierarquizada de poder entre membros da academia tende a perpetuar-se independentemente da dominação pender para um lado ou para o outro, pois em última instância, é a tensão gerada por esta pendência que "naturaliza" as posições sociais e a ordem do mundo.

Bourdieu pondera que um intelectual – e entre vários tipos está o intelectual acadêmico - não existe *per se*, carecendo de uma platéia e de um campo de intelectuais que possam reconhecê-lo como um igual. Este campo operacionaliza-se como um sistema de relações entre agentes e instituições em competição por capital, capital este que é específico ao campo e que acaba sendo dividido entre os competidores, mas não equitativamente. Um campo é autônomo no sentido de seu capital ser-lhe específico, relativamente sem valor em outros campos. Contudo, o campo intelectual difere dos outros campos, no sentido de que seus agentes buscam preencher duas condições concomitantemente: na medida em que buscam ser reconhecidos como membros de um campo intelectual autônomo, também buscam agir objetivando a exterioridade desse campo; escrevendo, discursando - eu diria também, atuando, performatizando, quem sabe como Jean?

Para dar sustentação à percepção desse campo, o *habitus* é uma categoria apropriada para remeter aos modos de articulação que os indivíduos encontram em grupos particulares.[33] O *habitus* "entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações" (Bourdieu:1983,65), subsistindo como categoria que estruturada também é estruturante na viabilização de representações referentes ao campo, sobre, por exemplo, quais devam ser as expectativas legítimas para com um novo professor que pleiteia se enquadrar entre os professores estabelecidos.

Os *habitus* dos intelectuais acadêmicos incorporam crenças e comportamentos que delimitam objetivamente o que deve ser o campo acadêmico. E se todo campo tem um capital correspondente, o campo acadêmico tem seu capital formatado em três subcategorias: o capital equacionado entre o prestígio disciplinar e as origens de classe, o capital referente à tensão da renovação do quadro docente em meio aos docentes veteranos e por fim, o capital associado à polarização de valores entre docentes ortodoxos/heterodoxos. Vamos por partes.

1- Bourdieu identificou uma correspondência mais ou menos direta entre o prestígio disciplinar e a origem de classe do acadêmico - principalmente entre os acadêmicos oriundos de uma classe economicamente mais poderosa, que em suas carreiras, tendem a buscar uma manutenção do *status quo*. Carreiras acadêmicas tendem a seguir as origens sociais do agente, o que, saindo da academia francesa e chegando à brasileira, especificamente à academia soteropolitana, pode ser constatado se feita uma comparação entre o perfil do estudante acadêmico de odontologia e o perfil do estudante acadêmico de Ciências Sociais da UFBA, por exemplo, de onde poderão sair alguns professores. Bourdieu caracteriza a academia como uma instituição fundamentalmente conservadora, que reproduz e reforça as distinções de classe social como resultado de perspectivas tornadas expectativas e comportamentos estruturados.

2- Uma tendência a burocratização da rotina nas relações tende a acontecer quando a continuidade da dominação entre os acadêmicos não encontra maiores resistências, ou seja, quando os dominados se acomodam com a situação. Entretanto, a academia tende a

[33] - nesta perspectiva, o *habitus* bourdieusiano não difere muito do *habitus* social eliasiano**,** pois remete às condições de existência sempre únicas para cada um e para todos (Bourdieu:1983, 64).

camuflar as tensões na luta pela conservação das diretrizes do poder que inevitavelmente são postas à prova com a chegada de novos professores. A própria seleção destes professores acaba sendo uma moldagem dos novos membros pelos velhos membros, através de estratégias de manipulação da temporalidade como estrutura estruturante[34]. Este momento da sucessão nas posições acadêmicas é crítico para as relações de poder, principalmente por tornar o conflito mais transparente aos olhos de quem não é da academia, daí certa tendência à camuflagem sobre a tensão relacional.

3 - Acontece uma polarização entre os cursos com valores e representações ortodoxas - cursos que ostentam uma tradição de longa data, como medicina e direito - e cursos heterodoxos - como ciências sociais - sendo estes últimos considerados cursos que tendem a sustentar perspectivas heréticas. Bourdieu indica que em alguns casos, os heréticos conquistam seguidores suficientes para torná-los "heréticos consagrados", cujas percepções e comportamentos tornam-se aceitos também em certos círculos com status ortodoxo. Esta categoria de heréticos quando estabelecida – mas estabelecida enquanto *outsider* - ganha independência e autonomia em relação às pressões conservadoras da academia.

Quanto ao prestígio disciplinar e à tensão entre cursos ortodoxos - no sentido de serem cursos que ostentam uma tradição de longa data, como medicina e direito, por exemplo - e cursos heterodoxos, observemos o caso da presente pesquisa. Seguindo indicações de que há um grande consumo de drogas lícitas de forma ilícita entre os biomédicos – especificamente nos cursos de medicina e enfermagem onde o acesso aos fármacos é facilitado – fui em busca de contatos na área que pudessem propiciar uma interlocução, mas, de cinco contatos realizados, nenhum se dispôs a participar da pesquisa, com receio de que a exposição de sua privacidade maculasse-lhe a representação, mesmo sendo assegurado o anonimato[35]. De forma geral há nessa postura defensiva uma indicação de que o discurso biomédico pode estar muito mais próximo de delimitar a relação *princípio de prazer* **X** *princípio de realidade* exatamente assim, como uma oposição – *ou* um princípio, *ou* outro - enquanto o discurso dos interlocutores das humanidades – que na

[34] - lembro o exemplo da relação de poder configurada em Winston Parva - no livro "Os estabelecidos e os *outsiders"* de Elias & Scotson - onde o grupo dominante legitima sua dominação em relação ao grupo recém chegado, exatamente por tal grupo ser recém chegado, sem ter tido tempo para configurar uma tradição local.

[35] - dessa forma o universo de pesquisa concentrou-se nas humanidades, onde a receptividade à pesquisa foi ampla, o que direcionou o estudo para um campo onde a discussão sobre intelectualidade e o perfil do intelectual faz-se praxiológica e reflexivamente pertinente.

quase totalidade acha fundamental trazer esta discussão à baila - está mais próximo de uma complementaridade entre os princípios – um princípio *e* o outro. Assim, há indicações de que diferenças entre uma área e outra não residem apenas nas metodologias de pesquisa e nos seus objetos de estudo, mas na própria epistemologia da ciência, em função da visão de mundo. E se, como representação diante da sociedade, o prestígio ostentado pelas humanidades não é tão grande quanto o prestígio das ciências biomédicas, talvez esta distinção explique porque alguns professores da área biomédica não se propuseram a participar desta pesquisa, pois o ortodoxo só põe sua dominação em xeque, em última hipótese. De forma homóloga, as tensões entre os velhos e os novos membros da academia, seja em biomedicina, seja nas humanidades não estão longe desta percepção, pois as questões macroestruturais se refletem nas questões microestruturais e vice-versa.

Mas enfim, voltando à pergunta: "o que é um intelectual?", sabe-se que no fim do século XIX quando a expressão "intelectual" ganhou destaque, fazia referência a homens com posições culturais bem definidas, com pontos de vistas que queriam fazer públicos. Hoje, quando os intelectuais ortodoxos rejeitam Jean Wyllis como intelectual, é possível perceber em tal comportamento que está sendo desconsiderado que as exigências do campo de atuação do intelectual acadêmico mudaram, já não sendo as mesmas de um século atrás. Em relação a esse período, Le Goff (2003) postula objetivamente que o intelectual foi pensado como um profissional para ensinar o pensamento, ou melhor, ensinar a acreditar nas possibilidades da razão, mas isso foi há um século atrás. Touraine por sua vez acreditando que o grande entrave da modernidade foi subsumir o Sujeito à razão, indica que "em vez de voltar as costas a cultura de massa, o papel dos intelectuais deveria ser desprender a criatividade ao mesmo tempo que combater o emprego mercantil que se faz dela e protegê-la contra a demagogia e a confusão", (Touraine: 1995, 384). Já de acordo com a concepção bourdieusiana (1988), o intelectual acadêmico deve estar habilitado para transferir capital adquirido num campo específico, para um campo mais genérico. Entre múltiplas definições o intelectual na pós-modernidade seja ele pós-moderno ou não, tende a ultrapassar as fronteiras estruturadas, atuando em outros campos que não o seu de origem.

Se assim for, os notórios intelectuais acadêmicos e autores das propostas de síntese na sociologia – Giddens, Elias e Bourdieu, que não são pós-modernos, mas que em seus projetos buscam os limites da modernidade - possuem grande valia para uma reflexão

ampla sobre o objetivo do presente projeto, principalmente por ser possível percebê-los como desconstrutores da naturalização da razão, tanto pelo enfoque relacional-processual de uns como pela perspectiva do inconsciente estrutural dos outros. Neste sentido, e buscando a compreensão de como o processo civilizador vem demandando controlar as emoções na reflexiva luta das relações de poder, as abordagens propostas por estes autores[36] são mais flexíveis e dinâmicas do que as até então vigentes nas Ciências Sociais.

Viver para consumir, consumir para viver

Intelectuais ou não, todos estamos imersos em cultura, e contemporaneamente, - ao contrário da cultura de produção que foi sedimentada na procrastinação, no adiar a

[36] - autores estes que dialogam com Freud, mesmo que não de forma explícita, pois:

1 - embora apropriando-se de uma abordagem psicoemocional, inclusive para conceber a configuração estabelecidos/*outsiders* de forma homóloga a polarização super-ego/id, Elias não constata a perspectiva social na proposta teórica de Freud. Mas refuto tal viés como talvez procedente de referências maiores às psicanálises de casos clínicos, pois nos estudos de antropologia social e história das religiões, *"O futuro de uma ilusão"* (1927), *"Mal estar na civilização"* (1930) e *Moises e o monoteísmo* (1939) é inegável a aderência de Freud a uma vertente sociocentrada. Além disso, num certo sentido a sociologia figuracional de Elias pode ser lida como psicanálise social, como indica o capítulo III deste projeto.

2 - um autor como Bourdieu não aparenta ter relação com o discurso psicanalítico, entretanto, eu ouso dizer que talvez se deva repensar o enfoque relacional em sua categorização central – *habitus*/campo – para perceber se tal categorização seria possível sem levar em conta um corte no amplo contingente de possibilidades relacionais, de forma a eleger um campo específico entre muitos possíveis. Dentro deste campo específico, um espaço social com suas relações objetivadas, com sua racionalidade própria à posição ocupada, há uma tensa modelagem emocional estruturante de *habitus*. Como exemplo é possível pensar num adulto em processo psicanalítico. O que teoricamente deverá ser trabalhado por ele no divã é a desconstrução de uma estrutura de personalidade – ou seja, o deslocamento de *habitus* egóicos incongruentes com certos campos superegoicamente priorizados. Em outras palavras, falar de *habitus* não é falar sobre determinismo, nem de consciência, é falar de emoções controladas e não controladas, é falar da castração de outras possibilidades que devem ser deslocadas de um específico campo relacional, e esse campo não é homólogo a um agente ou sujeito e sim a um superego. Freud de certa forma trouxe para o campo, ou espaço social psicanalítico, a prática da desestruturação tanto do sujeito quanto de uma suposta razão que o acompanha enquanto ser social.

3 - Giddens não concorda integralmente com a conceituação freudiana de consciente e inconsciente, pois nessa, o inconsciente – predominante, mas não exclusivamente repressivo - propicia formas de cognição que só aparecem na consciência de forma distorcida, ou dito de outra forma, o inconsciente margeia uma concepção restritiva de práticas, de institucionalização, não favorecendo um campo seguro para manobras. Diante da teoria do inconsciente no recorte psicanalítico, o "agente" seria um epifenômeno, assim não sendo viável falar em reflexividade - pois a noção de reflexividade é basicamente *cognitiva*. Contudo, é possível perceber que nas entrelinhas da teoria da estruturação giddensiana, o inconsciente além de possibilitar repressão, também possibilita facilitação, sendo postulado que: " A segurança ontológica e a rotina estão intimamente vinculadas, através da influencia difusa do hábito." (Giddens:1991,100). No estudo desse hábito, para se afastar da psicologia analítica, Giddens elabora a monitoração reflexiva, enquanto consciência prática, o que ironicamente não é tão diferente da proposta de autoanálise. Giddens assim como Freud, não abre mão de pensar que é na infância que a confiança é *estruturada* em *função* do jogo de presença e ausência dos provedores, a ausência assim assumindo o papel de potencializadora das estratégias de simbolização, sem a qual a capacidade social da criança torna-se comprometida, assim como também a monitoração reflexiva.

satisfação individual imediata em prol de um bem-estar coletivo futuro - a cultura de consumo não mais projeta um ideal de felicidade no futuro, mas num pacote de desejos que possam ser satisfeitos no presente, independentemente *e* até mesmo em função dos desequilíbrios econômicos de um país como o Brasil. O adiamento da satisfação põe "o investimento acima do lucro, o trabalho acima do consumo"(Bauman:2001,181), movimento diametralmente oposto ao da estética do consumo que objetiva exatamente abolir o adiamento da satisfação. A ambivalência resultante desse embate de prerrogativas culturais é que, se a satisfação não é mais procrastinada, ela também não pode ser totalmente realizada, pois assim acarretaria o risco de extinguir o desejo por satisfação. A solução é cultivar satisfações ao alcance do presente, satisfações parciais ou mesmo insatisfatórias, que deixem margem operacional para, potencialmente, poderem ser satisfeitas depois. O desejo por satisfação assim é que passa a ser procrastinado em lugar da própria satisfação.

> "A sociedade dominada pela estética do consumo precisa portanto, de um tipo muito especial de satisfação – semelhante ao *pharmakon* de Derrida, essa droga curativa que é ao mesmo tempo um veneno, ou melhor, uma droga que deve ser dosada cuidadosamente, nunca numa dosagem completa, que mata"(Bauman:2001,183).

O próprio controle desse presente, desse *phármakon*, é representado como sendo mais acessível – ou melhor, mais consumível – estando virtualmente mais à mão do consumidor, sem que com isso se desconfigure a estrutura social vigente.

> "A cultura de consumo não representa nem um lapso do controle, nem a instituição de controles mais rígidos; mas antes a corroboração dos controles por uma estrutura gerativa subjacente flexível, capaz de lidar ao mesmo tempo com o controle formal e o descontrole, bem como facilitar uma troca de marchas confortável entre ambos.", (Featherstone: 1995,48).

Esta tendência estrutural é o que Featherstone percebe como "descontrole controlado", mas poderia de forma mais completa chamar de descontrole controlado de emoções, pois em última instância, o que se propõe controlar ou não é o direcionamento mimético das emoções para algum modo de consumo. Mas se apenas nos anos 80 voltaram-se maiores estudos para a cultura de consumo, tal cultura vem sendo forjada num processo de longa duração, desde meados dos anos 1950, quando a modernidade ainda projetava a reflexividade de uma sociedade tipicamente de produção, em que a ética do trabalho não

era representada como possibilidade de satisfação emocional imediata, mas sim satisfação mediata, advinda do *status* – e obviamente da remuneração - do indivíduo enquanto produtor de trabalho. Vamos abrir um parêntese para voltar cinco décadas no tempo.

O ideal de uma civilização em progresso contínuo - ou simplesmente, a ética da modernidade - foi posto em questão com a Segunda Guerra Mundial. Ao término desta, com a derrocada do totalitarismo nazi-fascista, os EUA se estabeleceram como os representantes do discurso do "Mundo Livre", passando a dedicar esforços para combater o "fantasma do comunismo" como a última trincheira anti-moderna. Enquanto esse reordenamento estrutural ganhava vigência, em meados de 1955/6, Herbert Marcuse, numa releitura crítica da teorização freudiana sobre o princípio de realidade e o princípio de prazer, concebeu uma proposta de síntese entre o discurso psicanalítico e o discurso marxista sob o cunho de "sublimação não repressiva", que posteriormente, em maio de 68, na crise da dominação do discurso de produção e desempenho, veio a soar radical:

> "O trabalho puro e simples é a principal manifestação social do princípio de realidade. Na medida em que o trabalho está condicionado pela demora e diversificação da gratificação instintiva (e segundo Freud, está), contradiz o princípio do prazer. Se o prazer do trabalho e o prazer libidinal 'usualmente coincidem', então o próprio conceito de princípio de realidade torna-se supérfluo e vazio de significado... Certo, existe trabalho que gera prazer no desempenho habilidoso dos órgãos corporais 'acessíveis para o trabalho'. Mas que espécie de trabalho e que espécie de prazer? [...] Numa realidade governada pelo princípio de desempenho, tal trabalho 'libidinal' é uma rara exceção e só pode ocorrer fora ou à margem do mundo do trabalho – como hobby, passatempo, divertimento, brinquedo ou uma situação diretamente erótica. A espécie normal de trabalho (atividade ocupacional socialmente útil), na divisão laboral predominante, é tal que o indivíduo, ao trabalhar, *não* satisfaz *seus* próprios impulsos, necessidades e faculdades, mas desempenha uma função preestabelecida [...] Certamente pode haver também 'prazer' no trabalho alienado. Contudo, ou esse prazer é extrínseco (previsão de uma recompensa, ou é a satisfação em si mesma um indício de repressão) de estar bem ocupado, no lugar certo, de contribuir com sua parcela para o funcionamento da engrenagem" (1972:190/1).

Nesse enfoque, princípio de prazer e princípio de realidade já não representam uma complementaridade e sim uma oposição, quando não contradição[37]. Esta configuração torna evidente que o processo civilizador excessivamente centrado no controle de emoções, numa redução processual havia passado de meio a fim, carecendo de um dispositivo

[37] - embora os princípios de prazer e de realidade estejam originariamente à disposição da pulsão de vida, a estrutura social vigente pode configurá-los em disposição antagônica, contraditória – e deste modo a disposição originaria proposta por Freud é quase cancelada.

estrutural de compensação[38]. Assim, a década de 1950 assiste a atividade lúdica enquanto parte da esfera mimética começar a conquistar um espaço importante, pois o jogo[39]que - "está inteiramente sujeito ao princípio do prazer; o prazer está no próprio movimento" - e o trabalho que - "por sua parte, serve a fins estranhos a si próprio, nomeadamente os fins de auto-preservação"... (Marcuse: 1972,187) – gradativamente vão tornando-se menos opostos, mais complementares e mesmo interdependentes e interpenetrados. O trabalho e o discurso de produção que o cercava, começam a ser mimeticamente interfaceados com a perspectiva do jogo, tendendo a "tornar-se gratificador em si mesmo, sem perder o seu conteúdo de *trabalho*." (*idem*). O controle de emoções tão importante para o processo civilizador, desse momento histórico em diante começa a estabelecer-se como um controle menos repressivo, mais flexível, - obviamente não sem tensão e conflito - num modo de dominação onde produção e consumo justificam a liberdade dos indivíduos.

O fluir de questões da ordem emocional contrarias à racionalidade de produção vigente, passa a fazer parte da disposição do espaço social de forma que a satisfação imediata possa ser traduzida em consumo aceito e incentivado – embora muitas vezes o preço a se pagar seja exatamente o sacrifício do tempo psicológico que o consumo deveria contemplar. Nesse processo, a busca de excitação já não era a grande ameaça para a civilização ocidental, ao tempo em que a falta de liberdade para buscar excitação é que passou a soar como uma representação ameaçadora. Não é por acaso que, durante a guerra-fria, a representação estabelecida do discurso comunista foi a representação de um regime autoritariamente paternalista que castra a liberdade de seu seguidores.[40]

Reflexivamente gerando leituras ambivalentes, a perspectiva posta por Marcuse foi rapidamente incorporada por um crescente número de jovens europeus e americanos, como também pela crescente indústria do consumo. Quanto aos jovens, a satisfação lúdica configurou-se em relação identitária com os ícones James Dean, Marlon Brando, Elvis Presley e Marylin Monroe, totemicamente vestindo jeans, óculos escuros ou pouca roupa de

[38] - ver jogo, e a busca de excitação em: *Deporte y ocio en el proceso de la cilización* – Elias & Dunning.
[39] - uma categoria onde podem ser agrupados "hobby, passatempo, divertimento, brinquedo ou uma situação diretamente erótica".
[40] - não passa despercebido (Bauman:2000,64/5) que esse período tenha emblematizado duas obras literárias que em certa medida refletem essa via dupla e são referências até os dias de hoje. De um lado o otimismo liberal de *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley, e do outro, o pessimismo totalitário de *1984* de George Orwell, obras onde inclusive, o consumo de drogas e o controle panóptico de emoções é central para as configurações estruturais de tais perspectivas.

baixo, falicamente ostentando carros, motocicletas e guitarras que emblematizaram o discurso desconstrutor de valores comportamentais canônicos à época. Os jovens mais exigentes contaram com uma versão intelectualizada dessa ludicidade, os intelectuais *outsiders* da *beat generation* que transformaram suas experiências com sexo e drogas em literatura cultuada enquanto herética. Já a indústria do consumo, principalmente representada pela indústria cinematográfica hollywoodiana, ao apropriar-se desses mesmos ícones, continuamente reconfigura o discurso *outsider* em um discurso também estabelecido, na medida em que atinge públicos consumidores cada vez maiores que, na sua heterogeneidade, encontram uma interface que os homogeniza. A indústria cultural, de acordo com seus interesses, traduziu a teorização marcusiana da *sublimação não repressiva* como *dessublimação repressiva*[41], numa reconfiguração viável dentro de uma perspectiva mercadológica. Se na virada dos anos 50 para os anos 60, sexo, drogas e *rock and roll* acrescentaram satisfação ao cotidiano, puderam acrescentar muito lucro também para quem estava no domínio dos veículos de satisfação.

A partir desse período, o uso de drogas também passou a fazer parte do instrumental ao alcance dos jovens, como mais um meio de acesso ao "descontrole controlado do controle de emoções", sendo literalmente um *phármakon* que, curando ou envenenando, – até mesmo possibilitando as duas potencialidades ao mesmo tempo - permitia aos *outsiders* enquanto jovens, encontrar uma identidade na cultura pop que estava em construção. Ao jovem passou a ser permitido o luxo de não se submeter inexoravelmente ao princípio de realidade, ainda podendo guiar a vida pelo princípio de prazer e, mesmo assim, construir uma identidade. Com certa dose de flexibilização das relações de poder entre adultos estabelecidos e jovens *outsiders*[42], estabeleceu-se um padrão de *outsider* consumível socialmente.

Os adultos a partir dos anos 60 do século passado, também encontraram mais liberdade para serem jovens (Bauman 1998), – até então só lhes era reservado o princípio de realidade: trabalhar e constituir família – para buscarem na satisfação emocional acesso à

[41] - pois logo se percebeu que prazer episodicamente satisfeito (onde ser episódico significa poder ser controlado) pode ser um prazer lucrativo.

[42] - *outsiders* nesse caso não por não possuírem perspectiva de inclusão, mas apenas por ainda não terem atingido a idade adulta da inclusão e seu concomitante *status*, idade esta que costumava procrastinar a afirmação da identidade do jovem ocidental.

felicidade, ao tempo em que muitos jovens das camadas médias buscavam expandir as fronteiras de sua identidade alterando o estado de consciência ordinária através das drogas:

> "A força reivindicatória que exerceria a 'revolução cultural' dos anos 60 sobre o simbolismo do uso da maconha, em quase todo o ocidente, marcou a inclusão do 'jovem' num mundo até então concebido quase que exclusivamente como habitado pelos bandidos denunciados pela imprensa. A partir dessa década, o costume de fumar maconha deixou de ser apanágio das camadas mais pobres e marginalizadas e ganhou amplitude entre segmentos da classe média urbana". (MacRae e Simões, 2000:22).

Em escala maior, este raciocínio favorecido pela difusão da cultura do consumo se aplica não só à maconha, mas às drogas ilícitas no geral, e não só ao jovem mas também ao adulto que, a partir de então, passou a reivindicar sua parcela de juventude, de princípio do prazer, de satisfação. Não deve ser mero fruto da casualidade que em 1965 uma música do *The Rolling Stones* tenha emblematizado este específico momento histórico:

> *"When I´m watching my TV/ and that man comes on to tell me/ how white my shirts can be/well, he can´t be a man/ cause he doesn´t smoke the same cigarette as me/ I can´t get no satisfaction/ and I try/ and I try/ and I try and I try/ I can´t get no/ no, no, no/".*
> ((I can´t get no) Satisfaction - Mick Jagger & Keith Richards). *

Quando Jagger infere jocosamente que "O Cara na TV" não é um homem porque não fuma o mesmo cigarro que ele, está contribuindo para a ressignificação de um *habitus* social, - o fumar como ritual de pertencimento – como também está contribuindo para uma reconfiguração na hierarquia identitária entre estabelecidos e *outsiders*.

Da contracultura à cultura de massa

Pulando dos anos 60 para os dias atuais, é pertinente perguntar: como se configura o descontrole controlado? Dentro da cultura do consumo, Featherstone especula como os marcadores de *status* tendem a ser definidos por uma estrutura antitética, de oposição, em diálogo com valores vigentes, numa lógica cultural que sedimenta a identidade pela diferença, ou seja, *incluído* X *excluído*, *lícitos* X *ilícitos*, aparentando, apenas aparentando uma desordem estrutural. A cultura de consumo para detectar e estabelecer essa oposição

* - Quando assisto minha tv/ e um Cara aparece dizendo/ quão brancas podem ser minhas camisas/ bem, ele não pode ser um homem/porque ele não fuma o mesmo cigarro que eu/eu não tenho satisfação/e tento/ e tento.

estruturada - já que lícito e ilícito fazem parte de uma figuração - capacitando os grupos para usar bens simbólicos com fins a estabelecer distinções significativas, depende da existência de padrões relativamente estáveis de disposição e princípios classificatórios – os *habitus* sociais – que são identificáveis e funcionam estabelecendo fronteiras entre grupos.

Dentro da cultura da droga é possível perceber variadas representações e polarizações antitéticas. Zaluar (2002), por exemplo, postula que, embora certos usuários consumam multiplamente maconha e cocaína, eles se distribuem em grupos antagônicos no que diz respeito ao *ethos* e às representações sociais associadas às drogas. Assim, a maconha estaria diretamente interfaceada ao relaxamento, à natureza, ao ócio e à paz, enquanto a cocaína estaria relacionada a um uso associado à aceleração da produtividade, à tensão das relações de competição e à agressividade concomitante. A autora constata que entre os efeitos desejados pelos usuários da cocaína estão: euforia, adrenalina, ligação, e "ficar aceso", enquanto que entre os usuários de maconha os efeitos desejados são: descontração, "ficar chapado"ou "desligado".

Estas categorizações implicam em costumes, ritos, sanções e status distintos que muitas vezes identitariamente estigmatizam os outros usos. Na corrente pesquisa foram constatadas distinções estigmatizantes entre usuários de álcool em relação à maconha: "O cheiro de maconha é nojento, incômodo. Acho feio fumar, principalmente mulher", "o que você compartilha, sobretudo o riso, né? E uma certa besteiragem, as pessoas ficam muito... sei lá... relaxadas demais, desligadas demais", e de usuários de maconha em relação ao álcool: "eu prefiro um maconheiro que um cachaceiro!", como também entre usuários de maconha em relação aos usuários de cocaína: "As pessoas que cheiram são muito mais travadas, muito mais irritadas, muito mais individualistas, menos sociáveis, menos comunicativas". Tal tendência em ver no Outro o *outsider* constitui um dos aspectos básicos da estrutura antitética do consumo, sendo mais que excludentes visões de mundo.

O que caracteriza o descontrole controlado é que o consumidor acredita que o controle de seu descontrole está em suas próprias mãos, ou do dinheiro que tais mãos podem movimentar no consumo de totens contemporâneos. Numa cultura onde o consumo é a fetichização da possibilidade dominante de felicidade, a produção de valores enquanto capital cultural apresenta uma interface hiperdimensionada com o consumo de bens materiais.

A felicidade está ao alcance do bolso

A busca da "felicidade constitui a referência absoluta da sociedade de consumo, revelando-se como o equivalente autêntico da salvação", pois o "mito da felicidade é aquele que recolhe e encarna, nas sociedades modernas, o mito da igualdade". (Baudrillard:1995,47). Na devida proporção em que "Para ser o veículo do mito do igualitário, é preciso que a felicidade seja mensurável por objetos e signos do conforto" (*idem*), o capital cultural objetivado que se dispõe ao consumidor para atingir a felicidade pode se encontrar materializado em uma pílula, um cigarro, uma bebida, em condições igualitárias de consumo.

O lugar onde se exerce o consumo já nem precisa ser o *shopping center*, é a vida cotidiana, cenário em que o corpo social é um palco mimeticamente viabilizando símbolos, materializando mitos e representações: "o consumo surge como modo ativo de relação (não só com objetos, mas ainda com a coletividade e o mundo), como modo de atividade sistemática e de resposta global, que serve de base a todo nosso sistema cultural" (Baudrillard:1995,11). Neste modo ativo de relação, as trocas cruzam riscos e incertezas. No caso das drogas, riscos e incertezas balizados pela ilicitude, pela proibição e assim, na cultura de consumo, as drogas configuram seu espaço. Em Amsterdã, onde consumir maconha é permitido em *coffee shops* e no *Cannabis Cup*[43], o consumo é muito mais intenso entre turistas sedentos por novidades[44] do que por nativos cujo consumo não aumentou intensamente desde que a proibição deixou de vigorar em 1976. Na capital holandesa o consumo de maconha deixou de indicar uma situação de risco e passou a indicar capital cultural institucionalizado.

Enfim, quando o grau de pertencimento social é balizado pelo consumir e não mais exclusivamente pelo produzir, as possibilidades identitárias são moldadas de forma muito flexível, para não dizer pouco sólidas:

> "Tudo é temporário. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos" [...] "diferentemente dos perigos antigos, os riscos que envolvem a condição humana no mundo das dependências globais podem não só deixar de ser notados, mas também minimizados, mesmo quando notados. Do mesmo modo, as ações necessárias para exterminar ou limitar os riscos podem ser desviadas das

[43] - festival anual onde pagando duzentos euros, o consumidor pode fumar as melhores maconhas do mundo.
[44] - no mercado holandês há infinitos produtos derivados da maconha: cosméticos, cervejas, roupas, etc.

> verdadeiras fontes do perigo e canalizadas para alvos errados. Quando a complexidade da situação é descartada, fica fácil apontar para aquilo que está mais à mão como sendo causa das incertezas e ansiedades modernas." (Bauman: Folha de São Paulo, 29/11/03).

É isso o que pode estar acontecendo atualmente com usuários de drogas em campanhas públicas de prevenção, quando num mecanismo mimético de projeção, acabam sendo responsabilizados pela violência que perpassa o tráfico. E assim, apontando e limitando os riscos minimizados aqui e ali, constroem-se *outsiders*.

Capítulo II - O agente que desestrutura !?!

> *"Eu me lembro que quando surgiu aquela propaganda*[45]*, que eu ficava pensando: a gente que consome, a gente tá alimentando o tráfico... Eu fiquei muito preocupada com isso. Quando via a propaganda, eu dizia: Nossa Senhora, é fato! Não vou parar de comprar, mas eu tô alimentando também, eu tô alimentando a marginalidade..."* - NÊMESIS.

Em uma entrevista reveladora, uma interlocutora assim relatou o que sentiu quando começou a circular na TV uma campanha publicitária que culpabiliza o usuário pela violência do tráfico. Na verdade, além de preocupada, ela sentiu-se culpada. Independentemente da informação veiculada pela propaganda ser precisa ou não, o que nos interessa aqui são as consequências que tal informação acarreta[46], pois a associação quase naturalizada entre drogas e marginalidade, ganha proporções que não atingem apenas os usuários. Para perceber melhor como esse processo se desenrola, é preciso refletir sucintamente sobre a configuração social brasileira. Na medida em que me ativer à observação de algumas peculiaridades da identidade do usuário de drogas local, e, se para tanto, usarei referenciais teóricos que chegam do hemisfério norte, deve ficar claro que o papel socioantropológico, é dispor a teoria à luz da prática local.

Vivemos num país com características socioculturais extremas; por um lado, distribuição desigual de renda, índice de assassinatos altíssimo[47], imagem pública tradicionalmente ligada à corrupção[48], grandes bolsões de analfabetismo, e, por outro, uma cultura que explicita o lúdico – o carnaval, o futebol, a musicalidade, jogos de azar – de forma intensa. Essa disposição social é diferenciada de outras tantas observadas na América do Norte e na Europa, de onde importamos boa parte dos estudos sobre consumo de drogas.

Os aspectos lúdicos da cultura brasileira são uma fonte rica em capital cultural, porém, nem sempre são conjugados ao capital econômico de forma a viabilizar possibilidades legais, lícitas, para serem convertidos em fonte de renda para grande parte da população

---

[45] - a propaganda mostra o dinheiro saindo da mão de um consumidor para a mão de um traficante, sendo então trocado por uma arma.

[46] - a partir desse ponto a própria construção do texto pede que a mídia, enquanto sistema perito, gradativamente seja trazida a discussão.

[47] - em 2003, o Brasil foi campeão mundial de assassinatos com armas de fogo com 45.000 vítimas por ano.

[48] - o *Índice de Percepção de Corrupção 2004 da Transparência*, que inclui 146 países, coloca o Brasil na 59a. posição - quanto mais baixa a colocação, maior a percepção de corrupção do país (A Tarde: 20/10/04).

que abraça tais valores. Pelo contrário, muitas vezes, o lúdico parece apenas tapar o buraco de condições sociais que restringem uma melhor qualidade de vida:

> "Incerteza, insegurança e medo são os sentimentos mais comuns da maioria da população diante da desestabilização do trabalho; a ausência do primeiro emprego, o desemprego, e, ao mesmo tempo, o alargamento do campo cultural a oferecer uma multiplicidade de possibilidades diante dos shows, dos espetáculos espetaculares; o lúdico e o artístico; a socialidade e a sociabilidade convocando para a encenação da vida repleta de prazeres. Sociedade da superabundância e de proximidade inacessíveis", (Espinheira: 25/06/04).

Apesar disso, não se deve lançar um olhar sobre essa falta de sintonia entre capital cultural e capital econômico como se tratando de valores antagônicos, irreconciliáveis, até porque o enfrentamento das atividades não recreativas – ou seja, a luta pela sobrevivência cotidiana - e das atividades lúdicas, guardam uma interface mimética**,** sendo senão complementares, partes de um processo no desdobrar de suas vicissitudes.

Nesse ínterim, o mercado informal vem crescendo como alternativa estrutural para os que não se pretendem deixar abater pela exclusão econômica – serem/estarem *outsiders* ao consumo – e, com certa incorporação do lúdico enquanto capital, a informalidade é significada como uma possibilidade de inclusão. Duas das manifestações mais presentes da informalidade na ordem do dia são o contrabando/pirataria de produtos eletrônicos; cds, dvds, cigarros, bebidas,etc.., e o tráfico de drogas. Os produtos contrabandeados não provocam tanto espanto à sociedade – como também o comércio de armas até alguns anos atrás - basicamente porque existe também um comércio lícito, legalizado, para tais produtos. Esse contato legalmente permitido reduz o estranhamento. Já o tráfico de certas drogas difere basicamente por tratar com produtos que são considerados ilícitos, ou seja, não possuem um *status* legal para circular na sociedade – e só aqui, quando associado ao tráfico de drogas, o comércio ilegal de armas gera mal-estar, como demonstra a reação da interlocutora citada na página anterior. Diante do atual quadro de desemprego, essa dupla via de escoamento informal, tráfico e contrabando, acaba amortecendo o impacto das atividades ilícitas, principalmente quando a racionalidade que prevalece no senso comum é que os indivíduos precisam trabalhar de qualquer jeito para sobreviver.

Sendo esta uma cultura lúdica, é também uma cultura tradicionalmente moral que cada vez mais reflexivamente vê uma pergunta repercutir através dos veículos midiáticos: por que alguém se envolve com o tráfico? Uma primeira resposta – porém parcial - é que, no

rastro de uma herança de corrupção e impunidade, os produtos ilícitos são aqueles que parecem gerar lucros em menor espaço de tempo. Talvez não seja tão simples assim, como constata o repórter Caco Barcelos, autor do livro *Abusado,* uma investigação sobre um dos chefes do crime organizado no morro da Rocinha no Rio, Marcinho VP, que pouco depois do lançamento do livro foi executado na cadeia[49]:

> "Para mim, é muito claro que todo traficante, sem exagero, teve experiência com o mercado formal de trabalho, talvez só o Juliano – nome fictício de VP - não tenha tido. E, sem exagero e sem exceção, todos têm ou tiveram uma mãe empregada doméstica. Então, eles conhecem, muito melhor do que a própria classe média, a realidade da vida do Rio de Janeiro. No caso das próprias empregadas domésticas, conhecem a intimidade das famílias de classe média alta. E é muito claro que essas mães levam informação para os filhos em casa. E que sabem muito bem que os empregadores não falam a verdade quando dizem que não podem pagar um salário legal. Conhecem a intimidade e, se forem curiosas, têm o segredo da correspondência financeira da família. Vêem o excesso. O filho da classe média alta talvez gaste numa noite de balada o que a empregada ganha no mês" (Caros Amigos n° 76, 07/02).

Nessa perspectiva, o tráfico poderia ser visto como um atalho lúdico para o sucesso? Se pensarmos que boa parte do tráfico internacional – aquele que gera cerca de 100 bilhões de dólares por ano para as lavagens de dinheiro do sistema bancário (Maierovitch, 2004) – não gera muito lucro para uma grande quantidade de pequenos traficantes, e sim para um número reduzido de traficantes, que na verdade não são excluídos, a resposta é sim. Já pensando nos traficantes locais, emblematizados através da mídia, cercados pela violência, raramente chegando a envelhecer para gastar o dinheiro que ganham, a resposta talvez seja, não! – a não ser que sucesso se restrinja aos 15 minutos de fama preconizados por Andy Warhol. A racionalidade em questão é que: sendo "naturalizado" que o tráfico é um crime hediondo[50] e que o traficante é o veículo do mal reencantado (Zaluar:1994), essa personagem tem assim construída em torno de sua imagem, uma configuração propícia para demandar um *status* pertinente – sendo que este *status* é o estigma ressignificado - cercando seu tráfico com uma aura de maldade e violência, aura esta que lhe confere identidade. No

[49] - as repercussões do lançamento de um livro que desnuda as relações de poder entre traficantes, quebraram um código de ética ritualizado entre os traficantes e sua comunidade, que não apenas levou ao assassinato de VP, mas ao "exílio voluntário" de Barcelos na Europa, pelo menos nos últimos três anos.

[50] - assim como seqüestro, terrorismo e estupro, o tráfico é constitucionalmente um crime inafiançável, não carecendo sequer de mandado de busca para apreensão, o que aos olhos da maioria dos cidadãos o caracteriza como "naturalmente" hediondo.

filme *Cidade de Deus* (Meirelles: 2002), o traficante Zé Pequeno tem seus 15 minutos de fama quando vê a foto de sua *gang* com armas nas mãos estampada num jornal, independentemente dos riscos que essa exposição possa acarretar.

Essa representação do traficante, longe de ser mera ficção, extrapola as telas de cinema. Numa matéria publicada na Folha de São Paulo em 13/10/04, é reproduzida uma reportagem publicada no jornal britânico *The Independent,* sobre a repercussão do assassinato do ex-traficante Escadinha, intitulada: *A cidade da cocaína e da carnificina.* O jornal paulista reflete uma grande preocupação com as conseqüências ao capital cultural brasileiro, que possam advir da reflexividade de tal matéria no exterior:

> "Escaldadas ao sol da tarde de sexta-feira, cerca de 300 pessoas levam o carnaval a um cemitério de subúrbio, na zona oeste do Rio. O grupo está cantando um samba. Seu rei - um dos mais notórios traficantes de drogas da cidade - foi morto, o corpo dilacerado por 12 tiros. Reunida em torno da sepultura, a massa canta com vontade, gritando: 'Ei, ei, ei, Escadinha é o nosso rei' [...] *um herói popular do crime organizado brasileiro no século 20* estava estendido no meio da movimentada avenida, cercado por uma poça de sangue[...] Sentenciado a 51 anos de prisão por tráfico de drogas, Escadinha, pai de cinco filhos, se tornou cristão evangélico e chegou até a desfrutar de uma breve carreira no rap. Em 1999, gravou uma faixa chamada 'O Crime Nunca Mais', com o *rapper* MV Bill, [...] Como chefão da favela, Escadinha tomava conta dos moradores locais". No Jardim Catarina, subúrbio de São Gonçalo onde Escadinha costumava operar, os sentimentos são semelhantes. "Não consigo ficar zangado com os traficantes, porque são gente do povo, e não posso ficar zangado com o meu povo", diz um morador... "a fase dos traficantes atenciosos, que respeitavam a comunidade, está cada vez mais distante, e eles são cada vez mais truculentos" completa um outro... Na entrada da favela, toca "Meu Bom Juiz", o samba escrito por Bezerra da Silva como tributo ao amigo Escadinha. "homem útil para nós/Vai tornar a população mais forte", elogia um dos versos. (grifo meu).

Sem dúvidas que "um herói popular do crime organizado brasileiro no século 20" é uma ressignificação do estigma – aqui está um herege que foi consagrado! - que midiaticamente ganha reflexiva representação. Outra matéria publicada no mesmo recorte temporal por um colunista do jornal virtual *ibest on line*, intitulada "*Éramos felizes e não sabíamos"*, faz uma referência ludicamente nostálgica ao tempo em que Escadinha era o Rei do Rio, credenciando-lhe o mesmo status que o de um grande ídolo do futebol.

> "O mito do bom bandido vai muito além do assistencialismo social que o crime organizado prestava no lugar do Estado nas comunidades carentes que cercam as bocas de fumo. Assim como Zico, Escadinha personifica uma época em que os valores éticos e morais ainda se

> mantinham minimamente preservados... Muito mais que qualquer centro avante que tenha passado pelo Flamengo nesse século, viverá para sempre na memória do carioca...Não à toa, Escadinha morreu aos 49 anos numa época em que seus sucessores no tráfico de drogas tombam antes dos 30".

Como está posto nessas difusões midiáticas pelo sistema perito chamado imprensa, – imprensa tão representativa do desencaixe e da reflexividade de que fala Giddens - sem muitos outros elementos que sirvam como configuradores de uma construção identitária socialmente reconhecível e respeitável, o tráfico permite ao traficante um reconhecimento, um valor, uma distinção, que inverte o sentido do processo civilizador – processo caracterizado pela não utilização da violência como o cimento social que configura relações de longa duração. Na impossibilidade de ser reconhecido e respeitado através de recursos civilizados – ou pacíficos – o traficante oriundo das periferias dos centros urbanos, busca pertencimento e status pela identificação com a violência que o comércio de drogas ilícitas propicia. Esta violência ritualística está refletida na mesma matéria do *The Independent*:

> "Dudu (traficante), que tentou invadir a Rocinha alguns meses atrás, supostamente teria servido rivais como refeição ao seu jacaré de estimação. Outros comandantes do tráfico de drogas tratam inimigos com brutalidade semelhante, forçando-os a nadar por esgotos a céu aberto ou queimando-os nos chamados microondas, crematórios improvisados criados com pneus de carros. Em 2002, um jornalista que estava trabalhando infiltrado foi retalhado com uma espada samurai por um traficante conhecido como Elias Maluco".

Este último exemplo deixa claro o alcance da reflexividade e da flexibilização de papéis, pois quando os veículos de difusão midiática (re)produzem valores contrários aos interesses dos seus objetos focais, a própria mídia é a primeira a absorver as conseqüências reflexivas desses objetos.

A partir dos anos 90, quando o comércio de armas passa a ser representado socialmente como capital cultural legítimo do tráfico, há uma ressignificação gradativa da representação do traficante provedor comunitário, aquele que toma de quem tem e dá para quem não tem – tipo Robin Hood/Charles Anjo 45 - para a representação do traficante desestruturador comunitário – o já citado Zé Pequeno é mais que uma personagem, é um tipo ideal - passando do mito de Escadinha para o mito de Gangan. O traficante Gangan, morto alguns

dias depois da morte de Escadinha, é enquadrado numa representação social que o afasta dos vínculos tradicionais de solidariedade comunitária representado pelo mito Escadinha:

> "A população em geral de favelas conhecia o traficante, via o traficante crescer, então tinha meios de conversa e negociação. Hoje, o que nós temos são pessoas de fora da favela chegando em massa e ocupando militarmente, belicamente aquela favela, expulsando ou matando. Entram na favela não por amor aos favelados que moram ali, mas porque querem os pontos de venda", diz o pesquisador Gláucio Soares, do IUPERJ (Jornal da Globo, 13/10/04).

Assim o que alguns traficantes podem desfrutar além de dinheiro rápido, é a representação social de serem grandes criminosos, respeitáveis[51], exatamente pelo estigma/*status* de serem *outsiders* violentamente estabelecidos, midiatizados como agentes desestruturadores da ordem nas grandes metrópoles.

Essa representação do traficante carregada de crescente carga de violência vem aos poucos sendo tatuada na pele dos usuários por via do discurso que vem acompanhando algumas campanhas publicitárias de prevenção – ou melhor, de combate - veiculadas desde o fim do ano de 2002. Nesse sentido, não é de se estranhar que uma interlocutora tenha se sentido culpada por fumar maconha, após assistir tais propagandas.

Indo além da perspectiva econômica, a ilicitude traz reflexividades outras às identidades configuradas, que talvez sejam mais fortes que o lucro financeiro do tráfico[52] ou o efeito químico do uso, embora as representações veiculadas pela mídia focalizem basicamente estes pontos. Quando o estigma de ser traficante ou usuário adere à pele de um cidadão, sua identidade torna-se passível de ser reconfigurada, de forma que outras de suas características psicossociais constitutivas, tendam a tornar-se secundárias. Além disso, o fato de outras modalidades de trabalho formal ou informal não propiciarem dinheiro tão rapidamente quanto o tráfico aumenta o estigma associado a essa atividade, pois quem não ganha dinheiro tão rápido quanto, tende a se sentir lesado.

---

[51] – um interlocutor relatou que esteve preso por envolvimento com o tráfico, antes de iniciar sua carreira como docente. Na cadeia ele percebeu que, ter sido preso por traficar, lhe propiciou um *status* considerável entre os presos.

[52]- "as diferenças propriamente econômicas são duplicadas pelas distinções simbólicas na maneira de usufruir estes bens, ou melhor, através do consumo, e mais, através do consumo simbólico - ou ostentatório - que transmuta os bens em signos, as diferenças de fatos em distinções significantes" (Bourdieu:1992,16).

Então, recapitulando e voltando à pergunta levantada por alguns veículos midiáticos; *por que alguém se envolve com o tráfico?* Podemos dar uma segunda resposta – que também é parcial, talvez mais parcial ainda que a primeira, pois não depende exatamente do ponto de vista do traficante. Trazendo Howard Becker à discussão, com suas observações sobre desvio social, não é difícil entender porque numa situação em grande parte adversa, como a vivida por boa parte da população que não tem acesso ao consumo, a *motivação de atos desviantes* ganha vigência. Num jogo de poder onde as cartas parecem estar marcadas, alguns são tentados a estabelecer, ludicamente, regras paralelas que lhes favoreçam, ou que no mínimo não favoreçam a quem geralmente leva vantagem – e aqui seria de um reducionismo descabido creditar esse desvio especificamente aos que estão excluídos do consumo material. Porém, na medida em que a exclusão aumenta a impossibilidade de construir uma identidade socialmente consumível, a exclusão acaba sendo uma facilitadora para a consumação do desvio.

Contudo, é importante salientar que um ato desviante não é um ato individual, ele é construído socialmente – conscientemente ou não ele faz parte de um repertório de *habitus* - de forma que buscar pertencimento através do desvio torna-se parte de uma construção social de identidades:

> "... os grupos sociais criam o desvio ao estabelecer as regras cuja infração constitui desvio e ao aplicá-las a pessoas particulares, marcando-as como *outsiders*. Sob tal ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa faz, mas sim a conseqüência da aplicação por outrem de regras e sanções ao transgressor", (Becker: 1997, 8/9).

O que nos interessa prioritariamente, é que, na teia de relações sociais contemporaneamente configuradas, o estigma do tráfico enquanto desvio não se restringe aos traficantes, pois os usuários de drogas são cada vez mais estigmatizados como co-responsáveis pela violência desse tráfico. Nessa posição vulnerável, o usuário acaba sendo vítima de dupla violência; a produzida diretamente em função do tráfico - por parte de alguns traficantes e da polícia – e a violência simbólica produzida pelo resto da sociedade, representada por setores como família, escola e instituições religiosas, devidamente interpenetradas em torno do dispositivo da droga.

Becker, em sua obra crucial – *Outsiders* - analisa a maneira como usuários de maconha a partir das experiências em grupo, constroem suas identitárias carreiras de maconheiros. O

autor dá atenção à quantidade e à qualidade das informações sobre o uso de maconha que circulam nesses grupos, buscando saber como tais informações influenciam e determinam as representações dos usuários. Para se tornar um usuário de maconha é necessário fazer parte da subcultura da droga, assim adquirindo a prática dos procedimentos adequados de uso: identificando dentre seus efeitos aqueles que são esperados, bem como aprendendo a percebê-los como prazerosos. Dessa forma torna-se viável reconstruir os próprios valores sobre a "substância psicoativa", distanciando-se daqueles valores reproduzidos no senso comum, que tendem a categorizar a subcultura da droga como indistintamente negativa. Becker projeta a mesma racionalidade em relação ao consumo de outras drogas.

Nesse sentido, o consumo de drogas, muito mais do que regulado pela repressão policial ou pela violência do tráfico, é fundamentalmente determinado pela forma como as informações são ressignificadas pelos usuários na subcultura da droga. Tal aprendizado depende não só das informações sobre a droga, dos procedimentos práticos de uso e sua disponibilidade de acesso, mas também da relação dos usuários com os não usuários, com outras subculturas. Interfaceando Norbert Elias à Becker, é possível concatenar que as informações dos usuários seriam os *habitus* sociais, a partir dos quais as configurações – teias de relações – são processadas. As informações e interpenetrações inter e intra-subculturais, configuram o usuário.

Este último item é de capital importância, pois, refletindo eliasianamente, as interdependências e interpenetrações nas configurações cotidianas dispõem indivíduo e sociedade – afinal vivemos numa "sociedade de indivíduos", como Elias bem intitula sua derradeira obra - que mesmo podendo soar antagônicos em interesses, são na verdade, faces da mesma moeda. Segundo o autor, as "reduções processuais" induzem a uma leitura estática dos fenômenos sociais, gerando dificuldade para perceber que o valor da moeda individuo/sociedade está em sua circulação, e não em sua retenção num museu conceitual. Esta retenção em relação ao tema aqui proposto soaria como se não apenas indivíduo e sociedade, mas usuários e não usuários não estivessem em dinâmica relação processual, como se não se retroalimentassem mutuamente. Dessa forma, o usuário estaria sempre reduzido à condição única e constante de usuário – dito assim, na primeira pessoa do singular - que só se reconhece nesses termos. De modo contrário a esta redução processual, os *habitus* sociais não diretamente relacionados ao uso – ou seja, os *habitus* comuns aos

não usuários - também fazem parte do repertório dos usuários, pois no processo figuracional, um usuário inevitavelmente tem outras relações e papéis além dos que mantém com usuários, embora o estigma faça com que essa percepção não seja tão óbvia.

Alterações na balança de poder

Se até meados do século XVIII as representações sociais utilizavam majoritariamente o pronome *Nós* para delimitar vínculos relacionais, nos últimos dois séculos e meio tem havido mudanças em favor do pronome *Eu*. Porém, de acordo com a categoria polarizada Nós-Eu de Elias (1994b), há uma impossibilidade figuracional em separar o nós do eu, o indivíduo da sociedade, já que o Eu nunca é um Eu sozinho, é sempre um Eu em meio a outros Eus, que configuram alguns Nós, diante de alguns Eles. Assim podemos pensar que o usuário com seus pares usuários, configura um *Nós*, assim como com outros não usuários, ele configurará outros *Nós* - o *Nós* familiar, o *Nós* colegas de trabalho, etc, o que de certa forma equivale as várias subculturas com seus ritos e sanções próprios. Tais possibilidades relacionais em algum momento poderão configurar um conflito que porá o usuário em xeque, na medida em que ele se propuser a fazer parte de certo grupo onde seu *Eu* usuário destoe do *Nós* grupal, se este for um grupo não usuário. Nesse grupo, seu *Eu* usuário tenderá a ser visto como o *outsider*[53] que será rechaçado pelo *Nós* não usuários, enquanto este último *Nós* será visto como estabelecido, grupo dominante na configuração.

Isso posto, vemos como a centralidade imputada pelo marxismo à díade burguesia/proletariado enquanto relação de poder é deslocada por Elias para a díade estabelecidos *e outsiders*, pois o cerne da questão é a dominação. A dominação é um exercício de poder, uma relação que perpassa não apenas classe, mas também etnia e gênero, estabelecendo configurações que flexibilizam tais categorias quanto ao lugar de poder emitido, ou seja, tanto na classe, no gênero como na etnia, há quem domine e quem seja dominado, e alterações na balança de poder podem inverter a ordem de

[53] - se tal reflexão causa estranhamento, não devemos desconsiderar que o livro de Becker, *Outsiders*, e o de Goffman, *Estigma,* tenham sido lançados em 1963, enquanto o livro de Elias e Scotson, *Os estabelecidos e os outsiders*, foi publicado em 1965. Os três livros enfocam estudos sobre comportamentos tidos como desviantes ou não estabelecidos enquanto conduta padrão diante dos códigos de civilidade, num modelo de abordagem socioantropológica que na época era bastante inovador. Com exceção da Escola de Chicago – da qual Becker é membro da 2° geração - até então a sociologia tratava do comportamento estabelecido enquanto civilizado, ao passo que a antropologia estudava o desvio, mas o desvio de culturas não urbanas, ou mesmo não civilizadas. Além disso, a obra de Elias, principalmente *O Processo civilizador*, ganhou visibilidade no fim dessa mesma década, a partir de 1968, quando o pós-estruturalismo começava a tornar-se uma realidade.

posicionamento, que nem sequer é estática, é processual. Nas configurações sociais, de forma geral "O grau de integração depende da assimilação dos *outsiders* e da capacidade dos grupos estabelecidos de assimilá-los" (Elias & Scotson:2001,141), o que indica que um lado da moeda depende do outro para ter valor. Deve-se assim relevar os aspectos configuracionais relacionando as distinções no grau e no posicionamento da organização dos indivíduos, às alterações na balança de poder. A dinâmica do processo fica por conta de que indivíduos ou grupos ocupando posições *outsiders* em relação a determinados grupos estabelecidos, ressignifiquem suas práticas e seus lugares quanto à dominação.

Neste projeto presente, o estigma que identifica as práticas de tais *outsiders* é o consumo de drogas. É possível que um usuário de drogas esteja de sobremaneira restrito a subcultura das drogas, entretanto, muitas vezes, um usuário de drogas ocupa posições sociais estabelecidas – por ex: sendo um profissional bem sucedido, integrado, como os professores aqui em questão. Assim, esse indivíduo no processo de configuração, é *outsider* e é estabelecido. Essa dupla relacionalidade identitária tem características muito próprias, pois ao flexibilizar a posição de poder, flexibiliza-se o grau de dominação a que esse indivíduo está exposto - podendo seu *Eu* fazer parte de um *Nós* dominante aqui, e de um *Nós* dominado ali. Dessa forma, o estigma para com o usuário muitas vezes pode não ser contra o indivíduo, mas contra a unidade estrutural que ele representa – o grupo ou comunidade *Nós* de usuários, que vistos de forma estática, são incompatíveis com a comunidade *Nós* de profissionais bem sucedidos.

Interfaceando a perspectiva de Elias com a de Goffman, a otimização do estigma dá-se quando o grupo estigmatizador resiste fortemente as possibilidades de que o grupo estigmatizado alcance posições de poder[54]. No caso de usuários que tenham a subcultura das drogas como ponto central de suas relações, com isso não otimizando outras relacionalidades, o uso de drogas é o estigma que os denuncia como "inferiores", estigma este que tenderá a ser universalmente reificado nas relações com não usuários, mesmo que esses não usuários sejam *outsiders*:

> "Seis 'hippies sem-teto' foram desalojados de um hotel abandonado, não por policiais da Tropa de Choque ou seguranças particulares contratados, mas por militantes... sem-teto. Cerca de 20 membros do Movimento de

[54] - No governo do presidente norte-americano Ronald Reagan passou a ser norma que funcionários públicos realizassem exames de urina regularmente visando detectar uso de drogas, com fins de barrar-lhes o acesso à carreira profissional.

> Trabalhadores Sem-Teto da Região Central invadiram, às 22h30 de anteontem, o hotel já ocupado, na rua 13 de Maio, no Bexiga (região central). Com 17 quartos, o hotel estava abandonado há cerca de oito meses. Seis moradores de rua, quatro homens e duas mulheres, que viviam no hotel abandonado há cerca de dois meses, foram expulsos pelos militantes. 'Nós os colocamos para fora porque eram um monte de hippies usuários de drogas, e o movimento não pode conviver com o consumo de droga', disse o coordenador-geral do movimento Amilton de Souza." (Folha de São Paulo, 26/10/04).

Por este exemplo, vê-sê como os *outsiders* usuários são postos numa posição de inferioridade diante de *outsiders* não usuários, pelo poder de dominação estabelecido na relação com estes não usuários. Nessa perspectiva, um dos aspectos sociologicamente comprometedores é que quaisquer dificuldades sociais dos *outsiders* usuários são vistas como problemas dos usuários, e não como problemas de relacionamento. A lógica subliminar aqui é que o estabelecido faz parte da configuração estruturante, enquanto o *outsider* é um indivíduo fora dela, deslocado, desestruturado.

> "Assim como, costumeiramente, os grupos estabelecidos vêem seu poder superior como um sinal de valor humano mais elevado, os grupos *outsiders*, quando o diferencial de poder é grande e a submissão inelutável, vivenciam afetivamente sua inferioridade *de poder* como um sinal de inferioridade *humana*" (Elias & Scotson:2000, 28),

e por conseqüência, o usuário de drogas é concebido como um indivíduo desestruturado, desintegrado. Este estigma só pode vir a ser quebrado na medida em que o *outsider* ocupe uma posição social de poder privilegiada, ou seja, uma posição estabelecida, pois as desigualdades no equilíbrio das relações de poder só diminuem, quando os *outsiders* em configurações outras do *Eu* - em posições que não as de usuários - são necessários aos estabelecidos, ou, mais precisamente, ao equilíbrio na balança de poder.

O estigma é uma arma usada pelos estabelecidos na luta não apenas para manter os *outsiders* sob dominação, mas também para não serem eles, os estabelecidos, ressignificados como *outsiders*, enquanto estes por sua vez, estão lutando para tornarem-se estabelecidos, ou no mínimo não serem perenemente estigmatizados como *outsiders*. Dito isto, que fique claro que as representações de usuários e grupos de usuários não são dissociadas de referências a classe, – renda, escolaridade e profissão – na verdade, tais referências estão reticularizadas nas confluentes lutas pelo poder das configurações de dominação entre estabelecidos e *outsiders*. Para podermos analisar melhor esta

problemática, vamos trazer à tona práticas de certas subculturas de usuários de drogas, e objetivando uma noção menos contaminada pelo peso da ilicitude, vamos desassociar estas subculturas da exclusão econômica, ou seja, vamos priorizar grupos que não possam ser estigmatizados como economicamente excluídos. Também levando em conta a reflexão feita por Gilberto Velho de que o conceito de subcultura implica numa linha de continuísmo com uma cultura dominante que a inclui, o que no caso das drogas não contemplaria o conflito que é nosso objetivo abordar, é preferível fazer uma mediação da categoria subcultura para a categoria *comunidade,* utilizada contemporaneamente por Bauman: "as fronteiras da comunidade postulada, como os limites exteriores do corpo, são para separar o domínio da confiança e do cuidado amoroso da selva do risco, da suspeição e da perpétua vigilância" (2001: 210/1). Por fim vale ressaltar que em algumas destas comunidades, é possível encontrar alguns dos professores que são objetos desta pesquisa.

Em busca de raízes

Inicialmente será abordada uma configuração de usuários caracterizada no seio da cultura nacional que vem sendo referenciada enquanto comunidade, não pela imediata estigmatização do seu consumo como desestruturante, mas principalmente pelo estranhamento proporcionado pela perspectiva ideológico-filosófica de seu discurso. Essa comunidade que originariamente se configurou na região amazônica – o que não implica numa cultura indígena, e sim numa cultura regional com influências do catolicismo, do cientificismo europeu originário do esoterismo Rosa Cruz e do kardecismo franco-brasileiro, como também das tradições afro-brasileiras, num perfil com múltiplas interfaces – chega nos anos 80 aos grandes centros urbanos num desdobramento das três vertentes originais: Santo Daime, Barquinha e União do Vegetal, todas consagradoras da Ayahuasca[55]. Nesse reencaixe urbano, tais comunidades de origem passam por reconfigurações que em alguns aspectos as distancia e mesmo as dispõem em posições às vezes antagônicas à tradição já estabelecida[56]. De modo geral essas comunidades urbanas objetivando o reencantamento de certas práticas corporais, centralizam o *habitus* de investir

[55] - a Ayahuasca é uma infusão psicoativa geralmente composta pelo cipó *Banisteriopsis caapi* e pelo arbusto *Pshychotria viridis* originários da região norte, consumida como um chá.

[56] - as oposições entre os adeptos na busca por legitimidade às vezes são naturalizadas nas polarizações: uso indígena X uso moderno, uso sagrado de enteógeno X uso profano e/ou recreativo de drogas, que são polarizações por demais estáticas para apreender o fenômeno em profundidade (Labate: 2004, 258).

sua atenção não em busca de uma liberação hedonista de emoções reprimidas pelo processo civilizador, mas no uso controlado[57] dessas emoções:

> "Entre os membros da seita, o efeito da bebida é tradicionalmente entendido como um transe em que o sujeito expande seus poderes de percepção, tornando-se consciente de fenômenos de um plano espiritual que, por sua sutileza, normalmente escapam aos sentidos. Além disso, como já foi visto, essa prática é rigorosamente prescrita em seus menores detalhes, tornando-se um bom exemplo do uso controlado de um psicoativo." (MacRae:1992, 117.)

Nesse *ethos,* a droga vem sendo ressignificada como enteógeno – expressão contraposta a alucinógeno, por demais conotada do sentido de entorpecimento e alienação, pois na filosofia enteogenista a palavra é forte veículo de poder – para designar a utilização de substâncias psicoativas com finalidades religiosas e/ou cognitivas. "O enteógeno que usamos é a Ayahuasca, uma conexão entre o ser humano e a natureza, como foi durante muitos milênios, antes que a relação das sociedades com as drogas fizesse parte do Mercado", diz um enteogenista.

Em meio aos integrantes de uma das comunidades urbanas da tribo ayahuasqueira encontram-se médicos naturistas, professores universitários e jornalistas acima dos 30 anos que no passado tiveram experiências com outras drogas, mas apenas de forma "recreativa ou escapista, como muitos outros jovens que querem fazer parte de algum grupo". Estes ayahuasqueiros urbanos que não configuram um grupo aberto – implicitamente é perceptível que um pré-requisito para ser incorporado a esse grupo é ter nível universitário ou capital cultural equivalente - acreditam que sua tentativa os leva a não serem consumidores, mas sim, a serem autênticos usuários[58], "aqueles que não compram, mas plantam e colhem seus enteógenos, aqueles que se reintegram com a natureza com sabedoria, não com dinheiro", enquanto que o típico consumidor está preso na teia das relações de consumo. Assim, "não estamos nem compactuando com a violência do tráfico, nem vendendo nossa consciência disfarçada numa compra" [59], diz um médico praticante há

[57] - sobre o uso controlado ler páginas 79 e 110.
[58] - aqui há um resgate do valor de uso, tão em desuso nessa cultura de consumo atual onde domina hegemonicamente o valor de troca.
[59] - embora seja até possível comprar Ayahuasca através da internet, porém esse comércio está voltado prioritariamente para os países do chamado primeiro mundo, (Labate:2004,277).

mais de 5 anos, que particularmente aprecia o uso conjunto da Ayahuasca com a Santa Maria[60].

Como as informações e interdependências tendem a ampliar o alcance da rede reflexiva, outra comunidade ayahuasqueira, os daimistas – especialmente os afiliados à linha do CEFLURIS[61] - já saiu dos limites geográficos do país e ganhou o planeta, atraindo em sua maioria, jovens urbanos com boa instrução em 20 países, abrangendo as Américas, Europa e Japão, sendo o português a língua oficial do culto. No Brasil, há mais de 3000 seguidores do Daime, Daime cujo nome tem origem no verbo Dar e suas implicações: "Daí-me força", "daí-me luz", "daí-me amor", (Labate: 2004, 69).

O grupo ayahuasqueiro que mais cresce no país com cerca de 10.000 seguidores, é a União do Vegetal, inclusive com desdobramentos na Espanha e nos EUA. Este grupo tem um perfil mais seletivo que as comunidades anteriores, conservando valores mais tradicionais. Sua liturgia enquanto ritual estruturante e disciplinador, mantêm certa rigidez de conduta entre seus membros, onde inclusive o uso da Santa Maria é barrado. No entorno da cidade de Salvador há pelo menos cinco grupos que seguem às suas maneiras, essa vertente. Entre eles é possível encontrar várias gerações de uma mesma família participando do ritual - da avó, ao neto - ao lado de artistas e donas de casa.

Essas ramificações da proposta ayahuasqueira, ao invés de dividir, multiplicam as dimensões do seu espaço social enquanto comunidade. Na globalização de um processo originariamente regional, já foi conseguido que a Ayahuasca deixasse de ser uma droga ilícita em alguns países além do Brasil – e em muito contribuiu para isso, o fato de seu uso estar associado a um pertencimento em ritos religiosos ecumênicos, que indica que o processo civilizador favoreceu uma harmonização de conflitos advindos de origens e práticas religiosas distintas, o que caracteriza o grupo como uma comunidade integrada. Mesmo assim, no discurso estabelecido, a perspectiva dominante no senso comum ainda percebe o uso de uma substância psicoativa associada a ritos religiosos como moralmente recriminável, sendo o profano inconciliável com o sagrado, e nesse recorte, os ayahuasqueiros ainda são *outsiders*, mesmo já não estando na ilicitude.

[60] - Santa Maria é a *Cannabis sativa* ressignificada enquanto componente do ritual.
[61] -CEFLURIS: Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra, com sede no Amazonas.

Em busca de antenas

Bem mais difícil de desestigmatizar é uma comunidade configurada em torno do consumo de maconha, por mais *high-tech* que soe sua proposta. É o caso do portal *Growroom*[62] que está na *internet* desde 2002, caracterizando-se como um sítio virtual que abriga um fórum de usuários de *Cannabis sativa* com 5.443 membros cadastrados, majoritariamente brasileiros. O espaço para sociabilidade permite que os usuários debatam o cultivo doméstico[63], métodos de consumo, segurança, leis, e notícias relacionadas à maconha. Ao contrário das comunidades enteogenistas, esta não é conectada pela raiz e sim pela antena, ou seja, não há uma tentativa de resgate de um modelo comunitário do passado ou de uma utopia regressiva, e sim a busca de um protótipo de comunidade do futuro – mas um futuro bem próximo do presente - sedimentada em recursos configuracionais tecnológicos contemporâneos.

Entretanto, a proposta de redução de danos[64] dessa comunidade não difere tanto da proposta enteogenista, quanto a ser politicamente ecológica: "a gente planta nossa própria erva pra controlar melhor a qualidade e estar longe do tráfico, o que implica em ser a favor da legalização". O que difere neste último discurso é que há uma amplitude da dimensionalidade de seu alcance na medida em que talvez de nenhuma outra forma fosse possível manter em contato direto uma quantidade tão grande de usuários quanto através da internet, uma ferramenta a favor dos mecanismos de desencaixe. Levando-se em conta as especificidades desse meio de comunicação, os desdobramentos da virtualização das informações e sua própria sociabilidade, há em construção entre esses usuários, um novo sentido e uma nova configuração de comunidade de usuários de droga.

Se nas redes de usuários analisadas por Becker é visível que grande parte das informações que circulavam provinha de um coletivo de experiências disponibilizadas constantemente, na sociabilidade desencaixada do ciberespaço, além das informações

[62] http://www.growroom.net/board

[63] - cultivo que pode ser realizado dentro de armários, como se fossem estufas, requerendo certo instrumental: ventilador, lâmpadas frias, fertilizantes, num investimento inicial que não fica abaixo de R$ 200 reais.

[64] - em expansão desde os anos 80, as políticas públicas de redução de danos relacionados ao uso de drogas atentam para as interdependências e estratégias de comunicação já empregadas pelos usuários e através delas tentam limitar os efeitos indesejáveis do consumo. Nessa perspectiva, um dos aspectos mais relevantes é a mobilização das próprias redes de sociabilidade dos usuários, a exemplo do que sucede em vários países em relação a drogas lícitas como o álcool e o tabaco.

disponibilizadas por experiências de consumo, é possível acessar uma grande quantidade de publicações cientificas[65] que sendo assimiladas, favorecem como capital cultural, certo status consagrado à comunidade. Esse tipo de interatividade permite que os textos escritos pelos usuários - em sua maioria, universitários que também trabalham, principalmente com informática - possam abrir espaço para a configuração de hipertextos que interpenetrem outros *sites*, nos quais o navegador possa buscar maiores informações que o conectem reflexivamente às idéias que influenciaram a construção do texto primeiro.

Tal processo configurado por interatividade e interpenetração, permite uma teia de possibilidades para que cada tópico posto *on line* seja interpretado junto às práticas dos usuários. Por exemplo, em meados de 2004, um usuário da comunidade foi preso em São Paulo, acusado de traficar. O assunto divulgado pela grande mídia gerou um pólo de discussões na comunidade, pois, o usuário, ao quebrar o código de ética estabelecido, – plantio para consumo, não para tráfico – pôs em risco a proposta comunitária, inclusive levando alguns usuários a deixar de plantar, por precaução. A situação culminou com uma atualização reflexiva das regras e sanções do grupo.

No que se refere às configurações de maior extensão global, os usuários brasileiros, que estando acostumados a uma realidade na qual o consumo de maconha é estigmatizado, ao entrarem em contato com usuários que moram em países mais tolerantes[66], reflexivamente ressignificam algumas regras e sanções, da mesma forma como passam a perceber e representar a si mesmos de maneira distinta, reduzindo o estigma propiciado pela ilicitude[67]. O simples uso da internet já imprime uma ressignificação da balança de poder, pois alguns usuários capitalizam a internet como uma ferramenta de dominação[68].

Zygmunt Bauman indica que o indivíduo em relação com a comunidade se encontra mais instrumentalizado para realizar a síntese entre liberdade e segurança (2001). Nesta

[65] - tais publicações científicas são manifestações do conhecimento perito. A manutenção da confiança no conhecimento de especialistas está entre as condições essenciais a fluência das relações em sociedades avançadas.

[66] - há algumas comunidades semelhantes ao *Growroom,* por exemplo: www.samba420.net em português, www.overgrow.com em inglês.

[67] - para evitar a ilicitude, o portal *Growroom* não foi registrado no Brasil e sim na Alemanha, onde tem status legal para operar. O portal também barrou o acesso para menores de 18 anos.

[68] - e assim sendo, a questão aqui posta é: será o usuário da internet o dominador da ferramenta? Se por um lado, através da rede de computadores é possível ter um aparente controle de informações e procedimentos, por outro, a padronização dessa rede comunitária como "A" ferramenta de dominação, pode reduzir o sujeito a objeto dessa ferramenta, e a segurança do meio torna-se assim, o algoz do segurado.

perspectiva, formar comunidades é um mecanismo de defesa, de redução de danos sociais, pois, se tratando de usuários de drogas, as comunidades podem propiciar a segurança que falta para consolidar a liberdade dos usuários. Como no passado, a comunidade pode significar segurança, só que não no sentido das sociedades tradicionais, onde segundo Durkheim (1977), a coletividade protegia a sociedade *das* individualidades, mas segurança no sentido da coletividade prover proteção *para* as individualidades. Uma comunidade extraterritorial como o portal *Growroom* configura segurança fluida, pois seu poder de aglutinação está exatamente na desencaixada descentralização do poder.

Transcendendo as portas do *shoppping center*... em busca do êxtase!
Compre um, leve dois e pague três!

Há uma comunidade de usuários que não se vê como uma comunidade principalmente em função do desencaixe, e que ao contrario da comunidade *Growroom*, sequer propõe um reencaixe virtual. Falo aqui dos usuários involuntários - mais precisamente clientes estabelecidos[69] - usuários que não se percebem como tais.

Só para configurar a questão, a OMS sinalizou em 2001, que em 20 anos, a depressão que naquele ano atingia 6% da população planetária, será a maior causa de incapacitação social, perdendo terreno apenas para as doenças cardíacas (Folha on line: 06/09/2001). A pergunta que fica no ar após tal projeção é: como será viável tratar uma depressão coletiva, na medida em que nem sequer os supostos deprimidos fazem parte de um grupo social definido e reconhecido como tal? Aqui o universo referido não se limita a três ou quatro indivíduos, mas a milhões de subjetividades, algumas que nem sequer sabem dos sintomas da depressão ou mesmo que os possuem. Nesse sentido, fato incontestável é que: o Prozac, antidepressivo mais vendido no mundo, foi o sexto remédio com maior saída de mercado, faturando US$ 1,2 bilhão no ano 2000 às custas de 11 milhões de usuários (folhaonline, 24/01/02). O Prozac é fabricado pelo laboratório *Eli Lilly* apenas desde 1987, o que torna seus números mais significativos - sem falar dos outros laboratórios com seus similares.

[69] - cliente no sentido de consultar um *sistema perito* como diria Giddens: "sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje" (1991: 35). Nesse caso, o sistema perito é representado por um médico que assegure que o consumo é muito mais uma necessidade que um desejo. Essa institucionalização do consumo permite ao cliente um *status* diferenciado do que teria um mero consumidor ou usuário, pois aqui ele é licitamente estabelecido e não um *outsider*.

Mas se a depressão é representada midiaticamente como a enfermidade da contemporaneidade, (Whitfield: 2005, 127) não é difícil constatar que, em casos onde o uso de drogas não corresponde a uma busca de alternância de estado de consciência e sim a indicações médicas, muitas ambivalências possam se delinear em função do cruzamento de poderes e saberes, que nem sempre têm um interesse comum. Isso porque o médico ao iniciar um tratamento pode não visar prioritariamente o bem-estar do cliente e sim a erradicação dos sintomas, às vezes ignorando alguns efeitos colaterais das medicações, ao tempo em que o cliente pode desejar exatamente os efeitos colaterais que o médico tenta evitar, ou mesmo não perceba que esses estão diretamente relacionados com o tratamento.

Na configuração médico/cliente, nem sempre o médico compartilha plenamente seu saber com o cliente, em função de resultados que apresentem efeitos secundários que o paciente possa querer evitar - é o caso do Prozac que em 30% dos usuários pode levar a redução do desejo sexual. No equilíbrio da balança de poder das relações, a questão é: o que é prioridade para o médico e/ou para o cliente, e nesta relação, qual prioridade deve ser priorizada? - uma das interlocutoras, Panacéia, usuária de ansiolítico e antidepressivo, (inclusive já tendo usado similares do Prozac como Fluxene e Diaforin, ou genericamente, cloridrato de fluoxenita) vem buscando a combinação farmacológica certa que permita combater a ansiedade e a depressão, sem lhe causar sonolência, inclusive já tendo trocado de médico com esse objetivo. Em casos como este, não se deve ignorar que há a possibilidade do médico não dominar todo o saber sobre as drogas que receita, e aqui entra em questão a rede de comunicação/informação entre médico e laboratório/ pesquisadores[70].

Quando se trata de drogas lícitas, o conhecimento por parte do usuário pode não se basear numa rede de informações configurada com outros usuários, mas sim na sua confiança no sistema perito, representado pela figura do médico. Isso o deixa à vontade para consumir sem maiores preocupações. Levando em conta que boa parte dos novos consumidores de medicamentos antidepressivos, são crianças com "problemas de humor e de comportamento" (Kluger, 26/10/03), são os pais ou responsáveis que num primeiro momento estarão livres destas preocupações.

[70] - uma pesquisa de doutorado na Unesp, aponta que 27% dos médicos atualizam seus conhecimentos sobre os medicamentos que utilizam com os vendedores dos laboratórios (Jornal Nacional,14/05/04).

E se a reflexão sobre o consumo de drogas e representação identitária do usuário na cultura atual não deve se restringir às drogas ilícitas, recomenda-se levar em conta que o consumo de drogas lícitas, nem sempre tem o aval de um médico. Sem entrar na discussão sobre os riscos da automedicação, é emblemático – ou sintomático - o fato de que no Brasil, onde muitos estão abaixo da linha de pobreza, em 2002 havia 54 mil farmácias, enquanto por outro lado havia 50 mil padarias (Morais:2003,44). Sendo que uma farmácia para cada 3 mil habitantes é mais que o dobro recomendado pela OMS, na realidade social local, as drogas lícitas parecem ser tão configuradoras da cultura vigente, quanto a comida.

Entretanto, que não pareça que consumo de remédios sem receita médica[71] seja um problema relacionado à pobreza – remédio custa tanto ou mais que comida - pois, na verdade, a cultura de consumo consegue ser mais complexa do que a falta de receita médica sugere: desde 2002, o "cibertráfico" – que não tem conexão com da proposta do *Growroom* – realizado por farmácias virtuais com ofertas de medicamentos supostamente controlados, vem seduzindo consumidores. O trunfo desse comércio é que muitas dessas farmácias não exigem que o consumidor apresente prescrição médica. Sua rede de divulgação se constrói a partir de e-mails, geralmente em língua inglesa. Os consumidores básicos deste tipo de comércio são ex-clientes de serviços médicos que continuam a usar os medicamentos mesmo após o fim do tratamento, ou simplesmente usuários de drogas que querem recebê-las em casa, por preços geralmente menores. (Coelho: 03/03/04). Essa rede de tráfico giddensianamente desencaixada – já que não há contato físico - se encaixa no que Stuart Hall chama de pós-moderno global: "o consumismo global cria possibilidades de 'identidades partilhadas' – como 'consumidores' para os mesmos bens, 'clientes' para os mesmos serviços, 'públicos' para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo".

Seguindo a perspectiva da globalização, além do comércio de drogas lícitas, há o cibertráfico de drogas ilícitas. A edição do jornal Estado de São Paulo publicada em 01/07/02 traz uma reportagem investigativa sobre essa modalidade de tráfico: *"Farmácias*

[71] - de qualquer forma é bom não desconsiderar que boa parte do consumo de drogas lícitas, medicamentosas, ainda é feito com receita médica. Panacéia que já dividiu receitas com um namorado, mostrou com prazer seu armário de remédios que pareceu uma vitrine de farmácia. O fato de serem drogas lícitas, a deixava mais tranqüila para consumir, principalmente por não ter do que se sentir constrangida diante da filha.

Virtuais são Nova Frente do Tráfico", onde é afirmado que entre os principais "centros atacadistas" de venda de drogas pela internet há *sites* da República Checa, Holanda e Tailândia. (Pereira & Magalhães: 01/07/02). Nesse recorte, os usuários são configurados em rede ao redor da droga, não caracterizando necessariamente uma comunidade**,** o que significa, em outras palavras, que em certas configurações nem sequer é fundamental que os usuários tenham conhecimento uns dos outros. A interpenetração de objetivos de consumo configura uma rede de consumidores, cujas informações que circulam entre eles são informações indiretas, verticalizadas, ligadas à conspicuidade do consumo e não necessariamente à socialização e a identidade do grupo enquanto tal. Neste sentido esses usuários são clientes estabelecidos.

Consumir e ser consumido, eis a questão!

Chegando aqui já podemos retornar ao começo do texto, quando focamos a relação entre a ilicitude das drogas e a configuração identitária do usuário. De forma geral, a observação dos grupos de usuários indica que as representações identitárias passam por rituais e sanções próprios, mas que não são construídas independentemente de uma ampla configuração. Já percebemos que o ilícito guarda proximidade com o estigma do desvio, sendo que alguns afirmam suas identidades desviando pela rota da ilicitude. Contudo, construir identidade não quer dizer partir de uma condição onde não haja identidade, e sim ter liberdade para ressignificar a identidade (su)posta, de acordo com demandas específicas – mas sempre interdependentes e interpenetradas a outras demandas, outras identidades - pois a liberdade para optar entre uma configuração de identidade e outra, é processualmente construída.

Segundo Bauman: "a liberdade existe apenas como relação social; que, em vez de ser propriedade, fruição do indivíduo em si, é uma qualidade que faz parte de uma certa diferença entre os indivíduos; que só tem sentido como oposição a algum outro condicionalismo, passado ou presente"(1989:18). Se assim for, podemos dizer que a liberdade só tem sentido quando se vivenciou alguma forma prévia de restrição a sua

fruição[72]. Ora, num exercício reflexivo, se pode pensar que construir uma identidade em torno do ilícito - com todo estigma que este carrega - é partir de uma condição previa onde a identidade tenha estado em vínculo de proximidade com o lícito, mas tal proximidade não foi suficiente para garantir a liberdade. Nesse sentido, a liberdade buscada, é liberdade para dimensionar certa identidade como aprisionante, insatisfatória, quando a insatisfação parece ser na atual cultura dominante, o grande mal a ser combatido. Como o discurso do consumo afirma haver livro de auto-ajuda para quase tudo e *personal trainer* para o tudo que sobrar, o importante tem sido oferecer possibilidades de satisfação, como um sinônimo de liberdade. "Esta centralidade da liberdade individual como um elo que mantém unidos o mundo da vida individual, a sociedade e o sistema social, foi atingida com o recente deslocamento da liberdade para fora da área da produção e do poder e para dentro da área do consumo" (*idem*:18/9). Nessa perspectiva, a importância dos peritos é reforçada, pois a segurança que caracterizou o discurso da modernidade não é descartada, apenas reconfigurada diante do discurso da liberdade pós-moderna, cabendo aos peritos, um papel importante nessa nova significação da segurança.

Se o discurso que caracterizava uma cultura de produção era o da fé no futuro, na cultura de consumo o futuro é um risco, restando a liberdade de construir, no presente, a felicidade:

> "a liberdade de escolha é na sociedade pós-moderna, o essencial entre os fatores de estratificação" (*idem,ibidem*,118), "Na sociedade pós-moderna e de consumo, escolher é o destino de todos, mas os limites de escolhas realistas diferem e também diferem os estoques de recursos necessários para fazê-las. É a responsabilidade individual pela escolha que é igualmente distribuída , não os meios individualmente possuídos para agir de acordo com essa responsabilidade". (*idem, ibidem,* 243).

E quando há "responsabilidade individual pela escolha que é igualmente distribuída", a lógica do consumo de drogas ganha transparência, pois, através desse consumo, não só o traficante encontra o caminho mais rápido para o enriquecimento, como o usuário também racionaliza uma instrumentalização para trazer ao presente alguma liberdade para alcançar certa felicidade:

> "O serviço prestado pelos veículos intoxicantes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça é tão altamente apreciado como um

[72] - e falando em restrição a fruição da liberdade, passamos em revista o autocontrole de emoções não só em Freud, mas também em Elias, Giddens, Foucault e Marcuse.

> benefício, que tanto indivíduos quanto povos lhe concederam um lugar permanente na economia de sua libido. Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse 'amortecedor de preocupações' é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade. Sabe-se igualmente que é exatamente essa propriedade dos intoxicantes que determina o seu perigo e sua capacidade de causar danos", (Freud: 1974, 97, a).

Eis o cerne do mal-estar da modernidade, ou seja, o princípio da realidade e o princípio do prazer por força das vicissitudes da modernidade acabam sendo configurados em sentidos opostos, numa rota de colisão, ao passo que o projeto da pós-modernidade vislumbra colocá-los em sintonia com a responsabilidade individual pela escolha.

Em Busca da Excitação

Em decorrência da possibilidade de atingir a liberdade pelo consumo, os grupos *outsiders* que ascendem à condição de consumidores, podem sentir-se tão próximos da liberdade quanto os grupos estabelecidos. Se antes do deslocamento da ênfase na produção para a ênfase no consumo, a perspectiva civilizatória utilizava o controle das emoções individuais para definir as fronteiras do progresso social – o princípio de realidade ofuscando o princípio de prazer – atualmente, o controle dá-se através da liberação das emoções, - o princípio de prazer interfaceando o princípio de realidade, oferecendo o que antes esteve culturalmente proibido, suspenso, e, através dessa oferta, vender um projeto de liberdade. Gradativamente a felicidade vem sendo trocada pelo desejo, mais compatível com o consumo conspícuo, deixando para trás o tempo em que a prisão maior que cercava o *outsider* era a da falta de liberdade para assumir sua identidade. Hoje ele já pode obtê-la, por um preço que pode pagar - obviamente, para alguns, esta obtenção é mais complexa, mas é nessa luta que as identidades são ressignificadas.

Partindo deste princípio, ao invés de eleger a culpa como reguladora do *habitus* social, cada vez mais o *slogan* da hora parece ser: "E*nquanto a vida lhe consome, consuma a vida!"*. "O estímulo de novos desejos toma o lugar da regulamentação normativa, a publicidade toma o lugar da coersão e a sedução torna redundantes ou invisíveis as pressões

da necessidade" (Bauman:1998,185), sem preconceitos se dirigindo tanto para quem pratica esportes radicais, quanto para quem freqüenta cultos neo-pentecostais. O que imputa culpa ao indivíduo não é o fato dele transgredir alguma proibição à sua liberdade, ou desviar-se das normas para obter satisfação, mas, o fato de não gozar desta, pois já nem é preciso necessariamente transgredir ou desviar para gozar satisfação, tudo tem um preço e a oferta é para todos, e mesmo quem não pode pagar, pode ao menos, desejar.

Entretanto não se deve operar uma redução dessa cultura a um hedonismo anômico, a uma ausência de princípios morais que leva a um prazer autodestrutivo. Se por um lado, o consumidor é livre para desejar obter satisfação, por outro, ele tem o "dever" de desejar uma satisfação segura. A liberdade contemporânea demanda segurança e não é por acaso que nos *banners* e *outdoors* encontra-se cerveja com 0% de álcool, café livre de cafeína, doce sem açúcar, sexo sem o outro. Não é por acaso que as comunidades de usuários de drogas constroem suas práticas com mecanismos para redução de danos, como também não é por acaso que a indústria de antidepressivos apropria-se do prognóstico da OMS para garantir que seus clientes não sejam estigmatizados como usuários de drogas, afinal:"A liberdade é na verdade um privilégio, e um privilégio oferecido com moderação e sem entusiasmo por parte de quem a oferece" (Bauman, 1989:56), e quem oferece está sempre de olho em quem pode aceitar pagar a oferta.

Da cultura de produção para a cultura de consumo, passamos do sistema panóptico, onde poucos observavam muitos[73], para o sistema sinóptico, onde muitos reflexivamente observam poucos, principalmente os que estão sob o foco da mídia. Os olhos de *Big Brother,* inclusive e muitas vezes, principalmente, das próprias comunidades *outsiders*, pedem que, por exemplo, os músicos Marcelo D2 e Lobão – já que ambos foram presos e

---

[73] - "o sistema panóptico [...] é destinado a se difundir no corpo social; tem por vocação tornar-se aí uma função generalizada", (Foucault: 1986, 183). O sistema panóptico representou – pois de acordo com Bauman, agora é a vez do sistema sinóptico - o modo moderno de regulamentar o controle, seja na prisão, na escola, no hospital, na igreja como um superego virtual. O conhecimento dessa forma racionalizado se torna um meio de regulação e controle nas práticas – ou instituições, como diria Giddens. A sociedade moderna está onde está o olho do Big Brother enquanto lugar comum – escola, igreja, etc.., refletida nos discursos de professores, sacerdotes, policiais, psicanalistas, enfim, nos cenários onde brilham os sistemas peritos.

estigmatizados como usuários de drogas – continuem sendo o que chamo de "*outsiders* estabelecidos", - heréticos consagrados - que façam apologia da droga em qualquer configuração. Em função desta redução processual, aos olhos dos pares, não é compatível com o *Eu* estabelecidamente *outsider* de D2 cantar samba no Faustão ou levar o filho pra passear na Disney, ou que Lobão diga que rock é caretice e participe de debates com políticos e empresários para discutir direito autoral. Se assim o fizerem, estarão negando suas identidades sinopticamente construídas, quando o que se espera é que o *Eu* usuário se imponha a qualquer *Nós* que se configure, afinal: "Dada à ambivalência da vinculação do indivíduo com a sua categoria estigmatizada, é compreensível que ocorram oscilações no apoio, identificação e participação que tem entre seus iguais" (Goffman:1988,47).

Já a associação da representação pública da comentarista esportiva Soninha e dos atores Luana Piovanni e Marcelo Anthony, com a imagem de usuários de drogas, soa tão contrária às suas representações midiaticamente difundidas enquanto estabelecidos, que, imediatamente após os episódios polêmicos nos quais estiveram envolvidos – no caso das primeiras, ao assumirem publicamente que fumam maconha, e no caso do último, quando foi preso tentando comprá-la - suas imagens foram retiradas de circulação: Soninha foi despedida da Rede Cultura, e Piovanni e Anthony tiveram trabalhos momentaneamente cancelados. Estes atores – que além de atores profissionais, são atores sociais - sendo estabelecidos com o *status* de tipo ideal estabelecido, não "devem" ser estigmatizados como *outsiders*, ou seja, não têm ampla possibilidade de consumir, sem que suas identidades não sejam consumidas ao mesmo tempo. Se Lobão, que sofreu 132 processos criminais, hoje prescritos, e D2, que passou pela Febem, são estabelecidos como *outsiders*, essa é uma forma de inclusão que foi propiciada exatamente pela ilicitude das drogas. A liberdade que a ambos é ofertada, é uma liberdade sinopticamente imputada.

O que com isso fica claro, é que numa cultura de consumo – brasileiramente lúdica e desigual - a reificação da consumação dá-se quando o sujeito tornou-se consumidor desejante, do qual se espera que conspicuamente consuma mais[74]. O usuário de drogas, é dessa situação apenas um exemplo, e quem espera que ele consuma mais, não é necessariamente o traficante, é quem não o vê sem o estigma de consumidor desviante, é

[74] - e aqui não restrinjo a referencia às drogas ilícitas, bastando lembrar a polêmica que se configurou em torno da associação da imagem do presidente Lula com a bebida alcoólica, feita pelo jornal *New York Times* em 2004.

quem o vê como *outsider* ontológico e não histórico. Assim, a representação identitária do consumidor estabelecidamente estigmatizado, acaba durando mais tempo do que o próprio efeito psicoativo da droga...

PERSPECTIVAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Objetivos

De acordo com a percepção reflexiva de Featherstone sobre a cultura de consumo, as pessoas ao consumirem mercadorias criam vínculos e estabelecem distinções sociais. E em relação ao consumo de substâncias psicoativas não é diferente, pois estas são revestidas por camadas de valores. Assim, ao cruzar relações entre usuários que pelos papéis sociais que exercem, principalmente enquanto trabalhadores, não sejam marginalizados/estigmatizados, busca-se ir além de uma representação anacrônica, esvaziada de maior significação, quando pré-conceitua que um usuário de drogas não pode ser socialmente integrado. Este projeto se propõe penetrar num terreno velado e analisar os modos como usuários específicos se relacionam com a "demonização da droga"[75] , ou seja: de forma específica o objetivo é apreender: como o professor usuário interage com as representações sociais dominantes, e se esse usuário em suas práticas, sinaliza outro(s) modo(s) de relação e representação que contemple(m) o consumo de drogas. Em outras palavras, conhecer os significados atribuídos por professores usuários ao consumo de drogas, bem como alguns dos valores psicossocioculturais relacionados a esse consumo.

De forma geral, ainda é possível desdobrar este objetivo para perceber:

- qual o papel da droga enquanto objeto de consumo para este usuário?
- drogas lícitas[76] e ilícitas têm papéis distintos nessas configurações?
- qual o *status*/estigma propiciado pela *relação* usuário/droga? que relações de poder estão subjacentes a este discurso?

e ainda mais genericamente: há novos vínculos relacionais sendo esboçados pelas atuais *tendências* do mercado de drogas?

Esta perspectiva permitiu explorar as seguintes questões:

1. História pessoal do consumo de drogas lícitas e ilícitas, estrutura e estilo de vida;

[75] - pois nem sempre drogas como maconha, ópio e cocaína ostentaram o estigma que ostentam atualmente, como bem demonstra Antonio Escohotado em *Las Drogas: De los orígenes a la prohibición.*

[76] - nesse projeto, drogas lícitas devem ser explicitamente referenciadas, pois é inviável abordar drogas ilícitas sem estabelecer uma interface entre o consumo destas e o consumo de drogas lícitas, enquanto dois lados configurados de uma mesma moeda.

2. Significados atribuídos ao consumo; e sua dimensão psicossocial;
3. Configurações de trabalho: trajetória na instituição, escolha da função que exerce, nível de satisfação com o trabalho, ambiente de trabalho, processo de trabalho[77];
4. Inserção social: participação em redes sociais, níveis de vinculação e de discriminação;
5. Recursos simbólicos e/ou lúdicos: religião/espiritualidade, arte, lazer, esporte e política.

Planejamento teórico-metodológico

Muito além da classificação e hierarquização de critérios quantitativos de freqüência ou intensidade de uso, o consumo de drogas na perspectiva desse projeto deve ser abordado através da configuração dos valores identitários a ele relacionados. Assim, o cunho socioantropológico dessa investigação faz-se necessário, a fim de configurar além da caracterização dos padrões de consumo, informações sobre processos relacionais do sujeito não só com as drogas, mas com outros sujeitos usuários e não usuários, além de suas representações. Essa prerrogativa permite que a abordagem dos efeitos do consumo de drogas seja direcionada muito menos às propriedades farmacológicas do que às motivações, expectativas, estrutura de vida e às configurações do meio sociocultural onde o usuário se encontra inserido.

Estes aspectos acima citados serão trazidos à análise num processo dialógico com as categorias privilegiadas abaixo. Nesse processo, onde além de entrevistas semi-estruturadas foram realizadas cinco observações participantes em atividades coletivas – das quais duas são aqui investigadas – e observação de aulas proferidas por cinco docentes, há análises de algumas representações midiáticas do consumo. Tais categorias serão interfaceadas entre os autores referenciais como também com as percepções reflexivas do pesquisador.

1 – Para trabalhar o conceito de configuração/relação, priorizo as categorias: processo civilizador, configuração, interdependência, interpenetração – ou reticularidade - estabelecidos *e outsiders*, *habitus* social e esferas miméticas (Elias), reflexividade e confiança (Giddens) e comunidade (Bauman).

[77] - sendo que muitos professores são também pesquisadores, vale notar que há uma pesquisa publicada em setembro de 2003 no *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*, sobre o nível de competição e o stress do mal remunerado e pouco reconhecido pesquisador brasileiro. Nesta pesquisa há referências ao consumo de drogas como um mecanismo de compensação.

2 - Para trabalhar com o professor usuário utilizo as categorias: sistemas peritos (Giddens), e seu trânsito via princípio de prazer X princípio de realidade (Freud), estética do consumo X ética do trabalho (Bauman) e *Homo academicus* (Bourdieu).

3 - Para abordar drogas na cultura de consumo, utilizo como referências fundamentais: sociedade de consumo (Baudrillard), cultura de consumo (Featherstone), a liberdade (Bauman), busca de excitação e tempo (Elias), *phármakon* (Derrida), e capital cultural (Bourdieu).

4 - Para analisar metodologicamente a cultura da droga enquanto modelo operacionalizável, tenho como base as etnografias "Nobres e Anjos, um estudo de tóxicos e hierarquia" de Gilberto Velho, e "Rodas de fumo" de Edward MacRae e Júlio Simões, referências estas que priorizam a investigação sobre o usuário não marginalizado.

5 – Para investigar o uso de psicoativos enquanto consumo de drogas, emprego num plano conceitual as categorias: desvio, subcultura (Becker), estigma (Goffman), *set, setting*, (Zinberg) disponibilidade de droga e estrutura de vida, (J.P.Grund).

Recorte e desenho do estudo

Tenho então como interlocutores, docentes usuários de drogas – lícitas e ilícitas - de universidades públicas e faculdades particulares, compondo um universo amostral de 20 professores. O estudo está delineado como um corte etnográfico para a obtenção de dados qualitativos, referentes ao estilo de vida dos interlocutores. Inicialmente para checar a eficácia de um roteiro de entrevistas, foram realizadas duas pré-entrevistas, em agosto de 2003. A partir das impressões iniciais, principalmente da empatia e confiança no trato de uma temática delicada, o roteiro foi reconfigurado de forma a favorecer uma perspectiva dialógica mais fluente entre pesquisador e pesquisado. Assim, em junho de 2004 o trabalho de campo teve prosseguimento. A participação foi efetivada através de convites feitos a alguns docentes que têm maior abertura para tratar publicamente da temática, com vistas à realização de uma entrevista semi-aberta. A partir dessas entrevistas, alguns interlocutores-chave, através do efeito bola de neve, elencaram outros interlocutores que estavam em suas teias de relações[78]para serem entrevistados.

[78] - este recorte não constitui necessariamente um grupo – pois os vínculos entre todos esses usuários não são diretamente estabelecidos nem centrados em torno de objetivos comuns, como supõe a constituição de um

No intuito de, além da palavra dos interlocutores, captar suas ações, foram realizadas observações participantes em duas grandes festas, onde parte dos interlocutores estava presente, em meio a tantos outros professores que não fazem parte da pesquisa. Tais configurações processuais propiciaram uma possibilidade de observação onde a minha presença foi pouco intrusiva - levando em conta que nessas festividades a minha presença teve seu estranhamento reduzido, não chegando a ser considerada como a presença de um *outsider* em meio a um grupo estabelecido - o que possibilitou uma chance de observar comportamentos menos racionalizados que os registrados nas entrevistas. O mesmo pode ser dito em relação às aulas que assisti sem que os docentes soubessem do meu intento.

Já que não sou adepto do "monoteísmo metodológico" (Bourdieu:2000,25) [79], como recurso macroestrutural que extrapola o trabalho de campo, lanço mão da análise de representações midiáticas sobre o consumo de drogas, principalmente jornal impresso, mas também através da televisão e da internet. Isto em função de que tais representações municiam valores não só para o senso comum, mas também para as próprias Ciências Sociais. Finalmente, acredito que a construção metodológica desse projeto consiste muito mais numa edificação teórica plasticamente dialógica – como exemplificado na nota de rodapé 53, pg. 49 – do que numa sucessão de procedimentos técnicos que tendem a hierarquizar categorias.

O Campo e suas vicissitudes

Sendo o objetivo desta pesquisa averiguar representações e práticas construídas por professores universitários usuários de drogas, a primeira observação regular que mereceu registro foi que a mera enunciação da problemática – relacionando professores ao uso de drogas – a professores que não estavam necessariamente elencados como interlocutores, mas apenas sendo comunicados sobre a pesquisa, foi recebida com um impacto notoriamente diferenciado, com relação à recepção de outros projetos. Houve uma reação inicial de estranhamento, e/ou talvez surpresa, tipo: "você tá mexendo com isso?",

grupo. Formam na verdade, uma rede de relações que em alguns momentos permite o contato entre alguns elos da configuração, elos que formam subgrupos dentro da rede, configurando um grupo *apenas* para o pesquisador.

[79] -"é preciso desconfiar das recusas sectárias que se escondem por trás das profissões de fé demasiado exclusivas, e tentar, em cada caso, mobilizar todas as técnicas que, dada a definição do objeto, possam parecer pertinentes e que, dadas as condições práticas de recolha dos dados, são praticamente utilizáveis",(Bourdieu: 2000,26).

independentemente do professor comunicado ser usuário assumido ou não, ou mesmo não ser usuário. Aliás, antes mesmo de pensar a relação entre professores e drogas propriamente dita, a relação entre espaço acadêmico e drogas já soou como uma "invasão" de um território carregado de valores até então pouco questionados.

Lembro de que em certa aula do corrente mestrado, uma professora remeteu a uma situação institucional, onde se sentiu constrangida quando uma docente de outra unidade referiu-se à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas como um espaço muito liberal – numa alusão a um *"point"* no jardim da faculdade, onde frequentemente alguns alunos se reúnem para fumar maconha. O constrangimento manifesto pela professora não deixa de ser a representação do constrangimento do campo *academicus* estabelecido de FFCH[80], que teve seu status maculado pelo comportamento *outsider* de alguns alunos, macula ampliada pela reflexividade do comentário jocoso da colega de outra unidade.

Voltando à recepção dos professores à enunciação do projeto, alguns geralmente receptivos foram reticentes, enquanto outros mais reservados mostraram-se constrangidos. Como já assinalado anteriormente, a receptividade entre os biomédicos foi 0%, então concentrei esforços na área das humanidades, porém até entre estes houve resistências. Um professor respondeu que participaria da pesquisa contanto que seu nome fosse preservado – ao que lhe assegurei que uma das condições definidas quanto aos interlocutores, era a garantia de anonimato, procedimento que acreditei facilitar uma maior confiança no pesquisador e obviamente na relação que estávamos estabelecendo. Ele aceitou participar e acertamos que nos correspondêssemos por e-mail para ajustar uma data para a entrevista, mas, encaminhei-lhe algumas mensagens que ele não respondeu. Outro docente que também concordou, depois não respondeu aos recados que deixei em sua secretária eletrônica e resolvi não insistir. Tal reação abre espaço para investigar o quão esse estranhamento não está relacionado com a possibilidade da exposição da privacidade do professor quando ele é recortado como objeto de estudo, e principalmente relacionado a um tema "demonizado" como drogas - que de forma geral, no senso comum, não está associada à sua imagem, à sua representação. O professor assim saindo da posição de sujeito e sendo colocado na posição de objeto, sente-se incomodado? Será essa uma flexibilização do lugar

[80] - posteriormente soube que este mal-estar já atingiu a diretoria da faculdade.

de poder que muitos dos docentes dos cursos ortodoxos ou mesmo heterodoxos estão dispostos a aceitar?

Partindo desta observação preliminar, tomei a decisão de utilizar a "bola de neve"[81] como técnica de aproximação com esse universo, decisão que mostrou-se acertada na medida em que o contato sendo realizado por uma pessoa próxima ao docente, favoreceu a redução do estranhamento inicial que poderia ocorrer se tal abordagem fosse realizada por um *outsider* ao círculo relacional do interlocutor. Mesmo assim, houve necessidade de fazer aproximações bastante cuidadosas, utilizando inclusive, procedimentos técnico-metodológicos característicos da prática clínica, na qual o pesquisador tem alguma experiência enquanto psicólogo. Após o contato inicial ter sido realizado, foi cuidadosamente criada uma ambiência antes das entrevistas que facilitasse a geração de confiança, pois uma relação face a face, no sentido do reencaixe, requer mais que proximidade física, requer uma relação que favoreça a empatia.

Mesmo com esse enquadre, um interlocutor que foi introduzido por um outro professor, chegou tão desconfiado em nosso primeiro encontro que praticamente foi ele que me entrevistou. Já eram esperadas perguntas sobre o projeto, mas tive que responder questões inclusive de cunho pessoal, o que começou a incomodar – a posição do pesquisador era que estava sendo questionada, e isto não estava no roteiro - a ponto de achar que aquela entrevista não iria acontecer. O interlocutor chegou até a dar instruções sobre como deveria ser o proceder metodológico na execução da pesquisa. Quando eu já estava pensando em outra data para realizarmos a entrevista - pois essa conversa introdutória já durava mais de 30 minutos e o interlocutor já me informara sobre o tempo exíguo que ali ele dispunha – eis que ele diz: "legal seu projeto, vamos fazer a entrevista agora!".

Contudo, tais dificuldades são acompanhadas por certas facilitações, pois surgiram alguns estudantes questionando se poderiam indicar professores conhecidos seus à pesquisa. Certo dia em sala de aula, um bilhete passou de mão em mão até chegar às minhas próprias. "Conheço uma professora que está interessada em participar de sua pesquisa, *com a devida discrição em relação à divulgação*." Este é outro aspecto que merece atenção, já que após o impacto inicial, parece ter havido grande interesse por

[81] - procedimento metodológico através do qual os interlocutores são elencados por intermédio de sua própria rede de contatos, sem interferência do pesquisador.

parte da comunidade - entre discentes e funcionários inclusive - em conhecer melhor a categoria professor, não apenas enquanto profissional, mas enquanto ser humano, demasiadamente humano. Então, na dinâmica advinda com o desenrolar da pesquisa, quando a resposta do professor - diferentemente das respostas dadas em sala de aula - passou a ser antes de tudo, emocional, a pergunta do pesquisador já havia se tornado uma pergunta que teve eco na comunidade acadêmica, fazendo com que a problemática inicial, reflexivamente passasse a ter vida própria.

Entrando na pesquisa propriamente dita, algumas regularidades indicaram padrões que mereceram maior reflexão. Primeiramente, a distinção evocada pelo tipo de droga preferencial como ponto de partida para referenciar a observação se mostrou insuficiente para delimitar a questão. Tanto por haver pontos em comum entre distintas práticas de consumo, como por haver distinções dentro de uma mesma prática. Assim, foi preciso interfacear essa linha de abordagem com outras, que de igual maneira, não surtiriam efeito menos reducionista, se não configuradas em interfaces com outras linhas de abordagem. Desse modo, o foco da investigação incidiu muito mais sobre o estilo de vida do que sobre o mero consumo de uma droga, visando captar no espaço social, quais às relações objetivas por trás do *habitus* em questão (Bourdieu: 2000, 64).

Assim foram percebidos recortes relacionais em que a prática ressignificou o discurso dominante, pois certas reflexividades em relação a minha presença geraram atitudes antagônicas, mesmo quando configuradas numa situação similar. Por exemplo, cheguei à casa de Hypnos para entrevistá-lo, e encontrei-o frente ao computador organizando fotografias do seu cotidiano, onde ficou cerca de meia hora até concluir o que estava fazendo e só então iniciamos nossa conversa. Já Himeneu que visitei em local de trabalho, estava jogando paciência no computador e assim que notou minha presença demonstrou certo constrangimento rapidamente fechando a janela do jogo, e me conduzindo para outro ambiente. É possível inferir que ambos estavam em atividade de lazer, mas o que possivelmente os levou a tomar atitudes reativas distintas foi o fato de um estar em casa, onde o lazer é permitido, e o outro estar no trabalho, onde o lazer deve ser evitado[82]. Este

[82] - lazer é sinônimo de ócio e deriva do latim *licere,* ser lícito, (Dicionário Aurélio). Sendo este lazer exercitado por Himeneu em ambiente de trabalho, lícito, seria também legítimo? Senão, devo ter sido o motivo precipitante do constrangimento, o que pode ter levado Himeneu a sentir-se culpado.

paralelo já deixa claro que não é simples estabelecer como questão fechada, o suposto domínio do princípio de realidade sobre o princípio de prazer.

Nesse sentido, outra situação que merece registro foi uma entrevista com Zeus que preferiu realizá-la em uma mesa de bar no Largo de Santana, entre cervejas, sem constrangimento em relação aos olhares curiosos. Tratando-se de um usuário de drogas lícitas, o álcool, pode-se dizer que em relação a outros usuários de drogas ilícitas que de forma geral procuraram preservar sua privacidade, ficou pontuado que a liberdade para expor publicamente sua busca de excitação faz parte da excitação: "a bebida é mais expansiva, a maconha isola as pessoas". Numa situação inversa, Panacéia marcou a entrevista em sua casa, mas não conseguimos realizá-la tendo que remarcá-la, já que ela não se sentiu confortável para falar sobre drogas ilícitas diante de sua filha de 12 anos. Nestes casos, trazer o consumo como um discurso ostentatório ou silencioso, já diz muito sobre o consumidor; o primeiro acredita que seu consumo é um bom meio de sociabilização, enquanto a segunda consumidora mesmo na privacidade do seu lar, mantém seu consumo como algo que a distancia da própria filha.

Por estes exemplos ficou claro que dentro do estilo de vida, deve-se focar atenção nos discursos, nas práticas e nas configurações onde estes se processam. E é por aí que a análise do material de campo se inicia.

Capítulo III - O professor usuário

Anos 90, pós-graduação de uma faculdade da UFBA. Os alunos ao retornarem do intervalo de uma aula, procuram o professor na sala e não o encontram. Informam-se que ele está em outra sala e ao chegarem lá o encontram tranquilamente fumando um baseado. Para espanto de alguns e perplexidade de outros, a aula foi reiniciada e ao final, como relata um dos interlocutores desta pesquisa que então era um dos alunos, - que aproveitando a oportunidade fumou junto com o professor - foi considerada pelo grupo como uma aula que fluiu muito bem. Pelo que foi relatado, até os que se sentiram mais chocados assistiram a aula atentamente, inclusive participando. Curiosamente, tanto o interlocutor, agora na condição de professor, quanto outros professores que participam desta pesquisa, não recomendam ou mesmo reprovam tal comportamento por parte de um colega, porém, nesse estágio da análise, o dado mais significativo é que os alunos presentes a aula citada, perceberam-na como uma aula que fluiu bem. O que se pode concluir desta resposta coletiva é que, mesmo estranhando o processo, os alunos reconheceram que o objetivo da aula foi satisfatoriamente atingido, numa indicação de que resultados competentemente construídos podem ressignificar certos preconceitos aparentemente intocáveis, tipo: como é que um professor sob efeito de maconha pode ministrar uma aula que flui? Assim, se um professor é capaz de fumar um baseado e ministrar uma boa aula e ainda ter seu mérito reconhecido por tal realização, talvez haja outras tantas verdades sobre o consumo de drogas e suas representações que geralmente não são levadas à sala de aula.

No presente estudo, aos poucos foi se solidificando uma representação dos professores, até então mais comentada que analisada: a de que muitos docentes das humanidades não se identificam com a imagem de típicos membros da academia, ou seja, a imagem de intelectuais ortodoxos com valores e comportamentos apolineamente controlados, moldados sobremaneira pelo processo civilizador, distantes das manifestações de emoções e afetos tão comuns às pessoas não intelectualizadas. Pelo contrário, tais profissionais mostram-se aqui ávidos por novas possibilidades de socialidades que vão na contramão das socialidades possibilitadas pelo discurso acadêmico estabelecido de ações com fins exclusivamente racionais: querem ressignificar suas práticas, principalmente poder atuar na sua profissão, resgatando a proposta giddesiana de política da vida, (1995) pautados em

suas experiências socioculturais, muito mais do que apenas na sustentação do *status quo*. Isto inclui não só uma maior interação com os alunos e uma revisão da proposta acadêmica, mas principalmente, por em prática uma releitura de alguns de seus conteúdos e motivações pessoais, que por muito tempo foram significados como antagônicos ao discurso do *Homo academicus* ortodoxo, dominante. Os pesquisados não se colocaram como arrependidos ou culpados por seus consumos – exceto em situações específicas (Nêmesis, pg.41) onde os controles sociais externos fizeram suas liberdades individuais soarem como ameaças à segurança coletiva. Pelo contrário, possuem uma convicção secularizada de que a vida não é uma sucessão de sacrifícios, como se na condição de intelectuais estivessem autorizados a não sentir culpa por buscar o prazer e o ócio. Assim a questão é: o professor enquanto intelectual está autorizado a gozar dessa modalidade de ócio? Como? Talvez Domenico de Masi respondesse: "o ócio criativo... é um luxo do tipo intelectual, porque poucas pessoas podem gozar deste tipo de ócio na atual realidade." (A Tarde on line: 29/11/04).

No correr desse processo de longa duração - pois mudanças deste porte não se firmam da noite para o dia - inicialmente tais docentes buscam ressignificar alguns valores em suas relações cotidianas genéricas, e não especificamente em sala de aula – muito pelo contrário, a sala de aula não é o ponto de partida e sim o ponto de chegada do processo – seja na intimidade do lar, seja em seu círculo de amizades. Algumas configurações comunitárias onde o consumo de drogas acontece, longe de reforçar o consumo pelo consumo, buscam estabelecer novos vínculos com pares que compartilhem aspectos afetivo-emocionais, que dentro da academia, historicamente não tiveram espaço para se estabelecer. Professores que são usuários de drogas podem tender a estabelecer com familiares e amigos outras configurações comunitárias, distintas das vividas por professores não usuários. De forma geral, o que está sendo constatado é que antes mesmo das diferenças de valores e de estilo de vida tendo como referência o consumo de drogas, nossos interlocutores já são *outsiders* por questões que vão da visão política a opção sexual, passando pelas crenças religiosas. O consumo de drogas é a parte mais suscetível à estigmatização, porque dentre todos estes tópicos é o único com status de ilicitude, ilegalidade.

Se as configurações aqui encontradas têm no consumo de drogas a ponta do iceberg, os usuários tendem a tentar dificultar a manifestação desse consumo aos olhos do Outro – isto é, dificultar que tomem a superfície do iceberg pelo todo - evitando que o consumo venha a

ser representado como estigma. Com este objetivo, alguns mecanismos de defesa apresentam-se como viáveis – e isto é válido até mesmo quando um dos interlocutores afirma que ser professor já o protege do estigma, pois se sabe que tal *status quo* protetor pode ser facilmente anulado, se, por exemplo, ele for detido por porte de um único baseado.

Tais configurações às vezes possuem um recorte institucional – e em nosso universo de 20 interlocutores há configurações de cunho familiar e/ou religioso – que de forma geral ajudam a redimensionar a representação da imagem pública do docente, facilitando que certos padrões até então considerados *outsiders* à representação de um professor, possam ser ressignificados enquanto padrões com potencial para tornarem-se estabelecidos. Assim, alguns docentes já não temem ser vistos, muitas vezes com os próprios alunos, em bares bebendo, em festas se divertindo ou até em atividades de fundo místico-religioso não exatamente católicas.

Mesmo nos casos onde há um consumo exclusivo de drogas lícitas, tais reconfigurações acontecem, e em nosso universo de pesquisa foi importante registrar tanto consumidores exclusivos de álcool que nem tabaco consomem, quanto consumidores de fármacos, pois a licitude desses consumos propicia-lhes certa aceitabilidade social, livrando-os do estigma de *outsiders* que os consumidores de drogas ilícitas carregam. Entre os primeiros e os últimos ainda há distinções processuais e interpenetrações de objetivos significativas, se for levado em conta, por exemplo, que os consumidores de bebida alcoólica afirmam estar em busca de sociabilidades, já que o grande prazer desses bebedores é beberem acompanhados, muito mais do que simplesmente beber – inclusive um dos interlocutores não leva bebida para casa, pois seu lugar de sociabilidade é no barzinho. Por sua vez, o consumidor de fármaco mesmo consumindo sua droga sozinho, sente-se mais apto a encarar posteriormente o convívio social. Estes dois discursos passam longe da representação do usuário como aquele que troca o Outro pela droga. Aqui o perceptível é que a droga tanto pode facilitar a socialidade, quanto a introspecção, de forma nenhuma como possibilidades excludentes. O que há são momentos distintos para cada consumo.

Outra configuração presente é a dos consumidores de ayahuasca, que por estarem numa proposta religiosa interfaceada com o consumo de um psicoativo – inclusive em função desta interface, ostentando o status de consumidores legais de um psicoativo lícito - sofrem outro tipo de estigmatização que não procede das leis, mas da tradição ascética que não

aceita muito bem a interface entre drogas e religião. Este preconceito tanto parte do senso comum, que de forma geral associa religiosidade com sacrifício, - ou pelo menos não a associa ao prazer - quanto por parte de alguns professores mesmo de Humanidades, que no ceticismo de uma visão academicamente secular, não enxergam o viés religioso com bons olhos – neste caso o valor *outsider* não está agregado ao consumo de drogas, mas sim à religiosidade. Tais preconceitos fazem com que alguns destes professores ayahuasqueiros mantenham algumas reservas quanto à divulgação de seu processo de figuração religiosa, quase como se escamoteassem o consumo de uma droga ilícita[83].

Contudo, como veremos mais adiante, estes interlocutores ayahuasqueiros também têm discursos assumidamente *outsiders*: por exemplo, em relação à racionalidade ocidental que não releva o encantamento, e em relação a um bom número de ayahuasqueiros considerados fanáticos.

Já os consumidores de drogas ilícitas investigados, na maioria consumidores de maconha – dos quais alguns em menor freqüência também consomem cocaína - que iniciaram suas carreiras de maconheiros freqüentando rodas de fumo onde aprenderam a cultura da maconha, inclusive buscando uns nos outros segurança, hoje já não dependem tanto dessas rodas, sendo comum o consumo solitário. Até quando frequentam novos círculos de consumidores, - às vezes incluindo colegas e alunos - o fazem não tendo a droga como elemento central, mas apenas como um catalisador que integra pessoas com valores próximos, pois nem todo consumidor de drogas é visto como uma pessoa interessante para compartilhar momentos de fruição afetivo-emocional. Alguns inclusive, indicam que consumir drogas ou não, já foi um critério de seleção para se estabelecer vínculos, mas que hoje tal critério não procede, pois há "caretas" que consomem drogas, da mesma forma que há "doidões" que não consomem. Esta é uma questão central, já que assim, temos configurações estruturadas muito menos em função da droga que da sociabilidade que seu consumo favorece, e nessa perspectiva, tais consumidores não se encontram muito distantes dos consumidores de drogas lícitas.

Por último há o consumo misto de lícitos com ilícitos, o que pode indicar uma redução do preconceito do consumidor de drogas lícitas para com o consumidor de ilícitas e vice-versa,

[83] - um dos interlocutores participante da UDV que a princípio, parecia muito interessado em divulgar o trabalho de seu grupo, cerca de alguns meses depois se tornou reticente, passando a evitar contatos posteriores.

preconceito que às vezes é tão intenso quanto o preconceito do não consumidor para com o consumidor.

É fundamental ressaltar que estes professores têm uma freqüência de consumo assim distribuída: 70% consome diariamente, 25% semanalmente e 5% quinzenalmente. Além do que, 15% não percebe incompatibilidade em consumir em horário de trabalho – entre estes, há exclusão de 100% dos consumidores de álcool - seja pesquisando, escrevendo ou mesmo ministrando aula. Então é fato que o consumo de drogas pode ser considerado uma prática que tem certa regularidade, não sendo uma eventualidade entre os pesquisados. No que diz respeito à licitude, 15% consome apenas drogas lícitas, sendo que destes, 66,6% se refere ao álcool e 33,3% se refere à ayahuasca. Dos outros 85%, apenas 8,5% consome exclusivamente ilícitos - especificamente maconha - os outros 91,5% consomem conjuntamente lícitos com ilícitos: maconha com álcool, cocaína com álcool, maconha, cocaína e álcool ou maconha com fármacos – maconha com ayahuasca também consta, sendo que este dado se refere à maconha consumida fora do *setting* consagrado como religioso. E essa prática de consumo de ilícitos não mostrou consumidores paranóicos, excessivamente defensivos, pelo contrário, mostraram-se interessados em frisar que consumir drogas ilícitas não os fazia sentirem-se na ilicitude, ou culpados por transgredir.

Também é fato que sendo 60% do grupo constituído por pais, 25% destes são pais de filhos usuários. Entre estes, 60% fumam maconha ocasionalmente com seus filhos, sendo que os outros 40% que não o fazem, não configuram uma relação conflituosa – pelo menos não em função deste consumo. Entre os investigados há 35% de mulheres e 65% de homens, sendo que 43% das mulheres mostrou-se contrário ao consumo de álcool, enquanto 100% se mostrou favorável ao consumo de maconha. Já entre os homens, com exceção dos 15,3% de bebedores exclusivos, houve uma tendência ao uso múltiplo. Já a predominância de orientação sexual foi de 65% heterossexual mais 25% homossexual, 5% bissexual e 5% não precisamente definido. Etnicamente temos 15% de negros, 80% de brancos e 5% de mestiços.

Considerando que não há nenhum interlocutor com menos de sete anos de consumo de em relação a sua droga preferencial, é significativo o fato de 15% dos interlocutores exercerem o controle não comprando o que consomem – ou se o fazem, se referem eufemisticamente ao fato como comprando para dividir com um amigo, deixando claro que

a aquisição não é necessariamente fundamental para seu consumo. Observe-se que essa recusa em investir numa relação mercadológica não está diretamente relacionada com a falta de recursos financeiros, sendo especificamente um mecanismo de controle que funciona mais ou menos assim: se não é preciso comprar, é sinal que não há dependência. Contudo, é *mister* registrar que esse procedimento de forma alguma anula o desejo de consumir: "eu não me sinto dependente, então eu sei que já tive momento de fissura[84][...] Eu quero fumar hoje, eu quero! (risos) Eu acho que a maconha em mim me causa fissura, sobretudo se eu tenho. Se eu não tenho, pode não acontecer"- HÉCATE.

Nesse ponto, usando a categoria configuração como âncora, já é possível fazer uma aproximação com o que médico e pesquisador do uso de drogas, Norman Zinberg, chama *setting*. No livro *Drug, set, setting* (1984) Zinberg sustenta que o *setting* – a configuração do espaço físico e social onde se constrói reflexivamente o *set* do usuário, ou seja, a ambiência sociocultural para suas motivações psicológicas e expectativas sociais - é tão constitutivo do uso de drogas, quanto às propriedades farmacológicas das drogas em si. Inclusive Zinberg reconhece, assim como Becker, a importância do saber do usuário, o que na visão deste último é a base para a construção da carreira de usuário. Além disso, o que na sua formulação teórica estrutural Zinberg chama de *setting*, é muito próximo do que Becker chama de cenário[85]. A partir desse ponto de confluência com a visão de Becker, Zinberg segue acrescentando que a carreira dos que ele chama de "usuários controlados", não se sustentaria enquanto redutora de custos pessoais e sociais sem que haja um domínio real dos controles sociais que são operacionalizáveis através de *sanções e rituais*.

Sanções sociais são normatizações que estipulam se, e como, determinada droga deve ser consumida. Em seu bojo estão inseridos os valores e regras comportamentais que de modo informal são manifestos identitariamente pelos usuários – o que não quer dizer necessariamente enquanto conhecimento consciente – como também estão as leis e as políticas externas ao grupo, que limitam e regulam o uso. De forma complementar, os rituais sociais são esculpidos como padrões de comportamento particularizados para o uso de drogas específicas, que devem ser configurados junto aos procedimentos de aquisição e

[84] - desejo de fumar.
[85] - aliás, como também o faz Goffman.

administração, tanto quanto à seleção do espaço físico e social. Em última instância, também são configuradas neste recorte as atividades que possam ser desejáveis após o uso, como também os mecanismos de defesa para manter afastados os efeitos indesejáveis. Com essa estruturação, os rituais reflexivamente interfaceariam as sanções sociais, sendo-lhes complementares. Os controles sociais, tanto para drogas lícitas quanto para as ilícitas, teriam como cenários distintas relações sociais, o que se aplica a grupos estabelecidos tanto quanto a grupos *outsiders*, sendo sua vigência diferenciada, de acordo com os *habitus* sociais do *Nós* grupal em questão.

O que os estudos de Zinberg sobre consumo de opiáceos, alucinógenos e maconha em fins dos anos 70 revelam, é que, principalmente os grupos de usuários de maconha, já não precisam se formar *apenas* para consumo, como faziam, por exemplo, quando o estigma contra o usuário era maior, à época do estudo pioneiro de Becker nos anos 50, ou aqui no Brasil, no auge do regime militar. Isto pode ser constatado inclusive pela diminuição da inclinação para rodas de fumo como padrão característico de ritual de consumo (MacRae &Simões:2000), que de forma geral marcou o começo das carreiras de muitos usuários com mais de 35 anos, e que hoje já não é um *habitus* social tão característico entre os rituais de consumo. O que Zinberg constata é que o vínculo comunitário do grupo de usuários estrutura-se muito mais pela sociabilidade da qual a droga é *um dos* ingredientes do *setting*, podendo nesta condição favorecer a caracterização de comunidades diferentes das comunidades mais antigas. MacRae traduz esta reflexão de Zinberg da seguinte forma:

> "Tal flexibilidade do ritual seria parcialmente explicada pela leveza e transitoriedade dos efeitos e pela maneira mais tranqüila de amplos setores sociais conceberem o seu uso. Este, embora ainda ilícito, era visto como envolvendo uma "droga leve" de amplo uso na população. Havendo perdido muito de sua aura "desviante", o uso de Cannabis agora prescindiria dos antigos rituais determinados principalmente pela necessidade do ocultamento dessa prática. Ao mesmo tempo 'sanções sociais' para o uso controlado haviam se consolidado e eram encontradas entre a maior parte das subculturas usuárias" (Pg.7, no prelo).

Da maconha a outras drogas ilícitas, este raciocínio é pertinente[86], e nesse sentido, o que está sendo investigado é: que carreiras - segundo Becker - que ambientes e motivações - segundo Zinberg - configuram o *setting* dos presentes interlocutores. Como o *setting* onde atuam estes interlocutores não se reduz à sala de aula, pode ser esclarecedor perceber de que maneira dá-se esta atuação onde o princípio de prazer não é estabelecido tradicionalmente como contrário ao princípio de realidade. Vejamos um exemplo:

04/12/04. Na cidade de Salvador é celebrado o dia de Santa Bárbara e muitos adeptos prestam suas reverências. Em meio às oferendas populares, um grupo de amigos presta suas homenagens à padroeira, inclusive com direito a registro videográfico. À noite, em caráter privado, as comemorações desse grupo que se repetem há vários anos - já estando no primeiro do segundo ciclo de nove anos - ganham ares de festa, e festa grande, planejada para receber 200 convidados. Esta festa é representada de forma geral como um caruru celebrado em nome de um dos participantes do grupo – que ostenta o título de professor – mas que na prática, numa leitura configuracional, pode-se perceber que este é um processo ritualístico construído pelo grupo no geral, entre os quais alguns outros também são professores. Para quem participou do evento pela primeira vez - como eu - já é surpresa perceber que uma festa particular para 200 pessoas possa ser realizada de portas abertas. Mais surpreendente ainda foi perceber que sendo uma festa aberta com tais dimensões demográficas, ela foi realizada em um apartamento de médio porte localizado em um bairro tradicional da cidade, bairro este que três décadas atrás era considerado área de elite. A localização geográfica poderia indicar que estávamos participando de uma típica festa de classe média, mas talvez seja melhor deixar que os dados falem mais alto.

Logo na entrada do prédio, acomodados na escada que leva ao apartamento, puderam ser encontrados pequenos grupos, no geral com pessoas acima dos 30 anos de idade conversando animadamente. Entre os convidados, havia muitos negros e negras, como também muitos gays bem assumidos, dos quais vários estavam vestidos de vermelho, bem de acordo com as cores da padroeira. As pessoas que não eram íntimas do grupo produtor da festa – além de mim havia algumas outras – foram calorosamente recebidas, o que também indicava não se tratar de uma festa típica da classe média soteropolitana.

[86] - guardando as devidas proporções, pois, por exemplo, não se deve considerar cocaína e *crack* drogas leves.

Uma percepção significativa deu-se em relação à quantidade de comida e bebida ofertadas, realmente em grandes proporções. A cerveja inclusive, não era servida em copos, mas entregue em garrafas aos convidados sedentos - isso quanto aos convidados materializados fisicamente, pois havia algumas oferendas reservadas para "certos convidados" que os olhos dificilmente perceberiam. A música não chegou a ser tocada num volume muito alto, mas isso não impediu que alguns se pusessem a dançar. Na maioria, os convidados pareciam estar muito confortáveis conversando em pequenos grupos. Do lado de fora do apartamento muitos se sentaram na calçada para comer e conversar e alguns não se sentiram acanhados em usar o muro defronte para aliviar a bexiga. As pessoas estavam à vontade, mas mesmo assim, como disse um dos organizadores, não houve consumo de drogas na rua, em respeito às relações civilizadas de boa vizinhança.

Na área interna da festa, enquanto alguns usavam um cômodo específico para fumar maconha, mantendo a sala como ponto neutro de circulação, outros se dirigiram para um segundo apartamento no mesmo prédio, onde fumaram com mais privacidade. Um dos convidados de tempos em tempos usava o banheiro para cheirar cocaína, sem despertar muita atenção. Em meio aos convidados encontravam-se muitos professores de humanidades, inclusive cinco interlocutores.

Um dos interlocutores – Dioniso - chamou a atenção pelo seu comportamento diferenciado em relação ao manifesto quando entrevistado, ocasião em que esteve muito contido. Na festa, sua postura deixou fluir uma carismática afetação dionisíaca, como um mestre de cerimônia, sendo referência para tantos outros convidados se descontraírem. Seu comportamento esteve em sintonia com seu discurso *de que a parte das drogas que mais aprecia é a da sociabilidade*. Atena, um interlocutora que não estava em boas condições físicas para ir à festa, pois horas antes sofreu um corte profundo no pé, na excitação do evento, vestiu-se de vermelho e saiu por que queria comer o caruru, e por um momento sua dor foi anestesiada. Segundo ela: "a vida é cheia de momentos de dor, então temos que aproveitar os momentos de prazer". Uma terceira interlocutora – Hécate - fumou maconha, bebeu cerveja sem cerimônia, dançou muito e parecia especialmente interessada em flertar, pondo em prática o discurso emitido quando entrevistada:

"*Atualmente uso álcool com certa freqüência, porque eu passei um período muito grande sem usar por conta da minha saúde.* É uma experiência boa e eu gosto. Eu sempre

gostei da sensação de embriaguez, eu não gosto depois. *A embriaguez é um bloqueio a censura, eu penso isso em relação a maconha, a mim particularmente exerce muito isso*. A embriaguez tem muito a ver... com a sensualidade, a embriaguez te leva no movimento, ela permite você acompanhar o movimento que aparece. *Então essa dimensão da sensualidade me atrai muito, totalmente, eu tive uma educação totalmente repressora, machista, totalmente, muito limitadora mesmo.* Eu sempre fui muito tímida, então o uso das substancias psicoativas exercem essa liberação da censura, que parece chegar mais perto do meu ser (risos). Dançar me aproxima do meu ser e maconha tem a ver com dançar. Nossa, eu adoro dançar quando eu fumo!".

Os interlocutores quando fumaram maconha, tanto usaram um dos cômodos do próprio apartamento, quanto usaram o outro apartamento, sem maiores reservas quanto aos outros fumantes, pessoas íntimas ou não, mostrando-se bastante confortáveis no *setting* festivo, a não ser quando alguém puxava um assunto excessivamente acadêmico.

Entre risos e gargalhadas, muitos papos giravam em torno de cultura baiana e contemporaneidades – sincretismo, cotas na universidade, etc. - e com o avançar das horas as conversas foram tendendo a uma descontração generalizada mesmo quando versavam sobre questões político-religiosas que em outras situações – como a sala de aula por exemplo - seriam levadas muito a sério. O próprio sincretismo religioso que dentro da academia às vezes é encarado por alguns com certa reserva, naquele *setting* lúdico, mimeticamente imputado de sentido religioso e recreativo, sagrado e profano, muito mais do que respeitado, serviu de cenário enquanto ritual, e sendo um ritual com vínculos bem sedimentados, em nenhum momento o consumo de drogas pareceu desrespeitar o lado sacro deste *setting*. A festa fluiu até alta madrugada e ao seu fim, muitos convidados dormiram espalhados pelos cantos do apartamento, até no chão. E dormiram tranqüilos, pois não houve queixas da vizinhança quanto ao volume do som, nem quanto ao cheiro de maconha.

Estabelecidos enquanto *outsiders*, consagrados enquanto heréticos

Antes de seguir investigando que configurações os interlocutores estabelecem enquanto consumidores de drogas, proponho incidir o foco observacional sobre os interlocutores enquanto professores[87], seus valores, sua visão da academia, pois neste recorte, já há indicações de um discurso herético, *outsider*. Com esse intento, alguns discursos são aqui emitidos na voz da 1° pessoa, pontuados dialogicamente pela voz do pesquisador. O objetivo desta flexibilização na disposição do modelo de interlocução tradicionalmente dominante em procedimentos metodológicos antropológicos, é localizar em alguns discursos, através de uma insurgente psicanálise social - num desdobramento experimentalmente glocalizado da proposta de Elias em aproximar psicologia e sociologia, que o próprio chama inicialmente de psicologia social histórica (1993) e posteriormente de sociologia figuracional (1994b) – as indeléveis cicatrizes que, marcando a personalidade dos indivíduos, caracterizam o processo civilizador enquanto mecanismo forjador de um superego social. Chamo tal mecanismo de superego social por ele apresentar uma configuração homóloga ao superego postulado por Freud em sua teoria psicanalítica e cabe aqui um parêntese.

Em sua teorização do processo civilizador, Elias imprime uma centralidade aos aspectos referentes à estrutura social de personalidade – o *habitus* social - ou mais precisamente, à interface entre o processo psicogênico e o processo sociogênico, como ponto emblemático na configuração da moderação/contenção das emoções. Estes processos relevam as pressões externas que, aos poucos, vão se interiorizando[88] – ou no linguajar psicanalítico, vão sendo introjetadas - no indivíduo, configurando uma das características centrais da modernidade enquanto burguesa e capitalista em seu ideal de uma cultura de produção: a procrastinação da satisfação advinda da liberdade e da igualdade prometidas[89]. A sociogênese sedimenta-se na constituição do Estado ocidental moderno a partir do século XVIII, quando na configuração social então emergente, a perspectiva bélica foi cedendo

[87] - entre os professores há 35% de doutores, 60% de mestres – dos quais 33% são doutorandos – e 5% de graduados.

[88] - ao falar em interiorização, que não pareça que estamos falando de processos separados – interno e externo – e sim de motivações distintas para indivíduos e sociedade.

[89] - o mercado que caracteriza o capitalismo tem por princípio prometer liberdade e igualdade para quem dele participar, porém se este mercado os satisfizer, deixa de existir. Assim, a felicidade está em poder consumir uma satisfação que nunca satisfaz plenamente. A satisfação das satisfações é um ideal de consumo, e por isto é infinitamente procrastinável.

espaço ao processo de pacificação – perspectiva bélica que na teoria freudiana encontra sentido diante da pulsão de morte, num processo que caminha na mesma direção das mudanças operadas no nível das estruturas de personalidade. Em ambos os casos a coersão social é cambiada pela auto-coersão – ou, pelo superego, quando a belicosidade acaba sendo do indivíduo para com ele mesmo, muito mais do que para com o outro. Em poucas palavras, Elias se aproxima de Freud quando concebe a configuração social moderna de maneira homóloga à concepção de uma configuração da personalidade moderna[90].

Com este esclarecimento feito fecha-se o parêntese, e que fique claro que aqui não é pretendido analisar nenhuma personalidade em particular, apenas trazer à tona alguns códigos silenciosos que falam alto em meio às entrelinhas do discurso professado - onde as emoções agressivas, belicosas, civilizadamente podem retornar ao social ressignificadas na forma de um discurso *outsider*, herético, através do qual a agressividade encontra uma linguagem para se estabelecer e consagrar - e que indiquem muito mais as relações identitárias - ou como diria Foucault, que indiquem de que lugar é emitido o discurso – do que as identidades propriamente ditas. Pensando foucaultianamente, o sujeito é configurado menos como agente do que como efeito da linguagem, das trocas simbólicas que sustentam a cultura. O discurso enquanto dinâmica envolve muito mais do que palavras, envolve a linguagem do corpo, sendo a agência central através da qual a configuração identitária é posta à prova, possibilitando redimensionar as estruturas de representação. No discurso, princípio de prazer e princípio de realidade podem falar a mesma linguagem, em uníssono, mesmo que o emissor não perceba. Sendo assim, começo averiguando em que medida a carreira de professor é representada discursivamente como fruto de um sonho que amadureceu com o processar do tempo e/ou se foi conseqüência de uma oportunidade mercadológica:

[90] - tanto a proposta de Freud como a de Elias configuram-se em torno de emoções constitutivas – o que não quer dizer que suas teorias sejam guiadas por um determinismo incontornável, embora muitos rotulem Freud e o próprio Elias de deterministas.

O Professor por ele mesmo e suas representações da academia

(P) - O ensino é um sonho antigo?

NEREU - eu tinha *vocação* pra isso desde 8, 9 anos, muita gente queria ser astronauta, eu queria ser astrônomo. Eu sempre fui ligado em ciências, eu não era CDF, eu só tirava 10 toda hora (risos) era fácil pra mim. Fazer ciência implica em ensinar também. Por exemplo, *tá dando aula aqui* (em FFCH) *é um projeto do tempo de estudante*. Ainda nem estudava aqui e já tinha esse projeto. Começou a se concretizar quando eu fiz vestibular. Eu fui perseguindo isso. *Era um sonho bem consciente*.

HYPNOS - Acho que essa coisa com o ensino é antiga porque eu sai da faculdade já ensinando na universidade. Eu gostava de ensinar, já tinha sido monitor na faculdade, e acho que antes disso, *eu gostava de explicar as coisas* que aprendi nos livros do meu pai - sou filho de pais semi-analfabetos. Com 7, 8 anos eu aprendi a ler. Não tinha escola, eu aprendi como as coisas funcionavam e explicava. *Era divertido*.

Essas duas primeiras falas deixam transparecer como é naturalizada a ligação que Nereu e Hypnos fazem entre o remoto desejo infantil de "aprender o mundo" e a necessidade adulta de firmar-se profissionalmente. No que se refere à fala de Hypnos - Hypnos não disse simplesmente que aprendeu lendo quaisquer livros, mas enfatizou que os livros eram de seu pai semi-analfabeto - é possível especular que aprender nos livros de um pai semi-analfabeto poderia indicar que essa questão passa por algum processo de compensação e mesmo superação de uma fronteira sociocultural muito mais que pessoal, familiar. Estas compensação e superação têm potencial para servir posteriormente como motivação e estímulo para reduzir os *semi-analfabetismos* de futuros alunos.

Por outro lado, não seria descabido, na medida em que Nereu fala numa "vocação" para o ensino, suscitar Weber: "mas já não se trata apenas da questão da vocação para a ciência, e, daí, o problema do que a ciência, como vocação, significa para os seus discípulos dedicados." (1982,166). Por essa linha de raciocínio ter vocação para a ciência pode significar a valorização do próprio pertencimento de Nereu em uma configuração que não é de acesso a todos os pretendentes, mas aos que têm méritos para dela participar. Enquanto mérito, a vocação tem o potencial motivacional de retroativamente ressignificar no presente

o aprender, que no passado tanto foi "fácil" quanto "divertido", motivação esta que facilita dar continuidade ao processo. Assim, a aposta feita pode indicar na direção mimética de que aprender e ensinar sendo duas faces da mesma moeda, potencializem uma naturalização de que ensinar também possa ser algo fácil e divertido, tanto quanto um dia foi o aprender. Dessa forma, o princípio de prazer serve de base para o princípio de realidade sem que necessariamente – ou conscientemente - se perceba tal configuração.

EROS - eu tenho a docência como uma herança, porque meu pai, minha mãe e minha tia são professores. Eu saí da faculdade já empregado, com 22 anos. Eu sempre quis ser cientista, com 9, 10 anos. *Eu sempre achei a universidade um bom lugar pra trabalhar, porque talvez tivesse uma moral sexual mais elástica, e que talvez tivesse uma liberdade que não tivesse em outros locais.* Isso era mais pensado em temos sexuais, essa liberdade, do que em termos de drogas.

Já a fala de Eros leva a questão da docência para a perspectiva *hereditária*, no sentido simbólico de cultivar e reproduzir uma cultura familiar, o que não difere muito do sentido imputado anteriormente a *vocação*, mas nesse caso, ao invés de compensação ou busca de reconhecimento quanto aos méritos, a motivação pode estar associada a dar continuidade ao processo de longa duração, tradicionalmente familiar – na variação feita por Eros, a vocação aparece como herança, pois é como se ele dissesse: tem que ter vocação para ter essa "herança". Também é possível vislumbrar uma conexão com a satisfação pessoal, na medida em que Eros associa o trabalho a *uma moral sexual mais elástica*, que não deixa de ser uma variação do *divertido* e da necessidade de troca afetiva com o outro. Vê-se então que não há nesse discurso quanto ao começo da carreira, uma separação entre o princípio de prazer e o princípio de realidade, o que para Eros pode ser um ponto de conflito no desdobrar da própria carreira, na medida em que a academia talvez não tenha uma moral sexual tão elástica, como ele idealmente supôs.

HERMES - Sempre na época de faculdade eu convivi com professor quando havia afinidade. Até entrar na faculdade não tinha isso claro, não, mas quando eu entrei, eu descobri que tinha que ser isso. *Foi já pensado desde o primeiro ano de faculdade.*

Esta última sentença: "Foi já pensado desde o primeiro ano de faculdade", guarda proximidade com: "Começou a se concretizar quando eu fiz vestibular. Eu fui perseguindo isso. Era um sonho bem consciente", fala proferida por Nereu, no sentido de que ambas indicam um projeto a longo prazo – ou de longa duração - para obtenção de satisfação mediatizada, procrastinada. A diferença é que Hermes não coloca a questão relacionada a uma configuração motivacional nem infantil, nem familiar, mas sim da ambientação adulta entre alunos e professores de faculdade – o que não impede que se aproxime professores de parentes enquanto referências, não só enquanto reflexivos formadores de opinião, mas formadores de valores e vínculos - no que diz respeito a como o *setting* interfaceia e interage com o *set* dos interlocutores. Isto transparece até na fala de um outro interlocutor, Himeneu, que reconhece que no vínculo professor/aluno, alguns projetam – na maior parte das vezes de forma inconsciente – conteúdos edipianos.

Por outro lado, o próprio Himeneu com a autoridade de mais de 25 anos de carreira já não tem recordações precisas de onde acaba o sonho e começa o outro lado da realidade, de onde está o limite entre o lado lúdico e a rotineira labuta pela sobrevivência:

(P) - Ensinar foi um sonho?

HIMENEU - Eu não sei, eu sempre achava interessante a vida de professor. Hoje em dia eu ... (risos) coisa mais monótona... eu acho que sim, a gente nunca sabe ao certo. Eu ficava em dúvida entre trabalhar com jornalismo e ensino, ai aconteceu de eu me envolver com o ensino, monitoria. Logo em seguida quando eu formei, uma universidade me contratou como professor, e aí pronto, uma vida inteira...

É interessante ressaltar que a fala de Himeneu: "coisa mais monótona", pode indicar um inconformismo com o conformismo de aceitar o primeiro contrato oferecido como o contrato definitivo, podendo assim indicar que ele realiza uma releitura crítica de valores que não muito tempo atrás, não seriam passíveis de leitura, por estarem estabelecidamente reificados no decorrer de "uma vida inteira...". Enfim, ele carrega dúvidas talvez características de quem completou bodas de prata num casamento com a carreira, para o qual parece não haver divórcio.

Seguindo em frente, pode-se constatar que em alguns casos a configuração entre prazer e produção pode dar sentido a produção - mas desta vez sem vínculos aparentes com vocação ou continuidade de tradição - principalmente sendo este um interlocutor que por ter suas origens numa classe mais favorecida do que a da maioria dos interlocutores, não foi pressionado a escolher sua carreira pela necessidade da sobrevivência.

PÃ - Senti que única coisa para a qual estava qualificado era fazer pesquisa, então continuei na universidade. Entrei na academia acidentalmente, daí comecei a curtir trabalhar com o movimento gay. Foi legal poder me envolver com o movimento gay, que eu fui inicialmente como pesquisador, e como uma pessoa interessada, aliás, minhas pesquisas sempre são assim, por dentro e por fora, eu sempre tô pesquisando a mim mesmo.

Diferentemente de Eros que buscava uma "moral sexual mais elástica", Pã não coloca a questão da inserção no campo acadêmico como busca de satisfação imediata quanto a sexualidade – como sugere ser o caso de Eros - mas sim de forma mediata, colocando a sexualidade como objeto de estudo, de trabalho acadêmico, que nesse recorte pode ser lido psicanaliticamente como satisfação sublimada, procrastinada. Este é um exemplo de uma relação aparentemente menos tensa com o superego do processo civilizador, de como um herético encontra espaço para ser consagrado.

Entretanto, para Dioniso que é oriundo de uma classe social menos favorecida que Pã, a necessidade de atuação profissional antecedeu o desejo de ensino, de forma que o aspecto lúdico, a busca por satisfação não parece ser um dado inexoravelmente prioritário:

- Como professor pintou a oportunidade. A partir da graduação decidi que esse era meu caminho. Só depois da especialização pintou o interesse por pesquisa.

Também merece destaque que há quem se propondo seguir a carreira, tenha diferenças com a imagem tradicionalmente associada à academia, mantendo um vínculo profissional pontuado por certo conflito identitário com a postura ortodoxa:

TÊMIS - Vim para (Salvador) fazer pesquisa. Vim fazer trabalho de campo aqui; raça, classe e gênero e me instalei como professora visitante. Tinha experiência ensinando crianças. Nunca planejei ser doutora, nunca imaginei ensinar em universidade, mas com a pesquisa fui me envolvendo em movimentos sociais. Fiz um trabalho de campo pelos bairros e fui me envolvendo com a universidade. Tanto aqui como lá (na Europa) nunca me dei bem com a academia.

FERÔNIA - Não sei se é um projeto de criança. Ensino desde 94 em 1° e 2° graus. Fiz história e pedagogia e interrompi. Gosto de dar aulas, sempre gostei. Eu tenho várias divergências com a academia, com uma lógica de reprodução do modelo elitista, a universidade acaba sendo espaço de reprodução dos modelos de elite. Mesmo assim acho um espaço legal de trabalho.

Essas duas falas manifestam certo mal-estar com o modelo acadêmico "elitista", bourdesianamente ortodoxo, inclusive deixando implícita uma disposição política – no envolvimento com movimentos sociais citado por Têmis, e que, como se verá posteriormente também faz parte da trajetória de Ferônia - para não se deixar anular pelas adversidades da prática cotidiana, muitas advindas da ortodoxia do campo**.**

Da política das oportunidades para a política da vida, a carreira de docente não deixa de ser pontuada por uma construção de identidade, sempre em processo:

HÉCATE - Fiz magistério, filosofia, e por influência muito grande de um namorado, entrei no curso de história. *Esses diplomas nunca conferiram em mim uma identidade,* eu sempre briguei com a lógica que rege o mundo acadêmico, que é restritiva, que é limitada, (risos), determinista. O que gerava conflito era se eu queria mesmo estar na universidade. Eu resistia mesmo, e fiz o mestrado em história que demorou muito pra terminar. *Essa experiência do mestrado foi mais definidora da minha identidade, embora hoje também me sinta conflituada.* Farei doutorado em história ou filosofia? A partir do mestrado eu disse: *não tem mais jeito, vou ter que ser professora mesmo!*

A fala de Hécate manifesta o desconforto com certo determinismo "que rege o mundo acadêmico", mas sua base referencial parece ser menos ideológica – como no caso das interlocutoras anteriores - do que de cunho afetivo, afinal, parece que ela se graduou no curso de história - "por influencia de um namorado". O seu conflito assim, parece residir em saber se ser professora é um sonho originariamente seu ou do Outro, ou mesmo se fruto da configuração desse enlace afetivo. A última sentença sobre o mestrado, parece indicar que o princípio de realidade naquele momento, não deixava muito espaço para o princípio de prazer. Com o decorrer do texto este conflito se tornará mais evidente.

Refletindo de forma menos romântica sobre a questão, talvez até em conseqüência de uma maior experiência na área, já que os dois próximos interlocutores acumulam 22 e 25 anos de prática respectivamente - o que segundo Bourdieu, lhes confere uma certa legitimação da autoridade – ambos percebem a docência como meio, como caminho, não como um fim, como um objetivo de chegada, como supõem alguns menos experientes:

POSEIDON - É muito difícil alguém ter como projeto ser professor. Eu acho que a maioria das pessoas que tão na universidade tão num projeto da academia, não do magistério. Eu achava bonito, *eu achava que a academia podia ser uma oportunidade pra prosseguir lendo, estudando.* De fato isso ainda é verdade, com pouco conforto, mas ainda é uma profissão que propicia isso.

Na fala de Poseidon vê-se que a academia pode ser encarada muito mais como espaço para estudar do que especificamente ensinar, sendo assim campo para uma prática pertinente com o exercício do *self* reflexivo de que fala Giddens, de um relacionar-se de forma dinâmica num processo que não tem nada de estático, como sugeriria Elias. A academia pode ser ressignificada como espaço para o professor estudar, aprender e interagir e não simplesmente ensinar, como ordinariamente é representado o papel do professor.

ZEUS - Leciono desde 1980. *Ensinar não era um projeto original, não. Meu projeto mesmo foi ser sociólogo mesmo, de rua, de campo, fazer pesquisa.* Mas um dia soube que a universidade estava com concurso para professor substituto. Eu fui, fiz, passei. Eu não fui

por acaso. Pra mim, entrar na academia era uma coisa importante. Mas eu fiz um percurso entre minha formatura e o me tornar professor, mesmo fazendo mestrado e tudo... criou uma distância razoável, em que eu amadureci bastante em termos de trabalho fora. ... eu só me tornei professor com dedicação exclusiva em 1993. Então eu tenho todo um percurso não acadêmico. Eu não me considero um *Homo academicus,* meu percurso é de pesquisador, sem os vícios da academia. Quando eu entrei na academia eu era um professor atuante em todos os campos, mesmo sem ter dedicação exclusiva.

(P) - você vê o ensino como extensão da pesquisa?

ZEUS - eu tenho mais de 100 trabalhos realizados e publicados, tenho projetos em publicações, em revistas técnicas. Nós tínhamos uma grande desconfiança da universidade, que a universidade era demorada. Eu diria que chegava as raias da quase incompetência, enquanto a gente pensava em solucionar coisas, mudar a realidade, né? Quando eu fui para a universidade, eu descobri que aquela idéia que eu tinha dela era verdadeira. O *Homo academicus*, ele é descompromissado com o tempo e com o real. Nós, meu caso e outros que vieram com uma experiência de vida larga, tínhamos um vantagem extraordinária, tanto na comunicação com as pessoas, como na capacidade de dar respostas aos estudantes. Porque nós tínhamos uma vida real, que não era aquela vida embolorada de parede, de biblioteca, essa coisa farsante que a academia desenvolve naqueles rituais de solenidade e de fingir que não leu o outro, ou realmente não leu o outro para não prestigiar, essas intrigazinhas de universidade. Eu não sou contagiado por isso. Eu tiro de letra.

Essa explanação de Zeus condena exatamente a ortodoxia burocratizada numa configuração estática, condena a redução processual que em muitos momentos tende a fazer com que a academia e suas representações fiquem longe de uma práxis reflexiva, sendo que: "ser sociólogo de rua, de campo" é a elegia do *self* reflexivo, é a busca da excitação cotidiana que não está encerrada entre as páginas de um livro. No que diz respeito à necessidade desta reflexividade, alguns docentes mesmo com uma experiência menor – cerca de 3 anos de ensino - fazem uma leitura próxima:

CIBELE - Ensino é a perspectiva de *dar continuidade* à carreira acadêmica mesmo, a maneira eficaz de trabalhar com pesquisa, e com extensão *menos burocratizada* ligada a

empresa. Acho que dar aula tem dado um retorno legal, se não consigo sobrecarregar com quatro disciplinas, por que eu sinto que dá um trabalho...não é tão simples assim (risos).

ESCULÁPIO - Gosto até de ensinar, em alguns momentos é interessante, mas eu gosto de trabalhar com pesquisa. Mas *gostaria mais* de estar trabalhando com pesquisa, de tá escrevendo, fazendo outras coisas também. Tô me preparando pra fazer isso, pra criar condições de fazer outras coisas. Na sala de aula tem vários momentos de prazer, outros de desgaste, outros de perplexidade. Esse projeto é mais recente, a partir do mestrado eu deslumbrei essa perspectiva.

Nesse recorte acima, Cibele e Esculápio têm a docência como uma faceta do discurso acadêmico, mas não a única, sequer a que pode trazer mais satisfação. Contudo, independentemente dos desdobramentos que a carreira acadêmica pode propiciar, algumas professoras, sem perder o ponto de conexão entre o princípio do prazer e o princípio de realidade, trazem certa (over)dose de disposição e motivação para a docência, como fruto de uma perspectiva lúdica, mimeticamente prazerosa, oriunda de tempos remotos, quando a satisfação imediata ainda não estava dissociada da produção de trabalho:

NÊMESIS - Na infância já representava e (nas representações) era professora também. Hoje trabalho com arte e educação.

PANACÉIA - Quando eu era criança eu era uma professora virtual, mimética[91] (risos), eu reproduzia a aula em casa, era *cover*. Mas nunca me passou pela cabeça ser professora, *circunstancialmente* eu virei professora. Eu pensei que seria clínica, depois achei que a clínica seria limitada, depois comecei a trabalhar na comunidade, psicologia social. No mestrado, pesquisa e ensino andaram juntos. *O ensino pra ser interessante, ele tem que tá ligado a alguma coisa prática.* Uma grande frustração foi ter feito um mestrado excessivamente teórico. Em termos de docência, uma docência extremamente filosófica não me apetece, muita retórica, etc. Tem que ser uma *prática reflexiva,* não sei até que ponto a docência sozinha resolve a questão. No instituto onde eu atuo a gente faz um trabalho de

[91] - o termo mimético aqui é empregado por Panacéia no seu sentido denotativo de imitação. Quando uso esse termo ao longo do texto, ele tem conotação de projeção de afetos e emoções, e não de projeção de comportamentos. Ver pg. 23.

ensino, pesquisa e cooperação técnica, então não é uma coisa limitada ao ensino. A gente tenta uma vinculação entre o ensino e a prática.

Para Nêmesis e Panacéia, arte e educação, ensino e prática, podem configurar uma polarização com dimensões de atividades afins e complementares. Recapitulando que as crianças quando se divertem brincando, levam a brincadeira a serio, e nessa perspectiva a brincadeira é a realidade, é possível partir do ponto de reflexão de que, na infância ainda não há uma profunda cisão entre princípio de prazer e princípio de realidade. O ensinar se divertindo de hoje pode ser uma ressignificação do brincar de ensinar de ontem. Essa linha de raciocínio tanto é pertinente com o que Marcuse chamou de sublimação não repressiva, como com a concepção mimética de busca de excitação formulada por Elias.

Mas se nem sempre é possível transformar uma brincadeira em trabalho, alguns professores, da necessidade de trabalhar, são levados a construir o desejo de realização profissional, sem que com isso automaticamente, transformem esse trabalho em um processo tecnificante, alienante:

ATENA - Sempre as pessoas gostavam de estudar comigo porque eu explicava bem, sempre disseram isso. Aí a primeira vez que eu ensinei, foi na pré-escola, só pra ganhar uma grana, aí eu fiquei seis meses. Quando eu me formei, depois trabalhei numa outra escolinha por questão de grana, tava com filho pequeno. Questão de mercado. Aí me chamaram pra ensinar no segundo grau, sociologia. Quando eu comecei a ensinar eu gostei, achei que era uma coisa que dava pra fazer bem, mas achei 2° grau muito estressante, os adolescentes são muito problemáticos. Agora quando eu fui fazer mestrado, aí sim, eu já tinha certeza que ia ensinar na faculdade.

(P) - fazer bem tem a ver com gostar de fazer?

ATENA - sim, sim, adoro dar aula. Entre muitos colegas, sim, geralmente os bons professores gostam de dar aula. Conheço alguns bons professores, uma galera assim que você sente que gosta, que faz com maior prazer, assim. Tão sempre discutindo, falando nisso, tem pessoas que são envolvidas. O bom professor é aquele que sabe passar o conteúdo, sabe levar as pessoas a pensar, sabe lidar nesse processo aí, reflexão... eu me

considero uma boa professora (risos) eu busco fazer isso. Em alguns momentos... tem horas que cê dá aula, achando que não foi tão bom, podia ser melhor, achando que foi uma merda.

A julgar pelo que relatam os interlocutores pesquisados, 5% não gostam de dar aula. Sobre o gostar de dar aula e a responsabilidade que tal atividade demanda, um interlocutor sorriu com prazer ao expor sua percepção reflexiva:

(P) - a docência é prazerosa?

ZEUS - É, a docência é muito prazerosa. O contato com as pessoas, o contato com os jovens, a discussão, *estar permanentemente sendo questionado, e tendo que dar respostas, tendo que estar atualizado*, lendo tudo e discutindo com as pessoas, e ajudando as pessoas, isso é altamente compensador.

Nem sempre na academia há essa concreta troca dadivosa de experiências, pois pela minha própria experiência enquanto aluno, percebi que, mesmo na pós-graduação, alguns professores não gostam de ser questionados. Por outro lado, há quem nas origens da carreira, já foi estabelecendo – não necessariamente de forma racionalizada, consciente – uma conexão entre a docência e outras possibilidades de satisfação, que não passem obrigatoriamente pelo que é processado dentro da sala de aula, mas sim na relação entre o que a academia oferece enquanto capital cultural e o que a partir disso acontece além das paredes da sala de aula:

HIMENEU - (Eu) ensino desde a graduação. Um professor sem muito pruridos éticos me deu a disciplina (história da filosofia), e como ele assumiu por hora-aula, então ele dividia comigo e eu recebia apenas a monitoria. O fantástico é que nos primeiros três meses a universidade atrasou em me pagar e o *primeiro dinheiro que eu recebi eu comprei duas cervejas e duas carteiras de cigarro, paguei uma pizza e cabou meu salário de três meses. (risos).* Na verdade eu comecei a ensinar antes da universidade. Eu era de um movimento político e nós abrimos um cursinho pré-vestibular pra sustentar o grupo (o dinheiro ganho era pra servir aos ideais do grupo).

O salário de três meses que deu para comprar dois maços de cigarro, duas cervejas e uma pizza soa quase piada, quase metáfora, porém o mais interessante é que ao narrar o fato,

Himeneu não se mostrou arrependido de ter gasto "tamanha fortuna" com o que alguns chamam de supérfluos. Talvez até fosse obvio fazer uma leitura de que o dinheiro foi tão pouco que só deu para esse tipo de gasto, mas a explícita satisfação discursiva com a qual Himeneu narrou o fato, sugere que tal investimento foi uma celebração prazerosa do primeiro dinheiro ganho com ensino para uso pessoal. Até então seu investimento era voltado aos ideais do grupo político, e essa quebra de padrão – do investimento coletivo para o individual - caracteriza um redirecionamento identitário que pode custar caro para quem na condição de professor e militante está exposto como pessoa pública, cuja representação, principalmente no momento histórico ditatorial, quando o fato ocorreu, tende a estar muito mais associada ao princípio de realidade que ao princípio de prazer, até para o seu próprio grupo, que aos olhos do *establishment*, era um grupo *outsider*.

Esta questão da redução processual da representação *outsider* também transparece no caso de um professor negro que entrou na academia há mais de 10 anos, já ostentando cabelos trançados — e exatamente em função dessas tranças, recebeu alguns olhares que mesmo parecendo amistosos, o puseram em xeque:

(P) – Como é ser um professor negro numa academia predominantemente branca?

ARES - O lance é que eu quando cheguei pra ensinar *já era um Cara conhecido*, alguém já tinha lido um texto meu ou visto uma peça minha, então esse conhecimento prévio já gera respeito. Mas me lembro que tava na moda uma música de Carlos Pitta que falava de Sellassie[92] e lá no Campus, passei um dia e um aluno me chamou de Sellassie, passei a segunda vez e ele me chamou Sellassie, na terceira ele me chamou: Sellasie!, aí eu disse: "rapaz, Sellassie é a puta que te pariu! Você me respeite!". Só assim, depois um Cara desses vem conversar com você lhe respeitando.

A respeitabilidade adquirida por alguns trabalhos previamente realizados foi fundamental para que Ares se sentisse confortável para entrar num espaço que

[92] - Sellassie foi para uns, o "Imperador Negro da Etiópia", e para outros, um sanguinário ditador. Sellassie realizou leituras bem particulares da Bíblia na década de 1930, e pelas quais, passou a ser representado socialmente como aquele que pregou que a maconha deveria ser cultuada como uma erva sagrada, e também que os negros do resto do mundo deveriam voltar para a África, "A Terra Prometida", e que estes escolhidos deixassem os cabelos crescer de forma que parecessem jubas de leões, pois o leão era o totem dos escolhidos, sendo ele mesmo, "O Leão de Judah". Esse discurso construído em seu nome – apesar dele não tê-lo proferido, mas sim Marcus Garvey, um carismático líder sindical jamaicano - foi bem acolhido principalmente na Jamaica com seus descendentes de escravos *outsiders* que já cultivavam plantações de maconha, servindo assim de referência para a cultura rastafari.

historicamente vem sendo preenchido por professores não negros – não é a toa que nesta pesquisa não há mais que 15% de professores negros. Contudo, ao ser chamado de Sellassie, ele pode ter percebido que o estavam discriminando em função de seus cabelos, sentindo-se por tabela discriminado quanto a sua identidade, na medida em que um aspecto particular – seus cabelos – foi tomado como o todo – sua identidade. Esta identificação do todo pela parte, pode num silogismo simples ganhar uma significação estigmatizante: se foi chamado de Sellassie porque tem cabelos trançados, e se Sellassie supostamente pregava o uso da maconha, logo, também ele deve fumar maconha. O que sua reação agressiva denota é que sendo ele um "Cara" conhecido por sua produção de capital cultural, não foi cabível aceitar a redução a um rótulo que lhe inviabilizava o respeito, ou seja, na condição de negro respeitável por sua produção prévia, ele não aceitou que o colocassem como maconheiro.

As reduções processuais não afetam o docente apenas quanto a sua representação em meio à sociedade, mas quanto às hierárquicas representações e relações acadêmicas. Assim, é também significativo que alguns docentes reflitam sobre questões inerentes a profissão, questões que não apenas não são transparentes aos olhos de quem não é da área, como soam antagônicas à representação que o senso comum perpetua sobre os que são da área:

Explico para o próximo interlocutor que uma de suas falas: "sou professor porque não gosto de trabalhar" abriu perspectivas para esta pesquisa.

POSEIDON - Não gosto de trabalhar no sentido de bater cartão, (fala defensivamente), no sentido do trabalho enquanto rotina, nesse sentido, porque cê sabe tanto quanto eu que professor trabalha, dá aula, estuda. Boa parte das vezes dá pra conciliar produção e prazer. Agora, *eu não suporto reuniões, eu tenho pavor à reunião. Quase sempre elas são pouco produtivas, quase sempre elas são lentas, desagradáveis, há um trato diplomático pra mim insuportável, eu acho que nós produzimos mal...* eu conheço pessoas que achavam interessante essas coisas, 'vamo discutir, vamo debater', e hoje tá todo mundo de saco cheio disso. Há jovens, gente de 30 anos que não gosta mais, quer dizer, a cultura do vamo discutir, vamo reunir, ela tá também no desgaste. *Não é uma coisa individual não, é uma coisa muito geral.* Eu não conheço uma única pessoa da minha profissão que diga: eu gosto muito de ir pra reuniões. No entanto há 20 anos muita gente dizia: 'reunião é interessante!'

ZEUS - As reuniões acadêmicas são insuportáveis, eu as tolero. Hoje eu desempenho funções administrativas na universidade ao meu estilo. As minhas reuniões são rápidas, o meu departamento é ágil, as coisas são muito práticas para serem feitas. Não tenho o bolor, nem o bolodório da academia porque não faz parte da minha maneira de ser. *A melhor coisa do mundo é um professor não ser imediatamente professor logo ele se gradue, nem tão pouco ele entrar, ter uma vida acadêmica, fazer suas pós-graduações, sem ter uma maturidade no trabalho, na vida.*

Eu sempre disse isso: eu sou um sociólogo mundano, eu conheço o mundo. Foi o meu contato com o mundo que me deu e me dá essa minha militância, porque eu faço quatro a cinco palestras por semana. Os mais diversos cursos em todas as cidades, neste estado e fora do estado.

Questionado sobre o período em que ocupou uma posição administrativa, Poseidon rebate sem hesitar:

- foi uma contingência, pra tapar um buraco e não vale a pena falar sobre esse período. Aquele período foi tão pouco relevante. Minha profissão me dá prazer, gosto muito de dar aula, gosto do trabalho de orientação, pesquisa, e não é isso que me leva a relaxar e beber**.** *Eu não frequento ambientes universitários, eu não gosto da cultura acadêmica.* Não me dá nenhum prazer conviver com congressos, por exemplo: aquele negócio de todo mundo junto parecendo um bando de abestalhados, porque tem uns biscoitinhos com cafezinho, todo mundo sorrindo assim, parecendo um bando de dementes, quando eu tô em congresso, eu saio, passeio. Eu me sinto um professor universitário, eu não curto a cultura acadêmica, o que eu não gosto é da cultura da classe média, eu não sou da academia, apenas faço meu trabalho. Eu não entrei na academia pra morrer aí, acho muito ruim quando as pessoas dizem: 'foi o meu primeiro trabalho'! A vontade que eu tenho de dizer é: que pena! O mundo não começa nem termina na academia. *Eu gosto muito dos ambientes vulgares, das pessoas vulgares, eu não suporto a cultura da classe média, tenho pavor a amigo secreto, festa de natal, bodas disso e daquilo. Eu gosto de feijoada, gosto da esculhambação.*

(P) - e o *Homo academicus*?

NÊMESIS - pra mim é um alienado, pra mim ele não consegue se relacionar com o povão, é aquela palavra difícil, os termos difíceis, eu tenho muitos colegas assim, que só conseguem olhar pro umbigo. É muito doido o universo acadêmico, que trabalha com a intelectualidade, o raciocínio mais forte, tem muita competição. Mas é muito doido porque fica competindo por palavras bonitas, por fazer ver, pelo verbo. É uma verborréia mental, vá pra porra! Chega *na reunião* todo mundo repete a mesma coisa. Você já falou, mas tem que falar pra se fazer ver? Não, não precisa necessariamente. O papel do professor ... é ... eu nem gosto da palavra orientar. O papel do professor é ... será que eu poderia dizer demarcar...mas não é demarcar. É marcar um leque de opções, e a partir dessa opção, a pessoa se escolher, se encontrar, reaprender desse processo. Pra mim seria um dos papéis do professor, um papel importante. O professor enquanto um... muita gente utiliza esse termo na psicologia o tempo todo... facilitador. Eu digo sempre como diz Nelson Rodrigues: "toda unanimidade é burra!" E outra coisa, achar que eu sou dona da verdade, verdade até a próxima informação, a verdade é viva e tá sempre mudando de cara, diz Kafka.

Nessas três últimas intervenções fica patente que a imagem de professores enquanto ortodoxos tradicionais e burocráticos *Homo academicus*, está bastante desgastada, e que de certa forma o "*eu não gosto da cultura acadêmica*" e não ter "o bolodório da academia" ou afirmar sem hesitação que o *Homo academicus* "é um alienado", indicam uma postura não apenas crítica, mas que pode caracterizar um discurso *outsider, anti-Homo academicus*, heterodoxamente herético**,** enquanto representação. Diante desse recorte discursivo e num momento em que se fala em reforma universitária, talvez fosse mais válido pensar tal reforma não apenas quanto a aspectos administrativos, mas quanto à relevância dos próprios papéis e representações estabelecidos, principalmente quando nas relações de dominação entre configurações identitárias na academia, geralmente não são feitas leituras epistemológicas do status que a carreira docente trouxe como herança de um passado nem tão distante – e estando nosso foco centrado nas humanidades, tais revisões epistemológicas deveriam reflexivamente estar presentes na pauta cultural da docência.

Esses interlocutores traduzem a inquietação de quase todos os outros pesquisados, de que um perfil viável para o docente contemporâneo, reflexivamente depende de um reencantamento com a prática cotidiana, como foi dito acima: "A melhor coisa do mundo é um professor não ser imediatamente professor logo ele se gradue, nem tão pouco ele entrar, ter uma vida acadêmica, fazer suas pós-graduações, sem ter uma maturidade no trabalho, na vida", "O mundo não começa nem termina na academia".

Mas enquanto esta transição ainda for um processo embrionário haverá espaço, não só para os "biscoitinhos com cafezinho", mas, num espectro mais amplo, para o velho jeitinho brasileiro:

HIMENEU - No que diz respeito à relação com outros professores, (o mundo acadêmico) é um ambiente de trabalho como todo ambiente de trabalho, né? *Há um mundo de vaidades muito grande*. O mundo acadêmico diferente do mundo econômico, onde se mede o capital econômico, o que se mede não é tanto o capital cultural, mas o capital de relacionamentos, é isso que facilita o acesso, articulações diplomáticas, isso facilita bastante o acesso a fonte de financiamento, muito mais do que uma competência intelectual propriamente dita, apesar de a universidade ainda ser no Brasil e talvez tenha sido sempre, um espaço, uma instituição que conglomera o maior número de uma certa elite intelectual, alfabetizada, muito específica, de uma classe média. Eu acho que a universidade ainda é esse foco de atração para esse tipo de elite.

(P) - você vê a universidade como pólo para o prazer e a liberdade de criação?

HIMENEU - olha, eu acho que sim. Eu acho que a universidade aqui no Brasil pelo menos, é um dos poucos espaços onde você tem uma liberdade, um certo incentivo, pra desenvolver pelo menos projeto de pesquisa, pra quem tem interesse nisso, ou mesmo desenvolver cursos que provavelmente em outras instituições não teria espaço para isso. Eu acho que esse é um dos pontos positivos da universidade, agora por outro lado, eu acho que um dos pontos negativos é que *o mundo acadêmico cada vez mais se fecha em si mesmo.* Há pouco diálogo com a chamada sociedade civil, então cada vez mais essas pesquisas desenvolvidas na universidade, claro que há exceções, mas geralmente as *pesquisas são feitas por intelectual acadêmico, para intelectual acadêmico, com intelectual acadêmico,* apesar de ter como objeto usualmente a sociedade civil, mas há pouco diálogo hoje em dia do intelectual contemporâneo com o mundo social mais abrangente. Isso faz com que as

nossas pesquisas, o trabalho da universidade fique um pouco enclausurado nesse mundo acadêmico.

ZEUS - *A universidade dá um grau de liberdade que você não tem em lugar nenhum.* Um professor dentro da universidade ele é completamente livre, e se ele for irresponsável, ele vai exercer sua irresponsabilidade no mais alto grau. Sobretudo na nossa faculdade você não tem nenhuma autoridade a lhe vigiar. Ninguém controla sua entrada nem sua saída, se há controle é um autocontrole. Eu exerço controle em relação aos outros professores quando os alunos fazem qualquer denuncia.

TÊMIS - Consigo realizar um bom trabalho com muita dificuldade, porque sou ignorada, não sou visualizada, porque não me dou bem com o jeito acadêmico. O jeito acadêmico bem narcisista, arrogante, tem um fundo de palavras muito grande, sabe teorizar bem, *sabe vender a imagem* e eu não tenho isso. Eu tenho uma visão bem pessimista da academia, como tenho uma visão bem pessimista do mundo, *mas isso não me tira a vontade de modificar a realidade dentro da universidade*, que é como fala Gramsci, agir sempre com o pessimismo da razão e com o otimismo da vontade. Eu não comento assim com os acadêmicos que são muito hipócritas, mas alguns concordam. A educação desde a alfabetização é toda errada. Como se passa o conhecimento na escola? Se passa como algo já construído, já dado, que o professor já detêm. A escola é dominada pela razão instrumental.

Quanto a fala de Zeus, é interessante perceber que o controle dos docentes é demandado pelos discentes. Já Têmis demonstra rejeição a um exemplo clássico da representação do conhecimento reificado como algo "que o professor já detém". Aqui não há dúvidas de que não é mais um consenso interno à categoria docente, que o conhecimento é algo completo, estático, que se adquire numa prateleira de supermercado. Todavia, perceber que tal questão não pode mais ser considerada como consenso, ainda está longe de ser considerada uma reflexão dominante, pois, como diz Himeneu: "o mundo acadêmico cada vez mais se fecha em si mesmo", ou seja, mantêm o capital acadêmico circulando dentro dos limites do campo acadêmico, pois muitos não querem mudar o que está aí, mantendo assim o *status*

quo. Além disso, a atualização reflexiva por que passam muitos profissionais da área, parece residir exatamente no "saber vender bem a imagem", mas a questão é: que imagem? A imagem de estabelecidos com seus *status* intocáveis pelo tempo? A imagem da instituição onde atuam? Se assim for, vamos ver de que instituições estamos tratando, pois observando especificamente professores que trabalham em faculdades particulares, surgem algumas diferenças nas problemáticas apontadas quanto à estrutura dessas instituições:

(P) - A academia permite um bom trabalho?

ATENA - não, não, acho que não, é difícil. Na federal não sei que eu nunca ensinei, né? A gente imagina que há espaço pra criação, você não trabalha só sob pressão, a clientela é outra, acho que isso conta bastante. A filosofia, a proposta... não tem nada a ver a universidade que a gente estudou, (uma universidade pública) que a gente conhece, com a faculdade que eu ensino (particular), ou outras. É muito diferente, essas faculdades são escolas de terceiro grau, não tem aquele ambiente universitário.

(P) – é necessário gostar de dar aula?

ATENA – tem gente que não é assim, tem gente hoje em dia que dá aula por uma questão de mercado mesmo, né? *É o espaço que sobrou, não tem trabalho pras pessoas, a faculdade tá crescendo,* expandindo, então tem muita gente que não tem nada a ver, que está ali, que não estaria, num outro contexto. Mas tem outros que não, eu gosto de ensino, eu estaria em outro contexto, porque eu gosto de fazer assim. Não é a questão da grana. Ali é a primeira (faculdade) que eu leciono, e não saberia fazer um trabalho só por causa de grana (risos) aí é mau, com certeza.

FERÔNIA - a gente *(novos professores)* tá buscando o espaço no mundo profissional. Eu acho que é possível ser uma acadêmica e ter prazer.

Exercer a docência em uma faculdade particular não parece ser a melhor forma para obter status, ou capital cultural institucionalizado, por motivos que vão da falta de estabilidade na carreira até a pesquisa quase sempre incipiente. Independentemente - ou apesar – das questões de ordem estrutural, há também quem pense a carreira como uma possibilidade de transcendência, pois o reencantamento da academia enquanto pólo de produção de ciência é uma possibilidade para reconectar o princípio de prazer e o princípio de realidade, como

veremos a seguir na fala de Apolo, freqüentador da União do Vegetal, que viu sua nova profissão – ou missão – de professor se manifestar numa "borracheira"[93]:

APOLO - eu tava numa sessão do Vegetal e vi a mim mesmo numa sala proferindo uma aula. Eu na hora não prestei muita atenção, achei legal, mas não fiquei pensando. Uma semana depois sem que eu procurasse, me ligaram perguntando se eu queria ingressar como professor numa faculdade (particular). O detalhe é que eu não tinha mestrado, geralmente considerado imprescindível para ensinar numa instituição deste porte, eu achei demais... por isso mesmo eu acho que o Vegetal parece estar diretamente relacionado com minha carreira docente, talvez de forma que nem mesmo esteja racionalmente clara para mim mesmo. Pra mim, *ensinar é coisa mesmo do destino*, eu evitei até onde não podia.

Quanto a essa modalidade de transcendência, onde a noção de destino se impõe mesmo as noções de vocação e de profissão, há quem sutilmente discorde da perspectiva, sobremaneira no que diz respeito à díade professor/aluno:

(P) - você vê o ensino como uma missão?

HYPNOS - em Educação (na faculdade) meus colegas falam muito isso, encaminhar as pessoas, uma ascese... é, acho que tem que ter uma aposta no ser humano e acreditar que existe aprendizagem, que se pode aperfeiçoar, cultivar alguma coisa. A atividade do professor é menos pedagógica, é menos pegar pela mão, que fazer algumas chamadas, alguma advertências, algumas apostas imaginárias.

Em meio a apostas imaginárias, se há mais coisas entre o céu e a Terra do que a vã filosofia possa supor, também é possível que certas transcendências aconteçam na imanência, onde muitas reflexões são frutos da própria práxis, enquanto práxis. Por este prisma, há docentes que levam suas inquietações para a sala de aula, onde buscam transcendê-las nas relações face a face:

[93] - estado alterado de consciência induzido pela ingestão de ayahuasca.

NÊMESIS - O que eu digo muito pros meus alunos, que eu brinco, e eles riem muito de mim dizendo que eu sou doida, eu chamo *nós, os pseudo-intelectuais!* Eu brinco muito com isso, sabe. A comunidade na universidade fala: "eu sou teu fã", porque eu freqüento e acabei de chegar da feira de São Joaquim (começamos a entrevista enquanto Nêmesis excitada com as compras feitas em meio ao contato com o povão, descarregava as sacolas). Isso me dá muita energia. Eu falo com as pessoas, o toque, a conversa. A minha mãe critica demais que eu falo errado. Eu falo errado proposital, até parece, entendeu? Eu adoro me relacionar com a fonte mesmo. E não o pseudo-intelectual: "ah, eu já li isso"... não é a minha! Fodeu!

(P) - isso em sala de aula?

NÊMESIS - ah, eu acho que entra em meus conteúdos, minha atitude diante dos alunos. O conhecimento pra que, pra quem, a serviço de que? É pra mudar? Transformar? Quer virar um doutor pra que? Então é uma *atitude política*. Infelizmente na universidade não é uma atitude comum. Tem muita gente interessante entre os meus colegas, mas infelizmente ainda é um senso comum, o status... eu curto demais com eles: 'professor, professor' (fala em falsete), a hipocrisia... Todo mundo chama professor X, professor Y, porra nenhuma! Eu não preciso ser *Professora* pra ser legitimada como professora. Não é a minha.

(P) - de onde vem essa visão da docência?

NÊMESIS - eu aprendi praticando, agora, eu acho que a didática tem que ser a anti-didática. Odeio didática! Eu odeio! Nem com meu filho eu nunca fui didática demais. Tem que ser anti-didática.

Com estas palavras enfáticas, a apresentação dos professores chega ao fim, oferecendo alguns elementos que ressignificam às representações estabelecidas do corpo docente.

Até agora foi visto que em nosso universo de pesquisa há uma postura bastante crítica não só quanto à academia, mas quanto às relações e representações dos docentes. Como o recorte aqui efetuado abraça os docentes de humanidades, é possível pensar essa perspectiva heterodoxa como um *habitus* social que lhes reconfigura o posicionamento no campo em relação a aspectos ortodoxos do discurso acadêmico. Algumas manifestações da postura crítica reflexiva desses professores heréticos extrapolam os limites do campo acadêmico, encontradas tanto na dimensão sexual quanto na dimensão religiosa, sendo

acima de tudo posturas politicamente identitárias na medida em que traduzem deslocamentos de poder na rede de valores estabelecidos enquanto dominantes.

Os professores mais experientes são exatamente os mais críticos, possivelmente em função da maior autoridade que o próprio tempo de experiência lhes confere. Assim, dois elementos que se destacam são: a área e o tempo de atuação, em sintonia com as percepções de Bourdieu sobre o *Homo academicus*. De forma geral, estes são indícios de que mesmo sem necessariamente entrar no tópico consumo de drogas, já estão caracterizadas configurações identitárias em boa medida *outsider*s.

A carnavalização do tempo

Em meados de 2003, nos corredores da uma faculdade pública da Bahia, as pessoas comentavam de forma um tanto constrangida, o caso de um professor da unidade que estava sendo processado por uma aluna por cometer assédio sexual. Indo além da perplexidade dos que acreditavam ou não na veracidade do fato, o ponto que mais me chamou a atenção foi a pergunta: "mas será que um *professor* fez isso?". Ao final deste mesmo ano, um professor oriundo da área de saúde que lecionava filosofia na mesma faculdade, foi preso e condenado a oito anos de reclusão por ter assassinado o próprio pai. Este fato causou um estranhamento e um desconforto ainda maior que o caso de assédio, principalmente por serem, tanto o filho quanto o pai, acadêmicos[94]. Assim, num curto lapso de tempo, a representação do professor universitário sofreu dois duros golpes, que abalaram o pedestal da sua respeitabilidade. Assédio sexual e parricídio são dois comportamentos estigmatizados/estigmatizantes [95], que caracterizam a transgressão de um código de ética central para o processo civilizador: a violação do complexo de Édipo. Sim, pois se o parricídio é facilmente relacionável ao complexo por Freud consagrado, o assédio sexual de professor para com aluna, não fica muito distante, principalmente na perspectiva em que a relação entre professor e aluna é próxima da relação pai e filha, como Himeneu traz à tona de forma bem clara:

[94] - George Steiner cogita que no nível simbólico os bons alunos devem"matar" os mestres, buscando superá-los, mas apenas no nível simbólico.

[95] - que se leve em conta que embora o professor condenado por parricídio seja um psiquiatra que estava em tratamento psiquiátrico(?!?), e que houvesse suspendido por conta própria a administração de seus farmacomedicamentos no período do crime, o ponto em questão não é analisar se os professores envolvidos nas celeumas eram ou não consumidores de drogas, mas sim como controlavam as suas emoções em meio as suas configurações comunitárias.

- Sexo com alunas pode ser mais problemático porque geralmente você tem estudantes bem mais novos, e existe uma certa imagem, garotas criam uma certa imagem do professor relacionada a pai, e isso é uma coisa meio problemática, usar essa imagem, desses estereótipos, dessas relações para conseguir sexo.

Se como afirma Steiner: "O erotismo, disfarçado ou declarado, fantasiado ou realizado, está entretecido no magistério", é de ressaltar que Panacéia emite um parecer a respeito da proximidade entre professor e aluno que representa bem a opinião dominante:

- pode ter envolvimento sexual, afetivo, agora, de acordo com a ética, acho que a ética não tá no ser se relacionar com o aluno, mas no tipo de relação que se estabelece aí, quer dizer, *cê usa o lugar do professor, aquele suposto saber, faz uso da possibilidade de encantar, de seduzir, ou você estabelece uma relação de igual*, um relacionamento a dois.

Enfim, se os exemplos de homicídio e assédio mostram que o controle de emoções em comunidades onde há um alto índice de educação e civilidade pode não ser 100% eficiente, não deve-se ser induzido a pensar que a ausência de controle configurar-se-á sempre de maneira desestruturante. Principalmente porque há descontroles controlados em função de específicas configurações, onde os professores podem ser humanos, demasiadamente humanos - e isto sem necessariamente desumanizar terceiros. O descontrole controlado de emoções inclusive é institucionalizável, e isto é fato mais do que constatável na cidade que ostenta a representabilidade - estabelecida enquanto tradição – de festejar o maior carnaval de rua do planeta.

"*O carnaval é o verdadeiro dia! Os outros 360 dias do ano são um intervalo necessário, senão o mundo não agüentaria tanta felicidade!*" - POSEIDON

A imagem do carnaval que é recorrente ao longo de algumas interlocuções aqui trabalhadas não é gratuita. O descontrole controlado representado pelo tempo carnavalesco, tem muito a ver com a busca de excitação que talvez nos outros 360 dias do ano não seja explícita como uma configuração temporal estabelecida, sobremaneira considerando que o universo aqui representado é constituído por acadêmicos. Digo isto lembrando de uma

professora que numa aula de pós-graduação se referiu a categoria dos professores como: "aquela que fica em casa nos fins de semana preparando aulas e corrigindo provas, enquanto os outros se divertem". Se este for inexoravelmente o cronograma do professor contemporâneo, não fica muito difícil interpretar como compensação o que Zeus afirma enfaticamente: "No carnaval, eu quero que me encontrem doido pulando atrás do trio elétrico, fazendo as coisas... sem a circunspeção da vida intelectual".

Mas talvez a consumação do tempo não seja exatamente assim, quer dizer, talvez o calendário do professor não se desenhe estática e necessariamente na tensão entre 360 dias de princípio de realidade *versus* 5 dias de princípio de prazer, pois numa cultura de consumo, a busca de excitação se tornou quase que uma obrigação[96]. Na perspectiva do consumo, de certa forma já é possível curtir algum tipo de carnavalização o ano inteiro, mas antes de buscar o carnaval nos 360 dias restantes, vamos buscá-lo em 1 dos 5 dias estabelecidos para tal.

06/02/05. Durante o carnaval aconteceu uma festa na residência de um dos interlocutores, onde entre muitos professores, alguns artistas plásticos e turistas, estavam cinco interlocutores presentes, três dos quais também estiveram na festa de Santa Bárbara. Mais uma vez a presença de negros e gays não era pontual, distribuídos entre pessoas de outros estados e de outros países, numa celebração carnavalesca globalizada. A festa foi planejada para mais ou menos cinqüenta pessoas, acontecendo em um apartamento bem espaçoso num bairro de classe média. O prato ofertado foi feijoada e muitos convidados levaram seus kits de cerveja. Não houve maiores restrições ao consumo de maconha, isto é, inicialmente – a festa começou por volta do meio-dia - fumou-se num quarto, mas com o passar das horas, após os convidados "mais convencionais" terem ido embora, fumou-se no salão de dança e também no terraço. Geralmente quem portava o baseado chamava alguns próximos para fumar, ao que outros tantos se aproximavam muitas vezes também portando seus baseados, e o comum foi numa mesma roda haver dois baseados ou mais, passando de mão em mão. Muitas pessoas que não se conheciam, nesse ritual começavam a conversar como se fossem conhecidos de longas datas. Nesse sentido, a roda de fumo foi configurada

[96] - obviamente nem é preciso pontuar que fora da cidade de Salvador, os carnavais fora de época já fazem parte do calendário estabelecido, tipo micaretas e carna-forrós, porém a questão aqui problematizada diz respeito aos tempos carnavalescos fora dos calendários oficiais, tempos talvez mais psicológicos que cronológicos, e quem sabe até mesmo no nível psicológico, tempos *outsiders*.

muito menos como ritual de redução de danos sociais do que como facilitadora de pertencimento no ritual do tempo da carnavalização, do tempo do prazer – mais adiante, a importância da relação entre o consumidor de drogas e o tempo, será trazida à tona.

Com tantos professores presentes, muitas vezes a conversa girou em torno de questões ligadas à academia, da mesma forma como girou em torno da sexualidade que está atrelada ao carnaval, ou sobre as músicas que estavam fazendo sucesso na temporada. Aliás, apesar de ser carnaval, um consenso perceptível foi que a maioria dos convidados não se interessava por axé-music e a musicalidade demandada ao D.J. era majoritariamente pop, indo da MPB ao rock, sem reservas. No final da tarde, com a cerveja constantemente sendo disponibilizada no salão de festa, o nível de excitação subiu consideravelmente e no geral a conversa longa foi sendo trocada pelo riso solto e pela dança, podendo-se ver casais gays dançando e trocando beijos sem maiores preocupações quanto à privacidade.

Em certo momento, um casal de amigos interlocutores - Eros e Hécate - me chamou num canto para conversarmos, entre uma cerveja e outra. Na verdade, começaram a me expor reservadamente, qual a estratégia que utilizavam para fumar maconha quando em período de trabalho[97]. Como ensinam no mesmo campus, eles agendam os dias em comum e saem para passear longe dos olhos e olfatos alheios – sem esquecer de usar colírio e chicletes. Ao me relatar tal procedimento, era perceptível o prazer que ambos emanavam com a narrativa, como se fossem duas crianças contando suas estripulias. Ficou evidente que a possibilidade de ludibriar os olhos vigilantes do discurso proibicionista em suas específicas relações no campo de trabalho, os excitava.

Continuei circulando pela festa e um dos interlocutores, o dono do apartamento, que por força do cansaço parou de dançar - pelo menos por três ou quatro minutos - me contou que em festas anteriores manteve maiores cuidados com a vizinhança, até que convidou a vizinha do lado para participar, e só então percebeu que não havia muito com o que se preocupar, pois a vizinha era uma pessoa liberada. Ele voltou a dançar e a festa continuou até meados da noite, quando aos poucos, os convidados se encaminharam para o carnaval de rua.

[97] - principalmente após os fatos relatados por Hécate nas páginas 121/2.

Psicoativando o princípio de realidade: a procrastinação da chegada da quarta-feira de cinzas

O carnaval acabou ontem
mas ontem
ainda não acabou

Se em um extremo da nossa investigação dispusemos da representação dos professores universitários e da academia, agora vamos dispor do perfil de suas carreiras enquanto usuários de drogas, fragmentos de suas trajetórias de consumo, buscando trazer à tona como o processo civilizador configurou princípio de prazer e princípio de realidade, satisfação individual e segurança coletiva, enfim, como os outros 360 dias do ano também podem ser cenários para um tempo carnavalesco.

Assim, faz-se necessário introduzir na discussão o cientista social Jean Paul Grund, que pesquisando usuários de cocaína e heroína, reflexivamente ampliou o modelo proposto por Zinberg. Grund considerou tal modelo significativo, porém estático, quer dizer, um modelo submetido à redução processual por não configurar especificamente como os integrantes dos distintos grupos de usuários moldavam os controles sociais às suas demandas variadas. Desta forma, sendo o *setting* um campo muito vasto, Grund busca explicitar quais são efetivamente as interfaces sociais cruciais para tais usuários. O modelo de Zinberg, segundo Grund, também não releva um viés fundamental quanto aos controles: a mercadificação das drogas, incluindo o tráfico e todos os seus riscos para a segurança dos usuários. Em função destas observações, Grund acrescenta ao modelo de Zinberg dois itens que o atualizam: a estrutura de vida e a disponibilidade de aquisição das drogas.

A estrutura de vida possibilita uma leitura dinâmica do *setting*, onde o usuário é percebido num recorte muito mais atuante que no modelo de Zinberg, atuante no sentido reflexivo, pois são então consideradas as atividades que extrapolam a relação direta com as drogas – os outros Nós-Eu, de que fala Elias – nos vários níveis de interações sociais. A disponibilidade de aquisição é outro item capital, já que a violência e a marginalidade que circundam o tráfico além de riscos possibilitam perigosas estigmatizações que muito preocupam os usuários. As sanções e os rituais dificilmente poderão ser bem ajustados, se não for levado em conta que a dificuldade de aquisição pode tornar o processo um ponto

tensamente centralizado para o usuário, pondo-o em conflito com uma estrutura de vida que objetive ser considerada segura. Grund encerra sua atualização do modelo de Zinberg constatando que o uso de drogas – e no caso de seu estudo, drogas consideradas pesadas pelo discurso médico – mesmo quando freqüente, não é necessariamente sinônimo de uso descontrolado, pois está sempre sujeito às tendências culturais e movimentos mercadológicos, ou seja, a padrões socialmente configurados/configuráveis.

O descontrole controlado – que Featherstone tipifica como característico da cultura de consumo - não apresenta uma necessária contradição com o uso controlado, na verdade sendo até uma modalidade deste. Em outras palavras, é possível dizer que, por exemplo, o tempo carnavalesco ao ser disponibilizado no tempo cotidiano pode trazer certo nível de reencantamento ao princípio de realidade, pois essa disponibilidade passa a ser um processo pautado nas atividades miméticas. Vamos mais uma vez atentar para os discursos na busca da percepção desse processo.

Consumir e produzir, eis a questão!

(P) - Como é a sua relação entre o consumo de drogas e a produção?

EROS - *Eu não uso para dar aula, eu não uso pra trabalhar,* eu uso geralmente quando estou muito cansado. Eu acho que a droga atrapalha minha produção, eu acho que maconha faz perder muita hora, *deixa a mente lenta*.

HIMENEU - *(fumar e trabalhar)* - não gosto muito porque às vezes *eu fico meio desatento*, e aí pra aula... aula é uma coisa que tem que ter uma certa esquematização, tem que ter uma certa objetivação e eu não gosto muito de ficar viajando, *me sinto meio isolado* nessas situações.

HÉCATE - Eu tenho o limite. Às poucas vezes que eu fumei pra dar aula eu me senti insegura[98]. Eu separo. *A circunstância que eu menos separei foi quando estava escrevendo minha dissertação*, (risos): "eu vou fumar e vou escrever!" e acontecia mesmo. Mas em geral sou de não usar pra trabalhar.

ATENA - *pra dar aula não*, eu nunca conciliei muito bem a produção com fumar, *eu fico meio atrapalhada,* assim, dispersava muito, demorava muito lendo, me perdia (risos) nas

[98] - e paradoxalmente, fumar antes de uma aula foi exatamente o que Hécate veio a fazer pouco depois de realizarmos esta entrevista.

entrelinhas. *Mas assim pra escrever, usava sobretudo no período da dissertação.* Mas eu sempre tive uma amiga, que sempre fumou pra trabalhar. A dela é que ela não vive sem, ela é muito fissurada, a gente andava muito juntas, as minhas amigas eram muito fissuradas, e ela o tempo todo, inclusive a gente brigava às vezes, mas quando tava escrevendo minha dissertação eu senti essa necessidade, comecei a experimentar fumar pra escrever, né? Assim *alguns momentos eu tava particularmente tensa,* várias questões, falta de condições de realizar um trabalho, não tinha nem espaço em casa. Uma vez tava a filha de meu irmão e meu filho e a menina chorava o tempo todo, não conseguia me deixar em paz. *Outro período foi o pai de meu filho e o álcool, foi muita tensão e eu comecei a fumar pra escrever e gostei de escrever fumando*. Dá pra escrever certo tipo de coisas, né? Pra mim não dá pra fazer nada que exija muita coordenação motora.

De acordo com o que reportam estes interlocutores, parece haver uma indicação de que fumar e dar aula não combina; deixa a mente lenta, dispersa, ou seja, na configuração social voltada à produção intelectual coletiva, fumar maconha não é bem visto como facilitador de objetividade, pois nesses ambientes onde há troca sistematizada de informações com outras pessoas, é requerido um maior controle da atenção/concentração. Já em sintonia com a perspectiva do "uso controlado", procura-se priorizar como *setting* uma configuração menos conflituosa, por exemplo, no *fumar para escrever,* onde as variáveis poderão estar mais ao alcance do controle e das expectativas do usuário, sem que este tenha que interagir imediatamente com outros, com respostas imediatas, como geralmente acontece em sala de aula. Neste caso o usuário pode realizar posteriores elaborações na sua produção - inclusive sem estar necessariamente sob o efeito psicoativo - o que implica em que o resultado não carece da imediatez de resposta, que geralmente uma situação de contato coletivo demandaria. Este é um exemplo de como sanções e rituais podem vir a ser configurados como controles sociais, levando em conta atividades a serem realizadas sob efeito psicoativo, tanto quanto a redução de efeitos indesejáveis.

Também é importante ressaltar na fala de Atena, o quanto certos usos podem reduzir as tensões cotidianas, e nesse sentido é possível dizer que *a mente lenta*, pode significar certa dispersão das tensões, o que leva a cogitar que mesmo com algum déficit na quantidade de produção, o que contará em última instancia é o amortecimento do desconforto

psicoemocional de Atena: "foi muita tensão e eu comecei a fumar pra escrever e gostei de escrever fumando".

Entrementes, alguns interlocutores empregam uma racionalidade distinta ao manifestar as condições básicas para um tipo ideal de produção intelectual:

NEREU - Não, depende da profissão, se você é artista, músico, não é problema. Isso favorece a criatividade. No caso do intelectual, que tem que ter um nexo lógico entre uma idéia e outra, não é muito legal porque você quebra muito a seqüência... você fica muito criativo, tem insights fantásticos, mas em coisas que não se sustentam. Já aconteceu de ter fumado pouco antes de dar aula .... fica uma certa angustia, fica certo receio de censura por parte dos alunos.

Este discurso carrega nas entrelinhas uma representação estabelecidamente dominante de que criar ou produzir arte não requer muitos nexos lógicos, características estas da produção intelectual, e que um intelectual talvez não deva dar muita vazão a livre fluência da criatividade, pois correrá o risco de perder o prumo da objetividade. Vê-se nessa representação uma naturalização de que a produção intelectual e a produção artística são processos antagônicos, porém, outros testemunhos indicam que tanto a produção artística quanto a intelectual – se é que são coisas inapelavelmente distintas – acontecem em uma sucessão de fases, das quais há pelo menos duas empiricamente constatáveis por artistas e intelectuais no conhecido "10% de inspiração, 90% de transpiração". Nestes 10% de inspiração, tanto artistas quanto intelectuais possivelmente trabalham num nível mental pré-consciente, trazendo a tona conteúdos ainda não elaborados. "As idéias nos chegam quando lhes apraz, e não quando queremos. As melhores idéias ocorrem à nossa mente [...] ao fumarmos um charuto; ou [...] quando caminhamos por uma rua que sobe lentamente" (Weber: 1982, 162).

Como bem sugere esse exemplo, proferido por um intelectual representado tradicionalmente como ascético,[99] o consumo de psicoativos – o charuto, que muitos nem

[99] - aliás, Weber teve uma vida não muito regular para um "intelectual ascético" que produziu proliferamente. Em função de dois esgotamentos nervosos ele chegou não só a se afastar da docência, como também ficou 14 anos sem produzir enquanto renomado cientista. Nesse ínterim, foi paciente do psiquiatra e filósofo Karl Jaspers, que por questões éticas escondeu o diagnóstico que fez de Weber, dos olhos panópticos do nazismo. Ironicamente, Weber não nutria maiores simpatias pela psicanálise por acreditar que esta "facilitava as

percebem como droga, mas é – e a atividade ociosa – a caminhada - podem até facilitar a liberação destes conteúdos, ou simplesmente torna-los mais perceptíveis. Alguns artistas plásticos e músicos indicam que, por exemplo, fumar maconha numa primeira fase é bastante frutífero, mas numa segunda fase, elaboram o material produzido, geralmente sem o consumo da droga - alguns publicitários dizem o mesmo da cocaína. Com o intelectual pode não ser tão diferente pois, como é possível constatar nesta pesquisa, muitos dos interlocutores – principalmente as interlocutoras - exatamente no período da construção da dissertação/tese de pós-graduação, foi quando mais intensificaram o consumo, seja para reduzir as tensões, seja para fazer brotar idéias. Depois então, os 90% de transpiração tornam-se dominantes, ganhando destaque na representação de que trabalho é fruto de suor derramado.

Num espectro mais amplo que o campo imediato desta pesquisa, porém ainda em contato com o capital cultural que norteia tanto os rumos teóricos quanto o capital cultural referente a boa parte dos interlocutores pesquisados, é possível perceber que muitos intelectuais estabelecidos, tanto os que enveredaram pelos caminhos da arte literária, como Huxley, Benjamim e Sartre, quanto os que foram especificamente cientistas, como Freud que chegou a fumar 20 charutos por dia, inclusive durantes as sessões analíticas, acreditavam numa possibilidade de uso produtivo de drogas. Sartre produzia seus textos tanto científicos quanto literários entre doses de chá - um litro por manhã, período quando escrevia - tabaco e Corydrane - anfetamina misturada com aspirina (Conti, 03/07/05). Benjamim transformou em livro seus experimentos com haxixe, enquanto Huxley por sua vez, chegou a monitorar suas experiências com mescalina usando todo o aparato médico que tinha à época para registrar cientificamente suas alterações de consciência e metabólicas, relatando tais experimentos em dois brilhantes ensaios[100]. Ironicamente, quem teve uma relação mais ambígua com os psicoativos foi Freud que, no começo de carreira, enquanto ainda era neurologista, mostrou-se um grande entusiasta dos usos médicos da cocaína, inclusive sendo ele mesmo usuário por 11 anos[101]. Se o seu entusiasmo pelo uso de cocaína parece

coisas", pois fazia o sujeito pensar em causas para seus problemas que lhe fugiam ao controle. (Cohn, 14/07/05).

[100] - *As Portas da Percepção* – que deu origem ao nome da banda psicodélica *The Doors* - e *Céu e Inferno*.

[101] - este é um episódio ambíguo e emblemático na sintomatologia da ciência médica enquanto ciência estruturante de disposições e dispositivos, pois se por um lado o artigo *"Uma contribuição para o conhecimento do efeito da cocaína"* escrito por Freud em 1885, de forma pioneira delimitou um padrão

ter sido amainado após uma série de efeitos colaterais negativos, inclusive a overdose fatal de um amigo, não se pode dizer o mesmo do seu uso de tabaco. Freud que nas sessões analíticas: "defumava seus pacientes como presuntos ou salsichões e teria assumido a atitude de encerrar a sessão quando terminasse de fumar", (This: 2003, 45), posteriormente veio a padecer em função de um câncer na boca precipitado pelo *habitus* do tabagismo.

Voltando para a angustia e o receio da censura manifestos por Nereu, é possível pensá-los não tanto em função da fluência excessiva de criatividade após o consumo de maconha, – o que lhe soa como redução da objetividade - porém pelo relaxamento de uma postura discursiva, estabelecida como objetiva, que tende a seguir uma lógica mais próxima de uma racionalidade canonizada como o padrão científico ideal para o papel de docente. Esse relaxamento poderia soar como anti-didático ou mesmo anti-acadêmico e nesta perspectiva, Nereu não está só:

(P) - como você lida com o consumo de drogas e produção?

ZEUS - Eu acho que não se misturam. Eu acho que bebida não ajuda a produção intelectual, a bebida pode inspirar a gente pra falar, pra dançar, essas coisas, mas para produzir intelectualmente, não! Eu acho que *a partir de uma terceira cerveja, desconfie do que você estiver escrevendo ou lendo.* Bebida é pra outras coisas, a bebida é pra você se relacionar, às vezes você relaxar... talvez no campo da música, da dança, as substâncias psicoativas ajudem, é possível, mas no campo intelectual, da razão, eu não conheço ninguém, dentre as pessoas que eu já tenha conversado, que sob efeito de bebida tenha produzido coisas boas.

Alterar o estado de consciência é uma vontade humana milenar. Eu diria, é humano, demasiadamente humano. Não estaria aqui tomando cerveja se tivesse que dar uma aula depois, mas faria seguramente se eu estivesse aqui para conversar com você sobre este assunto, *sabendo que esta conversa, ela terá um encaminhamento até um determinado número de cervejas tomadas,* depois cai na gandaia e não vale mais.

---

metodológico nos estudos psicofarmacológicos tendo seguidores na área até hoje, por outro lado, este e mais outros dois artigos que Freud escreveu sobre a cocaína antes de atingir sua fama como psicanalista, foram banidos de suas obras completas. Estes artigos só vieram à baila quase 80 anos depois, em 1963, sendo reunidos, comentados e lançados em livro posteriormente em 1974 - *Freud e a cocaína* - por Robert Byck. Este episódio é um exemplo de como funciona o dispositivo da droga: se no século XIX o uso médico da cocaína foi considerado a panacéia para todos os males; da congestão nasal à histeria, hoje, no século XXI, sua produção, distribuição e uso estão sujeitos à severos controles oficiais.

A primeira parte dessa fala é muito próxima da fala de Nereu, guardando a diferença de que Nereu se refere ao uso de maconha, enquanto Zeus se refere ao uso de bebida alcoólica. Para ambos, porém, drogas lícitas e ilícitas são preferencialmente consumidas em *settings* específicos não configurados no domínio do princípio de realidade, de acordo com os controles sociais vigentes nos *ethos* de cada comunidade de usuários correspondente. Também merece registro que Nereu não acredita que um intelectual deva consumir drogas enquanto em processo de produção, ao passo que Zeus acredita que, se há alguma forma de controle para viabilizar tal processo, talvez seja o controle de quantidade: *"a partir de uma terceira cerveja, desconfie do que você estiver escrevendo ou lendo".* Assim, a quantificação pode atuar como um mecanismo de ritualização, de redução de danos, porém, os controles sociais para o consumo de álcool nem sempre configuram o consumidor intelectual, de forma tão diferenciada do consumidor artista:

(P) - Algum tempo atrás você expressou publicamente que desejava dar um tempo da bebida, por quê?

POSEIDON - O álcool supõe que a gente tem um tempo pra isso, tem que se transportar, se deslocar, por exemplo, eu tô atendendo sua entrevista, se eu tivesse tomado cerveja antes, eu não poderia tá dando essa atenção. Então o álcool é incompatível com o trabalho.

(P) - com cerveja essa entrevista não fluiria?

POSEIDON - não, porque o álcool compromete a lucidez. Vinicius de Morais não dizia isso porque ele fazia duas, três músicas por ano. Ele dizia: "só consigo compor" – ele esqueceu de dizer, *duas músicas por ano* – "quando eu bebo umas".

Inclusive pra dar aula, se você tomar uma cerveja, aí não altera quase nada, é só descontração, agora a partir daí, você já fica com outro humor. O problema dessas substâncias é como comida. Não existe simplesmente comida ou não comida, *tem que ver as doses, as quantidades.*

Cruzando as falas dos três últimos interlocutores, percebe-se que a última traz uma leitura contrária à de Zeus, inicialmente quanto às condições para realizarmos nossas entrevistas. Se Zeus não vê incompatibilidade entre o consumo de cerveja em nossa interlocução, é sinal que ele vê nossa interlocução em uma perspectiva lúdica, enquanto Poseidon nos coloca na perspectiva do princípio de realidade. Poseidon também diverge de

Nereu no que diz respeito à produção intelectual e artística, pois, no ponto de vista do primeiro, tanto o intelectual quanto o artista apresentariam as mesmas dificuldades na administração entre o consumo de drogas e a produção. Talvez haja uma indicação de que os usuários de álcool como droga preferencial – nesse caso, droga exclusiva, já que Zeus e Poseidon nem tabaco consomem – tenham uma tendência a estar bem atentos a redução de danos que o controle quantitativo pode propiciar[102].

Entretanto, para o usuário de múltiplas drogas, principalmente álcool e cocaína, o uso controlado para ser eficiente, tende a ser mais rígido:

PRÍAPO - (Uso) a cocaína, sempre dou um "micro tequinho"[103] antes de sair de casa para trabalhar, dar aulas. Já no trabalho, depois que chego na faculdade, não tomo nem um pequeno gole de cerveja[104]. Depois (do trabalho) é outra história...

DIONISO - Tem uma coisa que marcou muito. Foi a primeira vez que eu usei a cocaína, pra fazer um projeto pra apresentar pra especialização. Conversando com um amigo da área eu me lembro que parei de conversar e numa sentada eu descobri toda a temática que eu queria trabalhar, claro que depois eu tive que retrabalhar aquelas idéias, mas as idéias todas surgiram mais claras nesse momento. *Eu não sei associar a coisa diretamente a droga, mas ao ambiente.* Então é uma das viagens que eu mais me recordo.

Foi uma coisa que eu tive que relativizar muito pra não cair nessa tentação, a minha produção ficar associada a isso. Aí eu tive que... vi que a ligação não era tão associada, talvez associada a outras questões do momento. É uma questão muito pessoal, depende muito do... por exemplo eu bebo praticamente todos os dias, o álcool não impede o meu trabalho. Bebo depois da aula. Eu tenho caso de amigos que usam constantemente pra trabalhar.

---

[102] - até mesmo em função de que, sendo o álcool uma droga legal, seus consumidores não tendem a atentar tanto para o controle de qualidade, como no caso dos consumidores de drogas ilícitas, pois supõe-se que tal controle já tenha sido realizado pelos produtores e distribuidores, cabendo apenas ao consumidor ter capital financeiro para consumir a *melhor qualidade*. Contudo, numa sociedade de risco, nada é tão seguro, e como o próprio Poseidon sinaliza mais a frente, a industria da falsificação de bebidas é uma realidade encontrável nos melhores bares e casas do ramo.

[103] - cheirar pequena quantidade de cocaína.

[104] - Príapo leciona numa faculdade paulista onde a venda de bebidas alcoólicas é permitida.

Nesses dois exemplos há usos de cocaína de forma diferenciada. Príapo a usa como um estimulante, "antes de sair de casa para trabalhar, dar aulas", e não necessariamente para realizar uma específica atividade intelectual, o que já é o caso de Dioniso, que construiu uma percepção de que o efeito atingido era mais em função do *ambiente* onde aconteceu o ritual de consumo, do que puramente do psicoativo – indo no mesmo sentido indicado por Zinberg e Grund.

Por outro lado, quando Príapo faz questão de não misturar as coisas, por exemplo, não bebendo durante o período de trabalho, seu consumo se aproxima do feito por Dioniso, que, além de buscar o controle, não ritualizando sua produção intelectual na dependência do consumo de cocaína, determina que o espaço para consumo de álcool é depois do trabalho, apesar de constatar que alguns colegas bebem e trabalham sem conflito.

Já o consumidor de maconha, quando administra seu consumo associado à produção, parece desenvolver outros mecanismos de defesa:

CIBELE - Fumo diariamente. Fumo e trabalho, trabalho no computador muito. Pra dar aulas já fumei, não fumo constantemente, quando eu fumo eu fico muito introspectiva e às vezes não é legal dar aula quando fumo. Fumo pra preparar aula, mas não pra dar aula. *Não faço divisão entre lazer e trabalho,* não me atrapalha não, eu não sou uma pessoa que despiroco quando fumo (risos). Eu fumo dois baseados por dia em média, eu trabalho muito em casa. Às vezes minha capacidade de produzir sofre danos (risos) depende da minha exigência do tempo de trabalho. *Dificulta a minha concentração às vezes, eu acho que poderia produzir com mais rapidez, mas quando eu fumo, eu já sei que vai ser assim. Não há conflito porque eu trabalho pra caralho o conflito* (risos). *Eu produzo, só que não produzo naquele ritmo que me é esperado por uma instituição,* às vezes trabalho muito a noite, mas produzo, não fico parada não. Além disso, produzo as tarefas domésticas, completamente dentro do meu cotidiano. Se eu tivesse alguém que morasse comigo que restringisse em algum momento o meu uso, eu poderia dizer que teria que separar um tempo. Mas não vivo isso.

Nessa racionalização, Cibele mostra flexibilidade ao relativizar a eficácia do tempo estabelecidamente reservado para a produção, pois, entre alguns usuários de drogas, principalmente maconha, o tempo recebe ressignificações que podem pô-lo em rota de

colisão com a noção de tempo enquanto sanção ritual de controle[105]. Essa relativização do sentido do tempo permite ou pelo menos facilita uma percepção diferenciada das representações de lazer e trabalho, princípio de prazer e princípio de realidade. Alguns professores não sentem maiores dificuldades para ministrar aula, ou fazer uma *performance* pública, sob efeito canábico:

NÊMESIS - Eu fumo pra dar aula, tranqüilo! Eu fumo pra escrever, é doido isso, mas eu fumo pra escrever. Eu gosto, me inspira.

HYPNOS - Me lembro que na defesa das duas teses, (mestrado e doutorado) fumei antes de ir, até porque não altera muita coisa, não me criou embaraço, nem fiquei preocupado com isso. Aula também posso ir às vezes fumado, outras vezes não. Acho que tem aluno que percebe, já teve até comentários: pô, parece até que você fumou um! (risos).

Não passa despercebido que nessa última fala, principalmente no: "até porque não altera muita coisa...", há uma explícita naturalização da continuidade/complementariedade entre princípio de prazer e princípio de realidade, e não um conflito, uma ruptura irreconciliável, como alguns docentes professam canonicamente.

No rastro dessa naturalização é possível verificar que alguns interlocutores relacionam de forma diretamente proporcional, seu consumo de drogas com sua necessidade de produção, ou melhor, de tempo dispensado à produção:

HERMES - Eu acho que tô fumando um pouco mais de maconha do que eu deveria. Eu acho que eu poderia controlar mais, mas *o meu aumento de consumo tá associado diretamente com minha disponibilidade de tempo*. Meu ritmo de trabalho me leva pra fora da cidade por três dias. Quando eu volto pros outros quatro dias, o consumo aumenta consideravelmente. Eu acho que tenho um controle, nos dias que eu tô lá eu fumo bem menos, no momento de lazer, mais livre, o consumo aumenta.

Se este parece ser um modelo de redução de danos baseado no controle do tempo entre o ócio e a produção, outros interlocutores ainda relativizam mais a problemática posta entre

[105] - sobre o(s) tempo(s), ver página 203.

princípio de prazer e princípio de realidade, aprofundando a reflexão sobre o quanto um princípio é intrinsecamente complementar e necessário ao outro:

TÊMIS - Fui trabalhar numa escola hispano-americana em Nova York que era um verdadeiro gueto, as crianças massacradas pela razão instrumental, passei por muitos estresses, e foi aí que a *marijuana*[106] entrou como um remédio pra me relaxar quando voltava do trabalho. E até hoje me acontece que se eu tô com uma carga negativa, eu "fumo um" e a carga negativa vira positiva.

Depois fui fazer o doutorado na Europa. Eu usava a *marijuana* pra soltar a parte criativa na frente do computador. Eu fumava um, depois achava que estava escrevendo besteira. Mas no dia seguinte, quando ia ler, achava tudo demais. A *marijuana* foi um processo que foi me acompanhando no meu crescimento. No momento que eu pra crescer precisava me confrontar a mim mesma, via coisa que eu não gostava, a *marijuana* me dava paranóia. No momento que ia pra dentro do agora, lia livros de profundidade, a *marijuana* me *ajudava a aprofundar*. *Foi quando eu mais usei*. Eu também desenvolvi nessa época um *Cabaret* cultural que foi um sucesso falando sobre o movimento hippie. *Pra essa atividade eu fumava antes de subir no palco.*

Eu quando comecei a dar aula aqui, tinha muita timidez e a dificuldade da língua, então muitas vezes eu fumei um antes pra relaxar. Ou então quando pegava uma turma limitada pela razão instrumental que não conseguia ouvir e ficavam me questionando, ai eu fumava e ia dar aula e assim eu falo de um jeito (gesticulando empolgada), que nunca questionam, e tão achando que eu fumei...

Nesse exemplo, é perceptível como as drogas e o *set* da usuária são associadas ao *setting* intelectual: "no momento que ia pra dentro do agora, lia livros de profundidade, a *marijuana* me ajudava a aprofundar", tanto quanto ao *setting* artístico: "Eu também desenvolvi (...)um *Cabaret* cultural (...)Pra essa atividade eu fumava antes de subir no palco", não havendo necessariamente uma divisão estanque entre produção intelectual e produção artística. Num segundo momento, o *setting* que se mostrava hostil, "uma turma limitada pela razão instrumental que não conseguia ouvir e ficavam me questionando",

[106] - *marijuana* = maconha.

torna-se *amortecido* quando a maconha ajuda a reduzir a timidez – o *set* da interlocutora: "ai eu fumava e ia dar aula e assim eu falo de um jeito, que nunca questionam". Este relato mostra o uso de maconha como forma pessoal de motivação e estimulação para enfrentar situações que geralmente muitos usuários consideram difíceis de conciliar com a droga – um livro denso ou uma platéia, por exemplo. Esta fala explicita o ponto de vista de Têmis de que sua relação com a maconha é muito mais uma busca de autoconhecimento do que necessariamente de prazer – prazer para ela tem uma conotação hedonista, como será dito adiante (pg. 154). O ponto em questão é que talvez ela não tenha percebido que o autoconhecimento também pode gerar prazer. O autoconhecimento parece ser uma perspectiva concatenada por Têmis para conciliar os princípios de prazer e de realidade, enquanto princípio de realidade.

"Claro que a imagem do professor acadêmico não é a mesma que foi um tempo atrás. Eu acho que tem aspectos positivos e negativos com essa mudança. Aquela idéia de respeitabilidade que o professor universitário tinha já não existe mais isso, ou pelo menos não existe na escala que havia antes" - HIMENEU

Com essa redução da escala de respeito – o que não quer dizer que não haja respeito - parece haver uma indicação de que em tempos de reflexividade intensa, a representação do professor esteja ficando mais próxima do humano, demasiadamente humano, mas será que já há espaço para a representação do professor enquanto usuário de drogas?

NEREU - Num ambiente de trabalho não tem porque eu sair por aí dizendo: eu fumo maconha! Até porque eu acho que isso não se aplica a mim, porque *eu não me sentiria bem caracterizado se alguém dissesse: fulano é maconheiro!* Não é só pela carga negativa que tem esse termo, mas porque realmente eu não me sinto um maconheiro, no sentido que maconha me defina, de algum modo, porque eu também tomo cerveja e ninguém diz: é um cervejeiro!

No parágrafo anterior, é possível notar como Nereu não aceita a redução processual de sua identidade representacional ao ser "maconheiro", até porque, como ele inferirá no

parágrafo seguinte, seu lado usuário serve como suporte para o seu lado professor, não anulando-o, nem descaracterizando-o.

(P) - entre ser professor e ser usuário há incompatibilidade?

NEREU - nenhuma. Dá um *background* maior pra poder lidar com o estudante que tá usando. Às vezes você vê pessoas que claramente tão fazendo uso prejudicial a elas. Já tive essa percepção em sala de aula, tendo uma postura de solidariedade, de compaixão... enfim, cê quer ajudar a pessoa. Minha atitude é não fazer uma censura ao comportamento em si. Procuro deixar a pessoa bem à vontade pra se ela quiser falar sobre aquilo, falar. *No ambiente universitário andar com estigmatizados não queima o filme, fica bem na foto você andar com estudante usuário.*

Aqui o discurso de Nereu ganha densidade, pois se não é uma boa representação ser maconheiro, pode ser uma boa representação andar com usuário, ou seja, "a boa" representação é aquela na qual em seu papel de professor, de estabelecido, Nereu está em condições de poder ajudar um usuário. Contudo ele espera que não o confundam com um deles.

Curioso ver que Nereu e sua ex-companheira, - Hécate - mostram duas visões de mundo bem distintas, dois *sets* bem diferenciados quanto a motivações e expectativas, o que não os impediu de compartilhar um mesmo *setting* relacional, uma mesma configuração sociocultural, sem que suas idiossincrasias quanto ao consumo de drogas levasse a uma tensão incompatível:

HÉCATE - Sempre eu me coloco dizendo que gosto, sempre que tem uma discussão pública, eu, mesmo timidamente, me posiciono a favor, acho que é uma coisa legal, *agora no meu trabalho, a gente às vezes fuma lá no espaço da universidade, distanciando*. De mim já falaram. Era um forró, muito cheio de gente. Isso foi um comentário enorme, dos colegas e funcionários. A mim ninguém nunca disse nada, chegou através de colegas dizendo que foram a diretora dizer que eu estava fumando maconha. Ela teria dito: 'eu não acredito!'. Eu já tinha fumado lá e achava que não tinha problema, (risos) mas aconteceu isso... então lá é uma visão muito preconceituosa. *No campus tem uma residência*

universitária, os estudantes fumam e a reitoria chegou ao ponto de botar um espião. Foram os estudantes que denunciaram que estava sendo usado. Em sala eu não provoco essa discussão - como também não o faz Nereu. Não sei, o que eu tenho é minha visão que não sou estudiosa. A minha postura é de poder usar tudo com o devido conhecimento de si mesmo, saber como você relaciona isso com certos limites. Eu não vou dizer que a sociedade envolvente não exerce sobre mim nenhum tipo de censura, exerce, agora, em geral a *minha postura é de mesmo com medo, internamente conflituada, eu encaro*.

Talvez possa se dizer que esse casal mostra uma flexibilização de posturas e valores – pelo menos em relação às drogas – que muitas vezes não se encontra em casais não usuários em relação a questões genericamente polêmicas. Enquanto Nereu, muito seguro de si, passa ao largo da discussão pública e emocional sobre as drogas, Hécate segue no caminho contrário, mesmo insegura e com medo, inclusive expondo sua imagem. Nereu diz que procura interferir quando percebe algum aluno fazendo uso problemático, enquanto Hécate se posiciona em relação ao uso não problemático.

Contudo, como as sanções sociais estão midiaticamente presentes no cotidiano, de forma geral entre os interlocutores, o receio da exposição sobre o consumo prevalece, inclusive para quem sai de Salvador e vai trabalhar num mercado tão concorrido como o de São Paulo, por exemplo, longe de familiares, amigos e das relações habituais de consumo, numa distância que já o coloca tendencialmente numa posição de *outsider*:

(P) - de quais pessoas você mantém seu uso de drogas em segredo e por quê?

PRÍAPO - Família, alguns amigos e conhecidos, alunos e os professores colegas da faculdade, *porque é crime, ilegal e não sou porta-bandeira de nenhum movimento de liberação*. Até discussões que já ocorreram na USP, de alto nível, preferi me abster de qualquer iniciativa e/ou comentário. Procuro evitar ao máximo, qualquer discussão sobre drogas com meus alunos e colegas.

Com alunos, (eu uso) raramente. A última vez que me lembro foi no fim do ano letivo passado, 2004, com duas alunas e um aluno escondidos, fora da casa em que estava ocorrendo um churrasco. Também teve uma turma que estava se formando em 1998 e que seis alunos meus fizeram uma festa em um sítio, o "formaputas" com nove putas, eu,

cocaína, maconha e muita bebida durante três dias. Foi ótimo e são meus amigos até hoje. Fui paraninfo dessa turma. Rolou de tudo e, coisa rara, até quando minha coca acabou, fui com um deles na cidade e, rapidamente, providenciamos mais. Nunca vou esquecer esse momento de iluminação.

É possível constatar aqui como o interlocutor que parece mais reticente à exposição, inclusive evitando comentários em discussões acadêmicas, quando em outro *setting*, distinto daquele de trabalho, se coloca como uma pessoa bastante afeita às emoções hedonistas, ao princípio de prazer. Quer dizer, o consumo de drogas com alunos até pode acontecer, se for velado, fora do circulo de representações estabelecidas, ou em seu subterrâneo. Deve-se também levar em conta que Príapo sendo um soteropolitano que trabalha em São Paulo há mais de 10 anos, pode ser representado como um *outsider* que construiu o status de estabelecido. Isso transparece, por exemplo, quando ele retorna de férias para Salvador e do aeroporto vai direto para um barzinho, - local onde iniciamos nossa interlocução - sem mesmo tirar o paletó, pois sente prazer em dizer: "eu tô vestido assim porque eu trabalho em São Paulo!". Para os conhecidos que chegam, Príapo mostra o comprimido de Viagra que diz sempre carregar no bolso, solta uma gargalhada jocosa e vai para o banheiro cheirar uma fileira. Entretanto, há quem de forma nenhuma permita que o princípio de prazer transpasse sua representação pública:

EROS - Eu não fumo com aluno como também não faço sexo com aluno, *porque eu como professor tenho que ter uma certa ascendência em relação aos alunos*, e separar minha vida pessoal da minha vida pública*, porque o professor é uma figura pública e não quero abrir flancos pra ser atacado*. Segundo, que educar em sala de aula, é preciso uma perspectiva mais libertária que dizer: não use drogas! Mas eu não quero misturar o meu consumo... não quero fazer da minha vida, o modelo pra vida de ninguém. É uma relação difícil, é uma relação de poder que perpassa a relação de professor e aluno, e eu acho que estaria abrindo flancos pra os alunos, pra chantagem, ser vítima fácil de gente conservadora.

Com professores até uso, tem um grupo que usa, sai e tudo. *Aí tem pessoas que já se envolveram com alunos.* Quando eu era universitário eu gostava dos professores que

vinham fumar com os alunos, mas eu acho que eu tinha maturidade. Hoje a gente encontra tanta gente que é mau caráter enquanto aluno, que a gente não sabe que uso eles vão fazer da sua intimidade[107].

É curioso perceber que Eros em seu *set* original, tinha como premissa trabalhar onde houvesse "uma moral sexual mais elástica", contudo na configuração do seu *set* atual, ele transmite ter realizado uma nítida separação entre os *habitus* sociais que caracterizam o princípio de prazer e o princípio de realidade, entre a satisfação e a segurança.

Há também quem ouse se expor um pouco mais e use a própria imagem de professor para se proteger contra o estigma de ser usuário:

HERMES - Eu consumo solitariamente, sem confusão, *sou professor,* isso aí cria toda uma blindagem a esse consumo. Em ambiente de trabalho tem vários professores que não consomem, colegas de trabalho que sabem que eu consumo, há um diálogo sobre drogas e outros assuntos mais polêmicos pela própria maturidade intelectual, é um espaço que dá pra ter conversa.

No senso comum um professor universitário já usufrui de status, e você associa isso, no meu caso a um consumo chamado discreto, porque eu consumo sozinho ou com alguns amigos, nunca é em nenhum momento orgiástico, tipo altos sons, Bob Marley, (risos). A gente ouve uma música, num volume baixo, num caráter social discreto. No meu caso funciona porque todo mundo sabe, o porteiro sabe, o síndico sabe.

O "todo mundo sabe", talvez se traduza em função do status de professor ostentado por Hermes, status que facilita a relativização do estigma, constituindo-se como seu contrapeso. Também é passível de atenção o seu enfoque no consumo solitário ou com poucos pares, não mais prescindindo da antes inevitável roda de fumo como um mecanismo de defesa para favorecer uma certa segurança psicológica.

[107] - Foi Eros juntamente com Hécate que em uma festa carnavalesca, me chamou num canto em particular para descrever suas táticas para fumar no campus, após Hécate ter sido delatada por alguns alunos por ter sido vista fumando. Talvez seja esse tipo de aluno delator que Eros chama de mau caráter.

Na outra mão, é possível encontrar quem tenha se sentido incomodado por não achar os procedimentos certos para usar a posição e o status de professor para ressignificar a posição estigmatizada de usuário. É o caso de Cibele:

- Alguns professores da universidade são meio caretas. Já ouvi coisas bem caretas de uma galera que eu fico olhando assim e eu não acredito. Professores de antropologia dizendo: "quem fuma não pensa nada de produtivo". Eu fiquei ouvindo, mas esse comentário me incomoda e acho que incomoda outras pessoas. Na hora não tive coragem de colocar meu ponto de vista (melancolicamente Cibele se mostrou constrangida).

É possível que o pouco tempo de atuação na área tenha influenciado sua falta de "coragem", pois Cibele ensina há menos de 3 anos numa faculdade particular, e a medida de sua coragem pode ser proporcional à sua estabilidade e seu status no mercado. De acordo com Bourdieu, boa parte do prestígio adquirido no campo acadêmico está relacionado ao tempo de atuação. Associando esse tempo de atuação com uma maior experiência de vida, é perceptível que as narrativas que mais aprofundam as reflexões foram as realizadas por docentes com mais tempo de atuação – 50% dos pesquisados está com 15 anos ou mais de atuação.

Entretanto, até docentes com mais tempo de experiência às vezes evitam o contato com esse específico discurso "careta" emitido por parte de alguns professores mais ortodoxos, se mostrando mais dispostos a estreitar laços não com colegas, mas com alunos:

DIONISO - Eu sei que tem alguns alunos meus que usam, mas eles são mais caretas que os professores, (risos) por mais que eles saibam que tem liberdade pra comentar comigo, porque eu saio com eles pra beber e tudo, mas eu acho que há um respeito pela figura do professor. Eu tento quebrar isso, mas eu nunca tive um aluno que tentasse, não é muito comum esse discurso, um ou outro que a gente percebe pode fazer isso, mas não é uma prática comum.

Talvez eles possam achar que eu use, mas compartilhar isso comigo, acho que pra eles pode levar a alguma questão tipo: não cumpri minhas obrigações enquanto aluno, e ele vai associar isso ao fato de eu usar. Então talvez eles se resguardem, no meu caso, e de alguns

professores lá do campus. *Eu acho que eles não têm essa imagem canônica do professor que não usa drogas.* Se rolasse essa questão na sala de aula, eu me colocaria em cima da minha própria experiência.

Dioniso aponta que os alunos não abrem o jogo com ele com receio de que ele associe o consumo de maconha deles com a baixa produtividade. Mas de onde parte esta representação? Dos alunos que acreditam que alguém que fuma maconha possa ter tendência a desenvolver um baixo rendimento escolar, e na condição de usuários com baixo rendimento – o que poderia caracterizar o uso descontrolado - se sentem pouco confortáveis para se aproximar do professor no que diz respeito às drogas, ou, por outro lado, do professor que percebe de alguma forma que o baixo rendimento escolar dos seus alunos pode ter a ver com o consumo de drogas, e acredita que eles não se aproximam com receio de que isso seja percebido? Possivelmente a resposta se encontra no modelo de relação que se estabelece entre as partes.

NÊMESIS - eu não fico falando que eu fumo! Eu me porto naturalmente. Eu não tenho essa coisa do pudor: ah, é meu aluno, não pode saber, não existe na minha cabeça. Agora eu me relaciono com alguns, tem um estudante que não é meu aluno que vem na minha casa e eu fumo junto sem nenhum problema. *Eu não vejo isso como eu tá influenciando negativamente.* É a cabeça dele, a formação dele.

Eu não me sinto marginal, eu me sinto alternativa. Agora também eu sei que sou muito querida, mas eu me sinto alternativa. E também *que eu sou rebelde, eu faço questão de quebrar. Mas é uma maneira também de eu marcar meu espaço, né?* Talvez não tenha competência pra demarcar de outra forma... mas eu acho que não é não, na minha concepção eu não seria feliz se eu fosse aquele estereótipo de professora toda certinha, sabe? Na maneira de vestir, na maneira de portar, Nossa Senhora! Deus me livre!

Nêmesis mostra claramente uma postura *outsider* como assinatura identitária que obtém reflexividade social positiva. Nêmesis sendo rebelde "faz questão de quebrar", marcar seu espaço sentindo que é "muito querida", sem ter que fazer um supremo esforço no controle de suas emoções para ser representada como uma típica estabelecida. Como ela bem diz,

seu discurso não é marginal, é alternativo. Isso indica que ela está consciente do seu valor e da sua estima, não se sentindo à margem. Porém há posturas mais conciliadoras, menos centradas no professor enquanto sujeito:

PANACÉIA - Pelo menos em sala de aula eu procuro ter uma aproximação muito grande, uma empatia com os alunos, eu não vou tá expondo a minha vida pessoal em sala de aula, mas a depender do aluno, acho que não impede que tenha um relacionamento pessoal, pelo contrário, inclusive eu própria tenho um envolvimento pessoal com professores, mas não... Posso sair com alunos e beber também, não tem problema não... enquanto está no meu curso, for meu aluno tem o máximo de limite possível, mas passou a ser aluno dos outros...

FERÔNIA - Eu tenho alunos que eu sentaria para fumar com eles. *Um professor universitário não pode ser vulgar... mas os alunos buscam isso.* Tenho alunos extremamente reacionários, maconha, nem pensar! Drogas tão sempre associadas a ser maluco.

(P) - maconha na universidade incomoda?

FERÔNIA - de jeito nenhum, eu passo pelos meus alunos lá na universidade e vejo eles fumando, deitados tomando cachaça, ou fazendo nada, trocando idéias, acho extremamente saudável não me incomoda, quando posso me aproximo, identifico quem são as figuras e há um reconhecimento étnico que é mútuo, uma aluna diz: 'ah professora, a senhora aí e essa sua roupa hippie?' (risos) ela faz uma identificação que não passava só pela minha roupa, passava por outras coisas, que ela lia por trás daquela minha... e eu nem sou tão hippie!

Diante destas últimas colocações, a questão nevrálgica para uma maior interação entre professores e alunos parece ser as expectativas a respeito do papel do professor – expectativas que às vezes partem do próprio professor; se ele chega "seduzindo", ou chega "como igual", ou mesmo se chega se mostrando "vulgar". O temor em relação aos alunos talvez se justifique na medida em que alguns professores vêem – de acordo com seus critérios pessoais, às vezes mais afetivos do que intelectuais - certo grau de imaturidade na atual geração universitária. Porém, quando os olhos se voltam para o próprio espelho, algumas representações de professor por professores são bastante incomuns, pois nelas parece que a própria comunidade serve de antídoto contra a fruição do *phármakon* em uso:

POSEIDON - Tô de saco cheio também de beber com colega de trabalho, que significa prolongar o trabalho. É uma falta de imaginação. Se sabe que professor não presta! *Poucos são os professores que bebem com os alunos, geralmente os professores não gostam de beber com os alunos*. Na maioria das vezes no bar freqüentado pela comunidade de minha faculdade eu bebia com alunos que nem eram meus alunos, alunos que eu não sei nem o nome.

Numa via de racionalidade contrária à representação de que poucos professores bebem com alunos, Zeus postula que a comunidade acadêmica ao invés de servir como antídoto, é um *phármakon* que cura e promove a sociabilidade:

- Eu sempre saio com os estudantes depois da aula pra ir pro bar tomar cerveja, sempre, nunca tive esse problema comigo não. Quer dizer, ah, eu sou um professor, tem uma hierarquia, eu não bebo com estudante...bebo! Bebi com estudante, participo de festas, de convivência, mas não em sala de aula, não na atividade acadêmica. É incompatível.

(P) - a vida dionisíaca é incompatível com a academia?

ZEUS - Eu acho que o problema nesse ambiente na Faculdade de Filosofia... temos a vida dionisíaca, encontramos com os estudantes em festas de largo , ou ali no bar, sempre participamos das bancas de apresentação, com bebidas e com tudo mais, e nenhum problema, coisa civilizada. *Essa representação não condiz. São seres humanos, somos todos participantes da mesma vontade de viver, do prazer, e comungar esse prazer.* Eu vou dizer uma coisa incrível: me surpreendeu, os hospitais franceses; tem vinhozinho, whiskey, cerveja, o que você imaginar dentro de um hospital! Um hospital gigantesco, você tem direito a bebida. Você abre uma geladeira fantástica, de aço inoxidável. Os médicos, evidente que nenhum médico é maluco de ir bêbado cumprir um ato médico, mas quando ele tá de folga, quando ele não tem nada pra fazer... os estudantes do mesmo jeito, então eles são muito mais liberais do que ... eles são menos hipócritas, eles sabem que a responsabilidade...*olha, nós somos condenados à liberdade,* Sartre já dizia, isso! Nós é que devemos assumir o autocontrole e a ética da responsabilidade[108]. Não é porque existe um bar que eu tenho que ir para ele no horário em que estou cumprindo meus deveres e que a

[108] - e para Bauman, todo consumo é possível desde seja um consumo responsável (1989).

bebida é incompatível com o que estou fazendo. *Mas não tem que fechar bar nenhum, ao contrário devemos abrir mais bares, mais lugares de sociação para que o mundo seja melhor.*

(P) - é incompatível um professor sentir prazer e ser politicamente correto?

ZEUS - Não, eu me anuncio para todos os meus alunos como aquele que luta pelo prazer, que quer o prazer, que quer a liberdade, eu tenho inclusive essa imagem, é a imagem que eu construí de mim mesmo. Eu não tenho nenhuma vergonha, nem escondo de ninguém de dizer que gosto de vir para a praça, de festa de largo, eu sou um frequentador de lugares bons da vida. Fazemos isso frequentemente, quantas vezes uma conversa sobre orientação não é com cerveja, fora da universidade. (...) Eu parto de um verso de TS Eliott. "Tudo é sempre agora, não há passado nem futuro, a vida é agora, nós somos o sendo, o presente contínuo". A grande coisa é o respeito pelo outro, é não impor a sua forma ao outro em ambientes cujo formato desses ambientes requer determinados comportamentos ritualísticos. A sala de aula é ritualística. A sala de aula requer um professor com toda sua espontaneidade ou formalismo. Eu prefiro ser o espontâneo, cumprindo o meu papel, interagindo com os estudantes, em plena e absoluta lucidez! No carnaval, eu quero que me encontrem doido pulando atrás do trio elétrico, fazendo as coisas... sem a circunspeção da vida intelectual.

Pelo que diz Zeus, sustentar a luta pelo prazer e pela liberdade requer ter uma percepção do "presente contínuo". Ora, perceber que "tudo é sempre agora" como um presente contínuo é ter uma percepção reflexiva de que a identidade é configurada num processo de longa duração. Usufruir desse presente contínuo é usufruir tanto de uma temporalidade para ser "espontâneo", quanto de uma temporalidade[109] para ser "formal", da liberdade para ser "circunspecto" na sala de aula, e da liberdade para ser "doido" no carnaval. Zeus configura o tempo presente de acordo com o *setting* em questão, não reduzindo-o a uma representação estática.

Indo além das auto-referências que possibilitam que se visualize como o *set* do professor não está intrinsecamente subsumido ao *setting* acadêmico – pelo menos não em sua

[109] - para uma percepção mais precisa do que representam as temporalidades e o tempo, ler página 204.

representação tradicional - percebe-se que há também quem leve em conta a relação aluno/consumo de drogas como parte do *setting* onde atua, ou deve atuar o professor:

PÃ - *Eu não sou nada contra as pessoas fumarem aqui na faculdade, acho que poderia até vender cerveja também, como na USP*. Agora, pra estudar é bom estar com a cabeça desanuviada, então não acho uma boa idéia puxar fumo antes de assistir aula, ou em vez de assistir aula.

HIMENEU - *Meu receio não é o pessoal tá fumando*, o meu receio é que são jovens que podem não estar com muita consciência de que o ato de fumar aqui pode levar a uma comercialização, ou pode haver uma maior... grupos estranhos com outros interesses que não acadêmicos, não universitários, uma banalização do espaço, que pode haver toda uma comercialização, todo um tráfico de drogas e isso poderá prejudicar bastante a imagem da universidade, que já está bastante combalida.

A preocupação apresentada por Himeneu faz-se pertinente, principalmente considerando a quase impossibilidade de a maconha ter um mero valor de uso, tendo muito mais facilmente um valor de troca. Isso implica em que para haver consumo é necessário que haja a comercialização da droga, o que traria reticularidades potencialmente conflituosas com a configuração do *setting* acadêmico. Colocando Grund para dialogar com Elias, é possível cogitar que a disponibilidade de aquisição de drogas é fortemente relevante na dinâmica do consumo, sujeitando não só o consumidor especificamente, mas a sua rede de interdependências à tensões múltiplas, o que pode até levar ao descontrole do uso.

Outro ponto que é de fundamental relevância para esta análise é a inserção da problemática das drogas feita em sala de aula, principalmente levando em conta que o presente universo de pesquisa concentra-se nas Humananidades, terreno sociocultural mais que propício para esta discussão:

ATENA - eu já trouxe essa discussão lá na faculdade quando a proposta era discutir sobre minorias, eu propus que eles fizessem trabalhos sobre esse *conceito de minoria num sentido bem amplo... grupos que não seguem o padrão dominante em algum aspecto, por isso são alvo de algum tipo de discriminação.* Aí já teve um evento em que falaram de drogas.

Depois no ano seguinte eu mesma sugeri assim, e de vez em quando tem espaço na sala, eu coloco, agora eles tem uma resistência muito grande, *o ponto de vista geral da sala é muito careta, assim, eles são extremamente preconceituosos.* Teve umas duas vezes que rolou um papo na sala sobre isso, teve um menino que fazia um trabalho sobre ideologia, marxismo, e aí esse menino pegou a música na propaganda, como é que eles percebem isso, aí o Cara resolveu falar do Planet Hemp (risos) e foi a visão mais reacionária possível, "eles fazem apologia a maconha, é um absurdo esse grupo, é um discurso ideológico!"(mais risos). Aí eu rebati as idéias dele. Esse menino mesmo não gostou das coisas que eu falei, que *toda sociedade tem sua droga*, *o que é que é droga?* Eles são bem reacionários: "pô qual é a dessa professora?" Esses alunos pensam: a professora é doidona, tinham certeza que eu fumava.

Um dos aspectos mais inquietantes, quando se traz a baila temas polêmicos, é que, de forma geral, o interlocutor que levanta tópicos onde há falta de informações mais precisas acaba sendo possivelmente identificado como apologista do tema em questão. No caso não me refiro ao Planet Hemp, que realmente assumiu levantar bandeira em prol da descriminalização, mas à Atena. Esta colocou com seu discurso uma questão chave para melhor compreender o processo de longa duração civilizatório, e que muitos alunos talvez não tenham assimilado: desde as ancestrais civilizações chinesa, egípcia, e mesopotâmica, o uso de drogas constitui-se como um *habitus* social inserido nas culturas, muitas vezes em suas concepções cosmológicas ou simplesmente em sua busca por transcendência. Antes da era cristã o uso de plantas de Poder chega ao ocidente dos gregos e romanos como panacéia para os males da alma e do corpo (Escohotado:1994), só vindo a torna-se um *habitus* social reprovável e condenável, convertendo-se em crime, na modernidade do século XX. Se a droga não foi estigmatizada antes, possivelmente foi por estar inserida em configurações sociais estabelecidas. Retornemos ao texto.

PANACÉIA - eu já encaixei *homossexualismo e drogas* no curso de Psicologia, sempre que tenho oportunidade a gente discute. Inclusive em "psicopatologia sexual" trouxemos professores homossexuais pra debater com professores anti-homossexuais. Com drogas a mesma coisa, na disciplina "psicopatologia da infância e da adolescência". Criar espaço e oportunidades pra que se possa pesquisar estas questões não apenas do ponto de vista do

patológico e do doentio, mas eu acho que tudo que se faz... eu sou contra dependência, não gosto de nada que me domine... eu sou dependente de cigarro, né?

Um ponto interessante neste testemunho é que Panacéia, consumidora de drogas ilícitas - maconha - e lícitas - antidepressivos e ansiolíticos -, não localiza sua dependência nem na maconha, nem no Prozac, mas sim no tabaco. É como se a responsabilidade que os modos de consumo pós-modernos demandam, possibilitasse enfocar as drogas como *phármakon,* ou seja, às vezes como remédio, às vezes como veneno. Assim, para reduzir os danos configurados ao redor da culpa, Panacéia escolhe qual droga chama de veneno – e o tabaco é uma droga falicamente ligada à cultura moderna - e quais drogas chama de remédio – os fármacos e os sintéticos são por excelência, as drogas de um discurso de consumo pós-moderno.

Hermes - O tema eu tento incluir, depende da disciplina que eu dou, porque eu sou um professor que tem uma certa liberdade de trabalhar os conteúdos, eu já tenho todo um leque que eu chamo de *antropologia dos temas proibidos*, ou tabu, eu sempre venho enfocando *drogas e AIDS*. Eu trabalho num projeto no interior que leva pedagogia pra professores do município e eu já trabalhei em 10 cidades e incluo a droga em seminários. Os professores da 1° a 4° série, eles tão pegando alunos de 14, 15, 16 anos usuários. Aí eu trago a discussão do valor cultural da droga, da descriminalização, os problemas sociais, e mostro que *o álcool é maior causador de violência familiar e coletiva*, e tento mostrar o lado ideológico da questão. Levo uma reflexão em cima de dados, nada de uma testemunha pessoal. Meus colegas aceitam.

Reforçando a postura de Panacéia que debate sexo e drogas, Hermes explicita a relação entre violência e álcool, droga esta que, principalmente em muitas cidades do interior do estado, tende a fazer parte das culturas estabelecidas. Essa é uma pontuação importante, pois no senso comum tende-se a associar a violência, principalmente entre os jovens, ao consumo de maconha e não ao de álcool, sejam esses consumos feitos concomitantemente ou não.

(P) - você tem alunos usuários?

FERÔNIA - vários, teve um caso específico, tinha uma galerinha de 6, 7 na mesma sala, eles bebiam muito e fumavam muito. Eram estudantes residentes ou então os pais tinham grana e eles moravam sozinhos. Sem família, escancaravam, *bebiam pra caramba*, saiam na rua pra curtir nas boates e às vezes na sala de aula ficava meio difícil porque os meninos tinham um comportamento agressivo também. Rapaz, eu tinha a maior relação lá com "os caras", tentava seduzir pra sala de aula, mas foi uma coisa meio complicada.

CIBELE - Quando eu faço intervenções no trabalho de campo, eu lido com a violência em comunidades pobres, e "os caras" são usuários de drogas, *traficam.* Eu falo sobre a maconha como uma droga bem tranqüila, falo a favor da legalização, deixo minha posição clara quanto a isso e em sala de aula também *eu não me identifico como usuária de drogas, mas faço a discussão* desmistificando a idéia de que o usuário de maconha, e os usuários de drogas em geral, eles associam com a marginalidade automaticamente, como se fosse uma coisa natural.

FERÔNIA - O que é que isso (drogas) significa hoje pro Brasil, quem é que tá traficando? Tem que trazer essa discussão mais pro campo social, a disciplina que eu tô trabalhando possibilita essa discussão, por exemplo, há muito *um discurso médico* na questão das drogas, pra mim isso é muito limitado, gera um pouco de dificuldade, mas sempre quando eu posso eu tento trazer, causa mal o que, organicamente? Fisicamente? Porque as pessoas sempre que trazem essa discussão, tratam "aquela figura é maluca, é muito louca", o que é que é ser muito louco?

TÊMIS - nenhum aluno levantou e eu também não coloquei nunca. Eu não tenho interesse, sabe por quê? Porque eu vejo que é uma questão muito pessoal, você tem que ter uma pessoalidade muito forte pra não surpreender. Uma coisa que eu falo muito, *eu prefiro um maconheiro que um cachaceiro!* Porque aqui os cachaceiros... *a cachaça tá matando tanta gente.*

Nas falas de Ferônia e Cibele fica clara a preocupação em ampliar o escopo da discussão do enfoque do campo médico para o socioantropológico, campo onde não é difícil constatar que, se alguma violência deve ser analisada junto ao consumo da maconha, esta seja a violência associada ao tráfico, muito mais do que a proveniente do efeito psicoativo. Já

Têmis não traz a discussão à baila, mas traz em seu discurso uma crítica agressiva contra um consumo em grande parte estabelecido: "eu prefiro um maconheiro que um cachaceiro!". De modo ambivalente, ao tempo que ela não quer expor sua pessoalidade, ela acaba expondo um julgamento de valor muito pessoal, pois em seu ponto de vista, a cachaça é uma droga com representação negativa, e não é só ela que assim pensa. Como o termo droga abrange tanto o álcool quanto a heroína, acabam ficando lado a lado alguns consumidores que vêem um consumo diverso do seu como um consumo *outsider*. No universo aqui pesquisado, se há cerca de 70% de usuários de múltiplas drogas, há também 10 % de usuários exclusivos de maconha que não toleram bebida alcoólica, e 10% de usuários exclusivos de álcool que não toleram maconha. Enfim, parece difícil estabelecer uma relação social sem que haja um *outsider*, mesmo em configurações onde o conceito pareça ser redundante.

Contudo, o professor não precisa ser o sujeito da questão das drogas, até podendo carregá-la para a sala como objeto que passa longe seu experiência:

HYPNOS - Eu não trago a questão a baila. Às vezes fico até pensando, porra, é uma questão importante, *se a questão surge*... Fumar abre outros pontos de vista, cê vê as coisas de outro jeito, outras cores na certa, o som é escutado de outra maneira, favorece o relaxamento e a imaginação, acho que torna até as idéias um pouco mais claras. Acho que tem alguns aspectos positivos.

Essa fala de Hypnos traz à tona certa dose de culpa por não fazer de sua reflexão sua práxis. Merece destaque ressaltar que esta entrevista aconteceu na casa do entrevistado, e quando subitamente chegaram alguns de seus alunos e orientandos, não houve constrangimento em relação ao nosso tema. Pelo contrário, com uma platéia, o interlocutor até pareceu mais à vontade para versar. Entretanto sua eloqüência sobre o tema pareceu se restringir a situações informais como esta, pois ele não pratica o mesmo discurso em ambiente acadêmico. "É a diferença - como disse depois - entre o que penso e o que professo", ou entre um Nós-Eu *outsider* e um Nós-Eu estabelecido.

E por falar em práxis, há quem aproveite do trabalho dentro e fora da sala de aula para reavaliar sua própria postura quanto às drogas:

EROS - Trabalho com drogas em sala de aula. Não é uma abordagem proibicionista, é uma abordagem da perspectiva de redução de danos. Num trabalho etnográfico, em locais que eu pesquisava cocaína, fui sem beber e vi como os usuários são chatos com aquelas conversas insuportáveis, e com o álcool eles ficam mais aceitáveis, toleráveis. Num trabalho de campo acho interessante trabalhar com a idéia da abstinência, encontrar em você porque que você faz uso de drogas, que significado tem isso pra você.

HIMENEU - Em sala de aula de vez em quando há uma certa discussão sobre isso. Não é algo... como é que eu poderia dizer... certamente eu acho algo inquietante, o uso indiscriminado. Mas *eu acho que um dos principais problemas estaria nesta repressão a determinadas modalidades de droga*. Geralmente o discurso, principalmente de jovens, quando fala de drogas não vê diferenças significativas nessas diversas modalidades. Tenho pensado nisso... pra mim eu não vejo por que não liberar a maconha. Não vejo razão nenhuma para isso. Claro que eu sei que há interesses sociopolíticoseconomicos em relação a isso, mas já liberar, por exemplo, outros usos de drogas de uma forma indiscriminada como... crack, cocaína mas principalmente...heroína, deveria haver um cuidado, um controle, como acontece em alguns países europeus. Não deveria ser a mesma coisa que com o fumo. *Porque seria muito mais cômodo se a venda de fumo fosse mais tranqüila, do que aquela coisa de você ter de ir buscar, e associada a essa idéia de que o vendedor de fumo é associado a uma certa "marginalidade" isso é uma coisa que é meio problemática.*

Em relação à disponibilidade de aquisição de drogas, vale ressaltar que nenhum dos presentes interlocutores se propõe ir em bocas de fumo ou de coca fazer compras. Todos de uma forma ou de outra conseguem essa redução de danos, principalmente por frequentarem redes de consumo baseados em relações de confiança, ou seja, não há aquele traficante com quem se estabelece uma relação comercial pura e simplesmente. O fornecedor pode ser um amigo de um amigo, um colega, ou, como disse um dos interlocutores, o lavador de carros do prédio. A questão é que quanto mais se pode confiar no fornecedor - o que não quer dizer ter contato direto nem constante - maior a segurança.

Nas relações sociais onde a confiança está presente, o que inclui a sala de aula, há quem leve a problemática das drogas à frente como uma questão em que a ciência favorece a desestigmatização:

PÃ - Há muitos anos atrás comecei a pensar num curso sobre drogas. Todo semestre eu dou esse curso. Todo mundo acha uma boa idéia. Era uma forma de fazer um trabalho com os alunos. Embora eu não veja o curso como uma forma de prevenção, tem gente que vê assim. A melhor forma de tratar o uso de drogas é você aprofundar o pensamento sobre isso e levar as pessoas a pensar essa questão fugindo dos estereótipos. Embora meus colegas não saibam o que acontece nesse curso, todos me apóiam.

Eu estabeleço com meus alunos relações bastante amigáveis. Eu não tenho a imagem clássica do professor. Consequentemente os alunos respondem de uma forma amigável. Inicialmente eu sentia a maior hostilidade por parte dos alunos, "nós contra ele!". Eu acho que existe bastante na universidade, de um lado os alunos e do outro os professores, *hoje não mais, porque eu tenho uma certa reputação.* E eu já vi professores com umas atitudes, que faça-me o favor! Então, quando eu começava o curso eu sentia que tinha um certo tempo para desarmar os espíritos. Esse curso eu faço questão de abrir para alunos especiais. Havia psicólogos, assistentes sociais, pessoas mais maduras. *A resistência é por parte de pessoas que jamais conceberam que na academia, um professor sério pudesse dar uma aula sobre drogas que não fosse uma aula antidrogas.* Todo semestre tem pelo menos um aluno que vem esperando uma aula antidrogas, como evitar a droga. Até esse termo droga, durante muito tempo fui contra o uso dele porque ele tem uma carga conotativa muito forte. "Droga, se fosse bom não tinha esse nome!". Uma parte do curso é pra quebrar essa visão. *Pra mim esse curso é uma das coisas mais importantes que eu faço aqui na universidade.* Eu vejo mudanças radicais nas pessoas... elas vem falar pra mim no final do curso. *Em um ou dois casos tenho feito amizades mais ou menos duradouras. Em alguns casos surgem pessoas que pedem para eu orientá-las. Se estabelece um clima de amizade, cumplicidade.* Eu me preocupo que as pessoas vejam isso como uma disciplina séria, e é um enfoque sério, porque não se vê as drogas como uma coisa séria. Por isso eu tenho que tomar cuidado, porque se pensam que eu sou aquele professor muito louco, não vou chegar muito longe.

Eu acho que eu estou abrindo um espaço. Essa visão socioantropológica é um campo que tá começando a se consolidar. Até agora as Ciências Sociais não tem reconhecido a importância da discussão das drogas. Eu já sugeri à ANPOCS, um trabalho e nunca foi aceito. A ABA também não tem posição sobre isso. Entre as pessoas no ramo de saúde, eles estão começando a admitir que a discussão das drogas não deve ser feita de uma forma puramente biológica, que precisa ter uma abordagem biopsicossocial. Mas na prática, quem entende de drogas são os médicos. Agora, além dos psicólogos, também são chamados a dar sua opinião, os sociólogos, antropólogos. Mas na sociologia e na antropologia ainda não se entendeu isso. Vem surgindo pessoas com 15 anos ou mais a menos do que eu, e é essa geração que acho que vai realmente conseguir consolidar essa discussão.

Bem, exatamente na tentativa de "conseguir consolidar essa discussão", vê-se aqui um docente pondo em prática um projeto acadêmico sobre um tema *outsider,* projeto que muito além de ser um mero repasse de informações em sala de aula, propicia relações amigáveis, pautadas na geração de confiança. Com esse discurso herético, Pã aos poucos vem tornando-se consagrado, sustentando uma "certa reputação". Aqui estão alguns elementos básicos de uma rede comunitariamente configurada em torno da problemática das drogas num *setting* acadêmico. A partir de uma perspectiva biopsicossocial – pautada na interdependência e reticularidade entre os campos de saber - a questão extrapola o campo socioantropológico e atinge a psicologia, o serviço social e reflexivamente e até a própria medicina, até então fomentadora de um discurso majoritariamente reducionista no qual o consumo de drogas ilícitas é quase sinônimo de patologia.

Pã deixa bastante claro como é possível interfacear princípio de prazer e princípio de realidade, estética do consumo e ética do trabalho, num recorte reflexivo configurador de novos *habitus* sociais. Este é um exemplo que explicita algumas relações que podem existir entre drogas e produção de trabalho intelectual numa cultura de consumo. Dessa forma, se por um lado há um professor produzindo capital cultural ao redor do consumo de drogas, por outro há alunos consumindo tal capital, prazerosamente, sem necessariamente ter que consumir drogas.

Recapitulando o quadro apresentado neste capítulo

No cômputo geral é possível perceber que a relação entre drogas e produção acadêmica pode ser analisada de acordo com a perspectiva de Bourdieu quanto ao *Homo academicus*: no que se refere à classe de origem, não são perceptíveis configurações levando em conta direta e exclusivamente o consumo enquanto ostentação do *status quo*, já que Pã, o docente com maior poder aquisitivo e oriundo de família mais tradicionalmente estabelecida, não é consumidor de cocaína, uma droga cara e que no senso comum está associada às classes mais favorecidas. Por outro lado, o consumo de cocaína acontece entre professores oriundos da classe média não parecendo indicar uma compensação, uma tentativa de distinção no meio – uma única exceção talvez possa ser feita no caso de Príapo. Também perceptível é que nesta amostra o consumo de cocaína é mais presente entre os professores gays – em 80% dos casos e aqui mais uma vez Pã é um interlocutor que foge a regra - o que hipoteticamente pode ter conexão com o fato destes freqüentarem mais a vida noturna, bares e danceterias, mas esta amostra não é estatisticamente representativa para afirmá-lo.

Já quanto às relações identitárias entre professores usuários de diferentes drogas, percebe-se sim, uma busca por distinção. Aqui mais uma vez se configura o jogo de poder onde se tende a buscar no Outro um *outsider*, assim legitimando o estabelecimento do próprio discurso. O que conta não é o valor econômico da droga, mas sim os efeitos identificados como referentes aos padrões de pertencimento da comunidade: " 'o desejo de demonizar os outros se baseia nas incertezas ontológicas' dos de dentro", (Bauman: 2001, 198). Mesmo em casos de múltiplos usos há estigmatizações, por exemplo, usuários preferenciais de maconha falam mal da cocaína - Eros, Hermes, Nereu, Dioniso – como também falam mal do álcool – Nêmesis e Têmis. Com a mesma intensidade, os usuários de álcool falam mal da maconha – Zeus e Poseidon. Nesse caso, apenas para efeito analítico, pode-se dizer que a ortodoxia está sendo representada pelos usuários de drogas lícitas que nunca se propuseram a conhecer o ponto de vista dos heterodoxos – ou seja, o ponto de vista dos usuários de drogas ilícitas, ao passo em que esses últimos, nunca tiveram maiores dificuldades em consumir álcool, mesmo não estabelecendo identificações mais significativas. O que se deve ressaltar é que apesar das reservas de mercado de cada comunidade de usuários, nenhum interlocutor se manifestou a favor da proibição do consumo do Outro.

Entre os professores mais experientes – 50% deles com 15 ou mais anos de carreira - também não há indício de que o consumo seja ostentatório, mas há indícios de que seja identitário, como, por exemplo, um certo consumo característico de sua geração – principalmente o consumo de álcool e de maconha. Os professores mais experientes também não têm maiores preocupações quanto a sua reputação, pois sabem-se estabelecidos, principalmente no caso de usuários de drogas lícitas como Zeus e Poseidon. Já os professores com menos tempo de carreira preferem se manter sob o véu da discrição, sendo mais cuidadosos na administração de sua liberdade, na medida em que os mais experientes parecem já tê-la sob controle.

Também merece registro que os docentes que ensinam em universidade públicas e os que ensinam em faculdades particulares divergem em perspectivas, pois os primeiros acreditam que há mais liberdade na universidade para exercer o papel de professor, liberdade que de certa forma, mostram-se empenhados em desfrutar, inclusive na forma de consumo de drogas. Já os que lecionam em faculdades particulares parecem ter um olhar mais voltado para a sobrevivência, algumas vezes sendo muito menos educadores que funcionários de uma faculdade. Neste caso, o discurso tende a cindir liberdade e segurança, princípio de prazer e princípio de realidade.

Capítulo IV - O usuário professor

Entre os acadêmicos ortodoxos e heterodoxos a confiança continua na tensão da balança, principalmente quando nem só de reflexões em torno de configurações sobre o consumo de drogas se constrói um professor consagrado enquanto herético. No ano de 2005, o professor universitário enquanto referência do sistema perito ganhou boa dose de reflexividade não exatamente por sua atuação em sala de aula. Retomo o programa Big Brother Brazil 5, onde se estabeleceu uma celeuma em torno do vencedor Jean Wyllis, talvez muito menos por ele ser *outsider* enquanto negro, pobre e gay, mas principalmente por ele ser professor sendo pobre e gay.[110] No dia da vitória, o apresentador Pedro Bial se referiu a Jean como "professor" porque assim segundo Bial, Jean se sente "mais cheinho". Para definir a vitória de alguém que saiu da pobreza e conquistou a simpatia de muitos espectadores, Bial resumiu o trajeto de Jean em três palavras: "educação, educação e educação".

A reflexividade da vitória de um professor universitário que encarando vários preconceitos, venceu, - inclusive muitos que não são simpatizantes do movimento gay, simpatizaram com sua *performance*[111] - vai além das discussões na sala de estar ou no bar da esquina, chegando aos corredores da academia:

"Até que enfim uma injeção de inteligência no Big Brother... Jean fez duas disciplinas comigo e foi um aluno brilhante", registrou Wilson Gomes, professor da Faculdade de Comunicação da UFBA – (A Tarde on line, 31/03/05).

"Ele agiu como um intelectual. Ora, ele falava como um conhecedor de literatura, ora de cultura e ora de auto-ajuda", pontuou Milton Moura, professor de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA – (A Tarde on line, 31/03/05).

"Ele aparece como uma pessoa melhorada, tanto ético quanto estético. A Globo queria a cumplicidade de um professor. Então, foi o marketing da tolerância. Ao mesmo tempo em que, por debaixo do pano, alguns meios de comunicação fazem a maior picaretagem, eles vendem a imagem do social e politicamente correto, daí a ajudinha que deram a todos os

[110] - É de ressaltar que alguns nem vêem Jean como negro, o vêem como *fashion*. Em edições anteriores do programa já houve negro gay, mas não representado em seu papel social enquanto professor, com toda respeitabilidade que o título sustenta.

[111] - Em matéria publicada no Correio da Bahia no dia seguinte a vitória no BBB5, foi dito: ... "as pessoas aceitaram Jean como gay assumido, desde que ele não demonstrasse um comportamento muito afetado. Teve gente que chegou a dizer que ele não parecia gay porque se vestia como homem..."

personagens perseguidos", pronunciou Roberto Albergaria, professor de Antropologia da FFCH da UFBA - (A Tarde on line, 31/03/05).

"Ele vem de uma família de origem humilde e começou a ter contato com o mundo através da televisão, das novelas. Quando teve acesso à literatura e a outras experiências, porém, não torceu o nariz para essa cultura de base. É muito positiva essa postura dele e demonstra que os intelectuais cada vez mais se aproximam da cultura popular", analisou Risonete Batista que foi professora de língua portuguesa de Jean quando ele tinha 14 anos - (Correio da Bahia on line, 31/03/05).

'Não sou artista, sou um intelectual.'

"Quem anda dizendo isso sem um pingo de rubor na face é Jean Wyllis, que acaba de faturar (que inveja!) R$ 1 milhão nessa porcaria de programa (que tolice!) da Endemol/Globo, Big Bosta Brasil. De duas, uma: ou não há intelectual que seja artista ou não há artista que seja intelectual. Lendo uma sentença como aquela acima, divulgada nos jornais, acionei meu desconfiômetro.

Ele teria que purgar seus pecados no mínimo por 70 anos servindo ao diabo no medíocre Correio da Bahia de Antonio Carlos Magalhães, de onde veio, para chegar perto dos R$ 1 milhão. Mas agora que o tem parece que Jean, com a conta recheada, *quer ser chamado de professor.* Não conheço ninguém, entre os seus pares em Salvador, que o respeite como tal. [...] Como professor na faculdade na qual Jean estudou, não tenho qualquer responsabilidade pela obra - porque não foi meu aluno, ou se foi não me consta. (Ao escrever isto sei que o professor Wyllis diria o mesmo em réplica ou pior)".

Fernando Conceição, professor da Facom, UFBA, (Agenda Cultural Nagômail, 04/04/05).

"Inteligência", "intelectual", "pessoa melhorada", são algumas das adjetivações presentes nas falas ortodoxas e heterodoxas desses professores. Curiosamente vemos como um professor ao tornar-se centro de atenções sinópticas fora da sala de aula, passa a ser visto também como objeto de estudo, provocando as mais variadas reflexividades entre seus pares. Da admiração ao desprezo, talvez o mais forte nas declarações anteriores é que o teor é intensamente emocional, - por mais que a representação dominante dos professores seja a de intelectuais ortodoxos que sempre mantêm as emoções sobre controle - que tanto

colocam Jean numa posição estabelecida como "o excluído que venceu", quanto em uma posição *outsider* entre os próprios professores – "Não conheço ninguém, entre os seus pares em Salvador, que o respeite como tal". O que chama a atenção é *o como* a vitória de Jean no BBB expressa reflexividade e reticularidade, primeiro ao fazer com que um número considerável de intelectuais e professores voltassem os olhos para um programa até então representado dominantemente no meio acadêmico, como apenas mais um bem de consumo da cultura de massa, sem status maior entre a categoria docente. Segundo, porque voltaram os olhos para a representação sinóptica da categoria professor, e nesse momento, talvez estivessem vendo não apenas Jean, mas o que acreditam que deva ser um intelectual, o que deva ser um professor.

Mas se nem todo professor tem uma trajetória que possa ser levada a um programa de televisão que busca basicamente entreter, muitos sequer têm uma trajetória que pareça ser representativa de pessoas estabelecidas, consagradas, seja na visão dos professores ou do público em geral. Vejamos como se configuram algumas destas trajetórias:

Woodstock, conventos e prisões

ESCULÁPIO - Eu comecei a fumar (maconha) quando *entrei na universidade,* tem já 26 anos. Foi um mundo que se abriu. Foi muito rico, foi muito legal, potencializador de uma série de outras perspectivas de analisar o mundo, de refletir. Foi com colegas na Católica. Era interessante que *era muito diferente do que eu vejo hoje. Não sei se havia maconhas mais fortes, ou havia um contexto que dava uma densidade maior a essas experiências.* O grupo partilhava algumas coisas. O fato de termos partilhado da época da ditadura, ali havia um clima de insurreição, de rebeldia. *Eu acho que havia um contexto mais fermentado*, a música era outra, Pink Floyd, os filmes proibidos que eram liberados como *Laranja Mecânica*, junto com a droga. A maconha dava um contexto. *Havia mais densidade cultural no ar, hoje eu sinto as coisas mais pasteurizadas.* Havia toda uma necessidade existencial minha. Questões pessoais e conjunturais.

O que eu achava legal, *é que* (a maconha) *era muito uma substancia gregária. Inclusive facilitava contato com pessoas de outras tribos. Como se fosse algo que tirasse um pouco as divisões.* Eu achava interessante isso, *cê vai pruma festa e encontra pessoas*

marginalizadas, pessoas do submundo. Era um veículo possibilitador de contatos variados, contatos que sem ela não ocorreriam tanto. Comecei por curiosidade. Eu fui vendo como a maconha é a droga que me satisfaz, vendo a partir da experiências, que *ela não está associada necessariamente a certos hábitos, certas performances que a cultura, a sociedade estabelece.* No inicio eu achava que ela possibilitava muito a coisa do autoconhecimento, da divagação, reflexão intelectual, a ludicidade, a brincadeira.

Inicialmente chama a atenção que Esculápio se refere às experiências passadas como diferentes das atuais, muito em função da qualidade da maconha ou do contexto. Tal dúvida é pertinente tanto com o modelo de Zinberg, quanto com o de Grund. Como é difícil ser conclusivo ao especular sobre a qualidade da maconha, vamos nos ater ao que Esculápio expressa como contexto: Época da ditadura, rebeldia, *Laranja Mecânica*, e Pink Floyd são alguns dos ingredientes do "contexto mais fermentado". Não passa despercebido que ele diz: "os filmes proibidos que eram liberados como *Laranja Mecânica*, junto com a droga. A maconha dava um contexto". Nesse recorte, apesar de legalmente a maconha não estar liberada, em certos *settings*, *ela parecia estar liberada.* Nesses *settings*, talvez a maconha fosse enfocada mais como um ingrediente político, do que simplesmente recreativo – assim como o filme *Laranja Mecânica* que foi proibido no Brasil durante sete anos[112].

Além disso, uma das primeiras impressões que ficaram registradas como referência para Esculápio foi que o fumar maconha não o levou enquanto usuário a uma específica configuração de *habitus* sociais, que no senso comum lhe eram creditados, desconstruindo assim uma representação do uso de maconha associado à perda de consciência e de valores morais, ou comportamentos violentos e descontrolados, por exemplo. O que ficou registrado foi "a coisa do autoconhecimento, da divagação, reflexão intelectual, a ludicidade, a brincadeira", aspectos estes que principalmente em tempos de ditadura e repressão tendem a ser obscurecidos e marginalizados, senão considerados subversivos. Voltemos ao texto:

[112] - o filme de Stanley Kubrick lançado em 1971 esteve proibido de exibição no país até 1978 por retratar um regime autoritário, que inclusive utilizava a regulamentação do consumo de drogas para controlar grupos de jovens. A cena inicial que mostra alguns jovens "desviantes" reunidos numa leiteria onde tomam, toda noite, leite batizado com estimulantes que os "predispõem" para a violência, é sintomática desse controle.

(P) - E o risco?

ESCULÁPIO - Tinha, mas a gente sempre dá um jeito de burlar o esquema de vigilância. Talvez isso fosse um ingrediente daquele momento de contestar. Hoje eu me satisfaço com um pouco de cannabis, de uma forma homeopática, recreativa. Eu uso pouco quase que todos os dias, eu faço um cigarro e fumo em 4,5 vezes. Quando eu viajo, quando tô fazendo algumas coisas em casa que não requerem maior concentração. Ler eu não gosto, ou então quando eu tenho algum contato pra fazer. Pra dar aula não funciona... Eu sou disperso e ela ajuda a dispersão. O maior receio que eu tenho é a redução da capacidade de memorizar. Fico ansiando por pesquisas mais confiáveis, mais isentas sobre as conseqüências do uso, e a redução de danos.

Percebe-se que, diante da situação política daquele período, o risco corrido pelo interlocutor em seu envolvimento com a maconha não chegava a ser um agente desestruturador dos mecanismos de autocontrole, pois correr risco naquele momento não era uma exceção, era a regra para quem de alguma forma era *outsider* ao padrão comportamental estabelecido. Hoje quando o risco político não soa tão ameaçador, o controle efetivado por este interlocutor, dá-se muito mais por mecanismos ligados à sua produtividade do que ligados à segurança contra os mecanismos de repressão impostos por padrões de conduta normatizantes. Contudo, entre o começo de sua carreira como usuário de maconha e os dias de hoje e antes mesmo de tornar-se professor, ele se envolveu com o tráfico, e como consequência de um cálculo impreciso - pois nem todo o risco pode ser autocontrolado, por mais cálculos que se faça – foi submetido a mecanismos de heterocontrole que acabaram por levá-lo à prisão, mecanismos que ironicamente não estavam a serviço de um discurso autoritário, mas sim de um discurso "democrático":

ESCULÁPIO - *O tráfico foi algo que se deu por questão de necessidade financeira*, e ao mesmo tempo que era usuário, eu vendia. *Maconha não agredia os meus valores*, eu nunca venderia crack... *Eu vivia muito com a coisa da tensão*. O próprio uso aumentava ainda mais minha paranóia, meu medo. *Quando eu vendia, eu fumava menos*.

Ao dizer que "Maconha não agredia os meus valores", Esculápio deixa pistas de que a condição de usuário/traficante, não foi demandada apenas por uma "questão de necessidade financeira". Nesse sentido, seus valores tanto quanto sua estrutura de vida são relevantes. Tendo acesso diretamente aos fornecedores, é fato que não apenas sua aquisição tornava-se mais constante – e de certa forma, mais fácil - mas também os controles aos quais tinha que estar atento demandavam maior responsabilidade: "Eu vivia muito com a coisa da tensão. O próprio uso aumentava ainda mais minha paranóia, meu medo. Quando eu vendia, eu fumava menos".

ESCULÁPIO - A prisão por causa da maconha não chegou a fazer com que eu tivesse em relação a ela, algo traumático, que eu abominasse a maconha. *Foi ideológico, foi algo cultural, não foi algo que condicionou de uma forma negativa a maconha*. Na prisão por mais que eu tivesse informações sobre uso, foi surpreendente ver, logo nos primeiros dias, a quantidade, a frequência com que se fuma maconha. O acesso é bastante difícil e bastante perigoso. Tinha bastante contato com pessoas que tavam lá por tráfico. *Lá dentro da prisão, a pessoa que chega lá, na hierarquia que é estabelecida lá dentro, de classificação, a pessoa que chega lá por ter vendido maconha, tem um valor, eles discriminam. Não há um estigma, há até um status*. Há algumas nuances que faz que quem esteja lá por ter traficado maconha seja mais valorizado. Como alguns dizerem que quando saíssem dali (pessoas que assaltavam) projetavam parar de roubar e passar só a traficar. Isso é interessante, que de uma forma ou de outra, passava uma certa autocrítica que muitos deles têm em relação ao ato de roubar. Houve casos até de religiosos que burlaram as restrições de seus grupos e deram uma "bolinha"[113] e depois voltar lá e se esconder atrás da Bíblia. *É comum os presos dizerem que se faltar maconha a cadeia vira. E a segurança sabe disso. A maconha é um fator regulador das prisões.* O que eu observei é que havia um pacto entre o comando dos presos e a equipe diligente, e tinha um grupo lá que dominava e recebia quilos de maconha, pra fazer o comércio.

(P) - Você tinha vínculo com esse grupo?

ESCULÁPIO - tinha sim. Eu me ofereci pra esse grupo para trabalhar, fazer documentos para o juiz, uma carta prum diretor. E por isso eu fiquei meio visado pela segurança que

[113] - dar uma bolinha = fumar.

armou algumas ciladas pra mim. Por exemplo, quando eu passei pra cela especial, que ia tomar sol numa parte interna, me entregaram, só que alguém lá tinha me dado um toque, e eu tive mais cuidado. *Fui muito sacaneado pela segurança pelo meu diploma.* Cheguei a sair do pátio onde eu convivia com os presos de um modo geral porque até poderia morrer.

Três questões sobressaem nessa fala. Primeiramente quanto ao interlocutor, é surpreendente sua leitura crítica de que sua prisão não se deu por *causa* da maconha, mas sim por questões ideológicas, culturais, ou seja, não fazendo uma naturalização de que a maconha tem uma representação inalienavelmente negativa. Em segundo lugar, o seu registro de que no *setting* panóptico da prisão, não apenas o traficante tem um status diferenciado da maioria dos presos, como também as drogas são utilizadas como mecanismos reguladores da tensão, servindo para controlar a violência do cárcere - o que leva a refletir se fora da prisão, de certa forma também não se aplique a tal objetivo – tanto pelos presos quanto pela equipe diligente, num silencioso acordo tácito. Por fim vemos que no processo de figuração desse *setting,* o traficante desfruta de um status muito maior que um acadêmico com seu diploma, diploma que chega ser um sinal de estigmatização, numa flexibilização de valores geralmente tidos como estáticos.

ESCULÁPIO - Quando saí da prisão não ficou nenhuma seqüela em relação à maconha. Foi até interessante que no dia que eu saí, saí com uma amiga e fumei com ela no carro e foi uma experiência fantástica, inacreditável e amedrontadora porque eu também senti...a prisão passa a ter um efeito...cê sente falta como se fosse um útero. *Eu tive mais medo fora do que lá dentro.. como se você sentisse falta da prisão.*

Bem, aqui talvez seja possível cogitar que o maior medo sentido fora da prisão do que dentro tenha conexão com a necessidade que a reinserção social passa a ter para o interlocutor, isto é, a partir de então, ele deverá erguer seus próprios mecanismos de controle, para que o estigma, representado pelo seu confinamento ao cárcere, não o condene perpetuamente ao rótulo de traficante, quando estiver fora da prisão. Também é dito que sua relação com a maconha não ficou estigmatizada como um processo de consumo traumático. Mas sua experiência psicoativa no cárcere não se resumiu a maconha:

ESCULÁPIO - Tive experiências na prisão com crack, mesmo sabendo que é algo assim, nocivo, mas eu quis ter a experiência pra saber até do que eu iria falar. Eu estava na prisão quando o crack começou a ser introduzido lá. A primeira vez eu estava numa cela com muitos garotos, entrou de uma forma muito restrita e depois passou a ser a droga mais forte lá dentro. *Eu convivi com a decadência que o crack criou. Começou a facilitar a queda de alguns acordos, de um código de ética*, tipo roubo. Uma vez alguém fumou e deu uma facada na bunda de outro. Alguma coisa pequena que foi extravasada. Eu fiquei num lugar lá, na lavanderia e tinha algumas pessoas, *alguns ex-policiais que usavam crack*, e fui assediado pra ficar dependente, ficar viciado, pra ficar preso a eles e prometia as coisas, televisão, etc...

(P) - como você lidou com a situação?

ESCULÁPIO - eu fui rejeitando, usei algumas vezes lá dentro. Tinha um efeito, inclusive por estar lá dentro. *O prazer é relacionado ao fato de você estar preso e você experimenta algumas sensações que passam a ter um significado, pelo fato de você tá preso.* Mas senti que é uma coisa altamente viciante, muito fácil de criar uma dependência e fui deixando de lado. Eu usei talvez 10,15 vezes num período de 3 meses(...) Aqui fora não teria interesse em usar. Porque eu acho uma droga muito química e segundo dados que eu sei, tem um agravamento físico, cerebral.

Quando é dito que: "O prazer é relacionado ao fato de você estar preso e você experimenta algumas sensações que passam a ter um significado, pelo fato de você tá preso", é possível que haja uma indicação de que o processo de consumo do crack, geralmente tido como autodestrutivo, é a liberdade que resta nestas *condições específicas*. Contudo, pensando o crack como capital cultural no cárcere, seus efeitos são representados de forma oposta aos da maconha. Enquanto a maconha, como mecanismo de controle social, tem a função de evitar que a "cadeia vire", o crack até facilita a viração da cadeia. A questão é detectar em que medida o consumo de crack é uma transgressão prazerosa e/ou uma autopunição dissimulada, ou melhor: em que medida esta é uma sublimação desrepressiva ou uma dessublimação repressiva? É importante registrar que de forma geral, Esculápio se mostrou uma pessoa tranqüila, amigável, disposto a relatar sua experiência sem maiores traumas, entretanto, também não passou despercebido que ao ser entrevistado

em sua casa, tivemos que trocar de lugar algumas vezes, pois ele receava que os vizinhos pudessem ter acesso a nossa conversa. Talvez ele tivesse razão em ser tão precavido, ou talvez tal precaução fosse resquício da estrutura panóptica da prisão, onde as paredes têm ouvidos. Passemos agora a algumas trajetórias de consumo de drogas onde os controles sociais são exercidos de forma menos trágica:

"Sinceramente, tem um lado a pagar pelo uso, mas tem gente que usa e tira proveito desse lado a pagar" - EROS

EROS - O cigarro era a mais ilícita de todas (as drogas), comecei por volta dos 10, 11, 12 anos saindo com alguns amigos. A gente queria também espetar acetona com Cibalena no cigarro. *Isso foi só uma única vez* na minha pré-adolescência, *mas tinha esse lado transgressivo*, o cigarro já era uma transgressão. Aí minha mãe ficou sabendo, e pegou o cigarro dela, e deu pra eu fumar. E antes disso eu pedia aqueles cigarrinhos de chocolate. E meu avô era um grande fumante, fazia o cigarro de palha. Minha mãe sempre fumou escondida da minha avó, *até hoje, tem sempre um ar de transgressão, o cigarro.*

À primeira vista, fumar parece ser um *habitus* social familiar para Eros, mas há algumas peculiaridades nesse caso: percebe-se que há uma mãe que fumava escondido, que depois veio a tornar-se cúmplice, porém a representação que permanece do fumar é de um comportamento transgressor. Em nossa entrevista, ficou claro como essa transgressão, sempre ressaltada ao longo do discurso, ganhou ares de uma perspectiva performática: Eros colocou uma "bagana" entre os dedos, ameaçou acendê-la antes mesmo de ligado o gravador, contudo quando começou a falar esqueceu de fumá-la, só acendendo-a depois da entrevista terminada.

EROS - O primeiro contato foi com o grupo de pares, da mesma faixa etária. De certa maneira eu tinha um aprendizado em família, mas evidente que o ato de fumar incluía meus amigos. O álcool, desde minha infância eu gostava de sagu, sempre tinha sagu na minha casa. Hoje na minha anamnese pessoal, eu fico pensando que talvez um certo gosto pelo álcool, tenha se desenvolvido através de doces alcoólicos.

Na construção simbólica de valores pela qual as crianças na cultura de consumo são inseridas nos ritos de passagem para a idade adulta, lúdicas transgressões podem possibilitar que se transgrida sem deixar pra trás o lado *doce* da vida e principalmente sem deixar para traz o seguro status de uma criança à brincar de adulto – lúdicas transgressões neste caso objetivadas por cigarrinhos de chocolate e doces alcoólicos.

EROS - A gente devia tá na 6°, 7° série. As ilícitas *foi no carnaval* por volta de 13, 14 anos, que foi o uso de Loló em um grupo de homens, de meninos, jovens, era muito demarcado homens de um lado e as mulheres de outro[114]. E as preparatórias para as festas de carnaval. Foi acontecendo. Eu vi que havia um alvoroço e as pessoas estavam escondendo um lenço, cheirando a própria roupa, então eu senti um sininho, quase tirando os sentidos, mas era uma brincadeira consigo mesmo. A noite toda era prazerosa e a droga era mais um componente. *Era uma noite de carnaval.* As mulheres também usavam, tinha uma que era símbolo de usar drogas na cidade, que era minha prima, que era muito minha amiga e era lésbica também.

Uma noite de carnaval é um cenário para deixar vir à tona o que pode ter estado proibido o resto do ano, o espaço temporal onde a transgressão seja regra e não mera exceção. É no carnaval que muitos adolescentes, que passam o resto do ano ouvindo falar mal das drogas, têm contato com a Loló, que, nesse espaço tendo seu uso tolerado por quatro ou cinco dias, recebe o status de droga inócua[115]. Quanto ao interlocutor, seu foco de atenção parece estar voltado para questões de gênero – ele começou falando da busca por uma moral sexual mais elástica na academia, pg. 87 - perceptível primeiramente na separação que ele salienta entre grupos de meninas e meninos, parecendo ser quase natural que o consumo de drogas seguisse essa separação, e em segundo lugar, na ênfase dada à dupla transgressão de sua prima; quanto à sexualidade e ao uso de drogas.

EROS - *Talvez o gosto pela alteração de consciência fosse estar sensibilizado a perceber mudanças,* tenha ficado familiarizado. E eu quando criança tomei muitos remédios contra

[114] - já para Poseidon droga é coisa de um único grupo, o grupo de homens. Os outros interlocutores não registraram o consumo de drogas como delimitador de fronteiras especificamente entre os gêneros.
[115] - apesar de ser quimicamente muito mais pesada que a cerveja ou a maconha, por exemplo.

convulsões. Levei uma queda quando bebê, bati a cabeça, fiquei desacordado, fiz tratamento neurológico, até 5 anos de idade. *Eu acho que esses remédios de uma certa maneira me alteraram a consciência.* Tomava Gardenal, remédio forte, dava sonolência. Devia ter uma hiperatividade. Eu era conhecido como uma criança nervosa.

As representações que vem de um passado remoto parecem moldar o presente discurso de Eros de forma emblemática: a Cibalena espetada no cigarro, mesmo tento sido usada uma única vez, é enfatizada como se definisse um posicionamento transgressor*, outsider*, tanto quanto os remédios que "de uma certa maneira me alteraram a consciência", apesar de tal associação entre remédios e alteração de consciência não ter como ser comprovada. De qualquer maneira o que conta é o mito criado e sustentado enquanto autorepresentação.

EROS - a droga é uma forma de gozar, só que quando eu me drogo, eu não fico pensando: Eu quero gozar! *Eu acho que droga é gozar consigo mesmo. O compartilhar drogas com outras pessoas talvez seja um gozar em conjunto que tem um deleite, uma fruição gostosa, de você levar pra boca tudo isso (risos).* Eu quando penso em droga e no consumo, penso na idéia de identidade, espírito ativo, da idéia do gozar, do gozo farmacológico. Se pode gozar com o corpo, com o membro e também com as drogas. *O que me chama a atenção é que o usuário de drogas talvez possa gozar consigo mesmo, sem necessariamente precisar do outro pra gozar em conjunto.* Aí talvez desvie a sexualidade, ou seja algo que tenha uma sexualidade. Meu parceiro sexual não bebe, não fuma, então se eu dependesse de alguém pra gozar comigo estaria mal.

Bem, talvez a droga seja até em algumas situações, uma alternativa para o outro, talvez, como pensa o interlocutor, como um *desvio da sexualidade*, e nesse caso, onde o parceiro sexual do mesmo não é usuário, quer dizer, não sendo este um gozo compartilhado, poderíamos refletir sobre o consumo de drogas como um movimento processual alternativo em direção a si mesmo, afinal, como é dito: "Eu acho que droga é gozar consigo mesmo". Nesse sentido, talvez seja compreensivo um receio "naturalizado" de que a droga seja um elemento desagregador, mas a questão posta é: em uma cultura onde a individualidade é

demasiadamente exaltada, por que o usuário não tem o direito de voltar-se para si mesmo? A possibilidade para encontrar uma resposta plausível reside em deixar o texto correr:

EROS - Aos 13 eu fui estudar com uma elite muito rica, que tudo pode. Então eu não tava muito ligado ao contexto. Aos 17 anos fui fumar maconha, mas a cidade inteira falava que eu já usava drogas. Isso até chamava a atenção, na minha adolescência, a cidade sugeriu que eu usava drogas e eu não conhecia drogas. *Eu acho que de uma certa maneira isso ajudou a que eu usasse drogas, uma cidade muito preconceituosa, cheia de pais separados, filho de pais separados...* ganhei o primeiro baseado e trouxe pra fumar com minha prima e mais uma amiga.

A representação de sua imagem transgressora parece anteceder a própria presença física do interlocutor, e, ancorado nesta perspectiva, sua estrutura de vida vai sendo configurada tendo a transgressão como norma:

EROS - Conheci a cocaína com um amigo que, depois de muito tempo encontraram ele morto, suicidou-se. Ele se envolveu muito com cocaína, ficou deprimido. De vez em quando eu cheiro cocaína, mas nunca compro. Cocaína não é minha droga de predileção, não é uma droga que eu gosto, porque eu sou uma pessoa já agitada, e ela me deixa mais agitado, parece que meu coração vai sair pela boca. Eu geralmente uso em bares, na vida noturna, que vai até de manhã, e *você não vai até de manhã sem um estimulante*. Eu já comprei, mas não é algo que me mobiliza o suficiente pra eu ir atrás. Atualmente eu basicamente uso álcool e maconha. *Álcool eu geralmente uso uma, duas vezes por semana, tipo sexta e sábado, adoro contexto de boate*. Tem dias que eu perco o controle com o álcool, perco as horas, passo a noite acordado quando deveria dormir. Maconha eu sempre controlo, mas a frequência é diária. *Geralmente é uma diária pra cuidar da minha depressão, porque quando fico sem, eu percebo porque uso.*

O controle exercido sobre o consumo tem suas nuances: O interlocutor parece controlar os dias em que bebe, mas não consegue controlar por quantas horas bebe, o que de certa maneira mostra que o controle carece de constantes reflexões e reatualizações. Além disso,

é dito que: "você não vai até de manhã sem um estimulante", mas se ele não compra estimulantes - no caso, a cocaína – é de se supor que seus mecanismos de aquisição sejam muito favoráveis – principalmente levando em conta que cocaína não é uma droga barata. Também válido de nota é o "Geralmente é uma diária pra cuidar da minha depressão, porque quando fico sem, eu percebo porque uso", onde Eros mostra maturidade para lidar com a compulsão pelo consumo, fazendo do momento uma grande oportunidade para uma atualização reflexiva.

EROS - Droga é um termo tão maldito, eu acho que existe muito preconceito, uma hermenêutica pobre. *Sinceramente, tem um lado a pagar pelo uso, mas tem gente que usa e tira proveito desse lado a pagar. Uma coisa positiva é que a droga cultiva nas pessoas uma certa sensibilidade, reúne as pessoas, as pessoas podem curtir um afeto em torno das drogas. A coisa negativa é a violência em torno da droga, ou da atitude de quem vai usar drogas.* Eu acho que a gente tem que levar em conta até que ponto o uso da droga é uma experiência criativa, abre associações, ou ela faz parte de um processo de autodestruição do sujeito.

Aqui a droga pode ser localizada como uma facilitadora das relações de afeto – que não exclui relações violentas - num dar, receber e retribuir.

EROS - Geralmente eu ligo prum amigo e ele me traz. Uma coisa que eu tenho percebido depois de anos, é que é gostoso ficar sem usar. Porque você não enxerga determinadas coisas, e quando você fica sem usar álcool e maconha, parece que você enxerga coisas dentro de você, da sua dor e do seu sofrimento que levam você a querer usar. Eu gostaria de fumar ópio, nunca usei porque não encontrei. Eu gostaria também de experimentar heroína, mas só pra experimentar. Chá de lírio eu nunca usaria, GHT, a ketamina.

Eu ando com os excluídos. Eu não tenho problema com o que os outros vão pensar. *Eu penso que a maioria das pessoas é usuária de drogas*, sem distinção das licitas e das ilícitas, porque *necessitamos das drogas*. Eu prefiro usar com pessoas, porque é mais gostoso, e acho que no uso solitário de maconha, talvez você fique muito ensimesmado, umbilical, com saudade da mãe, um desejo uterino de ficar improdutivo.

Nesse parágrafo final, o discurso, que em grande parte soou egocentrado, se rende às possibilidades de interação social através da droga – inclusive parecendo que ao fim da entrevista, o interlocutor tinha uma postura bem menos defensiva – afinal, ele mostra que não quer passar o resto da vida na acomodação de um útero. Contudo, para outros interlocutores, o consumo de maconha em nada serviu para configurar uma relação uterina:

TÊMIS - A maconha surgiu na minha adolescência. Naquela época minha realidade era um contexto ditatorial, com educação religiosa muito autoritária. Eu estudei 12 anos em colégio de freiras, e eu desde pequenina levava a sério tudo que me falavam. Então eu me lembro do medo horroroso do inferno, de sentir culpa de tudo, porque pras freiras, biquíni era pecado, qualquer besteira era pecado, tudo com um sentimento de culpa muito grande e um desejo muito grande de perfeição, de ser perfeita, porque elas inculcavam pra você a coisa da santidade, de não viver em pecado. Naquela época todas as minhas colegas queriam ser freiras ou missionárias.

Na adolescência comecei a ter meu próprio pensamento, *comecei a questionar tudo*, essa realidade. Nos anos de colégio íamos à missa todos os dias. A primeira coisa foi questionar essa missa. O que isso tá me ajudando a crescer? Eu testei muito até decidir pra mim que não presta e eu vou largar. E assim tive muitas depressões porque era uma contradição grande em mim. O sentimento era muito forte. *Aí conheci uma pessoa que me levou pra umas sessões de filosofia oriental e conheci também todo o movimento da contracultura, o movimento hippie*, *que no início não era um movimento que pregava sexo, drogas e rock and roll na procura do prazer. Era na procura de dar um sentido na vida da gente.* Quando se começou a falar de sexo, era porque a gente vinha de uma família nuclear católica e de uma ditadura muito hipócrita, onde os pais iam mais agüentando porque o divórcio também era pecado, você via o tempo todo a família brigando dentro de casa e por fora parecendo que a família era feliz. Minha mãe nunca soube desfrutar do sexo, porque não estava preparada pra isso, inclusive ela achava que era uma coisa nojenta. Eu me lembro quando com 12 anos, quando minhas colegas sabiam como vinham as crianças, e eu ainda não sabia e perguntava a minha mãe e minha mãe não queria me explicar, não sabia nem como. Nesse sentido eu entendi que o movimento hippie reivindicava a liberdade sexual pela procura que é natural e tava deformado e negado.

Nesse *setting* ditatorial com religiosidade autoritária, Têmis cresceu sem muito espaço para exercer sua individualidade ou dar vazão às emoções, principalmente de ordem sexual. A busca primeira efetuada nem sequer é por prazer, é por autoconhecimento – observando que *prazer* nesse contexto tinha uma leve tendência a ser representado como alienação.

TÊMIS - Quando eu entrei nessa filosofia oriental com um guru que vinha da Índia, o que me chamou a atenção foi que não havia essa dissociação tão grande entre bem e mal, entre o que é certo e errado e comecei a ter uma visão mais ampla do mundo e da espiritualidade. Ai tive acesso a literatura que eu não conhecia: Herman Hesse. E conheci também o primeiro homem com quem convivi, que já tinha ido na Índia. Eu tinha 18. Meu pai era muito autoritário, não me deixava trabalhar, mas também não me dava dinheiro pra comprar meus livros na universidade que eu fazia psicologia. Ai comecei a fazer coisas escondida, fazia artesanato, até que este companheiro me chamou pra morar junto. Assistimos filmes americanos, muito bons que abriam a cabeça, como *Um Estranho no Ninho* (Milos Forman), de certa forma é meio Foucault, né? *Jonnhy Vai à Guerra*, (Dalton Trumbo), *Laranja Mecânica, 2001* (Stanley Kubrick), todos esses contribuíram pra essas inquietações que eu tinha com a sociedade em que eu vivia. Na universidade, eu nunca me identifiquei com a universidade. Graças a esse companheiro eu terminei os estudos que eu queria largar. *Esse companheiro me introduziu a maconha. Eu aprendi com ele a fumar e ler ficção cientifica e ouvir música*. Quando acendia um baseado minha cabeça entrava direto no livro, mesmo que fosse complicado; Kafka, Bourroughs, e Castañeda que até hoje são minhas bíblias. Não pelas drogas, mas pelos ensinamentos de D. Juan. E *livros que criticavam a família e a instituição...*

Hoje em dia as novas gerações não têm inquietações. Naquela época tava na moda ácido, mas eu usei uma vez, não gostei, porque fisicamente no dia seguinte você estava muito ruim. Acelerava todo seu corpo, no dia seguinte você tava exausta. *Eu não fumava muito porque quando eu estava bem, aí eu gostava, mas quando eu tinha minhas crises, meu sentimento de culpa aumentava.* Eu não falava com ninguém, me achava um lixo.

Minha mãe sabe que eu fumo, não fumo na frente dela e a gente convive assim. Mas as outras pessoas não sabem que eu fumo, pensam que eu sou careta. .. *eu não sei como dizer, eu me questiono isso.* Eu não usaria nenhuma outra droga. Cocaína eu usei pra

experimentar, é muito depressivo e a gente fica muito acelerada, a cocaína é só pra dar resistência física. *Adquiro maconha através de amigos. Tem uma boca aqui, mas eu morando aqui eu não compro porque é sujeira*. Eu não conheço os efeitos químicos, mas sei que é bom pros doentes de câncer, Aids, porque abre o apetite.

Vale a pena ressaltar que esta última interlocutora para falar sobre drogas, fez uma leitura de sua trajetória que não pode ser resumida ao consumo em si, mas a toda uma desconstrução de valores que a levaram a construir um espaço onde o fumar maconha fosse edificante. Assim o seu processo de autoconhecimento e fumar maconha são movimentos configurados em uníssono – chegamos a gravar mais de 50 minutos de conversa sobre sua trajetória, antes que ela chegasse ao consumo propriamente dito.

Também é valido pontuar dois tópicos levantados por Têmis que são comuns a outros interlocutores: a relação entre o consumo e o sentimento de culpa: "Eu não fumava muito porque quando eu estava bem, aí eu gostava, mas quando eu tinha minhas crises, meu sentimento de culpa aumentava", e também quanto a seus procedimentos e julgamentos de valor relacionados à aquisição: "Adquiro maconha através de amigos. Tem uma boca aqui, mas eu morando aqui eu não compro porque é sujeira". Neste segundo caso, a culpa é pensada não tanto na perspectiva freudiana de perceber-se infringindo uma norma, mas no sentido de perceber-se pondo-se em risco através da transgressão de uma norma de aquisição. Como Têmis mora perto de notórias bocas de fumo, ela se resguarda da hiper-exposição adquirindo fumo em outros lugares. Pontuação feita, a análise segue dialogando com outros discursos:

NEREU - Aos 13 anos comecei com uns colegas mais velhos a andar em barzinho e tomar cerveja. Até os 25 anos foi a única droga que usei. Aos 25 comecei a fumar maconha e da maconha fui pra cigarro. A iniciação foi com 2, 3 colegas na casa de um deles. *Coisas de amigos, rodas de amigos*, acho que comecei a fumar um pouco tarde, geralmente as pessoas começam a fumar mais cedo. Acho que foram as circunstâncias. Já tinha me formado, tava começando o mestrado. Foi um *período de fumar intensamente, uma, duas vezes por semana.* Saia na noite com colegas, e pintava em barzinho, festa, *carnaval*, mas com finalidade lúdica, mesmo. Nessa época eu só fumava em galera. Era tão fácil "as presenças" que não adquiria não. Só fui adquirir mais tarde. Comprava com os colegas, sei

lá, alguém adquiria com fulano ou cicrano, "ah, quero metade". Deixava uma grana e ia pegar na casa do colega. Ir atrás nunca precisei. Minha mulher não adquire de jeito nenhum.

Inicialmente Nereu se refere a dois aspectos deveras importantes: quanto ao fato de ter começado a fumar aos 25 anos, ele acredita que começou um pouco tarde como também acredita que "Foi um período de fumar intensamente, uma, duas vezes por semana". O tempo certo para começar a fumar é o tempo de cada um maturar suas questões, mas de forma geral há uma naturalização de que se comece a fumar com menos de 25 anos. Que "circunstâncias" seriam essas que o fizeram esperar *tanto tempo?* E em relação a "fumar intensamente", o que se observa é que geralmente fumar uma, duas vezes por semana é considerado um consumo bem controlado. Então, talvez os padrões de controle de Nereu que começou a fumar mais tarde e que fumando pouco, acha muito, sejam um tanto mais rígidos que o da maioria dos interlocutores pesquisados. E se for acrescentado a estes dados o "ir atrás nunca precisei", vê-se que o controle em si enquanto elemento básico de uma estrutura de vida pode até proporcionar um certo status.

Talvez *nunca precisar ir atrás* possa indicar muito mais que um controle exercido em função de segurança, pode indicar um certo posicionamento calcado em princípios de valor. Na verdade, o que chama a atenção é a formulação do discurso: "Deixava uma grana e ia pegar na casa do colega. Ir atrás nunca precisei". Ora, se algum colega tem que comprar para que Nereu não precise fazê-lo, não seria natural que numa relação de grupo dadivosa, em algum momento que ele retribuísse o favor, até como mecanismo de pertencimento ao grupo? Talvez se possa especular que algum colega goste de fazer a compra ou tenha alguma facilidade para tal, ou mesmo que essas não sejam necessariamente relações dadivosas, mas o que define o posicionamento do interlocutor é a última parte da sentença: "ir atrás nunca precisei", e principalmente pela forma altiva como foi dito, que deixou transparecer uma certa vaidade por não ter que precisar *fazer o trabalho sujo*.

NEREU - Quando eu levo muito tempo sem pitar, quando pito tem uma certa semelhança do que foi a primeira vez. Meu uso atual é bem regulado.

(P) - regulado em função de que?

NEREU - em função de uma ocasião, de *uma coisa lúdica,* dar uma saidinha. Ou então em casa até, com minha mulher tomando uma cervejinha. Cocaína foi o mesmo jeito. Brincadeira, onde tavam as pessoas fumando, aparece alguém que tinha, aí bota uma carreirinha, vamos lá ver qual é, e aí se cheira. É uma sensação bem diferente porque *a maconha tem um aspecto introspectivo,* faz você ficar mais meditativo, e aí você tem idéias, *a cocaína é uma coisa mais pra fora,* ficar ligado mesmo. É uma sensação interessante, cê fica com um *speed* maior, uma energia, uma *sensação de poder. Na maconha eu encontrava mais aplicações sociais, mais sociabilidade que a cocaína.* Havia o uso associado, fumava-se maconha, cheirava-se cocaína (risos), mas quando tinha cocaína presente não tinha menos sociabilidade porque geralmente era *no mesmo ambiente* que rolava maconha. Mas eu acredito que em alguns ambientes onde as pessoas só usem o pó, ele possa servir pra interação entre as pessoas. *Maconha em grupo deixa as pessoas mais falantes, mais risonhas. Quando ela é sozinha às vezes é um pouco depressivo, principalmente quem tem um certo tempo de uso. Com o tempo ela deixa de ser uma coisa prazerosa, e você começa a fazer umas viagens introspectivas, mais depressivas.*

(P) - você fez viagens depressivas?

NEREU - sim, *em situações em que você fuma e não deveria ter fumado.* Tem aquela coisa de ansiedade aí você fuma e só faz potencializar o momento que não tava bem. As questões emocionais se tornam mais intensas. Pra algumas personalidades o uso de drogas tá associada à recusa de ser sujeito.

Um dos aspectos centrais que levam à eficácia do processo civilizador é a presença do sentimento de culpa quando há uma transgressão em jogo. Assim pensando, *a ansiedade que potencializa um momento que não tava bem*, pode estar atrelada ao sentimento de culpa por não ter exercido o controle quando se supõe que deveria – no caso, não fumar em certas configurações. Além disso, a força e a vigência das configurações onde o consumo de drogas acontece faz parte do efeito: "fumava-se maconha, cheirava-se cocaína, mas quando tinha cocaína presente não tinha menos sociabilidade porque geralmente era *no mesmo ambiente* que rolava maconha", ou seja, Nereu tem uma noção clara de que "o efeito" da droga tem muito a ver com o *setting* onde é consumida.

Para melhor entender a relação do(s) efeito(s) do(s) *setting(s)* e do(s) *set(s)* junto ao(s) psicoativo(s) faz-se importante traçar uma interface entre esta última fala de Nereu e a próxima, emitida por Hécate:

HÉCATE (quanto ao consumo de drogas) - eu era ainda estudante de filosofia... mas nas festas, eu me lembro que fumei e me senti *meio perdida* (risos) mas durante muito tempo era uma coisa esporádica, festas. Álcool eu usei a partir dos 18 anos. Na faculdade eu bebia cachaça, eu tinha um amigo pirado, maravilhoso, um gay doido (risos), a gente saia nos intervalos e depois da aula e tomava bebida de infusão. Depois começou a coisa das noitadas, *a mesma galera da faculdade*. A galera saia pra beber, cantar, recitar poesia, maravilhoso! (risos). Essa galera só bebia. Não lembro a primeira fumada, mas não fumei com meu namorado (Nereu), porque *ele era muito preconceituoso na época.*

Drogas que já usei: álcool, maconha e remédios (risos), barbitúricos eu tomei com receita médica. Eu já tive curiosidade de conhecer cocaína, pra ver qual é. Mas nunca foi algo que me mobilizou muito, e eu tenho uma consciência muito clara de que é perigoso pra mim, porque *eu sou alérgica,e eu quase morri, eu tive um problema de saúde causado por medicação,* algumas substâncias, uma hipersensibilidade a determinadas substâncias farmacológicas. E o que se diz da cocaína é que ela é misturada com remédios e eu não ousaria arriscar. Tem uma formação de medo e de preconceito em relação ao uso de drogas.

Primeiramente se faz perceptível a repetição de um dado já apreendido quando da fala de Nereu; o contato com as drogas ganha dominância no ambiente universitário. Estes dois interlocutores, que têm o campo acadêmico na perspectiva do princípio de realidade acessam o consumo de drogas sem limitá-lo à clausura de um princípio de prazer excludente. Apesar de alguns conflitos localizados em relação a certas questões, o *habitus* social do consumo de drogas os acompanha até hoje, quando não mais são alunos e sim professores. No caso de Hécate, de certa forma o consumo de drogas compõe o cenário de uma possível reconstrução de valores que incorporam o princípio do prazer ao repertório de uma pessoa que teve: "uma educação totalmente repressora, machista, totalmente, muito limitadora mesmo. Eu sempre fui muito tímida, então o uso das substancias psicoativas

exercem essa liberação da censura, que parece chegar mais perto do meu ser" - pg.83. O próprio "se sentir perdida" pode ser uma tentativa de se encontrar, dentro de uma perspectiva que busca quebrar a vigência de padrões estabelecidos. Assim, interfaceando Nereu e Hécate como um casal, percebe-se que dispunham não só de procedimentos de controle quase opostos, mas de possíveis motivações e expectativas bem distintas em relação ao consumo, o que não os impediu de serem um casal. Em outras palavras, na configuração de um *setting* afetivo fluem dois *sets*.

Mas o *setting* afetivo de uma relação amorosa não é o único cenário claramente trazido como configuracional em relação ao consumo de drogas. Hermes por exemplo, não tem dúvidas quanto à importância do *setting* acadêmico no seu processo específico de consumo:

- A primeira vez que tive contato com substâncias psicoativas foi numa idade bem tardia, eu tinha 19 pra 20 anos, foi um uso ocasional. *Na faculdade eu tive mais contato,* eu entrei na faculdade um ano depois dessa primeira experiência. Aí *na faculdade de S. Lázaro onde o uso, principalmente da maconha, tinha certa tolerância social, tive contato maior.* Antes era fumante esporádico, o uso constante só vai acontecer num passado mais recente. *Aconteceu no curso de Ciências Sociais que já trás em si um espírito contestador, no caso o uso da maconha era visto como elemento afirmador dessa contestação, que era o pessoal de História e Ciência Sociais de um modo geral*. E esse era um grupo de iguais onde o uso era natural, o que *facilita bastante você não ter nenhum sistema de repressão* que tira todo o espaço que permitia que isso se realizasse, porque o campo é bastante propício ao uso reservado da maconha (risos).

Aqui mais uma vez está a indicação em torno da idade padrão para o ritual de iniciação, questão que já foi apresentada por Nereu, só que Hermes ao invés de 25 anos, aponta que 19/20 anos já foi uma idade tardia para tal processo acontecer. E mais, também é dito que o *setting* universitário foi onde o processo se solidificou - no que é corroborado não só por Nereu e Hécate, mas por Esculápio e Dioniso - enfatizando esse recorte espacial heterodoxo, caracterizando-o como facilitador de um processo identitário que afirma-se desconstruindo alguns padrões estabelecidos: "Aconteceu no curso de Ciências Sociais que

já trás em si um espírito contestador, no caso o uso da maconha era visto como elemento afirmador dessa contestação, que era o pessoal de História e Ciências Sociais de um modo geral", ou seja, de certa forma a academia é representada como cenário de socialidade e formação identitária muito mais do que um simples cenário para educação intelectual visando a veiculação do princípio de realidade. Dessa forma, este cenário é também um pólo para a veiculação do princípio de prazer. Isso por sua vez, não exclui entre outras manifestações, o consumo de drogas, onde os controles externos ao grupo, na sua forma de sanções, eram minimizados sem "nenhum sistema de repressão que tira todo o espaço" – sendo que especificamente os cursos de História e Ciências Sociais trazem a representação da "contestação".

HERMES - Fora da universidade era sempre num grupo de amigos, depois isso aí muda, mas inicialmente sempre num grupo de amigos. Era uma coisa de consumo social, sempre vivi mais ou menos dentro desses mesmos grupos. Esse grupo de relações da faculdade foi transposto pra outros espaços, alguns já moravam só, então alguns amigos permitiam maior liberdade de consumo, e nos espaços de lazer coletivo: praia, acampando, mas *o grupo era fundamentalmente o mesmo. Beber eu sempre bebi*, era bastante freqüente na faculdade o consumo de cerveja, e cigarro era a droga mais utilizada. *A cerveja é um elemento fantástico pra facilitar a socialidade*. Só depois maconha e cocaína, aos 28, 29 anos. Não havia dentro do grupo dinheiro pra comprar cocaína, a cocaína era uma droga mais cara, e a maconha é mais barata. Eu nem sei como ela aparecia, mas eventualmente ela aparecia. *Acredito que as pessoas tinham predileção pela maconha, nunca vi ninguém fazendo discurso pela cocaína, não.* A maconha sempre foi relativamente fácil, a cocaína se populariza em Salvador nos últimos 15 anos, antes era uma *coisa da elite*, de obtenção de maneira mais complicada. Retrospectivamente *havia uma ritualização,* se havia um consumo que era sempre coletivo, como num grupo de amigos, isso já implicava numa ritualização, toda brincadeira que acompanha o preparo, o processo. *A cocaína sempre foi estigmatizada, no meu imaginário sempre foi uma droga pesada*. Pra mim havia uma certa resistência ao uso. A maconha não. Eu sempre tive um discurso que era coletivamente compartilhado, que era natural, não tinha agrotóxico, bem adequado aos anos 80. Eu acho que eu evitaria entrar em contato com droga que implicasse o uso intravenoso. Agora,

dentro dos ilícitos eu devo ter consumido o que a possibilidade permitiu, o que apareceu. Eu já queimei crack, umas três vezes ou quatro. Foi curta mas não foi legal, porque foi um consumo por conta de um amigo que não tava legal, com agressividade, com consumo excessivo.

O discurso de que a maconha era um psicoativo natural, sem agrotóxico e que não era sequer uma droga, durante a década de 80 foi bem disseminado, assim o que Hermes diz não é um discurso isolado. Hoje em dia já há uma representação dominante menos romântica de que a maconha é uma "droga leve", mas que como todas as outras substâncias psicoativas, também pode acarretar consequências orgânicas e psicológicas. Além disso, não passa despercebido que a cocaína é representada por Hermes como uma droga "estigmatizada", o que não impede seu consumo, mas sim o seu culto. É também de se ressaltar que quando Hermes afirma que: "Agora dentro dos ilícitos eu devo ter consumido o que a possibilidade permitiu" é patente um desejo de consumo por "drogas pesadas" que o diferencia dos colegas anteriormente entrevistados. Contudo, ele não está livre dos efeitos do processo civilizador:

HERMES - *Minha relação com psicoativos não é sem culpa,* na medida em que eu tenho que me precaver com uma série de mecanismos no momento que eu faço uso, (por exemplo, uso de incenso) tem uma idéia de uma coisa que não é positiva. Isso me joga pra fora do circuito do normal. *Sou a favor da descriminalização,* a gente poderia tentar usar as experiências lá de fora. As alternativas da repressão não são eficazes, a gente vai ter que tentar ser criativo. Quanto aos fornecedores, *acho que eu tenho uma rede bem constituída, tenho uns três ou quatro canais do bairro mesmo ou bem próximo, entre eles o rapaz que lava meu carro*. Quando tá acabando, eu compro. Minha experiência dessa coisa de trabalhar como marginal, aí a droga é só mais um elemento, porque tem toda a questão da sexualidade, eu sou homossexual, aí implica numa vivencia a mais. Dentro do padrão dito socialmente desejável, eu tô fora duplamente, agora não (me) causa nenhum tipo de conflito. Eu não faço disso uma bandeira política, mas trago sempre à discussão.

Há algum traço de culpa no discurso de Hermes, mas não há conflito aparente, quer dizer, parece não haver um conflito pessoal quanto aos valores dados a sexo e drogas, mas há uma culpa por ter que escamotear – ou não poder naturalizar - alguns desses valores ligados às drogas. Este interlocutor tem uma sólida estrutura de vida – foi ele que disse que "sou professor, isso aí cria toda uma blindagem a esse consumo" – e possui uma boa disponibilidade de aquisição, sendo um exemplo claro do que Grund propõe em sua teoria como usuário controlado.

DIONISO - Entrei na universidade aos 21 e só a partir daí tive contato com drogas. Na adolescência tive contato com álcool, aquela coisa da *conquista da identidade*, essas coisas, os grupos de amigos... As ilícitas eu tive mais contato quando vim pra Salvador, porque eu morei até os 17 anos no interior do estado. A droga lá tinha toda aquela viagem do extremamente proibido, *era mais até de marginal*. Não despertou minha curiosidade, depois *na universidade meus amigos usavam, mas eu vim usar mais tarde, com 30 anos*. Mesmo os meus amigos que usavam não faziam parte de ... tipo assim: se você não usa não participa da noite. *Não acredito que tenha uma idade predeterminada pra fazer uso. Acho que depende mesmo da experiência de cada um, da relação que cada um tem... depende do grupo.* Se você tem um grupo em que isso passa a ser um critério pra ser aceito, acho que isso pode levar a usar pra se inserir no grupo. No meu caso não aconteceu isso. Isso de não fumar no meio dos que fumavam não chegou a ser um conflito, não. Estando na roda eu pegava de alguém e passava o baseado pra um ou outro. *Eu aí já não tinha a coisa da proibição, era uma coisa mais interna, mais meus temores mesmo*. Mas com relação a participar do grupo, o grupo não fazia pressão. Não existia: "ah, experimente, é legal". Talvez até por ter pessoas mais maduras, a droga não fazia parte da vida dessas pessoas como uma contravenção, as pessoas tarem usando na forma de uma agressão, usavam porque era vontade, não era uma bandeira política.

Nesse caso específico, Dioniso já realiza uma relativização em torno da idade para iniciar-se no consumo, não meramente como uma questão pessoal, mas como uma questão de maturação individual *dentro da maturação grupal*: "Não acredito que tenha uma idade predeterminada pra fazer uso. Acho que depende mesmo da experiência de cada um, da

relação que cada um tem... depende do grupo". Este raciocínio segue na contramão daquele que não muito tempo atrás pareceu ser estabelecido como canônico, a idéia de que quem anda com usuários é levado a tornar-se usuário para ser aceito no grupo. É possível perceber na fala de Dioniso que no nível pessoal essa não foi uma decisão tomada sem algum conflito: "Eu aí já não tinha a coisa da proibição, era uma coisa mais interna, mais meus temores mesmo" – a coersão aqui já foi introjetada como autocoersão, autocontrole - e no nível coletivo, a aceitação dele como pertencente sendo usuário ou não, indica que parece haver uma configuração de valores na qual a droga está incluída mas não como o único, nem como um valor excludente.

DIONISO - Tinha duas questões; primeiro eu tenho um problema de coração, então eu sempre achei que droga poderia causa algum dano, nessa perspectiva. E depois uma outra viagem, *eu não gostava muito da idéia de uma droga que alterasse muito a minha consciência.* Perdi o medo com experiências outras, com a vida, a questão da faculdade, de começar a interagir em sala de aula com jovens.

A questão da droga sempre foi colocada a partir dos anos 90 em discussão em sala de aula, um dia sem perceber, eu resolvi experimentá-la *no carnaval*, na casa de um amigo que usava. Aí eu passei a experimentar, *mas nunca foi algo que eu precisasse ter,* mas em algum momento que eu estivesse com amigos bebendo, ou em momentos de festa. Nunca foi uso cotidiano. *Engraçado, nunca fiz uso sozinho de droga, assim como não bebo sozinho.* Nunca senti a tentação. Eu já convivia há muito tempo com um grupo que usava, tinha toda uma observação, tinha todo um trabalho de campo, não teve assim uma cartilha.

Mais uma vez vemos como o carnaval é uma circunstância onde certas flexibilizações de valores podem ser facilitadas, principalmente no caso de quem deixa claro que: "eu não gostava muito da idéia de uma droga que alterasse muito a minha consciência", pois no carnaval, se tem certa autorização tácita para alterar a consciência, principalmente quando ela está imersa na efervescência coletiva. A propensão ao controle - que já foi manifesta na fala de Nereu, "mas nunca foi algo que eu precisasse ter" - faz com que também não soe estranho a ausência de consumo solitário, pois a responsabilidade pelo autocontrole no espaço coletivo, é ressignificada como heterocontrole, de forma que não seja tão opressiva

sob um individuo em particular. Fica claro também como a convivência de Dioniso com o grupo não está muito distante do que observou Becker quanto à aprendizagem dos usuários do que é ser/tornar-se usuário. Prossegue o texto:

DIONISO - No ambiente mais próximo, as pessoas sabem. Nunca foi discutido, fica implícito, há um uso mais reservado. *Não me sinto incomodado quando dizem: alguém é maconheiro...* depende da colocação que a pessoa faça, dependendo do foco de formação da pessoa eu posso não me defender, eu coloco meu ponto de vista.

Eu gosto do uso coletivo porque a droga quebra o gelo das relações sociais. Eu gosto da idéia da troca, não só a troca da droga, mas a troca de idéias com outros. Pelas experiências de alguns amigos, que tavam em viagens muito pesadas, resolvi não ficar nessa de comprar, com a cocaína especialmente. Achei melhor me afastar, não do amigo, mas me afastar do uso. Até pra que tivesse um pouco o contraponto, é uma observação minha, assim a situação financeira deles tava pesando e resolvi deixar de fazer uso com esses amigos. O crack eu não usaria, pelo que eu leio. Eu nunca tive um amigo que usasse ou processo de ver um amigo sofrer as conseqüências.

Uma vez mais, a experiência negativa de um par serve como anti-exemplo no que se refere às drogas pesadas – além de Dioniso, Hermes citou um exemplo de uso descontrolado de crack, mostrando que a configuração de grupos de usuários propicia aprendizados favoráveis e desfavoráveis a certos padrões de consumo. No rastro de aprendizados favoráveis, é viável analisar algumas situações onde o grupo de iniciação não foi configurado num ambiente universitário, mas sim dentro dos clãs familiares:

CIBELE - Com 14 anos de idade eu comecei a fumar maconha, mas o meu contato foi anterior, muito anterior, dos meus irmãos, todos usuários de drogas (risos) bem menina. *A primeira cena que eu me lembro de contato com maconha foi com um amigo que tinha uns 16.* A gente saiu num fusca e *eu devia ter uns 5 anos*, ele fumou com uns amigos, eu cheguei em casa e arriei a cabeça na mesa (mais risos) minha mãe pirou, porque eu era pequena e fiquei doidona (risos). Eu me lembro da cena toda! Minha primeira experiência fumando mesmo foi com todos os meus irmãos passando o São João no interior, eu

comecei a sentir vontade também de usar, sentir aquela massa legal, todo mundo ficava massa, ria, brincava, todo mundo super alegre, contente, ouvindo música, muitos jovens dentro de casa. Os mais velhos escancararam pra gente. Mas antes eles não ficavam escancarando assim, como eu faço com meu filho.

Nesse *setting* familiar de Cibele parece não ter havido muitos conflitos em relação ao desejo de consumo, pelo contrário; tal desejo parece ter sido naturalizado muito mais como um padrão estabelecido do que propriamente *outsider*, e tal padrão é reproduzido posteriormente por Cibele na relação com o próprio filho.

CIBELE - Cocaína usei já bastante velha, 28, 29, foi o maior barato. Eu namorei com "um cara" dois anos, que tava dependente completamente da cocaína. Ele usava muito. Minha experiência foi mais ou menos. Foi uma experiência legal assim, se fosse sem ele... (risos) *não foi a droga que não foi uma experiência legal, mas a relação com ele que era complicada*, porque ele não tinha uma coisa muito legal com a cocaína, era coisa compulsiva, e tava tentando deixar de usar e isso se reverteu em violência comigo. Nada de me bater, mas empurrar, assim agressivo no cotidiano. Utilizei em outras situações com meus amigos, em outras situações mais tranqüilas, foi ótimo, só não gosto da rebarba no outro dia (risos) o desgaste na saúde, não me sinto muito bem, a relação que eu tenho com a maconha é muito mais saudável.

(P) - você já consumiu outras drogas?

CIBELE - nem ácido, (constrangida) agora eu tenho vontade de experimentar. Nunca tive atitude de providenciar, (risos) mas eu acho que sim, num ambiente tranqüilo com uma galera legal, mas eu não tenho muito grilo, eu sou mais resistente a usar drogas químicas, mesmo, e às vezes sinto que tem isso. Pra usar cocaína mesmo, tem que ser uma coisa bem controlada. Não sinto vontade porque meu corpo toma um baque. A última vez tem uns três meses... aí depois tive um baque...fiquei uns vinte dias mal. Cansada, o peito cheio de catarro. Não recomendo o que é mais pesado que cocaína; crack, cola de sapateiro é altamente tóxica, a cocaína também não é leve. Tenho várias fontes pra maconha, diversas, na cidade toda (risos) são amigos que fazem canais, tem tanta gente que fuma, amigos da faculdade.

A percepção da influência do *setting* sobre os efeitos psicoativos da cocaína está presente no: "não foi a droga que não foi uma experiência legal, mas a relação com ele (o namorado) que era complicada", da mesma forma que a influência dos efeitos colaterais sobre o *set* e o *setting*: "não gosto da rebarba no outro dia". Desta forma, Cibele mostra estar atenta tanto a um melhor aproveitamento do consumo da droga, quanto a seu desempenho posterior ao processo de consumo: "Pra usar cocaína mesmo, tem que ser uma coisa bem controlada". Esta redução de danos é a busca de um equilíbrio na balança entre princípio de prazer e princípio de realidade.

NÊMESIS – Eu tinha 15 anos e queria muito (fumar maconha). Foi assim uma experiência muito interessante, que eu e uma prima, a gente pediu prum amigo nosso né, que queria, queria. Na hora, minha prima deu caruara absoluta: "ai, ai!" (fala enfaticamente) e começou a passar mal e eu amei! Eu lembro da gente parado no carro, na porta da Igreja do Bomfim, eu dizia: nossa, que coisa linda, que coisa interessante! Mas eu amei, vi o mundo de outra forma, mexeu comigo, uma sensação muito boa.

Quando minha mãe descobriu que eu fumava, foi meu irmão que me entregou - irmão que anos depois se envolveu com o tráfico - eu já tinha 18 anos. Minha mãe queria me internar[116]. Ela me mandou pra Ilhéus pra casa de uma amiga dela, pra ver se eu esfriava a cabeça. Por ironia da vida, o filho da amiga dela era um consumidor muito maior que eu, e ele me aplicava.

Cibele e Nêmesis que não foram iniciadas na consumo de maconha em meio ao circuito universitário e sim com alguns familiares, iniciaram o processo mais cedo – 14 e 15 anos respectivamente – manifestando um desejo explicitamente assumido pelo consumo, inclusive no segundo caso, sem conflito com os valores religiosos por fazer a primeira viagem na porta de uma igreja – Nêmesis é oriunda de uma família bem católica - talvez até mesmo com isso reduzindo a fronteira entre o sagrado e o profano, ou mesmo simplesmente não fazendo uma identificação precoce entre a maconha e a transgressão

[116] - como quiseram também as famílias de Eros, Hypnos e Panacéia, quando estes manifestaram comportamentos *outsiders*.

como manifestação do Mal, e sim como experiência estética: “nossa, que coisa linda, que coisa interessante!”.

NÊMESIS - Casei aos 21 com um usuário, nunca parei, mas não sou compulsiva, se não tem, não tem, agora eu consigo administrar, não fumo tudo de vez... tem gente, das pessoas que eu convivo, que fuma um atrás do outro. Eu não, rejeito se eu não tiver a fim, não tem essa. Eu gosto de fumar quando eu acabo de tomar café, assim como se bebe um licor, um digestivo, uma cachaça depois do almoço.

Eu gosto muito de fumar sozinha, eu gosto. Ah, sei lá, na minha tranqüilidade, eu não preciso dessa coisa: ‘a, passa aí, me dê!’ Quando todos têm, cada um “bota um”, é muito tranquilo. Por exemplo, ontem eu saí com dois amigos, todos tinham, cada hora um botava um. Eu digo brincando pra ele (meu companheiro), que eu acho que ele aceita muito bem, é tranqüilo. Eu moro com um homem que não fuma de jeito nenhum. É tranquilo com ele, ele não fuma, respeita demais, é um *vício* que eu tenho, como ele tem de beber cachaça depois do almoço, o digestivo dele é a cachaça, o meu é a *cannabis*. Eu convivo com gente que fuma, convivo com gente paranóica, cheia de pudor quando fuma, tem gente que é muito tranqüila. Eu não gosto da apologia à droga, isso realmente eu não faço, que eu não acho que é coisa interessante. Pra mim é igual à apologia ao açúcar.

(P) – você se acha uma pessoa viciada?

NÊMESIS - não! O vício que eu digo é o açúcar. Eu não me acho viciada em maconha. Eu já pensei muito sobre isso. Tem gente que fala isso pra mim também. Pra mim é uma inverdade com relação a minha experiência. Eu não tenho essa coisa: “se eu não tiver (maconha) eu penso que vou morrer!” Eu viajei, (pra fora do país) eu lembro que eu fiquei o primeiro mês, não tinha, mas eu não ficava nervosa, morrendo porque eu não tinha.

A *cannabis* me deixa mais sensível à voz de outra pessoa, às cores, as idéias vêm, depois dá pra eu garimpar melhor. Criar, criar sobretudo. Algumas vezes depois que eu fumo, eu fico muito mais agressiva, isso é verdade. Com meu “dito cujo” eu fico muito mais agressiva, com as pessoas mais próximas, isso incomoda, eu não gostaria, eu não fico *relax*. Eu tento me controlar. Eu fico agressiva verbalmente, eu fico irritada, sem paciência. Ao mesmo tempo que a maconha me acalma... depende de como tá o equilíbrio do organismo,

eu fico agitada. É uma coisa negativa, eu preciso me controlar e sobretudo com as pessoas mais próximas.

Eu acredito que nenhum psicoativo deveria ser consumido, mas entre um cigarro normal e um cigarro de maconha, eu que inclusive tenho uma alimentação que posso dizer que é equilibrada, eu não tenho dúvida: é muito mais interessante o cigarro de maconha. Eu não faço apologia à droga, *claro que não pode ser uma coisa saudável*, né? As pessoas que cheiram são muito travadas, muito mais irritadas, muito mais individualistas, menos sociáveis, menos comunicativas. Eu tenho um amigo professor universitário que quando fuma, não fala com ninguém, ele trava.

Alguns dos juízos de valor emitidos por Nêmesis são deveras significativos. É trazido à tona um conflito entre a prática – "Criar, criar sobretudo. A cannabis me deixa mais sensível à voz de outra pessoa" - e a teoria - "Eu acredito que nenhum psicoativo deveria ser consumido", "claro que não pode ser uma coisa saudável, né?". Esse conflito não é configurado à sombra de um sentimento de culpa, ou talvez, Nêmesis autorepresentando-se como uma usuária controlada, nem perceba tal situação como um conflito.

Outro ponto perceptível é a manifestação da agressividade. Aqui se vê como não há efeitos únicos ligados ao consumo de uma mesma droga. Neste sentido, este relato de ausência de controle sobre certas emoções agressivas é muito claro, e isto é dito independentemente da qualidade da droga – pois mais uma vez esse é um dado que não há como investigar, restando a investigação do *set* e do *setting*. Se neste *setting* Nêmesis se sente mais calma e ao mesmo tempo mais agressiva com os mais próximos, talvez não se deva creditar a tal comportamento a pecha de ser um comportamento contraditório, afinal, na medida em que certa flexibilização de valores pode acontecer quando se consome maconha, assim reduzindo a eficácia do processo civilizador, não é nenhum absurdo que se manifestem conteúdos mais agressivos em relação aos mais próximos, conteúdos oriundos do *set* emocional da interlocutora e não da maconha.

NÊMESIS - Eu já experimentei ácido que eu gosto, mas não é uma coisa fácil de achar e não é uma coisa que assim eu vou atrás, eu já experimentei. Cocaína eu não recomendaria nem pra experimentar, é bobagem. O tempo é outro, a própria maconha, o tempo é outro.

Eu que sou consumidora desde os 15 anos (nesse momento estando com 40) vejo a diferença. É completamente diferente. *Não é uma droga mais natural, não existe isso mais*. Eu sempre tive muita vontade de experimentar chá de cogumelo, mas não tive coragem, não tive coragem. Era uma fantasia, mas eu tinha medo de não voltar. Hoje eu diria não com certeza. Eu hoje em dia eu sou mais comedida ainda que antigamente, e olhe que antigamente por mais que eu tivesse esse estereótipo né... (levanta os cabelos coloridos) .

Hoje em dia é muita entrega à domicílio, contatos com amigos, uma lista de pessoas que fumam, um dá pro outro que presenteia, ligo prum amigo. Com meus amigos eu dou pra eles e me dão sem sombra de dúvidas. Antigamente era muito mais, agora é uma lista de amigos que crescemos fumando juntos, então tem uma certa cumplicidade. Eu compro. Eu presenteio porque eles me presenteiam, é uma relação de escambo. Agora eu compro que eu gosto de ter o meu, assim como eu gosto de ter a minha verdura, assim como o álcool... álcool não, que eu não bebo álcool*, outra coisa que é muito importante, eu não sou consumidora de álcool. Em hipótese alguma, eu não gosto.* Tive muito poucas experiências com o álcool, me dá dor de cabeça, eu tomo vinho, muito pouco, duas taças, *se precisar,* se tiver saído com pessoas que bebem. Eu bebo água, *a marijuana já me provoca a sociabilidade*, se eu tiver sem marijuana e se não tiver água, pra mim esse não é um problema. Saio com pessoas que bebem, mas eu não sento num bar pra beber. Me irrita profundamente, a minha energia não consegue ficar parada num bar tomando cerveja.

Além de ressignificar o romantismo por trás da visão de que maconha não é uma droga: "Não é uma droga mais natural, não existe isso mais", Nêmesis controla o uso de maconha em duas vias de ritualização: uma a sós, onde ela procura viajar e relaxar, e a outra coletivamente, na busca da sociabilidade já que ela não bebe: "eu tomo vinho, muito pouco, duas taças, se precisar*,* se tiver saído com pessoas que bebem*"*. É explícita sua aversão ao álcool, como anteriormente ela também manifestou aversão à cocaína. Em seu ponto de vista a cocaína reduz a capacidade de sociabilidade, ao contrário da maconha e mesmo do álcool. Resta saber se em seu repertório não há outras possibilidades de fomentar sociabilidade, além destas interfaceadas com psicoativos...

HYPNOS - Quando tinha 16,17 anos fiz um tratamento médico que pedia que eu tomasse lexotan. O médico me prescreveu lexotan! (risos) eu tomei e conheci o barato do Lexotan. Tempos depois calhou deu encontrar uma partida de lexotan, e eu tomei por alguns meses, sem prescrição médica, só pelo barato, pra andar de moto, sem carta, maluquice, foi só umas duas caixas. Depois na universidade, pros padrões de hoje, eu acho que eu demorei de conhecer maconha, foi pro final do curso, 20,21 anos de idade. Tinha uma república que dava pro fundo de onde eu morava e tinha um pé de maconha plantado, e pela fresta eu comecei a tirar...

Esse é um relato que começa atípico diante do cenário até então configurado, até soando *outsider* diante dos relatos dos outros interlocutores anteriormente analisados. A começar pelo "barato do Lexotan" e pelo posterior encontro de "uma parada de Lexotan", Hypnos não faz maiores referências a grupos de iniciação, pois a iniciação deu-se através de um procedimento médico, quando foi usado um psicoativo lícito dentro de um processo de cura. Contudo o que não foi dito nesse fragmento de relato - e que talvez ele não faça questão de associar ao seu mito de iniciação, inclusive só vindo a ser revelado depois que se estabeleceu uma maior confiança entre entrevistado e entrevistador - é que Hypnos fez tratamento médico por ter deixado de lado a religiosidade evangélica que sustentava os valores de sua família, valores que ele começou a contestar por volta dos 12 anos. "filho de pai e mãe semi-analfabetos a literatura abriu minha cabeça. Muita gente que saia da igreja aos 12 tinha dificuldade de se encontrar. Ocorriam idéias de *suicídio"*.

O diferencial é que Hypnos descobriu algum prazer no processo de cura a que foi submetido, ressignificando-o como uma finalidade que acabou sendo desvinculada de uma busca de cura, pelo menos no sentido médico, vinculando-a ao princípio de prazer, no caso, para andar de moto. Ainda quanto ao consumo de drogas lícitas, é de notar que mesmo com a facilidade de aquisição, tal consumo não se tornou um hábito incontrolável, sendo até precisamente localizado como atividade recreativa. Para completar, a iniciação com as drogas ilícitas deu-se através da colheita de maconha plantada no fundo de uma república estudantil, um meio de aquisição incomum nos cenários urbanos. Se Hypnos não começou sua carreira de fumante de maconha na universidade, ainda assim foi através da maconha colhida no *setting* universitário que ele procedeu sua iniciação. E não apenas se

iniciou sozinho, como também se iniciou sem comprar, se apropriando de uma maconha que por direito não era sua, ou seja, num só ato ele praticou uma dupla transgressão. Enfim, para quem aos 12 anos teve idéias suicidas e aos 16 tomou Lexotan para andar de moto, a iniciação de Hypnos pode ter galvanizado valores que não sintonizavam com os padrões estabelecidos.

HYPNOS - No final do curso aos 23 anos rolou cogumelo. Foi uma coisa isolada. Na pós-graduação tinha uma *galera que traficava, maconha e cocaína.* Eu tava fazendo pós (graduação) e nos fins de semana eu passava lá. Foi a ocasião em que cheirei assim vezes meio seguidas, mas nunca à vontade. Cocaína é sempre uma coisa que anima muito, acelera, aumenta as palpitações, dá vontade de falar... eu gosto mais da "preta" do que da "branca"[117], porque é mais acomodado, favorece o sono. Rolou algumas farras, a gente jogava buraco madrugadas adentro, na dobradinha cocaína com vodka. Não recomendo crack que dizem que é pancadão, e heroína que eu sei que são drogas pesadas, cocaína também não aconselho, não. Muito química, detona a saúde.

Fumar faz a percepção fluir, cê se coloca de outro jeito diante da imagem, do som que se torna mais palatável, acho que até os sentimentos negativos ficam mais agradáveis. Acho que tem alguns aspectos positivos. Não me cria embaraços para dirigir. Sou favorável a liberação para combater o tráfico. A interdição é anacrônica, corre-se o risco de ser exterminado de forma reducionista.

Tem quase sempre alguém que pega pra mim, uma pessoa próxima. No interior de São Paulo a galera nas repúblicas pegava paradas grandes, eram 10 quilos e ai todo mundo dividia. Hoje em dia é tranqüilo, o fornecedor lhe dá todas as características. Eu tenho uma coisa de fumar como hábito individual, bem doméstico. Quando rola grupo eu fumo em grupo...quando tá grupo, eu enrolo um pra galera e separo o meu. Eu tenho uma reserva. A maioria prefere em grupo, tem muita gente que nem fuma individualmente. *A dádiva acontece com o cigarro (tabaco) e a maconha.* Esse é um aspecto positivo do tabaco que vai desaparecer com ele. Fumar forma hábitos. Antigamente quase todos os professores fumavam na sala. Pra evitar fumar na sala, eu comecei a fumar cachimbo. Evito até incomodar os vizinhos. Procuro fumar onde o vento circula, agora, os vizinhos sabem.

[117] - preta = maconha, branca = cocaína.

Hypnos é definitivamente um interlocutor que não faz questão de freqüentar rodas de fumo, o que sugere que sua configuração de identidade não passa necessariamente por essa inserção. Ele ao mesmo tempo reconhece que: "A dádiva acontece com o cigarro (tabaco) e a maconha. Esse é um aspecto positivo do tabaco que vai desaparecer com ele", ou seja, Hypnos não estigmatiza o poder de sociabilidade ao redor da droga, apenas não faz um reducionismo de suas possibilidades pessoais de sociabilização em torno do consumo. Neste relato fica claro que o consumo de drogas no ambiente universitário de São Paulo é intenso – movimentando cargas de 10 quilos! E se Hypnos começou sua carreira psicoativa consumindo drogas lícitas, depois passando para as ilícitas, há quem começando pelas lícitas também num procedimento de cura médica, passou às ilícitas, para posteriormente num processo dialético de ressignificações, retornar às origens:

PANACÉIA - com 9 pra 10 anos eu tomei Valium (risos), acho que tive alguma coisa, algum sintoma histérico, porque eu era uma excelente aluna, só tirava 10. Aí eu tive uma professora que era muito grosseira, estúpida, deixava os alunos numa situação muito constrangedora, tipo assim, alguém que não acertava, ela dizia: 'você bebe cachaça![118] Eu fazia balé, piano, e em toda porra de colégio que eu chegava eu sentia uma dor insuportável. Aí minha mãe me levou no médico e ele associou com essa coisa com a professora, passou Valium, minha mãe não me disse o que era.

Meu primeiro contato foi...ignorante... pelo que eu me lembro foi uma dose mesmo, aí com 18 experimentei maconha. Eu tinha muito medo, eu rejeitava, não gosto de nada que tome a consciência, me tire a consciência. Mas foi divertido, *eu tinha um namorado que fumava muito e tinha uns amigos dele que fumavam muito.* Eu fumava pouco, mas o dia que bateu a onda mesmo, bateu uma anestesia na sobrancelha, (risos) pra mim foi ótimo, só bateu um branco, ficava de bobeira. *Pra fazer sexo também era uma delícia, a coisa fica plástica e daí em diante eu passei a usar com regularidade.* Já na universidade sempre tinha quem tinha, às vezes fumava na própria faculdade antes de assistir uma aula ou depois, às vezes usava em festas. Era consumo coletivo, havia uma cumplicidade em torno do fumo. É como cigarro, cê tá fumando, alguém pede um trago, cê tá fumando um baseado, um chama o outro.

[118] - curiosamente Panacéia hoje não suporta bebida alcoólica. Será que Freud explica?

Cocaína é uma droga que mais foi do que é, (risos) eu não sei se vou cheirar novamente. Pra falar a verdade, eu nem me lembro a primeira vez que cheirei, no máximo uns dois anos depois ou nesse mesmo período, começou em festas, amigos que tinham em festas, agora eu acho que a cocaína não foi muito legal pra mim porque... nenhum dos dois, não sei se foi muito porque contribuíram muito pra dispersão, um certo desvirtuamento, não sei porque casou também com o período que eu me separei ... *Junto com a psicanálise, tudo contribuiu pra uma desconstrução do mundo.* Eu sempre tive tendência a dispersão, ficava pra baixo, pensava em morte. Sai da fase crítica, sai da cidade, da família, conheci alguém com quem cheirar fazia parte do lazer. A primeira vez que eu fiz sexo grupal foi usando cocaína! A tendência depressiva estava aumentando e deixei a cocaína de lado. Meus relacionamentos sempre envolvem drogas. Isso apareceu na análise.

A dispersão é introduzida na narrativa de Panacéia como comportamento associado ao consumo de maconha e cocaína, mas no correr do discurso, o que é chamado de dispersão traz características de depressão: "ficava pra baixo, pensava em morte". As drogas ilícitas às quais Panacéia associa a dispersão fazem parte de um *setting* onde também estão presentes, alguns dos seus namorados - pra fazer sexo, maconha era uma delícia e a primeira experiência com sexo grupal envolveu cocaína, de forma que podemos cogitar até que ponto tais relacionamentos – ou seus esgotamentos - também não fazem parte do processo onde em conjunto com as drogas, se configura a depressão.

PANACÉIA - Ácido foi maravilhoso, tive três experiências, deve ser "a droga!" De forma alguma usaria heroína e crack. Heroína não, eu sou meio fraquinha, poderia criar gosto (risos). Eu tenho uma relação ótima com os fármacos. Um companheiro me introduziu no Lexotan e no Dorminid. A gente dividia a receita médica, era fácil. Depois a gente se desentendeu. Tomei Dorminid com vinho na Europa depois de uma briga, e acordei dois dias depois... Há seis meses passei a obter receita – uso Daforin e Fluxene, que têm o mesmo princípio ativo do Prozac. Já troquei de médica buscando uma redução de danos. Quero diminuir a sonolência, esses fármacos me dão muito sono.

Como se vê neste último parágrafo, Panacéia se envolveu profundamente em um relacionamento, e na medida em que o processo afetivo se saturou, o consumo de drogas adquiriu proporções descontroladas – neste exemplo inclusive correndo até o risco de ser vitimada por uma overdose. Contudo é de se ressaltar que as motivações que a levaram a tal extremo, são motivações de fundo afetivo emocional, onde a droga parece entrar como compensação. Também merece destaque que, a partir de então, o consumo de drogas legais vendidas com receita tornou-se uma prática constante. Ela até me mostrou com certa vaidade, seu armário onde guarda os fármacos, arrumados como se estivessem numa vitrine, pois sendo drogas lícitas, ela não tem receio de assumir publicamente o consumo. Mas Panacéia não é única nesse procedimento de consumo assumidamente não velado, explícito, pois alguns consumidores de bebida alcoólica também gostam de ostentar publicamente que não têm nada a esconder:

"Onde eu ando o álcool é sempre bem-vindo!" - POSEIDON

POSEIDON - Consumo somente *cerveja e Bacardi,* e muito eventualmente outras coisas, eu tenho nojo da maioria das bebidas destiladas. É uma repugnância fortíssima, eu não consigo tolerar o cheiro de algumas, então eu sinto enjôo e tenho nojo mesmo. Cerveja eu gosto muito, cerveja e Bacardi, e Campari também, sendo que essas bebidas tão sendo muito adulteradas, pelo menos metade do Bacardi que circula é falsificado, eu sinto pelo cheiro, abriu a garrafa, eu sinto pelo cheiro. Meus primeiros contatos com a cerveja foi aos 19, 20. Eu me lembro do cheiro da cerveja dos adultos quando eu era criança, o cheiro era tão diferente. Eu não experimentava, não. Na minha família criança não bebia! Não sentia a tentação, porque se eu tivesse vontade teria bebido. Não era uma coisa forte pra mim, foi um hábito que se consolidou ao longo do tempo. Depois da aula, depois do trabalho, na praia, coisas desse tipo. No Rio de Janeiro a gente vai pro cinema come pipoca e vai pro bar discutir o filme tomando cerveja, é quase que um ritual. É uma coisa muito recorrente.

Esse relato de Poseidon começa caracterizado como uma crítica aos psicoativos "de mau gosto", ou falsificados. Na verdade esta postura crítica foi forte durante toda nossa interlocução, deixando claro um posicionamento pouco conformado com os padrões estabelecidos, sejam os padrões do usuário, sejam os do professor.

POSEIDON - Em determinados momentos, aqui em Salvador, você chega do trabalho e antes de almoçar toma uma garrafa de cerveja. Ou então volta do trabalho à noite, em vez de ir pra casa, trocar de roupa, eu ficava na barraca tomando cerveja e depois ia pra casa. Então *o bar é a coisa da unanimidade, todo mundo é a favor, quem que não quer uma coisa dessa?* Então a bebida serve como uma forma agradável de você conviver com seus pares. *O álcool é o meio mais prático, direto e econômico de você se socializar.* Se você não tiver dinheiro, tem um amigo que paga pra você, se você não quiser tomar um transporte, ou não tiver carro pra ir pra longe, você bebe perto de onde você mora, o álcool produz solidariedade, sobretudo entre homens, uma solidariedade muito forte, isso não acontece entre mulheres. *Se você levar em conta a solidariedade, a solidariedade masculina que o álcool estabelece é unânime.*

Nunca fumei (maconha) acho inclusive o cheiro muito chato, e uma vez numa festa na casa de minha irmã, as pessoas insistiram pra que eu fumasse cigarro comum, mas nunca achei isso interessante**.** Acho chato, cheira mal, acho feio o gesto, sobretudo em mulher, *uma mulher fumando é muito feio,* as pessoas fazem trejeitos muito feios, contraem o rosto pra fumar. Eu conhecia muita gente que fumava maconha, mas sempre achei muito chato. Quando a festa é para maconheiro a conversa é dos maconheiros, você pode até ir, você vai ser bem tratado, mas você sobra. Eu não acho interessante, é aquela coisa, o vocabulário fica restrito. A maconha, sobretudo a cocaína produzem uma redução do vocabulário. O álcool não, o álcool é a coisa mais democrática do mundo, o álcool só precisa ter um amigo que pague. *Você não precisa se esconder, então não tem mística nenhuma.*

O copo não, o copo é legal fica em cima da mesa... agora o ritual da cerveja é muito bonito, repare como ela é dinâmica, ela muda de cor, de densidade, de temperatura, ela necessita uma permanente reposição, entende? E ela não tem nada a ver com aquela sofisticação das pessoas que gostam de outras bebidas. A Skol está presente nas lembranças mais felizes do carnaval, cê pode beber e jogar pra cima, não sei se já pegou em alguém, eu acho que não...se pegou desculpe (risos). *O carnaval é o verdadeiro dia! Os outros 360 dias do ano são um intervalo necessário, senão o mundo não agüentaria tanta felicidade.*

Solidariedade e unanimidade são conceitos usados por Poseidon para explicitar o status estabelecido que o álcool ocupa nas configurações sociais tanto suas quanto de seus pares

masculinos, mas nesse ponto é possível questionar: se a bebida não favorece a sociabilidade feminina e se mulher fumando é feio, que tipo de sociabilidades psicoativas sobram para as mulheres? Além disso é perceptível que há toda uma estetização do ritual de consumo da cerveja quase que dando a esta última uma significação transcendental – que até agora os usuários de drogas ilícitas não demonstraram: "o ritual da cerveja é muito bonito, repare como ela é dinâmica, ela muda de cor, de densidade, de temperatura, ela necessita uma permanente reposição, entende?". É também salientado por Poseidon o fato de que o bebedor não precisa se esconder, não tem mística, mas esta reflexão sobre a ausência de mística talvez aqui venha soar contraditória, se levarmos em conta a sentença anteriormente transposta. O que vemos é que há místicas distintas, a depender da droga que se consome, a depender do status que ela ostenta.

POSEIDON - Eu não consumo maconha, mas uma ou outra vez na faculdade estive com o pessoal que consome. Legal, acho jóia. Eu não suporto se fosse em minha casa. Já teve uma vez que botei gente pra fora de minha casa e da casa dos outros, induzindo pessoas de menor a misturar bebida, acho isso escrotíssimo! Não é a bebida, é a pessoa. Eu acho é que a pessoa tem mais é que tomar porrada numa coisa dessa. A minha companhia vale muito pra mim mesmo pra ficar lidando com isso. Basta ter uma pessoa insuportável, pra mim aquilo ali... *metade de meus colegas são maravilhosos, mas não me misturo.*

Meu pai nunca bebeu, minha mãe gostava, mas só assim... o que eu via da bebida era mais na televisão. A minha sedução pela cerveja e pelo chope, que são coisas somente parecidas, mas não é a mesma coisa de jeito nenhum, é pela alegria e pela convivência. Eu também não agüento a conversa de ninguém muito tempo, eu tenho certa dúvida se vale a pena escutar a humanidade mais que uma hora e meia. Então quer dizer que se a humanidade não vale a pena por mais do que isso, beber com outras pessoas também não. Eu convivo com pessoas que bebem e que não bebem. Eu bebo alguma coisa quase todo dia. O que mudou foi a quantidade, atualmente bebo uma garrafa. Um ano atrás bebia uma caixa num fim de semana, mas com amigos.

A reação violenta esboçada dois parágrafos acima e que não parece ser o comportamento típico de Poseidon, talvez esteja associada com certas reminiscências da infância/juventude,

ou seja, sendo o álcool sua droga de predileção exclusiva, justamente uma droga com status lícito, é relevante que sua iniciação só se deu aos 19/20 anos, principalmente se levarmos em conta a seriedade com que ele afirmou: "Eu me lembro do cheiro da cerveja dos adultos quando eu era criança. Eu não experimentava, não. Na minha família criança não bebia!". Nessa perspectiva, é possível cogitar se, por não ter bebido na infância, ele não aceite que outros façam menores consumirem bebida alcoólica, pois a eficácia do processo civilizador dá-se exatamente quando certos conteúdos introjetados passam a ser percebidos como conteúdos originariamente pessoais - e aqui não se pode ter certeza se ele não bebeu por falta de desejo de fazê-lo, como professou em seu discurso, ou por não ter como viabilizar o desejo, já que criança não bebia em sua família. Será que sua reação violenta foi alavancada porque ele não aceitou a quebra dessa sanção? Seguindo as pistas de sua narrativa, a bebida só tornou-se significativa via tv. É como se o álcool não tivesse lugar na intimidade de um lar bem estabelecido, onde o pai não bebia e à mãe era permitido apenas gostar – será que por isso ele não fala em sociabilidade entre mulheres bebedoras? Ao álcool restou apenas as sociabilidades *outdoor,* algo que talvez possa ser associado ao fato dele atualmente não beber em casa.

Outro ponto que Poseidon reafirma é que no geral, convivência é tolerância: "Basta ter uma pessoa insuportável, pra mim aquilo ali... metade de meus colegas são maravilhosos, mas não me misturo", ou "Eu também não agüento a conversa de ninguém muito tempo, eu tenho certa dúvida se vale a pena escutar a humanidade mais que uma hora e meia". Talvez com essa visão de mundo, a sociabilidade precise inalienavelmente da mediação de um psicoativo para acontecer, o que no carnaval é mais do que lugar comum: "O carnaval é o verdadeiro dia! Os outros 360 dias do ano são um intervalo necessário, senão o mundo não agüentaria tanta felicidade".

De forma bem característica e contrária à argumentação de Poseidon – "eu tô atendendo sua entrevista, se eu tivesse tomado cerveja antes, eu não poderia tá dando essa atenção", pg. 115 - o próximo interlocutor marcou nossa entrevista numa mesa de bar. Ao chegar já o encontrei, e ao perguntar-lhe se estava esperando há muito tempo, obtive como resposta: "o tempo suficiente para tomar meia cerveja".

ZEUS - Eu chego a dizer uma coisa que pode parecer despudorada, mas eu não tenho experiência com os ilícitos (meio constrangido). Eu atravessei toda a década de 60 e 70 sem fumar maconha, até porque foi a época que eu deixei de fumar, fumar qualquer cigarro. Eu fumava muito, fumava cigarro, charuto, cachimbo. Mas quando eu deixei de fumar foi exatamente a época em que o acesso a maconha estava no auge e eu não gosto de maconha. Não gosto do cheiro, não gosto da cultura da maconha.

(P) - foi o cheiro, a cultura (da maconha) que o levou a não fumar?

ZEUS - É, tem uma certa radicalidade política, eu sempre fui marxista e militante e *sempre biriteiro!* Aí sim, boêmio. Mas eu achava que aquela risadaria, construía uma cultura diferente, a turma se isolava. Eu sempre convivi, no meu apartamento em SP as pessoas fumavam maconha no meu quarto, não tenho problema nenhum, não tenho preconceito não. Eu não gosto é em mim. Eu gosto de bebida. Que é que eu acho de bebida; *bebida eu acho uma coisa muito mais, digamos, expansiva. Enquanto que me parece que a maconha leva muito pra dentro de você, o individualismo*, o que você compartilha, sobretudo o riso, né? E uma certa besteiragem, as pessoas ficam muito... sei lá... relaxadas demais, desligadas demais, enquanto que com bebida você discute política, você declama poema, você canta, você dança, você agarra as pessoas, você é agarrado pelas pessoas, depois a bebida tem gosto. Não é qualquer bebida, são as bebidas. Cada uma tem um temperamento: whisky tem um temperamento, vinho tem um temperamento, batida também, e *bebida é por excelência veículo de comunicação,* então não tenho dúvida (que bebida favorece a sociabilidade), estamos aqui numa praça pública no Rio Vermelho, onde as pessoas estão bebendo e conversando, todos os tipos em torno da cerveja, as festas de largo, né... Acho que, eu por exemplo eu nem vou falar em experiência com cocaína, por que eu não tenho essa experiência, meus amigos não usavam cocaína, nem tenho essa experiência pessoal, mas a maconha ela separava as pessoas, então eu notava muito na maconha formar um grupinho de 2 ou 3, que se isolava do resto, e o tempo todo com cochicho, uma coisa separada, eu nunca achei isso bom, não acho não. Essa maior confraternização, essa maior comunicação, e comunicação não no sentido técnico, mas o afeto mesmo, pelo elarguecimento do afeto, não quer dizer que não ocorram situações adversas, no mais das vezes a bebida é pra aproximar as pessoas, pra despertar a criatividade.

Parece que um elemento básico para entender esta fala é que a cultura da maconha não está atrelada a certo tipo de sociabilidade que a cultura do álcool parece facilitar. Na visão de Zeus, maconha leva a risadaria e à formação de grupos de dois ou três isolados, enquanto a bebida facilita a ludicidade artística e intelectual – o que é diferente de produção artística e intelectual enquanto trabalho. Contudo, tentando ampliar o escopo, talvez se deva levar em conta que o isolamento de grupos para consumo de maconha pode ter a ver com a ilicitude do consumo, o que por sua vez tende a caracterizar-se como um *habitus* socializado entre maconheiros. A risadaria – que em algumas configurações também pode ter a ver com o consumo de álcool – pode ser um alheamento como também pode ser outra possibilidade de comunicação que alguém externo ao grupo, na condição de *outsider* a este, pode não assimilar muito bem.

Estes dois últimos relatos oriundos de praticantes do consumo exclusivo de bebida alcoólica, além de pontos em comum quanto ao seu *setting*, trazem uma leitura do *setting* da maconha muito parecida – o vocabulário reduzido, a risadaria, o isolamento.

Talvez o depoimento de um outro interlocutor da mesma geração, mas que fez uma ponte entre o consumo de álcool e o de maconha, esclareça alguns pontos:

HIMENEU - (entre os ilícitos) eu uso só "o fumo"! Tabaco, álcool, ah sim, foi de minha geração, sempre se bebia muito. Só mesmo fumo, que é uma coisa assim meio esporádica, não faço diariamente, não. De vez em quando, às vezes antes de um filme, a depender do filme. Às vezes em uma festa, mas não é algo que eu tenha usualmente em casa. Às vezes eu posso levar semanas sem fumar.

Usualmente coletivamente. Às vezes, quando vou a um cinema, quando chego em casa cansado, quando tem, assistir um filme na televisão, mas usualmente com amigos. *Antigamente as situações de uso eram bem coletivas.* Eu comecei, as primeiras experiências eu tava na universidade fazendo Ciências Sociais, então havia aquela coisa associada a uma contracultura*, éramos condenados por um povo... principalmente por algumas pessoas de cultos políticos de esquerda*, havia um certo mal-estar por parte de algumas pessoas, mas havia por outro lado, alguns que consumiam com a idéia de estar dentro de uma contracultura, do tipo de autores que eu tinha mais contato, *Geração beat, etc*, quando começamos a ler esses autores, Sartre e o existencialismo, talvez nem tanto pelo uso do

fumo, mais exatamente por aproximação com essas concepções vistas como alienantes, pra usar a terminologia da época, que desvirtuavam a atenção para o movimento revolucionário.

Prazer? Sim como é possível evitar isso, né? A minha geração começou a ter acesso ao mundo de uma maneira geral no final *da década de 60,* em que ainda havia um certo encantamento com a transformação num sentido quase que revolucionário, mas também o final da década de 60 significou uma certa liberação, significou novas possibilidades e foi muito comum na minha geração as pessoas consumirem drogas, principalmente maconha, era muito comum. Quase todos... muita gente que eu conheço da minha geração consumiu naquela época, alguns reduziram, outros deixaram, de tal maneira que eu encontro entre os professores dessa geração, entre aqueles que nunca consumiram, você se espanta quando vê alguma reação negativa (ao consumo).

Contracultura X militância, existencialismo X revolução, maconha X bebida. Estas são polarizações conflitivas da balança de poder que na virada dos 60/70 serviu de *setting* para estes interlocutores e mais alguns. Desse modo não soa estranho que a grande maioria dos professores aqui pesquisados, ainda enquanto alunos tenham tido como capital cultural nomes como Buñuel, Godard, Fellini, Glauber, Kubrick ou filmes como Laranja Mecânica, The Wall, Johnny Vai a Guerra, quando o campo é cinema. Há ainda Garcia Márques, Huxley, Leary, Amado, Kafka, Wilde, Pessoa, Dostoievski, Sartre e o pessoal da *Beat Generation* quando o campo focado é literatura, e Beatles, Rolling Stones, Dylan, Joplin, Marley, Gil, Caetano e Chico Buarque quando o campo é musical. Estes autores inicialmente heréticos depois consagrados, inicialmente *outsiders*, depois estabelecidos, constroem obras que de alguma forma criticam um patamar de valores naturalizados que não deixavam espaço para a satisfação, para o prazer, para o lúdico. Não é difícil perceber que estes autores e suas obras enquanto capital cultural institucionalizado favorecem leituras *outsider* do então *establishment* vigente[119], mesmo que hoje em dia alguns sejam reconhecidos como parte de um discurso tradicional. Nem importa muito que alguns destes citados não tenham realizado suas obras especificamente no período em questão, pois é no

[119] - neste período, uma grande interpenetração de objetivos das comunidades jovens das camadas médias configurou uma desnaturalização da dominância supostamente perene da Igreja, da Escola, da Família, do Estado.

recorte temporal dos 60/70 que ganharam reflexividade maior, quando então a globalização cultural já antecedia a econômica.

Quando os interlocutores em questão reflexivamente consumiram tais referências incorporando-as às suas práticas muitas vezes tornaram-se *outsiders,* até entre os grupos *outsiders* que freqüentavam, principalmente se tal reflexividade incidia no sentido de uma busca por valores e comportamentos – ou melhor, por sanções e rituais – que na sua ambivalência não eram facilmente reduzidos processualmente ao status de estabelecido ou de *outsider*:

ZEUS - eu tive esse problema com o PC do B. Quando eu me filiei, eu era censurado pela minha vida mundana. Eu ia pra boate e ia pras festas, e era censurado por ter um comportamento burguês. Só que a turma do PC do B ficava tomando cachaça enrustida dentro de casa. Eu disse não, tenha paciência! Eu deixei o PC do B por conta disso. Eu disse pra eles: não vou ficar convivendo com vocês, vontade de viver vocês têm, não têm a capacidade da alegria, da brincadeira ostensivamente, isso é que é bom. Eu sempre lutei pelo prazer, por uma vida livre, não pelo sacrifício. Eu gosto de uma frase de Oscar Wilde que é extraordinária "dê-me o supérfluo que eu dispensarei o essencial" (risos) isso é meu lema! Eu não sou politicamente correto.

HIMENEU - Mas com esse desencantamento que vamos ter na década de 70, as pessoas passaram a, pelo menos as pessoas voltadas ao mundo acadêmico - e eu me vi nisso pois minha vida sempre foi voltada a isso - passaram a já não ter mais preconceitos (quanto ao uso de drogas por parte dos integrantes do partido). Achei isso sempre uma grande besteira. Sempre esse discurso moralista que estava presente nos partidos, em muitos partidos de esquerda. A minha formação não foi exatamente com os partidos marxistas ou comunistas. A minha relação sempre foi mais com os anarquistas, desde o colégio eu tava ligado a grupos anarquistas. Continuei lidando com pessoas com essa orientação durante muitos anos. Nesse aspecto, esse pessoal talvez tivesse reações negativas em nome de princípios democráticos, libertários, etc... aceitavam, mas sempre alguns com um olhar meio enviesado, achando que era ainda vestígios de uma pequena burguesia.

Um interlocutor até expressou sem pudores como em meio à militância, eufemisticamente ressignificou sua busca pelo princípio de prazer em busca pelo princípio de realidade:

HYPNOS - Política rolou na universidade, 1° e 2° ano de ativismo político. Na militância fumava pouco, fumava escondido no quarto. Eu usava o carisma político para atrair meninas[120].

Mas nem só de cruzamentos com o discurso político militante capitalizaram-se os presentes interlocutores. Muitos deles, a despeito de sua descrença em fórmulas sociais já historicamente saturadas, buscaram configurações que ressignificassem instituições estabelecidas e consideradas até certo ponto anacrônicas: a instituição Família e a instituição Religião. Aliás, quanto aos aspectos afetivos, na rede familiar de professores usuários de drogas, um dos pontos que merece maior atenção é a relação destes com seus filhos. Na medida em que esta pesquisa objetiva apreender se há "novas relações" entre os consumidores, incidirei agora o foco sobre novas relações familiares que se configuram, no sentido do que Giddens chama de "transformação da intimidade" (1992).

Ressignificações em torno da família e da religião

HÉCATE - Eu já tenho dois filhos, então já tive a experiência de conversar com eles... um agora tem 11 e outro tem 8. Anos atrás eu já conversei com eles. Eu disse: olha tem uma plantinha aqui que é muito especial, eu gosto muito de usar, mas lá fora as pessoas não gostam, acham que é errado e tal, tive essa conversa. Mas depois eu fiquei um pouco pirada, preocupada, pela relação deles lá na escola, como é que vai trabalhar isso, como é que eles vão pensar, porque a escola tem uma outra cultura. Então como é que ele vai dimensionar a mãe nessa outra leitura, e aconteceu muito recentemente uma coisa muito curiosa. Duas semanas atrás um amigo apareceu lá em casa com um "beck"[121] um dia de domingo e a gente ia fumar... e aconteceu, assim depois que ele saiu*, meu filho mais velho me questionou, porque que eu tinha mentido,* pois o mais novo chegou com um coleginha,

[120] - interlocutor que casou-se duas vezes, ambas com ex-alunas, assim como seus orientadores.
[121] - beck = baseado.

então ele perguntou: que cheiro é esse? Eu falei: é incenso. Aí ele desce e vai lá pra baixo, aí os coleguinhas perguntam: que cheiro é esse? É incenso, é da minha casa, ai o mais velho me questionou: por que eu menti, que não era incenso coisa nenhuma, que ele sabia que era maconha, e por que eu tinha mentido, eu disse: como você sabe? Aí ele disse: você mesma já me disse, (risos) eu tenho medo, não quero que você fume mais aqui, me prometa... aí começou a chorar, *me prometa, pelo menos aqui não, porque todo mundo lá sabe, as pessoas falaram que era maconha e eu tenho medo que você seja presa.* Eu prometi que eu não fumo lá, (risos) pelo menos quando ele estiver (risos). *Eu fumo constrangida achando que eu tô expondo mesmo.*

Numa flexibilização de papéis, se por um lado Hécate parece que se livrou da pressão exercida pelos pais, agora ela sofre a pressão dos filhos. Nesse caso a questão que ficou na balança foi cumprir sua promessa e não fumar ou mentir e manter seu prazer, pois se na relação em questão Hécate está num papel estabelecido, ela não abre mão de certo *habitus* social *outsider*. A pressão agora já não era como filha, era como mãe, na verdade sendo mesmo duplicada, porque além de mãe Hécate é uma educadora por profissão - o *phármakon* aqui tem efeito de remédio e também de veneno. Mas Hécate não é única interlocutora que agora se encontra do outro lado da situação. Vejamos como outros interlocutores atuam sob tais pressões:

NÊMESIS - Meu filho já experimentou maconha, ele não é um fumante, mas já experimentou e ele tem 18 anos. Tabaco de jeito nenhum! De jeito nenhum! A minha relação com ele é muito tranqüila, (quando ele tinha 10, 11 anos) ele aceitava até mais do que hoje. *O choque dele era como abrir pros amigos que tinha uma mãe que consumia drogas, a mãe e o pai.* Ele chegou a dizer pra mim: 'sabe qual é o seu problema? É que você fuma', um dia ele brigando comigo ele disse isso. 'Sabe qual é o problema de meu pai? É que ele fuma'. Agora já tá muito mais tranqüilo, (mas quando eu ouvi isso) a minha rebeldia, que eu sou uma pessoa rebelde, bateu. Eu não acredito que meu filho tá dizendo isso, né? Se ele vê isso como uma coisa negativa, a gente (eu e o pai) já chegou a conversar com ele. Eu disse: 'sabe qual é o seu problema? É que você é careta (risos). Não tô fazendo apologia às drogas, mas cê vê que é um pouco isso. Pra você ver que era o momento

também. Quando ele chegava da escola, quando ele era menor, ele não queria ver o cheiro, ele dizia: apaga, apaga, apaga, meus amigos estão chegando. Ele fazia um pouco o avião entre eu e o pai, ele levava maconha pro pai.

(P) - você se sentia culpada?

NÊMESIS - nunca me senti culpada, nunca, nunca, porque era uma coisa muito aberta. Não teve essa de ah, eu não devo fumar, de jeito nenhum. Eu já soube que ele experimentou, eu falei: 'você pegou da minha', ele falou: 'eu comprei pra fumar com meus amigos, não peguei da sua' (risos).

Como eu agiria em relação a meu filho se ele tivesse acesso a ácido? Sabe que eu não sei... Sabe como eu agiria? Eu sou uma mãe tradicional. Eu sou tão aberta num sentido, mas eu sou caretérrima. O dia que ele falou que tinha bebido eu virei a fera, (foi quando ele ia fazer 17 anos). Eu gritava: 'de jeito nenhum. Só quando você tiver 18 anos e tudo mais'.

Se a mãe de Nêmesis ficou chocada quando soube que ela fumava maconha, Nêmesis também ficou chocada quando soube que seu filho bebeu. Ela também não toleraria a possibilidade dele consumir tabaco. Apesar de não ter pensado em internar seu filho, como pensou sua mãe em relação a ela, vê-se que o que mudou foi a classificação das drogas na balança de valores. Para Nêmesis o estabelecido é o consumo do ilícito – maconha - e o *outsider* é o consumo dos lícitos - álcool e tabaco.

Cibele que na infância conviveu com irmãos usuários, parece ter um jogo de cintura maior para lidar com a situação, isto é, não sentindo uma pressão excessiva para lidar com a questão:

- Meu filho tem 8 anos, a gente conversa com ele pra ele não ficar falando pra minha mãe, pro meu pai, nem na escola, explicando pra ele que tem muita gente que não aceita. Meu filho sempre teve contato com maconha e nunca coloquei como se fosse uma coisa separada. Em relação a outras drogas, eu acho que ele tem que experimentar como eu experimentei, eu acho que ele vai me ouvir. Eu tenho uma relação (e também o pai) muito legal com ele. Não acho que ele vai virar um cara que vá se drogar tanto que a gente não possa participar, porque se a gente usa maconha e ele resolver usar outras drogas, acho que a gente não vai tratar isso de uma forma tão... rigorosa. Acho que tem que ter uma atenção especial com a saúde e eu passo isso pra ele.

Mesmo Zeus, consumidor de drogas lícitas (álcool) que nunca teve maiores envolvimentos com as drogas ilícitas, acredita que o consumo de maconha por parte de seu filho, não é necessariamente um problema:

– É muito tranqüilo, minhas filhas nunca tiveram esse problema, nunca gostaram de beber inclusive, as mais velhas. O menino (com 18 anos) experimentou maconha, de vez em quando ele usa, e já tem um filho... e é um rapaz extremamente dono de si mesmo, no sentido de quer uma alta liberdade, é autônomo, músico, escreve muito bem, é compositor, e extremamente bem lido, com uma boa cultura, principalmente uma boa cultura poética, e gosta de tomar a cervejinha dele, e pra mim não tem problema, não. Não me preocupo. A minha adolescência foi muito mais... *eu nem conto pra ele como foi minha adolescência pra ele não fazer mais do que as coisas que ele faz* (risos)... muito mais suave do que a minha adolescência. Os desvios que eu percorri, a vida boêmia que eu tive, ele é muito mais suave.

Já Hypnos que no geral parece ter uma visão de mundo menos ortodoxa do que a maioria[122], tem lá suas reservas:

– Eu evito fumar na frente de crianças. Evito não totalmente, eu não saio correndo pro quarto, mas eu fico evitando, eu também não passo pra alguém que tá fumando com criança no colo. Evito baforar na cara. Tomo o cuidado que eu teria com o cigarro comum. Não é saudável, não gostaria que minha filha fumasse.

Enquanto Zeus trabalha a redução de danos evitando que seu filho o tenha como exemplo, Hypnos procura transformar-se em exemplo para sua filha. O "não gostaria que minha filha fumasse", sendo Hypnos um fumante de tabaco e maconha, mostra como um possível sentimento de culpa não é ressignificado como autopunição, pois Hypnos não deixou de fumar, apenas não o faz se houver uma criança por perto, num raio de ação de que a coloque como fumante passiva. Importante é que ele ressalta que não se esconde, se

[122] - inclusive concedendo uma entrevista entre seus alunos e orientandos, onde ocasionalmente algum baseado foi aceso.

afasta para não baforar em cima numa típica redução de danos. Já Atena é mais tranquila quanto à questão, chegando a aproveitar a intimidade de fumar com o filho para estreitar relações[123].

ATENA – *Sempre fui muito verdadeira nessa coisa com meu filho. Nunca deixei de fumar na frente dele, como eu vejo várias pessoas fazendo, não fumam na frente da criança, aí se tranca, esconde, eu nunca fiz isso, sempre fumei normal na frente dele.* Em alguns momentos ele até não gostava, o cheiro... outras coisas eu evitava, por exemplo cheirar cocaína na frente dele, isso eu evitava, (risos) quando ele era pequeno com um ano, ele viu todo mundo cheirando, ele viu o prato né? Apontou pro prato e fez assim (gesticula levando o dedo indicador ao nariz), (risos). Olhe, aí foi foda! Eu não gostei nem um pouco. Ele com um ano, não achava que ele estava prestando atenção nisso. Aí eu evitei de fazer isso na frente dele. Agora ele adolescente, começa a beber, começa a fumar cigarro, maconha também. Assim, faz mal pra ele, às vezes bebe demais, fica de bobeira. Eu falei que não era bom, o lance é conversar com ele sem impor, tô até pensando em dar um livrinho sobre a maconha, qualquer coisa desse tipo, eu sempre achei que ele tinha horror a fumo.

(P) - como você se sente?

ATENA - Eu tenho observado, procurado dar uns toques, pra não ficar bebendo sempre, cigarro eu nunca achei legal. Fumar maconha também não é uma coisa interessante pra ele agora, ele é muito frágil emocionalmente, na idade dele eu já fumava, mas era muito diferente, porque eu acho que ele é imaturo, ele tá usando isso como uma forma de tentar se afirmar no grupo, só, mas eu acho que isso não trará vantagem pra ele por causa disso.

(P) - quando você tinha a idade dele, fumar também não era uma forma de inserção?

ATENA - (risos) era também, de uma forma menos tensa, menos problemática porque eu não era uma pessoa com problemas de relacionamento, eu sempre tive muitos amigos, diferente dele, travado, não tem a coisa da sociabilidade bem trabalhada, eu tinha isso. *Parece que ele só tá conseguindo fazer amigos dessa forma.* Essa é a diferença, eu fazia amizade de outras formas também, então era uma opção. Não é cortar essa forma, é tá

[123] - depois de concluído o trabalho de campo, mãe e filho passaram a fumar juntos estabelecendo um vínculo de confiança que de certa forma vem ajudando a reduzir uma boa parte da tensão e da distância que até então vinha pontuando o relacionamento.

observando (eu a ele). *Fumar facilita a sociabilidade em alguns contextos, assim quando você começa na adolescência, eu acho que sim,* sem dúvidas, as pessoas acabam... quantos amigos a gente tem por que fumavam. Ainda mais na adolescência que não podia fumar em qualquer lugar, quem tinha uma casa onde não fosse sujeira fumar, as pessoas se reuniam né? Esse aspecto também, era uma estratégia, então acabava virando uma coisa assim de grupo. De lá pra cá mudou muito.

Já Himeneu considerando as diferenças geracionais – Atena é apenas 20 anos mais velha que seu filho enquanto Himeneu é 43 anos mais velho que seu filho caçula - não vê as coisas de forma tão simples e direta:

- Tenho vários filhos, cinco. O mais novo - 8 anos - nem sabe o que é, a de 13 anos, não parece ter problemas com essa questão. *Agora nunca fumei na frente dela.* Às vezes ela sentia o cheiro, hoje em dia ela já tá mais acostumada. Tem desconfiança de que eu fumo. Já o outro que tem 23 anos, não. Depois de um certo tempo ele começou a "pegar", e eu achava que era mais interessante, pelo menos era mais tranqüilo para mim que ele fizesse isso em casa, do que ficasse na rua, e de tanto ele tá fumando no quarto, ai chegou um belo dia que achamos melhor conversar sobre isso, e aí não temos mais... *fumamos juntos às vezes*. Já os dois mais velhos não. Os dois mais velhos talvez por termos separado muito cedo, eles mantêm uma atitude... nunca houve uma conversa aberta. Eles mantêm uma atitude meio de resistência. Dizem que não têm problemas, que não têm preconceito nenhum, mas eu sinto que há uma certa... então eu prefiro não consumir na frente deles. Conversamos, mas não consumo na frente deles. Seria mais interessante se houvesse abertura para conversar sobre isso. Separamos e não tivemos grandes contatos, eu não tenho contato com eles da mesma forma que eu tenho com esses três que é muito mais intenso, conviveram comigo. Mas não chega a perturbar. Tenho preocupações com os mais novos, um pouco, porque você não sabe exatamente... no caso dessa menina de 13 anos. Começa a querer sair, pra shows, etc, e você não sabe exatamente que tipo de pessoas ela vai encontrar. Então minha preocupação não é tanto a questão da droga, minha preocupação é que ela tenha mais autonomia, ela possa dialogar comigo e com minha esposa como nós conversamos com ela, temos abertura pra irmos com eles ... até então, sempre tivemos conversas francas sobre o assunto que ela puxa, não há ...tentamos evitar preconceitos.

Transparece não haver uma fórmula geral na relação pai/filho para tratar da questão das drogas, inclusive na relação particular com cada filho, fica explícito que se estabelece uma configuração própria. Nos discursos de Zeus, Hécate e Himeneu que têm mais de um filho, ecoa que enquanto pais, eles não podem lançar um olhar homogenizante sobre os rebentos, precisando levar em conta não só a interdependência, como também as idiossincrasias. Se estes aspectos não forem relevados, há situações em que com uma filha única, uma mãe muito liberal não consegue estabelecer uma relação dialógica reflexivamente consistente. No caso de Panacéia, usuária preferencial de drogas lícitas - ansiolíticos, antidepressivos e tabaco - nossa primeira entrevista marcada para acontecer em sua casa acabou não podendo ser realizada, já que sua filha de 12 anos estava presente, o que a deixou ansiosa e pouco confortável para conversarmos sobre drogas – e vale ressaltar que a filha em questão, apesar de estar na faixa dos 12 anos, já demonstrava um discernimento e uma maturidade discursiva perceptíveis, o que talvez até inversamente tenha intimidado a mãe.

PANACÉIA - Tabaco me incomodava fumar na frente de minha filha quando ela tinha 5 anos. Não queria que ela formasse uma identificação com essa imagem. Não me sinto bem quando ela me vê fumando. Maconha eu não fumo na frente dela. Maconha não tenho medo que minha filha consuma, mas cocaína... Se ela for experimentar eu gostaria de estar junto no primeiro momento, do que com colegas com discursos babaquinhas.

Panacéia não quer que a filha forme uma imagem dela associada às drogas, mas gostaria de estar junto em sua hipotética iniciação. A questão posta por Panacéia para ela mesma é como conciliar as duas partes desta última sentença. Outros pais até aproveitam a problemática das drogas para perceber os valores que os filhos conseguem assimilar nas configurações estabelecidas entre eles:

(P) - Algum dos seus filhos é usuário?

ARES - Eu tenho quatro filhos e foi sempre uma relação bem aberta... há algum tempo eu descobri que o mais velho fumava cigarro e dei um toque de que não era legal, inclusive pra mim não fazia bem e parece que ele escutou. Eu nunca vi ele tão competente nos

estudos como tá do ano passado pra cá, depois desse toque. Agora ele tá fumando baseado e a competência não caiu.

As configurações familiares são cenários por excelência para a transformação da intimidade de que fala Giddens (1992) - mudanças significativas nas relações entre pais e filhos, principalmente relações mais autônomas e mais solidárias – porém, não são os únicos cenários. Numa cultura de consumo, o *setting* religioso também adquire nuances variadas enquanto nova configuração comunitária, muitas vezes num movimento de desencantamento com valores estabelecidos. As novas religiões urbanas, neo-pentecostais, new ages e de matriz afro são historicamente desdobramentos de estruturas religiosas tradicionais. Numa cultura cada vez mais mimética estas novas manifestações de religiosidade assim como um *phármakon,* são injetadas no campo acadêmico das Humanidades onde podem ser encontrados adeptos e estudiosos das citadas práticas, flexibilizando a laicidade da ciência. O discurso religioso que três, quatro décadas atrás foi rejeitado em larga escala tanto por acadêmicos quanto por usuários de drogas - alguns numa redução processual o rejeitam indefinidamente como potencial esgotado - como uma perspectiva social estabelecida que foi imputada por família ou meio cultural de forma dogmática, pôde depois reflexivamente vir a ser ressignificado com elementos que integram-no com uma visão mais pessoal e voluntária – a fé como escolha e não como imposição – ao mesmo tempo que politicamente mais radical – a fé não como superação da natureza, mas como um reintegração a esta.

Nereu foi um dos interlocutores que mais procurou demonstrar um controle no consumo de drogas, mas ao entrar na abordagem da questão religiosa, manifestou uma maleabilidade quanto à sua demanda por controle:

- Eu não conheço outras drogas, agora eu usei muito a ayahuasca, usei jurema também, uma experiência muito semelhante à ayahuasca. Foi uma descoberta, porque foi num contexto religioso, tem toda uma carga emocional, uma expectativa grande. A potencia da substância é incomensurável com um baseado, mexe profundamente com seu inconsciente, entra em contato com regiões interiores de uma forma muito intensa e prolongada. *Na primeira vez que tomei, no caso era o Daime, foi o contato com a espiritualidade, eu fiquei tocado com o reencontro com a religiosidade.* Eu tive uma formação católica, acreditava

em Deus até entrar na adolescência, não tinha uma prática religiosa, mas tinha um sentimento de respeito. Com a adolescência fiquei ateu, totalmente materialista. Hoje penso que *o lugar da religiosidade é o lugar do mistério*. O Daime também foi através de amigos, lá na Chapada, tomei na mata, num ritual. É a coisa de contato com a natureza e sentir o corpo. Nesse período continuei fumando maconha de maneira lúdica, sem problema nenhum... aliás, acabou dando um certo significado... a experiência com a maconha mudou, mexer com estados de consciência não é brincadeira. *A partir de uma consciência maior do que eu estava fazendo quando eu estava usando um psicoativo, eu passei a ter um respeito maior pela maconha.* Ela tem que ser usada de uma maneira que me faça bem. Tenho curiosidade de *conhecer o ecstasy, eu acho que uma ou duas experiências não mataria ninguém não.* Faltou oportunidade, também eu não quero sair atrás.

(P) - e essa experiência com drogas recreativas, que supostamente não são usadas para a evolução espiritual não entraria em conflito com os conceitos daimistas?

NEREU - eu sempre tive o meu próprio filtro, né? Eu acho que algumas coisas já estão em mim e eu sei que há experiências contraproducentes. Esse lado mais institucionalizado da religiosidade nunca me cerceou a liberdade de ação, por ser um cientista social, por ter uma série de alertas. Eu nunca cheiraria cola, fumaria crack, ou injetar cocaína. Agora talvez heroína em algum momento.

O tempo introspectivo

Dois pontos chamam a atenção na fala de Nereu. Primeiramente o reencontro com a espiritualidade que ficou para trás em algum momento na juventude, mas não foi de todo abandonada. O reencontro do "lugar do mistério" é o encontro de um tempo pessoal introspectivo. Em segundo lugar está a segurança proporcionada por ser "cientista social" para lidar com questões do *setting* religioso – na verdade esta mudança de perspectiva faz parte de um único e longo processo, já que foi ironicamente, uma certa visão de mundo científica que o afastou da religiosidade e que depois o aproximou. O ponto em questão é que foi possível interfacear os dois corpos de saber – o científico e o religioso - ou seja, Nereu está refletindo como um intelectual numa cultura de consumo, aproximando a ciência enquanto cultura, da religião enquanto campo de saber, levando sua bagagem acadêmica de um campo específico para outro, emprestando-lhe legitimidade.

Por outro lado, temos uma interlocutora como Hécate que não objetiva tanto o controle como Nereu, muito pelo contrário, manifesta um desejo de afrouxar as amarras do controle, - pg. 83 - pois passou boa parte de sua vida sob o controle rígido de uma educação machista. Ela inclusive busca na síntese entre religiosidade e consumo de drogas um pouco mais de espaço para se livrar da posição de *outsider* por ser mulher numa configuração dominada pelo discurso masculino:

HÉCATE - Eu tenho essa relação com o Daime em que se consagrava o uso da Santa Maria. Foi uma experiência muito positiva porque eu já tinha uma afeição muito grande e intuitiva na minha experiência com o Daime, desde que tinha uns 26, 27 anos. Sempre foi uma experiência muito conflituosa, porque a primeira experiência foi em São Paulo, era um lugar estranho, não conhecia ninguém. *Eu estava com meu marido na época, que foi quem me incentivou a ir e tomar,* e eu fui, naquela de uma mulher... (cantarola rindo) "*eu sou apenas uma mulher"*... (risos) foi uma coisa assim sem muita clareza do que eu queria, e foi uma experiência muitíssimo forte, de me mostrar de fato aspectos profundos e bonito, e santo... *mas que ao mesmo tempo eu achava uma experiência de droga, e ser uma droga era uma coisa doida, então eu vivi esse conflito, durante muito tempo que tomei Daime.* Tive histórias muito fortes, uma história espiritual, o meu passado, o meu presente... faz ver que passado e presente se fundem. Consagrou-se a Santa Maria, às vezes era uma experiência aterradora porque o Daime já é forte pra caramba. *Eu já gostava de fumar e o Daime deu uma clareza muito forte, apesar de não concordar que o uso tenha que ser restrito, ao culto religioso, entendeu? Eu vou consagrar a Santa Maria e nunca mais eu vou usar pra dar uma trepada!* Então eu nunca consegui encarnar isso também, sabe?[124] (Nesse momento da fala de Hécate, Pã, o dono do apartamento onde acontecia a entrevista e participante do grupo daimista citado por Hécate, irrompeu de outro cômodo rebatendo as afirmações dela):

PÃ - eu nunca defendi nada do gênero!

Ela replicou:

HÉCATE - eu não tô dizendo que você defendeu! Eu nunca vou fumar maconha como as pessoas estabelecem essa diferença entre Santa Maria e maconha, como alguns grupos...

[124] - dentro da concepção daimista a sexualidade é de forma geral contida, por vezes reprimida, principalmente a sexualidade feminina. (Labate: 2004, 326)

então assim não... embora eu tenha uma gratidão por esse legado eu não encarno essas coisas nesse sentido.

Providencialmente o telefone tocou e Pã foi atender, assim não descambando para um conflito mais tenso. Depois de acalmados os ânimos Hécate continuou:

- Teve uma crise muito grande no grupo de Daime em relação à maconha, coisas absurdas, e eu cheguei a ter uma discussão com uma comandante (falando em tom confessional) ela sabia que era curativa, mas não podia fumar com todo mundo pra não dar mau exemplo. Foi uma contradição que eu não consigo assimilar.

Hécate com clara resistência ao excesso de controle, buscou pertencimento num *setting* cuja proposta em princípio soou libertária, mas que no fundo guarda proximidade com o discurso repressivo, do qual ela vem tentando se desvincular. Assim, se estabelece uma tensão entre certos valores: por um lado, se tanto sua carreira acadêmica quanto a carreira de daimista foram influenciadas pelo companheiro, por outro lado, sua atual disposição é no sentido de contestar as dominações tradicionalmente estabelecidas – como no enfrentamento da comandante do grupo daimista, ou na persistência em fumar no campus onde já foi flagrada. Ainda pensando a religiosidade Hécate disse:

- esses veículos proporcionam transcendência, eu nunca abandonei Deus. Tenho uma experiência mais panteísta. Fiz psicanálise nos 19, 20 e tinha uma admiração pelo terapeuta que estava pra morrer, mas lia almas com afetividade e tinha uma cultura enorme. *Fui terapeutizada por três vezes.*

Apesar – ou mesmo em decorrência - da religiosidade repressiva na infância e juventude, Hécate manteve uma perspectiva positiva da transcendência, inclusive ressignificando o psicanalista como um leitor de almas, pois a psicanálise reflexivamente pode dotar o paciente de uma maior capacidade de controle em relação a seus *habitus* – e quanto à isso, outras linhas terapêuticas também propiciam um efeito próximo do propiciado pela religiosidade. Já o panteísmo em questão indica como a religiosidade está muito mais próxima de ser ressignificada enquanto procedimento de certa forma terapêutico, do que concebido como fé cega, onde a entrega muitas vezes oblitera a dor.

Na fala de Pã, o dono do apartamento e adepto do Daime, também é possível localizar esta concepção panteísta, que circula entre o sacramento e o psicoativo:

- Quando o Daime surgiu eu pensei**:** *se eu tenho que participar de alguma religião tem que ser essa. Tem os sacramentos, tem um chá que parece ácido e tem a cannabis também*[125]. "se eu tenho que participar de alguma religião tem que ser essa. Tem os sacramentos, tem um chá que parece ácido e tem a cannabis também", indica que um nicho de tradição permaneceu pulsando no *set* do interlocutor, até que ele configure-se num *setting* sem que ambas as possibilidades, o estabelecido e o *outsider* refletidos na religião e na droga, entrassem em conflito – e melhor, sem a pecha de uma subcultura marginalizada, pois ao dispor "sacramentos" e "psicoativos" num mesmo *setting,* Pã pode estar indicando: sacramentos que enraizam-se num processo coletivo, mantendo um aspecto forte das culturas tradicionais que é o pertencimento, e psicoativos que dão asas a busca individual por satisfação. Nessa configuração mimética, o *setting* estabelecido favorece o espaço para geração de confiança, sem que sejam castradas as possibilidades de satisfação. Pã prossegue:

- Em 86 o Daime levou seis meses sendo ilegal e havia o medo que isso voltasse.

Pã a partir de então se envolve na luta pelo antiproibicionismo do consumo não só de Daime, mas das drogas no geral. É possível perceber nessa atitude inicialmente herética que uma questão de satisfação pessoal ligada ao princípio de prazer o levou a desenvolver um papel político via princípio de realidade, que por sua vez lhe possibilitou obter satisfação dupla: por ter ajudado a ressignificar sua busca por transcendência numa busca com status lícito, legal e por poder consumir essa transcendência de forma satisfatória e segura. Além disso, Pã tem consciência de que esta busca foi reticularmente compartilhada por pessoas que vinham de outros nichos religiosos.

[125] - Panteisticamente também, porém em outro recorte figuracional, Poseidon afirma: "Eu sou um homem religioso, sou católico e sou do candomblé. Nenhuma das duas religiões tem problema com cachaça".

- Eu sempre tive um interesse místico e atração pela mística das drogas. A minha experiência com ácido foi assim, eu nem tomei tanto, mas foi uma coisa muito forte... Eu mudei muito, de repente eu estava ali fardado porque o Daime significava algo pra mim. Outras pessoas do Daime vinham de um contexto espírita, umbandista, católico, e eu vinha de um contexto hippie, de educação antroposófica onde eu fiquei cinco anos. Mas todos buscavam uma oposição aos pais, havia muito rebeldes, cabeludos, sexuados que entravam no Daime e viravam uma caretice.

Se no ponto final da reflexão de Pã os rebeldes tornam-se uma caretice, lá no começo, esses rebeldes vislumbraram uma religiosidade que fosse além das crenças tradicionais que satisfaziam seus pais, e que pudesse ressignificar o que a maioria dos pais acredita ser o caminho do mal – as drogas – como algo sagrado. Nessa conversão de uma configuração comunitária profana em sagrada – pois se a droga passa a ser enteógeno, o consumidor dessa droga volta a ser usuário de um psicoativo sacramentado - está o ponto em que o *outsider* consumidor de drogas abraça uma autorepresentação de estabelecido sem conflito. Assim sendo, diminui-se o risco da estigmatização, mas por outro lado, correr-se o risco de passar a ver os Outros como *outsiders*, como deixa claro Nereu:

- *O próprio Daime, não a droga, o culto, às vezes promove um período de fanatismo intenso e uma administração equivocada da vida, acaba-se se entregando a certas doutrinas e vidas comunitárias.* Cê vê que ela tá se prejudicando profissionalmente, socialmente, vivendo em função do ambiente onde aquilo existe, como se a religião fosse o único espaço de vivência e a pessoa acaba perdendo o jogo de cintura.

Nesse último ponto, temos um *setting* que, em função da sua pouca maleabilidade, numa redução processual acabou configurando-se como rígido. Nesta rigidez, as individualidades num sentido durkheminiano, podem passar a ser enquadradas como uma ameaça ao sujeito coletivo, um risco à configuração. Contudo, para quem está estabelecido nesse *setting*, nem sempre esta configuração é vista como uma ameaça à individualidade. Apolo é um dos que pensam assim. Originário de família católica, ele vem freqüentando o Vegetal por seis anos, juntamente com a companheira que também é professora, e os dois filhos desta. Desde

então o casal tem também interesse por budismo, hinduismo e de forma geral por propostas transcendentais, não freqüentando mais a vida noturna de barzinhos[126]. Ele está adaptado satisfatoriamente a doutrina e a recomenda - inclusive faz questão que eu um dia participe do processo ritual - pois através do Vegetal vem resgatando seu lado família, sem os dogmas do catolicismo que o faziam acreditar que todo e qualquer psicoativo era profanamente contrário a uma visão holística da realidade. Na verdade, Apolo recebeu-me preparado pra falar do Vegetal e não do seu estilo de vida. Pareceu mesmo estar interessado em divulgar a doutrina e não necessariamente falar sobre sua trajetória, como um autêntico adepto. Entretanto em alguns momentos, Apolo estava a chamar a ayahuasca de droga, até que questionei:

(P) - você não deveria estar chamando a ayahuasca de enteógeno, ao invés de droga?

APOLO (constrangido) - é sim, mas eu tô chamando de droga *aqui entre nós*.

(P) - você quando entrou para a União do Vegetal parou de fumar maconha. Foi uma substituição de uma cultura por outra[127]?

APOLO - O Vegetal apareceu em minha vida quando a maconha já estava saturada, mas não sei dizer se houve uma substituição ou se estaria a essa altura da vida sem nenhum uso psicoativo. Sei que a forma de contato com o divino católico não me satisfazia e no Vegetal eu passei a ter acesso a um portal transcendente, que não impõe limitações rígidas, por exemplo, ainda de vez em quando, eu ouço Led Zeppelin e sem culpa (risos). Agora quando tô lá, eu me concentro nos hinos.

Culpas à parte, após esse primeiro contato, não conseguimos ir adiante com nossa interlocução, pois depois de três telefonemas, aos quais ele ficou de retornar e não o fez, não mais insisti...

[126] - algum tempo após nossa interlocução, ele se apaixonou por uma companheira do Vegetal e desfez o casamento.

[127] - Na União do Vegetal não é consagrado o uso da Santa Maria.

Recapitulando o quadro apresentado neste capítulo:

Ao tempo em que o modelo de intelectual acadêmico contemporâneo vem gradualmente sendo menos definido pelo processamento institucional de informações do que pelas configurações relacionais menos ortodoxas que busca-se estabelecer através de tais informações, em *Woodstock, conventos e prisões* foi refletido como o discurso *outsider* dos interlocutores está presente em seus cotidianos no limite externo do campo acadêmico, às vezes numa dimensão trágica: prisão por tráfico, pensamentos suicidas, depressão, overdose, tratamentos psiquiátricos involuntários, repressão sexual e fanatismo religioso. Em *Reconfigurações em torno da família e da religião* foi refletido como estes consumidores de um capital cultural em grande parte centrado nos anos 60 têm ressignificado seus *settings* familiares e religiosos. Em *O tempo introspectivo* é aprofundada a perspectiva da transcendência em comunhão com o uso de psicoativos.

Algumas das referências mais distintivas encontradas foram provenientes dos discursos de professores usuários que são pais e mães. A responsabilidade que acompanha o discurso da paternidade parece não ser tão simples de ser ressignificada, principalmente quando os filhos passam a ter algum contato com o consumo de drogas, fazendo com que certos pais e mães, algumas vezes tenham que ceder um pouco de sua liberdade enquanto consumidores de drogas, em prol da *segurança* dos filhos. Assim há mãe que não aceita certos consumos diferentes dos seus por parte do filho – é o caso de Nêmesis - como também há mãe que através do consumo, seu e do filho, busca estreitar os laços – o caso de Atena. Em ambos os casos, as mães são levadas a ressignificar seus consumos, pendendo para um posicionamento mais pautado no princípio de realidade. Já no caso de mães que escamoteiam seus consumos de seus filhos - Hécate e Panacéia – há um abalo na autorepresentação quando estas se percebem colocando a liberdade duramente conquistada, na dependência da segurança familiar. Enfim, estabeleceram-se relações ambíguas entre filhos usuários que passaram a ser pais e agora revivem a problemática das drogas nas relações com seus filhos – alguns filhos não usuários vendo os pais usuários como *outsiders*, outros filhos usuários vendo os pais, usuários ou não, como estabelecidos.

O *setting* religioso dominante é o ayahuasqueiro, que congrega 20% do universo pesquisado, sendo que além destes, mais 15% dos interlocutores também passaram por essa comunidade, sem estabelecer maiores identificações. Estes 15% não se dispersaram,

configurando-se como uma comunidade gay – na verdade esse número sobe para 20% se levado em conta que um dos participantes também integra a comunidade ayahuasqueira. Esta interface foi possível porque o efeito "bola de neve" guiou 1/5 da investigação para uma rede de "colegas" oriundos de um mesmo curso e com capitais culturais próximos. Se a estratégia utilizada reduziu em parte o campo de pesquisa a um nicho específico, por outro lado, facilitou a inserção do pesquisador numa rede comunitária de relações. Este grupo manifestou três referências capitais em torno das quais articula sua rede de interesses: o consumo de drogas, a transcendência religiosa, e a liberação sexual. Nesse caso, estes três vetores caracterizam o processo de construção identitária de uma comunidade, pois na perspectiva pós-moderna, sexo, drogas e religião já podem configurar um discurso coletivo responsável, com perspectiva de inclusão, inclusive podendo tornar-se estabelecido.

Sabe-se que as relações entre drogas e academicismo indicam um processo de longa duração, no mínimo remetendo a Grécia Antiga. No livro "A Farmácia de Platão", Derrida aponta que nos diálogos platônicos o termo *phármakon* sustenta uma maleabilidade de sentidos, podendo ser interpretado tanto por remédio quanto por veneno – embora houvesse uma tendência interpretativa dominante na França do começo da década de 1970 quando o livro foi publicado, em representar o *phármakon* exclusivamente como remédio, na inviabilidade política do uso do termo "droga" que sendo denotativamente mais próximo do(s) sentido(s) original(is), encontrava-se conotativamente carregado de valores estigmatizados. Derrida resgata a percepção de que uma "assinatura identitária" central do *phármakon* é não estar naturalizado enquanto substância. Essa maleabilidade do conceito entre os gregos permitiu que ele fosse aplicado não exclusivamente às substâncias psicoativas[128], mas também à escritura – e se ócio e escola, *schole* e *school,* têm a mesma raiz etimológica, a adjetivação tanto da droga quanto da escritura como *phármakons* deve ser apreciada aqui pela mesma perspectiva.

Derrida indica (1997,49) que no diálogo *Fedro*, na visão do artífice da escritura, o mitológico Theuth, a escritura é um *phármakon* com poderes terapêuticos, um remédio que vitaliza a memória coletiva. Contudo este não é um ponto pacífico, pois o Deus dos deuses e artífice da fala, Thamous, interpreta a criação do semideus Theuth como um *phármakon* venenoso para a memória de cada homem vivo, à medida que individualmente os homens vão deixando de exercê-la, passando a reativá-la através da tecnologia da escritura, tornando assim "suas almas esquecidas": "não é, pois, para a memória que descobristes um remédio, mas para a rememoração" (*idem*), quer dizer, a escritura já não retém o presente, apenas rememora o passado. A depender da perspectiva – por exemplo, se é uma perspectiva mediatista, procrastinadora ou se é imediatista, existencial - a escritura enquanto *phármakon* pode ser representada como remédio ou como veneno.

Sem a escritura o desencaixe moderno seria improvável, mas não é só isso: sendo a escritura um *phármakon* que pode promover o esquecimento de um tempo existencial não mensurável em horas, sendo a droga um *phármakon* com potencial para trazer à tona esse tempo esquecido, e sendo o objetivo específico desta pesquisa investigar os significados

[128] - Aristóteles denominava *phármakon* o prazer curativo proporcionado pelas atividades miméticas, (Elias & Dunning: 1992, 101).

atribuídos por professores usuários ao consumo de drogas, bem como alguns dos valores psicossocioculturais relacionados a este consumo, as questões que aqui levanto são: o professor usuário busca um "reencantamento" que supere o esquecimento promovido pela escritura, na qual ele professor supõe-se perito? Estaria este professor enquanto usuário consumindo um *phármakon* que sirva de antídoto para outro *phármakon*? Vejamos!

No progresso desse projeto, assisti a um exame de qualificação para o doutorado. O examinado foi um professor cujo estudo tem por objeto usuários de cocaína. Chamou a atenção que sua banca de qualificação o desaconselhou a colocar-se como usuário em seu próprio projeto, pois uma comissão de ética poderia não avaliar sua postura metodológica como cientificamente correta. Buscando um distanciamento reflexivo sobre estes dados, eu pergunto: Será que essa postura por parte de uma comissão de ética evitando aceitar uma proposta metodológica em que há intencionalmente – e não por falta de orientação - uma interface entre sujeito e objeto no trato de uma questão sobre a qual muitos professores receiam ser percebidos como objeto, seria cientificamente correta em relação aos objetivos específicos da pesquisa em questão, ou, será que este específico discurso acadêmico estabelecido precisa atualizar as suas revisões epistemológicas a fim de evitar naturalizar justaposições de uma postura ética com valores morais? Como é possível fazer uma ciência mais profunda em humanidades se aos pesquisadores são impostos valores que lhes impedem uma abordagem densa de seus objetos de estudo? O que talvez este pesquisador estivesse pleiteando ao tentar se colocar como usuário foi um registro da memória viva, – o tempo presente do consumo – um registro do discurso do usuário em plena consumação de sua prática, e não em retrospectiva. Em tempos reflexivos, vale ressaltar que essa problemática começa a ser posta em xeque dentro da própria academia:

Desde 2001 com sede na cidade de São Paulo, um grupo de pesquisadores acadêmicos centrados nas humanidades vem propondo estudos inovadores sobre usos de psicoativos. O ponto de ruptura é não partir para o campo de trabalho já naturalizando que o consumo de drogas é um desvio ou uma patologia, mas sim configurá-lo como uma prática cultural. Esses pesquisadores que estão adquirindo o status de heréticos consagrados - muitos destes são professores com currículos respeitáveis, no Brasil e no exterior – respondem pela sigla NEIP: *Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos*, e são uma representação contemporânea de uma comunidade reflexiva configurada em meio ao campo acadêmico. O

NEIP busca dialogar com os consumidores de drogas e seus discursos, com base em uma perspectiva que sendo antiproibicionista, está longe de ser apologética. O trabalho dessa comunidade através de um site – www.neip.info - vem gerando amplos debates[129], inclusive extrapolando as fronteiras do campo acadêmico, - como bourdiesianamente deve ser um campo acadêmico – ao motivar o intercambio com outras comunidades com finalidades interpenetradas, a maioria formada por usuários que visam a redução de danos, à exemplo da Rede Viva, Princípio Ativo e ABORDA.

No final do ano de 2005 na cidade do Salvador surgiu um grupo com uma proposta até mais ousada que a do NEIP: é o GIESP – *Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Substâncias Psicoativas* – que além de ser juridicamente legal contando com apoio de uma agência de fomento à pesquisa, o CNPq, traz uma interface entre cientistas sociais e médicos, visando exatamente quebrar a barreira entre o discurso sobre drogas estabelecido – o discurso médico – e o discurso ainda *outsider* sobre o mesmo tema – o discurso das ciências sociais. Neste sentido a escritura da comunidade GIESP tem o efeito de um *phármakon* usado como antídoto para combater uma escritura venenosa, estabelecida como "o discurso proibicionista". Por este ângulo, o GIESP está sintonizado com a perspectiva de 100% do grupo de interlocutores aqui pesquisados, pois todos estes acreditam que o discurso proibicionista é um veneno que inclusive agrega violência ao consumo, além de ser uma contradição com recentes estudos sobre a problemática, seja no nível econômico...

> "Na semana retrasada, o Prêmio Nobel de Economia de 1985 - Milton Friedman - e membro do conservador Instituto Hoover, na Califórnia, encabeçou uma lista de 500 economistas enviada ao presidente George W. Bush e aos membros do Congresso norte-americano que pedia a legalização da maconha. Ele baseia seu pedido no estudo recém-divulgado de um economista de Harvard que calcula que a medida economizaria US$ 14 bilhões por ano ao país. Friedman apóia a medida por razões econômicas, mas também morais. 'Nos últimos mil anos, nunca houve uma morte por overdose de maconha', disse o economista norte-americano em entrevista exclusiva à Folha, repetindo um

[129] - com destaque para a realização em setembro de 2005 do simpósio *Drogas, controvérsias e perspectivas*, apoiado pelos departamentos de História e Ciências Sociais da USP.

> argumento que milhões de adolescentes do mundo sabem de cor", (Folha de São Paulo, 19/06/05).

... seja no nível jurídico:

> "[...] quaisquer que sejam as penas previstas ou aplicadas, a gravidade maior da política proibicionista revela-se na indevida intervenção do sistema penal sobre a liberdade individual, a intimidade e a vida privada dos consumidores, desrespeitando garantias fundamentais do indivíduo, que são inseparáveis do Estado Democrático de Direito e estão asseguradas na Constituição Federal brasileira. (Karam: 2003, 49).

Se discursos tradicionalmente estabelecidos enquanto ortodoxos nas humanidades como o econômico e o jurídico começam a postular que as drogas não são meramente redutíveis a classificação de veneno que deve ser proibido, o discurso antiproibicionista que vem sendo construído tem por "princípio ético a autonomia do indivíduo sobre o próprio corpo", (NEIP, 2005). Desta forma, o antiproibicionismo é a grande redução de danos sociais que o grupo de interlocutores pesquisados procura pôr em prática – por mais distintos que sejam seus consumos e visões de mundo – sendo um mecanismo de controle em relação aos mecanismos de controle estabelecidos. Independentemente de o consumo ser de droga lícita ou ilícita, é defendida a tese de que no estado de direito, onde o indivíduo tem status legal para com seu corpo, a sociedade não pode violentá-lo em nome do princípio de realidade:

> Ter em sua posse drogas qualificadas de ilícitas para seu consumo pessoal ou consumi-las em circunstâncias que não tragam perigo concreto, direto e imediato para outras pessoas, são condutas privadas, que estão situadas na esfera individual, isto é, em um campo de atividades que diz respeito, unicamente, à intimidade e à vida privada de cada um. Faz parte da liberdade, da intimidade e da vida privada de cada um a opção por fazer coisas, que pareçam para os outros – ou que até, efetivamente, sejam – erradas, "feias", imorais ou danosas a si mesmo", (Karam: 2003, 49).

Para que fique claro que a polarização proibicionismo X antiproibicionismo é um desdobramento da tensão entre estabelecidos e *outsiders*, será preciso configurar alguns mecanismos civilizatórios que fizeram vigorar específicas perspectivas psicossociais.

Epílogo - O reencantamento: em busca do Tempo esquecido

Freud no seu livro "O mal-estar na civilização"[130], postula que o autocontrole emocional tem um preço altíssimo não só para o indivíduo como para a sociedade. Suas análises de processos psicológicos de longa duração que foram inicialmente aplicadas num campo muito específico, o campo clínico, onde suas intervenções visaram dotar o paciente de perspectivas reflexivas, posteriormente vêm a ter sua aplicação teórica ampliada para o espaço social civilizatório, isto é, abrangendo estudos sobre guerra, religião, ciência e artes. O recorte deste espaço social não é muito distinto do recorte investigado sociologicamente por Elias, contudo, a aproximação mimética entre ambos reside em que, se Freud começou sua teorização desnudando a infância do indivíduo, Elias por sua vez dá forma a sua construção teórica despindo a infância da sociedade civilizada. Quanto a isto, a perspectiva freudiana focaliza que a construção do ego da criança dá-se no distanciamento da mãe, distanciamento inicialmente físico e depois psicológico. Já a perspectiva da balança *Nós-Eu* eliasiana enfoca o afastamento do indivíduo da categoria relacional *Nós*, característico das culturas tradicionais, em prol da configuração da categoria *Eu* processada pelo adulto moderno e civilizado. Nesse sentido, ambos observam as conseqüências de níveis distintos de desencaixe: desencaixe da família, desencaixe da(s) comunidade(s) de origem.

No postulado freudiano, a economia libidinal está na razão inversa: quanto mais distante se está do seio materno, mais próximo se deve estar da voz paterna – a voz do dominador – introjetada na personalidade dos indivíduos como suas próprias vozes, enquanto mecanismo de controle[131]. Elias por sua vez, explicita como os *habitus* sociais – e *habitus* em última instância quer dizer emoções socialmente passíveis de controle - fomentados em pleno processo civilizador tendem a caracterizar a sociedade moderna, de modo que não precise haver planejamento para haver ordem, pois a ordem já foi introjetada, quando a voz do dominador inconscientemente passou a fazer parte da voz do dominado. Ego e superego,

[130] - Freud é um dos autores mais traídos pelas traduções dos seus textos para a língua portuguesa. No caso desse livro, quando foi traduzido do alemão – "O mal-estar na cultura" - para o inglês, o autor sugeriu que fosse renomeado como "O mal-estar do homem na civilização", porém, a critério do editor acabou sendo chamado de "Civilização e seus Descontentamentos". A versão em português que seguiu o exemplo da francesa e da espanhola ao manter-se fiel a inglesa na subtração do substantivo "homem" do título sugerido pelo autor, pratica um reducionismo que descaracteriza o próprio objeto em estudo, pois o que está em questão não é o mal-estar da civilização, mas sim o mal-estar *do homem* na civilização.

[131] - o controle é um modo específico de dominação. É civilizado e pressupõe uma finalidade racionalizada.

indivíduo e sociedade, ao contrário do que possa parecer à primeira vista, não configuram necessariamente um dualismo intransponível, mas uma relação processual de contínua interdependência. Nesse processo, talvez nenhum instrumento de dominação nas relações sociais possa ser mais preciso do que a institucionalização do tempo.

Quando Elias fez comparações dos modos como diferentes sociedades determinam o tempo (1998), ele explicitou o modo como esse favorece a coordenação das experiências humanas entre natureza e sociedade, tendo a morte como referência. Com o devido cuidado para não substancializar o tempo, eu digo que em estágios mais complexos de interdependência social, a morte do indivíduo e, num sentido mais amplo, a morte da sociedade, são processos[132] que podem cancelar o sentido do tempo, ou mesmo pará-lo, pois a busca do controle do tempo é a busca para manter certa dominação em relação à morte, e a perda desse controle sinaliza que houve uma falha dificilmente corrigível, o que levaria à naturalização do complexo de culpa. O complexo de culpa é exatamente o sinal de que houve uma falha em evitar a aproximação da morte, consolidando-se na dependência direta da equação entre o tempo social de produção e o tempo individual existencial.

Na interdependência entre os indivíduos, o tempo enquanto referência limítrofe entre vida e morte é uma relação que espacializa dimensões de poder,[133] é a referência central nas relações de dominação entre os que acompanham o ponteiro das horas e os que são perseguidos pelo ponteiro dos segundos, ou, dito de outra forma, naturaliza-se um tempo para os estabelecidos – onde um passado é edificado, sacralizado - e outro tempo para os *outsiders* – onde o passado é desconstruído, profanado, como relatado no livro "Os estabelecidos e os *outsiders*".

Elias ao buscar regularidades nas configurações dos domínios entre estabelecidos e *outsiders*, permite que se perceba o tempo como uma "estrutura com função"[134] homóloga a do superego: "Como meio empregado para coordenar as atividades de uma pluralidade de

[132] - além do sentido físico de extinção da vida, a morte pode ser processual e simbolicamente representada no plano individual por uma carreira profissional mal sucedida, um casamento fracassado, a precarização da saúde ou mesmo a estigmatização por uso de drogas. No plano coletivo, a morte pode estar representada em uma grande dificuldade para um grupo permanecer coeso tendo que ultrapassar intempéries, guerra, crise econômica ou a aculturação por outro grupo.

[133] - na língua portuguesa do Brasil, o conceito do tempo ainda é associável a um outro tipo de controle: o controle do espaço quanto a suas variantes climáticas, meteorológicas. Nesse sentido, o tempo propicia a manutenção do encaixe, através da disposição de certo "encantamento" que o substancia: assim, dia de sol é um *tempo bom*, e dia de chuva é um *tempo ruim*.

[134] - palavras minhas, pois Elias não trabalha com os conceitos de estrutura e função.

indivíduos, a determinação do tempo sempre pressupõe que estes se disponham a se submeter a uma autoridade que garanta sua integração", (1998, 132). O controle do tempo que por sua importância para a procrastinação da vida já foi exercido por sacerdotes, hoje está introjetado nas estruturas sociais de personalidade, podendo ser exercido por qualquer um, num processo que andou junto com a pacificação.

Retomando a teoria do processo civilizador, não é difícil perceber que a institucionalização do tempo operacionaliza-se junto à pacificação, ou melhor, a pacificação nas relações sociais é administrada na relação direta com o tempo na luta contra a morte da sociedade. A "ordem sem planejamento" é ativada pelo superego social que faz com que os indivíduos parem de lutar entre si, para juntos lutarem contra a morte de sua unidade social. Se esta tentativa de pacificação falhar, a perspectiva de aproximação da morte passa a ser mimeticamente representada pelo complexo de culpa – em suas manifestações de constrangimento ou vergonha.

A partir da difusão do cristianismo, as relações de poder, que historicamente foram caracterizadas pelo monopólio da violência explícita, tenderam à instabilidade, quase sempre não se sustentando por um tempo muito longo. Quando através da Igreja tais relações foram sutilizadas e legitimadas enquanto dominação, acabaram sendo na continuidade do tempo, também legitimadas como orientações de conduta, resultando numa maior estabilidade nas relações. Assim, se a dominação implica em continuidade de prevalecência de uma linha de força sobre as demais, o tempo esquecido que o *outsider* busca resgatar é um tempo que cancele o sentido prevalecente nesta dominação, enfim libertando o dono do relógio do movimento circular dos ponteiros, desacorrentando-o do tempo alineado, que é o tempo apropriado pelos modos de dominação estabelecidos por tal linha de força. Um dos filmes que melhor emblematiza a tensão na balança de poder entre os estabelecidos e *outsiders* é "Sem Destino" (Dennis Hopper: 1969), onde o personagem *outsider* interpretado por Peter Fonda ao iniciar uma viagem de moto em busca do tempo esquecido, - que talvez possa ser encontrado no *carnaval* de New Orleans - joga fora o relógio. A câmera mostra a moto entrando em movimento e num *close up,* focaliza o relógio largado à beira da estrada, explicitando a insatisfação do personagem, insatisfação gerada pelo modelo perpetrado por uma "balança *Nós-Eu*", onde seu *Eu* já não cabia no *Nós*.

> "... aos poucos o elemento de autocontrole na harmonização das pessoas com as atividades umas das outras passou a ser uma coisa mais tida por certa. A maior utilização dos relógios, para dar apenas um exemplo, é sinal disso, pois, qualquer que seja sua importância como instrumentos para medir eventos não humanos, eles são, em seu uso cotidiano pelas sociedades, primordialmente instrumentos para coordenar à distância as atividades de muitas pessoas capazes de um grau relativamente elevado de autocontrole", (Elias: 1994b, 114/5).

"Coordenar à distância as atividades de muitas pessoas" pode entre outras coisas, significar que com o desencaixe, o tempo institucionalizado foi capitalizado como uma "divindade imanente" com potencial para preencher o espaço deixado vago pela desincorporação. Visto por este ângulo estabelecido, o sentido do tempo é promover um encantamento velado, encantamento subliminar da razão instrumental.

Por sua vez, Freud concebe o corpo como o relógio onde registramos o tempo, mas não o tempo que temos ao alcance no aqui e agora do presente, e sim o tempo que nos falta, seja para sincronizar o Outro – presente ou ausente - ou a nós mesmos. O tempo como linguagem universal que assim como a razão é produto e instrumento da civilidade, tem seu relógio biopsíquico na materialidade do corpo, a estrutura biológica que goza[135] somatizando[136]. O que leva um corpo ao divã do terapeuta é a tensão proporcionada pela falta de sincronia em sua dupla possibilidade de reflexividade relacional, ou seja, é a tensão entre o lado racional do corpo que quer dominar o tempo extensivamente – este controle é acionado pelo princípio de realidade - e o lado afetivo/emocional deste mesmo corpo que não quer ser dominado intensivamente pelo tempo – num descontrole acionado pelo princípio de prazer.

De acordo com Elias, a aprendizagem do tempo em uma sociedade altamente industrializada requer de sete a nove anos para se estabelecer, isto é, para que o indivíduo decifre o complexo sistema simbólico temporal que pauta a vida social[137]. Na teoria freudiana, sete a nove anos é o tempo que o indivíduo leva para sedimentar o complexo

---

[135] - a intensividade desse gozo deve ser mensurada pelas horas invisíveis no ponteiro mais lento desse relógio, geralmente projetadas sobre a família e o trabalho.

[136] – a extensividade dessa somatização se aloja nos segundos visíveis do ponteiro mais rápido desse mesmo relógio, projetados na solidão de cada familiar, de cada trabalhador.

[137] - como explicitado em *Mozart – sociologia de um gênio*, uma demonstração da psicologia social histórica eliasiana.

edípico, ou seja, aprender a controlar suas emoções introjetando a coersão como autocoersão e exteriorizando as emoções devidamente sublimadas, ressignificadas como ideais de bens coletivos, o que lhe possibilitará o pertencimento no *establishment*, numa perspectiva de tempo extensiva.

Se Elias soou otimista quanto ao futuro do processo civilizador, enquanto Freud manifestou-se pessimista, talvez seja porque Elias concebeu uma temporalidade na qual a racionalidade dominante está fora do controle do indivíduo e concomitantemente, na total dependência deste: o tempo lúdico das atividades miméticas e da busca de excitação. Freud, ao longo de sua carreira, foi da teoria pulsional para a teoria egóica, e nesse percurso o ego enquanto estrutura e função psíquica passou a ser percebido como um aparelho instrumentalizado para controlar as emoções, emoções que num primeiro momento da teoria insurgiram como constitutivamente incontornáveis. No primeiro momento perspectivou o descontrole e posteriormente o controle, mas não há uma interface entre as duas perspectivas. Elias flexibilizou a questão colocando as emoções no centro da balança das relações de poder, ao redor das quais configuram-se valores superegóicos num processo em aberto, e por isso mesmo, mais dinâmico do que o proposto por Freud, pois a liberdade do indivíduo e os mecanismos de controle da sociedade se atraem e se repelem numa tensão constante. Se na proposta freudiana não há solução para o mal-estar do homem na civilização, na proposta eliasiana cabe ao ego individualizado[138] "controlar através e apesar" destes valores superegóicos, quais interdependências e interpenetrações institucionalizadas lhe dão acesso às emoções de maneira tanto prazerosa quanto segura, de modo que o controle egóico possível é um controle até certo ponto controlado. Dessa maneira, se o indivíduo não tem como evitar o mal-estar na sociedade quanto a seus efeitos mais nefastos, ainda tem a possibilidade de ressignificar a administração de certos antídotos, certos *phármakons*. Nesse sentido, o ego não é o senhor das emoções, mas escravo das inter-relações entre os muitos egos em contato, inter-relações onde são manifestas as emoções.

Se nas culturas tradicionais havia momentos específicos para a catarse das emoções, geralmente configuradas em torno de um tempo sagrado e de um tempo profano, com a secularização e a estigmatização destas culturas, as referências socioculturais passam a

[138] - individualização difere de individualidade. O segundo diz respeito ao "dever-ser", o primeiro ao "sendo".

sacralizar as atividades miméticas de lazer. Nesse recorte, não há mais um equilíbrio de tensões entre o tempo sagrado e o tempo profano, mas uma burocrática polarização entre tempo de trabalho e tempo de lazer. No tempo de lazer as emoções e afetos, excessivamente controlados no tempo de trabalho, passam a ser canalizadas mimeticamente sem que tal processo de excitação ponha em risco a ordem relativa da vida social, em especial a ordem do tempo de trabalho. Assim se passou a sacralizar o brincar e o rir – o que inclui sentir numa dimensão trágica, o medo e a raiva como parte do brincar, da ludicidade do jogo - que por muito tempo foram comportamentos profanos, e nessa esteira, a cultura moderna viabiliza processos de excitação coletiva, alguns que existiam há muito como olimpíadas e carnavais, sendo devidamente redimensionados e outros recentes como copas de futebol, parques de diversão, filmes de ação, mega-shows de música, esportes radicais e festas raves - de forma mimeticamente religiosa:

> "Nos primeiros tempos, numerosos tipos de atividades religiosas possuíam funções análogas às que as atividades de lazer têm hoje – várias atividades de lazer de nosso tempo, em particular as do tipo 'mimético', possuem funções semelhantes àquelas que alguns tipos de atividades religiosas tinham nesses tempos", (Elias & Dunning, 1992).

Freud apontou que a civilização para se sustentar ao redor do relógio civilizatório, carece fundamentalmente das "ilusões" propiciadas pelas drogas e pela religião, mas estas, de forma nenhuma, lhe soaram como garantias de felicidade por um tempo prolongado: "O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provêm da satisfação (de preferência repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma satisfação episódica.",(1974,95,a). Freud talvez não tenha percebido que a excitação no desejo pela droga e pela religiosidade enquanto "satisfação episódica", já é uma modalidade de felicidade característica da cultura vigente. Contudo, deve ser ressaltado que Freud morreu em 1939, muito antes da ressignificação do discurso religioso, quando a *mimesis* passa a ser um elemento básico para as configurações pós-modernas, dado este que pode ser percebido em ritualísticos espetáculos televisivos num leque de opções que vai das sessões de descarrego dos cultos pentecostais, às performances pop aeróbicas do Padre Marcelo Rossi. Freud também não teve tempo para perceber que o próprio consumo de drogas passou a ter uma interface pública com o *setting* religioso, além

de, enquanto *phármakon*, favorecer a *mimesis* que para alguns é a temporalização de uma religião pessoal.

Trazendo Giddens para o diálogo, em sua proposta teórica percebe-se que o tempo é uma propriedade estrutural da ação. Sem o tempo nenhuma confiança seria possível, pois na modernidade radicalizada[139], a confiança é reflexivamente construída. O desencaixe indica na direção do esvaziamento do tempo encantado enquanto tempo de transcendências, tempo que acaba sendo sucedido em toda sua imanência pelo tempo reflexivo, mensurável pelas ações que se sucedem. Giddens percebe o tempo enquanto limite referencial do corpo para estabelecer as fronteiras da confiança, inicialmente nas relações de co-presença. Essa relação de co-presença física comporta ausências, e nas ausências da presença, o desencaixe vai se solidificando. Nessa solidificação, a estruturação é menos uma padronização de presenças do que uma componente constitutiva da ação com suas presenças e ausências – e também nesse caso, não é preciso haver planejamento para haver ordem. A busca por reencaixe é a busca por confiança, por um tempo encantado que seja menos uma contagem regressiva das certezas que ainda restam, do que a possibilidade de zerar o relógio da insegurança ontológica.

O passado e o futuro, mais rápidos e mais lentos no lugar do presente

Ora, se na teoria da estruturação confiança é sinônimo de segurança ontológica, quando a cultura de consumo se propõe preencher o nosso tempo com ofertas de consumo, propõe uma certa ambivalência que pode gerar desconfiança. Se a satisfação do consumo pode devolver o tempo esquecido e alienado na labuta pela sobrevivência, também pode reduzir o capital simbólico ao modo de capital cultural; seja institucionalizado, corporificado ou objetivado – pois tempo livre deve ser visto como equivalente a tempo de consumo, não sendo acidental que os *shopping centers* estão cheios nos fins de semana e feriados. Quem gasta seu tempo livre sem consumir tende a ser estigmatizado como um consumidor falho (Bauman:1998,57). Nesse sentido, a droga, sendo um capital cultural objetivado[140] é parte de um modo de consumo que ressignifica o tempo cronológico como um tempo que

[139] - Giddens prefere este termo à pós-modernidade por não perceber uma ruptura entre a modernidade e o momento histórico contemporâneo.

[140] - que ao ser consumido torna-se capital corporificado, e, em certas circunstâncias, pode até ser institucionalizado - como acontece por exemplo, nas comunidades ayahuasqueiras.

expande as fronteiras do presente tanto na direção do passado, resgatando emoções de um tempo esquecido, quanto do futuro, racionalizando a expectativa de um consumo ulterior.

Dependendo da droga consumida também é possível ter capitalizada a representação desta como aceleradora do tempo – por exemplo, a cocaína – ou desaceleradora – a maconha. Essa possibilidade comercializável de readquirir um controle sobre o tempo pode gerar confiança entre os pares comunitários. Desse modo, um usuário de drogas em meio a sua comunidade de iguais pode despir-se do tempo superegoicamente vestido como uma segunda pele, e regozijar com a nudez de algumas de suas emoções que têm espaço para vir à tona, seja configurada como tempo carnavalesco ou como tempo introspectivo. Tanto o tempo carnavalesco - com sua efervescência - quanto o introspectivo – com um controle de emoções menos conflituoso – podem dar fluidez à memória viva, buscando recolocar o presente na ordem do dia.

Nesta perspectiva há os que usam a terapia e a religião como potencializadores de um reencantamento do tempo, já que terapia e religião são práticas reflexivas e de reencaixe que podem ajudar a situar o presente no centro do relógio. Também há quem sem consumir terapia e/ou religião consuma drogas buscando a cada consumo resgatar o acesso ao presente, aproximando-se do que Nietzsche chamou de eterno retorno do mesmo, um dispositivo de reencantamento do tempo.

Essa tentativa de recolocar o presente na ordem do dia redimensiona a perspectiva civilizatória. Nietzsche cogita que a civilização cristã orienta-se por um tempo linear, escatológico[141], que põe o fim das 24 horas como mais importante que o percurso das 24 horas, numa ligação direta do tempo passado com o tempo futuro, - aforisticamente eu diria: a culpa por viver se paga com o sacrifício do viver! - queimando as etapas do tempo presente. Superar os limites da civilização cristã é poder orientar-se pelo eterno retorno, que é uma forma de tempo cíclica não consumável em si, onde as etapas do percurso não estejam subsumidas em seu início e em seu fim, onde o presente possa estar mais presente que o passado e o futuro. O eterno retorno supõe viver o tempo sem o princípio escatológico, sendo um tempo em que cada ato deva ser realizado de tal maneira que seja digno de retornar infinitamente numa sucessão de tempos presentes. Entretanto, a escritura enquanto *phármakon* por vezes faz com que se esqueça disso, isto é, a cultura moderna

[141] - Escatologia enquanto "doutrina sobre a consumação do tempo", (Dicionário Aurélio).

diretamente interligada à escritura, corre na direção contrária desse presente, envenenando seu sentido. "Num tempo cheio de tutelas... a perspectiva nietzschiniana é viver no plano da resistência, no plano do *outsider*", (Giacóia:18/07/05), onde a perspectiva *outsider* é a do tempo do aqui e do agora, do tempo que descontrola o controle.

Se a cultura de produção evitou a todo custo a noção de tragédia em suas representações cotidianas, é exatamente a dimensão temporal trágica que a cultura de consumo resgata através da *mimésis*. Nietzsche **(**2000**)** pioneiramente sinalizou o efeito curativo da tragédia entre os gregos; no teatro, na música, nos ritos dionisíacos. A dimensão temporal trágica propiciava um sentido social moral para as dores vividas pelos homens nas particularidades cotidianas, mas um sentido moral que demandava a superação desse sofrimento. Nietzsche postulou que se o sofrimento é inevitável e mesmo constituinte da vida, ele também pode e deve ser ultrapassado. No livro Gaia Ciência, o filósofo alemão oferece uma proposta de ciência que seja alegre, que tenha potencial para transcender o sofrimento existencial através da alegria – e diante do princípio de realidade então vigente, a Gaia Ciência propõe uma configuração entre este princípio e o princípio de prazer na qual o conflito fosse superável[142]. A alegria que nasce do tempo trágico e cujo sintoma maior é o riso[143], é um sentimento revolucionário – bem já sabia Aristóteles, pai da lógica e da ciência – em meio ao excessivo controle de emoções dominante no modelo científico de então.

A civilização cristã ao ressignificar a tragédia como um *phármakon* venenoso, abriu espaço não só para o esquecimento da segurança ontológica que no plano filosófico configurava-se num *setting* trágico, mas num processo de longa duração, abriu espaço para a síndrome de depressão como efeito colateral desse esquecimento, depressão que a ONU vem a diagnosticar como o mal da cultura pós-moderna, no plano psicológico. O que a cultura de consumo se propõe a realizar é combater essa depressão com doses miméticas de temporalidade trágica, vendidas como (over)doses de felicidade estilizada em caixinhas de Pandora, porções de "tempos presentes" controladas e prescritas por peritos, dispostas na

[142] - talvez em decorrência desta possibilidade de superação da perspectiva pessimista herdada de Schopenhauer, Freud tenha declarado que "Nietzsche, outro filósofo cujas conjecturas e intuições amiúde concordam, da forma mais surpreendente, com os laboriosos achados da psicanálise, por muito tempo foi evitado por mim" (1976, a, 76), pois assumir que lê Nietzsche que se afasta de Schopenhauer exatamente por buscar a superação do pessimismo, poderia soar como uma má leitura do princípio de realidade então vigente.
[143] – deve ser isso que sinalizam quando afirmam que todo palhaço por baixo da maquiagem é um ser triste.

vitrine do *shopping center* do cotidiano, no lugar central onde antes só cabiam as representações sagradas.

Neste cenário, um professor que não goste de trabalhar, pode ser um consumidor que se recuse a continuar consumindo o esquecimento. Para esse "mal", tal consumidor busca alguns antídotos. As drogas podem ser um destes, ao mesmo tempo em que podem ser uma overdose, a gota d'água que transborda o esquecimento do tempo existencial. Esta é a encruzilhada onde o professor terá que dispor de extrema responsabilidade na luta pelo direito de dispor do próprio corpo como tempo, como discurso, como consumo - sendo essa luta em si uma assinatura identitária, onde até algumas representações dominantes, inclusive entre os próprios consumidores, não se confirmam:

CIBELE - Não faço vinculo nenhum com a sexualidade, às vezes a gente nem quer fumar pra namorar, porque às vezes não dá certo (risos constrangidos).

(P) - não dá certo?

CIBELE - quer que eu diga? Às vezes a gente não fica excitado, viaja, não se concentra no namoro, (risos), o namoro desanda às vezes... mas também a gente já namorou várias vezes fumado. De noite a gente se sente cansado, às vezes... Com outras pessoas que eu namorei também não namorava legal.

TÊMIS - eu nunca questionei sobre isso, porque eu nunca relacionei a maconha com a procura do prazer, mas a procura do conhecimento e do encontro comigo mesma...

A tendência a representar o consumidor de drogas como hedonista que transgride o código de ética do tempo social correndo ao encontro da morte, não encontra maiores reflexividades nas práticas observadas. Pelo contrário, até os consumidores mais ortodoxos e que nem estão muito abertos aos novos consumos, agora estão voltando seus olhos para a questão de que a segurança já não é incondicionalmente a castração do prazer. Por exemplo, Poseidon mostrou-se preocupado com os danos causados pelo consumo de álcool, inclusive após a entrevista iria fazer alguns exames médicos. Durante a interlocução mostrou cuidados recém adquiridos com a alimentação, e ficou impressionado ao saber que a suspensão do consumo de cafeína pode causar síndrome de abstinência.

- Hoje eu trabalho mais, todo professor hoje trabalha mais do que antes, inúmeras reuniões, mas não tô bebendo menos por causa de lucidez, tô bebendo menos porque eu acho que não vale a pena, compromete o metabolismo da gente, tenho taxas altas de colesterol. Meu objetivo é reduzir meu consumo etílico a fim de semana, a uma festa, essas coisas. E também na alimentação ficar mais *light*.

Himeneu é outro que se encaixa no processo: o nosso primeiro encontro marcado teve que ser adiado, em função do interlocutor estar afônico. Remarcamos e ao chegar ao local, ele se desculpou pelo furo, dizendo que sua afonia foi provocada pelo cigarro... ele me olhou em silêncio e após um sorriso amarelo, baixou a cabeça. Antes que eu ligasse o gravador, ele ainda um tanto constrangido disse que "dessa vez", iria começar a se cuidar.

Como o consumo de drogas envolve a cultura do risco, é bom lembrar que os consumidores mais jovens, atores de um tempo existencial pós-desencantamento, estão atentos à questão:

CIBELE - maconha me deixa muito mais tranqüila, relaxada, sem muito impacto na saúde, quer dizer, hoje até eu tenho pensado um pouco sobre isso, às vezes eu sinto que... eu comecei a ler um pouco sobre a maconha... o impacto sobre a saúde mesmo, porque também a gente mistifica que a maconha não faz mal, não sei o que...o que não é verdade. Eu tenho lido algumas pesquisas que pessoas de 40 anos, 40 e poucos tem tido edema pulmonar, usuário de maconha. Aí eu, porra, preciso nadar, (risos) abrir meu peito. Eu fumo há 17 anos, é muito!

Já Nêmesis quando fuma maconha sente sua pressão cair, e nesse sentido ela esta elaborando uma agenda com métodos de redução de danos. Desde o nosso primeiro contato percebi o interesse dela em saber mais sobre redução de danos, pois em seu ponto de vista, eu como estudioso do assunto devo ser um perito que tenho – reflexivamente – informações para fornecer...

- Não é só com o fumo, mas é que eu tenho pressão baixa. Como ameixa salgada, pra equilibrar. Não é uma paranóia em relação à alimentação, mas o fato de eu só comer folha,

verdura e carne muito pouco, só na rua. Se você fuma bate a larica, a fome, eu como castanha do Pará, é uma coisa pra equilibrar.

Contudo quem resumiu a questão da busca da saúde sem reduzi-la a controles de comportamentos, foi Panacéia: "Faço acupuntura, tai-chi, psicanálise, busco a eliminação dos sintomas!", onde eliminar os sintomas pode ser lido como a evitação do desprazer, e não necessariamente a busca por prazer – algo que está de acordo com a perspectiva freudiana.

Assim, como nem sempre drogas têm a ver com sexo e nem todo consumidor tem uma relação autodestrutiva com o próprio corpo, o consumo enquanto prática cultural, ao ser reduzido à representações estáticas, tem reduzidas também, as possibilidades relacionais que deveria ampliar, como um relógio quebrado que à qualquer hora indica a mesma hora. Na lógica subjacente a esta redução, o reencantamento do mal representado pelo tráfico sugere que se as drogas ilícitas como consumo "devem" ter um lugar na vitrine do shopping center do cotidiano, que este seja o lugar do profano, não do sagrado. Com o reencantamento do bem representado pela produção farmacêutica de antidepressivos com vistas a combater a "grande depressão planetária", talvez esta depressão possa ser esquecida, como um *phármakon* com validade vencida, sacralizando em seu lugar, as drogas que são vendidas com prescrições supostamente controladas. Entretanto, superar o dilema do consumo talvez seja equivalente a consumir até o que seja profano, sacralizando-o, e principalmente, não naturalizando que durante a ressaca da manhã seguinte, se será consumido pela culpa de ter (se) consumido. Eis a questão!

Fim

***Post-scriptum* I**

O Estado de São Paulo - 28/07/2005

Pesquisa: 26% dos estudantes dependem de droga

Uma pesquisa realizada em quatro universidades fluminenses, com 2.631 pessoas, mostrou que 26,56% dos entrevistados usam algum tipo de droga habitualmente, ou seja, *são dependentes.* O estudo, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), foi realizado pelo professor da Universidade Federal Fluminense (UFF) Dalcy Fontanive, doutor em Psicologia.

A pesquisa abordou o uso de seis tipos de drogas, entre lícitas e ilícitas: tabaco (9,88% de dependentes), álcool (3,65%), medicamentos psicotrópicos (6,39%), maconha (5,58%), cocaína (0,91%) e heroína (0,15%). Entre os entrevistados que disseram usar drogas, *59 são professores.*

A maconha é o entorpecente preferido dos universitários. Quando se inclui o número dos que usam a erva "socialmente", o índice de consumidores cresce para 40% dos entrevistados. *Todos admitem já terem fumado maconha nas instituições*. Como ressalta Fontanive, há mais dependentes de maconha do que de álcool.

Segundo o professor, isso acontece porque *a maconha vicia com mais rapidez* e é, erroneamente, classificada como droga leve. A pesquisa mostra ainda que *o número de mulheres drogadas cresceu*. O uso de entorpecentes também *não está restrito a uma ou outra classe social.*

O pesquisador ressalta que o resultado não indica que a universidade se tornou um antro de consumo de drogas, *apenas* reflete a sociedade. (grifos meus).

RJtv, TV Globo – 28.07.2005

Drogas nas universidades

Foram quase dez anos usando maconha e cocaína. O que começou como curiosidade, acabou em vício. Hoje, aos 28 anos, a mulher, que preferiu não se identificar, lembra bem onde aconteceu o primeiro contato com as drogas: "Na faculdade, as coisas são muito fáceis. Para você fazer parte da turma, da patota, das festas, das chopadas, tudo é apresentado. Eu usei maconha e cocaína. Cheguei a ver uma professora minha fumando maconha, durante o dia, em um corredor da universidade."

A Universidade Federal Fluminense (UFF) fez uma pesquisa em quatro instituições de ensino do Rio de Janeiro: duas públicas e duas privadas. O estudo abordou seis tipos de drogas: tabaco, álcool, maconha, cocaína, heroína e psicotrópicos, remédios que causam perturbações psíquicas. Dos 3,6 mil alunos e professores entrevistadas, - *O Estado de São Paulo afirma que o universo pesquisado foi de 2.631 informantes* - 26% afirmaram que usam algum tipo de droga. Dos que fumam maconha, 40% consomem a droga no campus universitário – *a matéria do Estadão indica que 40% fazem uso social, não especificando se no campus ou não.* Dos que cheiram cocaína, o percentual sobe para 45%. Entre os usuários de heroína, 75% usam a droga na universidade. Outro dado

> chama a atenção: entre os usuários, mais da metade disseram que não pretende abandonar o hábito.

Chegando ao final desta investigação, vejo que as reflexividades não param de explicitar interpenetrações temáticas, como esta que foi difundida via jornal impresso e televisivo. Na matéria do Estadão, se percebe uma tendência na pesquisa a considerar o uso regular de maconha como dependência, e de se afirmar que maconha vicia mais rápido do que o álcool (?!?), mas o que merece ser relevado – em face dos objetivos do corrente projeto - é que há 56 professores registrados como consumidores de drogas, há mais mulheres assumindo publicamente que consomem, e também que, a classe social não deve ser vista como o determinante central do consumo. Já na matéria do Globo faz-se visível que a Universidade está sendo representada como um campo propício ao consumo, como também ganha destaque que mais de 50% dos consumidores não pretende abandonar o hábito. Uma leitura rasteira desta última afirmação poderia levar a concluir que se os consumidores não pretendem abandonar o hábito é porque estão condenados ao vício. Contudo, uma leitura configuracional poderia perceber que se mais de 50% dos consumidores acadêmicos não pretende abandonar o consumo, talvez seja porque eles tenham descoberto como conciliar produção acadêmica e consumo de drogas reduzindo os danos sociais, ao tempo em que procuram vivenciar a carreira menos como um sacrifício e com mais satisfação.

Nesta pesquisa centrada prioritariamente no estudante – mas não custa lembrar que dentre tantos estudantes podem sair futuramente alguns professores - o fundamental é o reconhecimento de que o consumo de drogas dá-se entre universitários de ambos os gêneros, sem distinção de classe, e não mais exclusivamente entre as camadas populares ou entre grupos marginalizados, mas por acadêmicos em instituições acadêmicas. Estes dados indicam que o *habitus* social do consumo de drogas não pode ser mais representado como uma exceção à regra civilizatória, principalmente sendo a universidade por excelência, um campo de formação cultural civilizatório com status "superior".

Também é bastante significativa a afirmação por parte do pesquisador, de que esse consumo de drogas na academia reflete a sociedade. Sim, reflete. O que ainda não se sabe exatamente é como a sociedade reflete esse consumo acadêmico, se é:

1 - abraçando um discurso estabelecido enquanto proibicionista. No Rio de Janeiro, a UFF já desenvolveu um curso de formação para professores, onde são disponibilizadas técnicas preventivas. A Universidade Candido Mendes tem um curso de prevenção na pós-graduação que está na terceira turma. Em São Paulo, o CIEE - Centro Integrado Empresa-Escola – numa parceira com as universidades da cidade, e que também realizou uma pesquisa onde foi constatado que o maior consumo dá-se entre os estudantes de medicina, já se mobilizou: "Preparamos cartilhas explicativas para distribuir entre os estudantes. Além disso, organizamos palestras dentro dos campi e vamos promover um concurso de monografias sobre o tema", é o que propõe o presidente executivo do Ciee, Luiz Gonzaga Bertelli.

2 – abraçando a perspectiva estabelecida enquanto antiproibicionista, manifesta por quem esteve presente no *setting* onde foi realizada a pesquisa da UFF, e que relata qual era o *set* dos pesquisadores:

"olha, eu estudei na UFF em 96 e foi realizada uma pesquisa muito parecida com esta, talvez seja a mesma ou realizada pelo mesmo professor. Gostaria de comentar que os resultados deste tipo de pesquisa devem ser vistos com cautela, pois os critérios de "escolha isenta e aleatória" de alunos dos campi não foram respeitados. Os pesquisadores procuravam entrevistar justamente os alunos considerados maconheiros e faziam perguntas capciosas - tipo: "vc experimentaria heroína?", "Quantos amigos seus fumam maconha aqui?", dando a impressão de que se a resposta fosse afirmativa quanto à possibilidade seria arrolada na pesquisa como fato ("declarou ter experimentado"), entendem? E como vcs podem ver nesta notícia, há todo um discurso contra a cannabis". M.A.

3 – abraçando as duas perspectivas até que o equilíbrio da balança nas relações de poder configure contemporaneamente qual é a perspectiva consumivelmente estabelecível.

***Post-scriptum* II**

No mais, que a escritura *Consumir e ser consumido, eis a questão!* não seja relegada a fazer esquecer, nem condenada ao esquecimento.

Perfil dos interlocutores

Interlocutor	idade	Gênero	formação	titulação	instituição	área de atuação	tempo de ensino
Esculápio	46	M	psicolo./antr.	mestre	particular	psicologia	3 anos
Nereu	39	M	hist./antrop.	doutorando	particular	antropologia	>10 anos
Hecate	39	F	filosofia/hist.	mestre	estadual	história	> 10 anos
Eros	37	M	antropologia	doutorando	estadual	antropologia	15 anos
Hermes	41	M	hist./antrop.	mestre	estadual	antropologia	10 anos
Dioniso	42	M	história	mestre	estadual	história	> 10 anos
Cibele	31	F	antropologia	mestre	particular	antropologia	3 anos
Poseidon	46	M	sociol./comu.	doutor	federal	sociologia e comunicação	20 anos
Zeus	58	M	sociologia	doutor	federal	sociologia	24 anos
Nêmesis	40	F	teatro/educ.	doutora	estadual	educação	15 anos
Hipnos	44	M	psicol./educ.	doutor	federal	psicologia e educação	20 anos
Atena	37	F	sociologia	mestre	particular	sociologia	10 anos/ 4 em faculdade
Himeneu	51	M	sociologia	pós-doutor	federal	sociologia	> 20 anos
Panacéia	42	F	psicol./comu.	doutoranda	federal	psicologia	8 anos
Apolo	30	M	comunicação	graduado	particular	comunica	2 anos
Pã	58	M	antropologia	doutor	federal	antropologia	18 anos
Ferônia	32	F	sociologia	mestre	estadual	sociologia	10 anos/ 2 em faculdade
Têmis	48	F	psic./antrop.	doutora	federal	adm	15 anos/ 7 em faculdade
Príapo	42	M	economia	doutorando	particular	economia	18 anos
Ares	52	M	c.s./comu.	mestre	estadual	comu/saúde	17 anos

Interlocutor	Droga (s) preferencial (is)	Frequência de uso	classe	com/sem filhos	raça
Esculápio	maconha	diário	média	sem	branca
Nereu	maconha/ayahuasca	semanal/quinzenal	média	com	mestiça
Hecate	maconha/cachaça	semanal	média	com	branca
Eros	maconha/cocaína	diário/semanal	média	sem	branca
Hermes	maconha/cocaína	diário/semanal	média	sem	branca
Dioniso	maconha/cerveja	semanal	média	sem	negra
Cibele	maconha	diário	média	com	branca
Poseidon	cerveja/rum	diário	média	sem	branca
Zeus	Cerveja/vinho	diário	média	com	branca
Nêmesis	maconha	diário	média	com	branca
Hipnos	maconha/tabaco	diário	baixa	com	branca
Atena	maconha	diário	média	com	branca
Himeneu	tabaco/maconha	diário/mensal	média	com	branca
Panacéia	lexotan/fluxene	diário	média	com	branca
Apolo	ayahuasca	quinzenal	média	com	branca
Pã	maconha/ayahuasca	diário/mensal	alta	sem	branca
Ferônia	maconha	diário	baixa	com	negra
Têmis	maconha	diário	média	sem	branca
Príapo	maconha/cocaína	diário	média	sem	branca
Ares	cocaína/álcool	semanal/diário	média	com	negra

BIBLIOGRAFIA

ADIALA, Julio Cezar. *A Criminalização da Maconha no Brasil: ensaio sobre racismo e drogas*. R. J.: Instituto Universitário de Pesquisas do R. J., 1986. (Estudos n° 52).

BARCELLOS, Caco. *Abusado. O dono do morro Dona Marta*. R.J.: Editora Record, 2003.

BAUDELAIRE, Charles. *Os Paraísos Artificiais: o ópio e o poema do haxixe*. Porto Alegre: L&PM, 1982.

BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUMAN, Zygmunt *A Liberdade.* Lisboa: Editorial Estampa, 1989.

_____ *Modernidade Líquida*. RJ: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____*O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. R.J. Jorge Zahar Editor, 1998.

_____ *Resíduos Modernos das Nações.* In: Folha de São Paulo, Caderno + Sociedade, 29/11/03.

BECKER, Howard. *Outsiders*. New York: The Free Press, 1997.

_____ *Uma Teoria da Ação Coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

_____. *History, culture and subjective experience – An exploration of drug-induced experiences*. In; Journal of health and social behavior, n°8, 1967.

BENJAMIM, Walter. *Haxixe*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. S. P.: Editora Perspectiva, 1992.

_____. *Distinction*: *a social critical of the judgement of taste*. London: Routledge & Kegan. 1984.

_____. *Homo Academicus.* Stanford: Stanford University Press, 1988.

_____. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (org.) – *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983.

_____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

Brasil ainda é Visto como um País Corrupto. In: Jornal A Tarde, 20/10/04.

BUARQUE de HOLANDA FERREIRA, Aurélio. *Novo Dicionário Aurélio – Século XXI.* R.J.: Editora Nova Fronteira, 1999.

BUCHER, Richard. *Drogas e Sociedade nos Tempos da Aids.* Brasília: UNEB, 1996.

_____ *Drogas e drogadicção no Brasil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BURGIERMAN, Denis Russo. *Maconha*. São Paulo: Editora Abril, 2002.

BYCK, Robert. *Freud e a Cocaína.* R.J. Editora Espaço e Tempo, 1989.

CARVALHO Neto, J.; ALMEIDA Filho, N.; REGO, R.; SANTANA,V. Prevalência de consumo e de drogas ilícitas em uma amostra populacional de Salvador, Bahia. In: *Revista ABP-APAL* 9(4): 131-139, 1987.

Chega ao Brasil o Prozac versão Semanal. In: Folha on line, 06/09/01.

CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX.* R.J.: Editora UFRJ, 1998.

COELHO, L. *Farmácias Virtuais são Nova Frente do Tráfico* in Folhaonline : 03/03/04.

COHN, Gabriel. A Sociologia de Weber. In: *Balanço do Século XX, Paradigmas do Século XXI: Fundadores do Pensamento no Século XX*. São Paulo: TV Cultura, 14/07/05.

CONCEIÇÃO, Fernando. *Mais Um Intelectual Entre Nós.* Artigo In: Agenda Cultural Nagômail 3 a 9 de abril.

CONTI, Mario Sergio. *Sartre: escrita, corpo, tempo.* IN: ibest online, 03/07/05.

DÁVILA, Sérgio. *" Legalize já (a Maconha)"*. In: Folha de São Paulo, 19/06/05.

DAVENPORT-HINES, R. *The Pursuit of Oblivation*: *A global history of narcotics 1500-2000*. Weindenfeld & Nicolson: England, 2001.

DE MASI, Domenico. *O Ócio Criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DERRIDA, Jacques. *A Farmácia de Platão*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997.

Drogas na Universidade. In: RJtv 1° edição, TV Globo, 28/07/05.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa.* São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

_____. *A Divisão Social do Trabalho*. Lisboa: Editorial Presença, 1977.

Drogas movimentam R$757 bilhões In: Jornal A tarde, 30/05/05.

ECO Umberto. *O Nome da Rosa.* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições-70, 1999.

_____ *O processo Civilizador* vol. I RJ: Jorge Zahar Editor, 1990.

_____ *O Processo Civilizador* vol. II RJ: Jorge Zahar Editor, 1994a.

_____ *A Sociedade dos Indivíduos.* RJ: Jorge Zahar Editor, 1994b.

_____ *Norbert Elias por Ele Mesmo.* RJ: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____ *Mozart. Sociologia de um Gênio*. RJ: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____ *Sobre o Tempo*. RJ: Jorge Zahar Editor. 1998.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. Os *Estabelecidos e os Outsiders*. RJ: Jorge Zahar Editor, 2000.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *Deporte y Ocio en el Proceso de Civilización*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

ESCOHOTADO Antonio. *Las Drogas:* De los orígenes a la prohibición. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

ESPINHEIRA, Gey. *A Universalidade dos Usos de Drogas*: *o lugar das drogas na sociedade pós-moderna.* Conferência no 1° Encontro Nacional de CAPS AD – Centro de atenção psicossocial: alcóol e outras drogas. Santo André, 26/27/04.

_____. *Reflexões Sobre a Política Pública de Redução de Danos à Saúde em Relação a Usuários de Drogas Injetáveis*.VI Semana Nacional Anti Drogas. CONEN RN – Natal, 25/06/04.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder.* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. *História da Sexualidade I*: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

_____ .*Vigiar e Punir.* Petrópolis, Vozes, 1987.

_____ . *As Palavras e as Coisas*. SP: Martins Fontes, 2000.

FREUD, Sigmund. *O Futuro de uma Ilusão/O Mal-Estar da Civilização. R.J.:* Imago Editora, vol. XXI, 1974 a.

_____ . *Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental*, Rio de Janeiro: Imago, vol. XII, 1974 b.

_____ . *Um Estudo autobiográfico*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XX, 1976 a.

_____ . *Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise.* Rio de Janeiro: Imago, vol. XXII, 1976 b.

GABEIRA, Fernando. *A Maconha.* São Paulo: Publifolha, 2000.

GIACÓIA JUNIOR, Oswaldo. O Impacto de Nietzsche no Século XX. In: *Balanço do Século XX, Paradigmas do Século XXI: Fundadores do Pensamento no Século XX.* São Paulo: TV Cultura, 18/07/05.

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

_____ . *Transformação da Intimidade*. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. *Capitalism and Modern Social Theory*. Cambridge, Cambridge University Press, 1974.

_____. *A Constituição da Sociedade*. S. Paulo Livraria Martins Fontes, 1989.

_____. *Para Além da Esquerda e da Direita.* São Paulo, Editora Unesp, 1995.

GOFFMAN, Erving. *Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. R.J.: LTC Editora, 1988.

_____ *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2003.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GRUND, J.P.C. *Drug use as a social ritual*: Funcitionality, symbolism and determinants of self regulation. Rotterdam: Institut voor Verslavingsonderzoek (IVO), 1993.

KLUGER, Jeffrey. *Medicando mentes jovens* in Revista Time. 26/10/03.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade.* R.J. DP&A Editora, 2000.

HENMAN, A. & PESSOA, O.J. *Diamba Sarabamba* (org). São Paulo: Ground, 1986.

HUXLEY, Aldous. *As Portas da Percepção* e *Céu e Inferno.* R. J.: Editora Globo, 1981.

_____ *Admirável Mundo Novo.* R.J.: Editora Globo, 2001.

JANINE RIBEIRO, Renato. *O Big Brother*. IN: AOLNotícias, 28/03/05.

KARAM, Maria Luiza. Redução de danos, ética e lei: os danos da política proibicionista e as alternativas compromissadas com a dignidade do indivíduo, In: *Drogas, dignidade e violência social* – A lei e a prática da redução de danos. Sampaio, C. & Campos, M.A. (orgs). Rio de Janeiro: Aborda, 2003.

LABATE, Beatriz Caiuby. *A reinvenção do Uso da Ayahuasca nos Centros Urbanos*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

LABATE, B. & SENA ARAÚJO, W. *O Uso Ritual da Ayahuasca*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

LE GOFF, Jacques. *Os Intelectuais na Idade Média*. R. J.: Editora José Olympio, 2003.

MACRAE, Edward. *Guiado pela lua*: xamanismo e o uso de ayahuasca no culto do Santo Daime. São Paulo: Brasiliense, 1992.

_____.*Redução de Danos Para o Uso de Cannabis*. (No prelo).

MACRAE, Edward. & SIMÕES, Júlio Assis. *Rodas de Fumo*. Salvador: EDUFBA, 2000.

MAIEROVITCH, Walter. *Bodes Expiatórios* in Carta Capital n° 244. São Paulo: Editora Confiança Ltda, 2003 a.

_____ *Os efeitos econômicos da cannabis* in: Carta Capital ano IX, n° 237, São Paulo: Editora Confiança Ltda, 2003 b.

_____ *O tráfico se fortalece*. In: Carta Capital ano IX, n° 247. São Paulo: Editora Confiança Ltda. 2003 c.

_____ *Múltiplas Colômbias*. In Carta Capital ano X n° 316. São Paulo: Editora Confiança, 2004.

MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização.* R.J. Zahar Editores, 1972.

MARX, Karl. Introdução à crítica da economia política. In: *Para a crítica da economia política.* São Paulo, Abril, coleção "Os economistas", 1982.

MEIS, L. & MEIS, C. & VELLOSO, A.& LANNES, D. & CARMO, M.S. *The growing competition in Brazilian science: rites of passage, stress and burnout*. In: Brazilian Journal of Medical and Biological Research, September 2003, Volume 36(9). Ribeirão Preto: 2003.

MONDON, D. Perspectiva antropológica da droga. In: BERGERET, J. & LEBLANC, J. *Toxicomanias: uma visão multidisciplinar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

MORAIS, Jomar. *Viciados em remédios*. In: Superinterassante n° 185. São Paulo: Editora Abril, 2003.

NIDA Research Monographs, Rockville: NIDA,1996.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Hemus, 2002.

Ócio para uma Vida Produtiva. Entrevista com Domenico de Masi. In: A Tarde, 29/11/04.

ORWEL, George. *1984*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

PADILLA, Ivan. *Chá sem fronteiras* in Revista Época n°225. Editora Globo, 09/09/02.

PEREIRA, Robson & MAGALHÂES, João. *Cresce o Tráfico de Drogas Pela Internet.* O Estado de São Paulo, 01/07/02.

Pesquisa: 26% dos estudantes universitários dependem da droga. In: Jornal O Estado de São Paulo, 28/07/05.

PHILLIPS Tom & VIALLELA Thais. *A cidade da cocaína e da carnificina.* In: The Independent, 13/10/04.

PLATÃO. *Diálogos.* São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

RABINOW, Paul. *Antropologia da Razão: ensaios de Paul Rabinow*. (org.) João Guilherme Biehl. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

ROMANÍ, Oriol. *Las drogas – sueños y razones*. Barcelona: Editora Ariel S.A., 1999.

SANTANA, Andreia. *Postura de Jean no `Big Brother´ conquista a admiração do Brasil*. In: Correio da Bahia, Caderno Aqui Salvador, 31/03/05.

SCHULTES, R.E. & HOFMANN, A. *Plantas de los Dioses*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

SCHAFFER, C. *Fatos básicos sobre a guerra às drogas*.www.druglibrary.org/schaffer, 1997.

SISSA, Giulia. *O Prazer e o Mal*: filosofia da droga. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

SOUZA, M. *Estudantes baianos lideram consumo de álcool no país.* Salvador: A Tarde on line, 11/07/01.

SOTTOMAIOR, Louise. *Ecstasy* in Revista Playboy n° 323. S.P.: Editora Abril, 2002.

STEINER, George. *Lições dos Mestres*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

THIS, Bernard. *Freud e o Despertar do Inconsciente.* São Paulo:Duetto Editorial, 2003.

TOURAINE, Alain. *Crítica da Modernidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

Um Mergulho no Tráfico: Entrevista com Caco Barcellos. In: Revista Caros Amigos, n°76, 07/02.

VAZQUEZ, Tutty. *Éramos felizes e não sabíamos*. In: Jornal virtual ibest on line, 25/09/04.

VELHO, Gilberto. *Nobres e Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquias.* RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____ A dimensão cultural e política dos mundos das drogas. In: ZALUAR, Alba.(org.) *Drogas e Cidadania.* São Paulo:Brasiliense, 1994.

_____. O Consumo de Cannabis e suas representações culturais. In: MACIEL, Luis Carlos. et al. *Maconha em Debate.* São Paulo: Brasiliense, 1985.

VERGARA, Rodrigo. *Drogas*. Editora Abril: São Paulo, 2003.

VIANA, Eduardo. Os Corpos Intensivos: sobre o estatuto social do consumo de drogas legais e ilegais. In: *Droga, sofrimento e perturbação: perspectivas etnográficas*. (orgs.) DIAS, L. F. e LEAL, O.F. R.J.: Editora Fiocruz, 2001.

WEBER, Max. *Ensaios de sociologia*. (orgs.) H. H. Gerth e C. Wright Mills. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1982.

WEINSTEIN, Mary. *Meio acadêmico Comenta Vitória*. In: A Tarde, 31/03/05.

WITFIELD, Charles L. *A verdade sobre a depressão: Alternativas para a cura*. São Paulo: Cultrix, 2005.

WORLD Drug Report. United Nations Office for Drug Control. Switzerland, 2000.

ZALUAR, Alba. A criminalização das drogas e o reencantamento do mal. In: ZALUAR, A.(org.) *Drogas e Cidadania.* São Paulo:Brasiliense, 1994.

_____ . Drogas: um panorama no Brasil e no mundo. *Ciência Hoje*, 181(4), 2002.

ZINBERG, Norman. *Drug, Set and Setting*. New Haven: Yale University Press, 1984.

DISCOGRAFIA

ROLLING STONES, The. *Out of our heads*. Polygram, 1986.

VIDEOGRAFIA

HOPPER, Dennis. *Sem Destino*. Sony Pictures, 2002.

KUBRICK, Stanley. *Laranja Mecânica*. Warner Home Vídeo, 2004.

MEIRELLES, Fernando. *Cidade de Deus*. Lumiere/Miramax, 2002.